



Teosofia Explicada

EM PERGUNTAS E RESPOSTAS

PESTANJI TEMULJI PAVRI

Edição original – Adyar – Índia – 1925

Edição em espanhol – México – 1955

Tradução para o português – 1997

Correção e revisão – 2015

Observação:

Foram suprimidos pequenos trechos datados e substituídos alguns termos por outros mais apropriados à época atual.

Tradução a partir de

Ediciones de la “FRATERNIDAD UNIVERSAL”, A.C.

México - DF

EM SEU NOME

APRESENTAÇÃO

Desde 1875, ano do renascimento da Teosofia no mundo do pensamento moderno, particularmente devido à ação da Sociedade Teosófica em cada país, as pessoas que pensam vêm aceitando com convicção suas explicações sobre as dificuldades e os mistérios da vida. Muitos que a estudaram profundamente convenceram-se, por experiência ou raciocínio, da verdade de seus acumulados ensinamentos, e outras centenas de milhares, que não têm a mesma disposição para o estudo, acharam conveniente considerá-los como, provavelmente, o guia mais seguro e eficaz para a vida humana. Muitas afirmações a respeito de assuntos tais como a vida após a morte, a Lei da Justiça (Carma) e a peregrinação da alma até a perfeição humana através de repetidos renascimentos ou reencarnações, nos chegaram como lições sob a autoridade de grandes Adeptos que habitam o Himalaia, reconhecidos como sábios e videntes, assim como por intermédio de seus agentes no mundo exterior, sendo confirmadas pelos ensinamentos de muitas religiões e pela experiência de antigos e modernos místicos e filósofos do Oriente e do Ocidente. Entretanto, tais afirmações são também, em alto grau, satisfatórias para a mente científica e lógica, assim como para os requisitos das nossas melhores opiniões morais e intuições mais conscienciosas. Em adição a isso, muitos pesquisadores independentes, que seguiram algum método de treinamento próprio, requerido para aqueles que estejam ansiosos pelo conhecimento direto, verificaram, por sua própria e imediata experiência supersensorial, a veracidade de um ou de muitos dos fatos apresentados ao mundo. Essa filosofia satisfaz, pois, aos três instrumentos humanos de verdadeiro conhecimento: autoridade, raciocínio e percepção direta.

Sendo assim, a Teosofia não é assunto tão somente para filósofos ou escolas. Antes de tudo, o é para qualquer classe de pessoas, porque ministra conhecimento que satisfaz a mente e o coração, fazendo de nossas vidas uma perene alegria, algo cheio de propósito e poder. Faz com que nos demos conta do enganoso de muitas dificuldades e provações da vida, assim como da necessidade delas como instrumento de progresso imediato, de tal sorte que cheguemos a ser capazes, como o cisne da fábula oriental, de separar, quase sem esforço, “o leite da água” na vida ordinária. Através da Teosofia aprendemos que tanto o trabalho como o amor, que não é Egoísta, nos trazem sempre frutos e completa satisfação.

Tendo em vista o aspecto prático da Teosofia, o professor P. T. Pavri compilou sua obra para colocar todo o assunto, diante do público em geral, sob uma luz clara e firme. Seu labor foi uma obra de amor, o resultado de cuidadosos estudos por muitos anos, durante os intervalos de seus deveres como engenheiro e, até os últimos tempos, como estudante em Adyar e como professor do Colégio Nacional de Sind. Sua apresentação dos ensinamentos

teve êxito completo, como poderão julgar aqueles que passarem os olhos pelas páginas do livro, convenientemente organizado tanto para ser útil a uma leitura contínua como para o leitor que prefere repassar ligeiramente uma ou outra página.

Eu recomendaria esse livro, também, aos grupos de estudos teosóficos, seja em Lojas ou em outros locais, particularmente como um Dicionário Teosófico ou um companheiro que se consulta quando surgem dificuldades e dúvidas. É obra moderna e cheia de detalhes úteis.

Ernest Wood

PREFÁCIO

Os principiantes no estudo da Teosofia costumam fazer inúmeras perguntas. Por isso, tentou-se apresentar neste livro, de maneira sistemática, o vasto ensinamento teosófico em forma de perguntas e respostas. O material aqui coletado foi obtido de mais de cem livros e folhetos, principalmente de obras daquele maravilhoso ocultista, monsenhor C. W. Leadbeater, e da famosa presidenta da Sociedade Teosófica, Dra. Annie Besant.

O propósito deste livro é facilitar um pouco mais o estudo da Teosofia em sua etapa elementar, antes se de passar a estudar obras de maior adiantamento e complexidade, que tratam de assuntos de difícil entendimento e metafísicos.

Esta terceira edição foi revista e ampliada e inclui os últimos ensinamentos. Devo tornar público meu sincero agradecimento por suas úteis sugestões e ajuda prática aos Srs. Professores Ernest Wood e R. C. Kumar, respectivamente Reitor e Vice-Reitor do Colégio Nacional de Sind (Índia), assim como ao Sr. Yadunandan Prasad, M. A., por sua valiosa colaboração, e ao Sr. F. B. Patell, autor de “Teosofia”, em dialeto Gujarati, obra que forma a base da primeira parte deste livro.

P. Pavri

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

Pág. 16

O QUE É TEOSOFIA

1. Se a Teosofia é uma religião
2. As questões mais profundas e perenes da vida
3. Crença geral de que as questões relativas ao homem, Deus, fortuna ou fado, vida e morte, etc., encontram-se além do conhecimento humano
4. Se conhecimentos não apresentados nas Escrituras Sagradas podem ser considerados, por seus seguidores, como verdadeiros
5. Razões pelas quais tanta gente não só menospreza a Teosofia como, também, a combate
6. Princípios fundamentais da Teosofia
7. Esboço dos ensinamentos teosóficos
8. A Teosofia e a Sociedade Teosófica; fundação da Sociedade Teosófica
9. Utilidade da Teosofia
10. Necessidade da criação da Sociedade Teosófica
11. Se qualquer um pode estudar Teosofia
12. Vantagens da difusão da Teosofia
13. Primeiro objetivo da Sociedade Teosófica: a fraternidade universal da humanidade
14. Segundo objetivo da Sociedade Teosófica: fomentar o estudo comparativo das religiões, filosofias e ciências
15. Vantagens desse estudo comparativo
16. As religiões são essencialmente iguais, por mais que os sistemas religiosos difiram entre si
17. Identidade dos pontos essenciais de todas as religiões; razão pela qual a Verdade, embora se encontre em todas as religiões, aparece nelas de formas tão distintas
18. Ideias centrais ou notas-chave das diferentes religiões
19. Se pode chamar-se a Teosofia de religião
20. Se a Sociedade Teosófica se opõe a que seus membros sigam qualquer religião particular
21. Diferenças entre a Teosofia e o que normalmente se considera uma religião
22. Terceiro objetivo da Sociedade Teosófica: Investigar as leis não explicadas da natureza e os poderes latentes no homem
23. Se a ciência moderna é antagônica à Teosofia
24. Se a Teosofia é uma ciência
25. O que a Teosofia ensina sobre filosofia

26. Se certos postulados da Teosofia acerca do homem e de sua evolução, Reencarnação e Carma, existência dos Mestres, etc., são fatos que podem ser demonstrados
27. Se é exigido que todos os membros da Sociedade Teosófica sejam vegetarianos e abstêmios
28. Razões pelas quais muitos membros proeminentes da Sociedade Teosófica são vegetarianos
29. O vegetarianismo e a verdadeira relação do corpo físico com o homem interno
30. Se o vegetarianismo é praticável; se um homem pode viver sem alimentar-se de carne
31. Por que a dieta vegetariana é superior à carnívora
32. Limpeza não é meramente lavar o corpo e vestir roupa limpa; significado da pureza genuína
33. Se de acordo com as teorias modernas toda coisa é vivente, por que não devemos comer animais da mesma forma que comemos vegetais
34. Se os animais maiores alimentam-se dos menores, por que não deve o homem seguir tal regra e viver de carne animal
35. Razão pela qual devemos superar nossos antepassados que viveram de carne; se a natureza tende a que o homem seja carnívoro
36. Por que adoecem os que abandonam o alimento de carne e o que deveriam fazer
37. Se um homem que padece de enfermidade fatal ou crônica pode comer carne, sob prescrição médica, decorrente do entendimento de que a dieta carnívora é o único remédio
38. Se os teósofos ingerem vinhos e narcóticos
39. Se o regulamento da Sociedade Teosófica exige que seus membros sejam celibatários
40. Por que os teósofos empregam seu tempo e energia no estudo da Teosofia, em lugar de utilizá-los para investigações e inventos que possam aliviar a grande miséria do mundo
41. Como livrar o mundo de toda classe de dores, misérias e enfermidades
42. Como precaver-se das enfermidades, assim como de morte acidental, etc., simplesmente pelo conhecimento
43. Como conhecer a causa que produz todas as dores e misérias do mundo
44. Como a Teosofia ajuda a adquirir um conhecimento mais amplo das leis da vida e da natureza; razões pelas quais se deve ser teósofo
45. Benefícios de ser membro da Sociedade Teosófica, em vez de se limitar ao estudo da Teosofia e a servir à humanidade individualmente

DEUS E O SISTEMA SOLAR

46. Se os teósofos creem em Deus
47. Conceito de Deus segundo a Teosofia
48. Se o Um sem Segundo edifica nosso Sistema Solar
49. Se pode ser provada a existência de Deus
50. O propósito de Deus ao criar o Universo
51. Como se formou nosso Sistema Solar
52. Sete estados ou classes da matéria e os sete planos da natureza
53. O que têm a ver com a Terra os sete planos da natureza; como a Terra se formou
54. Se a Terra está formada de matéria meramente física
55. Como ocupam o mesmo espaço diferentes classes de matéria, sem uma deslocar a outra
56. Onde estão situados na Terra os sete planos da natureza
57. Nomes dos sete planos ou mundos interpenetrantes
58. Como está subdividido cada plano; subestados da matéria
59. Se os diferentes mundos ou planos, assim como os subplanos, estão compostos de diferentes classes de matéria
60. Explicação detalhada do tópico anterior, no que se refere ao mundo físico
61. Por que não somos normalmente conscientes dos sete planos existentes ao nosso redor
62. Como se pode demonstrar a existência de coisas não conhecidas pelos sentidos físicos
63. Como demonstrar a existência de poderes sobrenaturais no homem
64. Até onde se estende a matéria dos mundos sutis
65. Nossa conexão com os mundos ou planos superiores

A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

66. O que diz a Teosofia a respeito da constituição do homem, em adição ao que conhece a ciência ocidental
67. Como explica a Teosofia a constituição do homem
68. Como a Mônada, o verdadeiro ser, se manifesta a si mesma nos mundos inferiores, mesmo permanecendo sempre no mundo Monádico ou Anupadaka; os três elementais
69. Elementais mental e astral
70. Elemental físico, suas funções e caráter
71. Por que o homem real necessita de tantos corpos ou veículos; se pode trabalhar sem esses envoltórios ou revestimentos

72. O que é o corpo causal; por que ele é assim chamado
73. Forma e uso do corpo causal
74. Se as qualidades indesejáveis adquiridas por um homem no princípio de sua evolução passam para seu corpo causal
75. Como podemos ajudar o crescimento de nosso corpo causal
76. O corpo mental do homem e sua função
77. Como cresce o corpo mental
78. Por que algumas pessoas têm um cérebro capacitado para as matemáticas, outras, ouvidos afinados para a música, enquanto há quem tenha essas faculdades praticamente sem desenvolvimento
79. Funções do corpo astral
80. Melhoramento do corpo astral
81. Mudança no corpo astral durante o sono; suas funções durante os estados de vigília e de sono no homem
82. O que a Teosofia acrescenta a nosso conhecimento do corpo físico, adquirido pela ciência ocidental
83. Provas de que cada célula de nosso corpo físico tem uma vida ou consciência própria
84. A vida num pedaço de pedra
85. Se o “Eu” que se manifesta mediante o corpo é o que morre na hora do falecimento do homem, ou são as partículas constituintes das células do corpo
86. O que é o duplo etérico
87. Por que um homem tem um belo duplo etérico e outro um defeituoso
88. Se o corpo físico e seu duplo etérico, que devem permanecer juntos, dependem um do outro para sua existência
89. Destino do duplo etérico na hora da morte
90. O duplo etérico, veículo de Prana ou vitalidade; o que é Prana
91. Se um homem é o mesmo durante o sono e enquanto está desperto, ou se existe alguma mudança durante o sono
92. Se um homem ao deixar seu corpo físico durante o sono morre cada noite e retorna à vida cada manhã
93. Os sete princípios do homem
94. O que é *Kama*
95. O que é *Manas*
96. Os dois princípios superiores: *Atma* e *Buddhi*
97. Razão da grande diferença entre o homem e o animal, mesmo sendo comuns a ambos os quatro princípios inferiores
98. Como um homem se põe em contato com os diferentes planos, mediante seus diferentes princípios
99. Número de corpos que cada homem tem
100. Os sonhos e como são ocasionados
101. Sugestões práticas para recordar os sonhos
102. Se podemos reconhecer um amigo ou conhecido no mundo astral ou no mental, simplesmente por sua aparência, na ausência de seu corpo físico
103. A auréola vista nas pinturas ao redor das cabeças dos santos

REENCARNAÇÃO

104. Significado da reencarnação
105. O que reencarna; objetivo da reencarnação
106. Razão para as repetidas reencarnações, por mais que por causa delas tenhamos que sofrer uma vez ou outra
107. Se é injusto que sejamos castigados por más ações esquecidas, perpetradas em vidas anteriores; e por que deverá sofrer um homem por aquilo que não é consciente de ter feito
108. Por que não temos recordação de vidas passadas
109. Razão pela qual um homem de idade nem sempre é mais sábio e mais inteligente que um rapaz
110. Se a reencarnação ignora a lei da hereditariedade, que assegura que as peculiaridades físicas, mentais e morais das crianças procedem dos pais
111. Três explicações para as desigualdades humanas em faculdades, oportunidades e circunstâncias: a lei da hereditariedade; a criação especial por Deus; a Reencarnação
112. Como pode ser explicado o aumento da população no mundo sem a teoria da criação especial e com um número fixo de Egos humanos que regressam à Terra uma e outra vez
113. Necessidade da reencarnação
114. Argumento a favor da reencarnação segundo a lógica
115. Necessidade científica para a reencarnação
116. Necessidade moral para a reencarnação
117. Como se explica o aparentemente inútil nascimento de uma criança que morre imediatamente depois de nascer
118. Crença na reencarnação encontrada nas religiões e filosofias, antigas e modernas; número aproximado de pessoas que sustentam a ideia da reencarnação como parte de seus credos religiosos
119. Se a reencarnação é desconhecida no Cristianismo
120. Razão pela qual a reencarnação, enquanto doutrina cristã, desapareceu do Cristianismo moderno
121. Três fatores principais que determinam o próximo nascimento de um homem
122. Se numa nova vida voltamos a estar em contato com as pessoas que amamos nesta existência
123. Como se formam os novos veículos mental, astral e físico para uma nova vida
124. Por que algumas pessoas nascem disformes, anãs ou aleijadas
125. Se o destino da deformidade do corpo físico seria aceitável, tratando-se de pessoa que foi cruel ao agir visando ao bem final de outro
126. Se sempre acontece de uma criança ser semelhante aos pais em sua moral e desenvolvimento

127. Se existe uma série contínua de encarnações no mesmo sexo, ou se um homem pode nascer como mulher na encarnação seguinte
128. Se as pessoas muito más renascem alguma vez em corpos animais, como se diz que muitos hindus acreditam, para sofrer por suas ações de vidas passadas
129. Como se explica a afirmação feita em “A Luz da Ásia” de que Buda podia recordar Sua encarnação em forma de tigre
130. Em que etapa e como termina a reencarnação de um Ego
131. Intervalo entre as vidas, tempo que transcorre entre duas encarnações do mesmo indivíduo

CAPÍTULO V

Pág. 124

CARMA

132. Se existe algo como o fado ou destino; a lei do carma
133. Duas explicações para o destino humano: a Vontade de Deus e o acaso
134. Terceira explicação do destino humano: a lei do carma
135. Quando principia o carma
136. Como chega um homem a ser dono de seu próprio destino; os três fios da corda do destino
137. Primeiro fio da corda do destino: como o pensamento constrói o caráter
138. Segundo fio da corda do destino: como o desejo cria oportunidades e atrai objetos
139. Terceiro fio da corda do destino: como a ação proporciona o ambiente físico
140. Se o conceito do destino controlado pela lei do carma elimina Deus do mundo
141. Significado do pecado
142. Perdão dos pecados
143. Se o arrependimento dos pecados serve para algo
144. Se o carma pode ser transferido de uma pessoa para outra; a ideia subjacente na doutrina cristã da expiação feita por outro
145. Se somos escravos irredimíveis do destino; se o carma é uma doutrina de fatalismo
146. Como é guiado um homem para seu ambiente de nacionalidade e família
147. Se o motivo de uma ação particular afeta o resultado
148. Por que algumas pessoas bem intencionadas, desejosas de ajudar a outras, encontram seu caminho obstaculizado por falta de poder, capacidade suficiente ou oportunidade
149. Por que um homem tem uma “má hereditariedade” ou enfermidade congênita
150. O inevitável e o livre arbítrio
151. Se é correta a Astrologia e como pode conciliar-se com o livre arbítrio

152. Como um homem, em vez de ficar livre das ataduras cármicas assinaladas para uma vida, forja novos anéis na cadeia do seu carma

153. Se alguém nos ofende, como podemos saber se isso foi resultado de nosso próprio *Prarabdha* ou carma assinalado para nossa presente vida; o que fazemos por pressão de *Prarabdha*, e o que fazemos por nosso próprio e livre arbítrio

154. Se a pressão do carma assinalado para nossa presente vida nos escraviza sem remédio e sem livre arbítrio de nossa parte

155. Razão pela qual um assassino deva ser enforcado ou um ladrão castigado por roubo, apesar de haver pressão de *Prarabdha* em todas as ações e, também, apesar de a pessoa ser responsável simplesmente por *Kriyamana* (novo carma criado) e não pela atual ação executada

156. Como podemos escapar dos efeitos de ambas as classes de *Prarabdha*, o não fixo e o fixo sem sê-lo, já que o *Dradha-Prarabdha* (fixo) é inevitável

157. Por que se aconselha o esforço em todos os casos, e como o esforço ou exercício do livre arbítrio ajuda, mesmo quando o homem acha-se preso por *Dradha-Prarabdha* (fixo)

158. Se interfere com a justiça do carma o homem poder alterar *Prarabdha* pela força do seu livre arbítrio

159. Por que devemos ajudar o cego, o paralítico ou outra pessoa digna que se encontra em dificuldades, mesmo quando acreditamos que está sofrendo inevitavelmente, como resultado do seu carma

160. Se são inúteis as orações para afastar as dores ou para alcançar felicidade

161. Como terá que sofrer um homem Egoísta em sua próxima vida mediante seu carma

162. Como um homem mau pode chegar a ser bom, mesmo voltando em sua próxima vida mais vicioso que antes

163. Por que um homem bom fracassa nos negócios, enquanto que um homem mau tem êxito

164. Se todos os nossos sofrimentos são resultado de nosso carma passado

165. Se o mal que sofreremos é, invariavelmente, efeito de nosso próprio carma de uma vida anterior; razão pela qual frequentemente sofrem neste mundo as pessoas santificadas

166. Razão dos acidentes ou catástrofes sísmicas nas quais muitos sofrem juntos

167. Se, com a finalidade de liquidar suas contas cármicas, deverá um homem encontrar todos aqueles afetados por suas ações

168. Se está decidida na hora, ou antes, de seu nascimento o tempo exato e a maneira da morte de um homem

169. Carma entre os animais; razão pela qual um animal está sendo bondosamente tratado e bem alimentado, enquanto outro está sujeito à brutalidade, é deixado sem alimentos e luta por um viver miserável

170. Como pode um homem moldar seu carma deliberadamente e modificar, assim, seu destino

171. De que modo pode um homem cessar de gerar novo carma e esgotar todo o passado, a fim de alcançar a liberação

172. O que liga os Mestres à Terra, por mais que Eles não tenham desejos que possam atraí-los de novo; por que Eles abandonam a indescritível felicidade do Nirvana pelos níveis inferiores do mundo dos homens

CAPÍTULO VI

Pág. 155

A VIDA DEPOIS DA MORTE

173. Vantagens de conhecer, durante a vida, as condições do outro lado da morte

174. O que acontece ao homem do outro lado da morte

175. Como se separa o homem real de seu corpo físico na hora da morte

176. Se um homem sofre terrivelmente ao morrer

177. Qual o destino do duplo etérico separado depois da morte

178. Razões pelas quais é preferível a cremação ao enterro

179. O que acontece com o homem em seu corpo de desejos depois de ter apartado de si o duplo etérico e ficar separado do Prana

180. O elemental do desejo e a pessoa morta

181. Se o homem pode evitar o reajuste efetuado pelo elemental do desejo depois da morte, e salvar-se de ficar confinado às divisões inferiores, conservando assim sua liberdade de ver qualquer objeto astral da matéria própria de qualquer subdivisão

182. Estado de um homem ordinário em *Kamaloka*, imediatamente após a morte

183. Arredores ou ambiente de cada pessoa no mundo astral

184. Existe algum inferno

185. Condições no *Kamaloka* de um homem muito perverso, de um homem ordinário e de um homem com alguns interesses racionais

186. Condições *post-mortem* dos que morrem por acidente ou que cometem suicídio

187. Utilidade de um terrível sofrer no mundo astral, embora não exista o inferno

188. Explicação da doutrina cristã da “Salvação”, apesar de não existir o inferno

189. Fatores que determinam a permanência de um homem em qualquer subdivisão do mundo astral; tempo e método pelos quais um homem ordinário passa do mundo astral ao celestial

190. Violento pesar dos que choram a morte de seus seres queridos

191. Valor das preces pelos defuntos; como deverão ser oferecidas

192. Como e quando ajudar uma pessoa que vai morrer

193. Se encontraremos nossos seres queridos mortos antes de nós

194. Por que é indesejável uma morte repentina

195. O mundo astral habitado por outros seres além dos mortos
196. Destino dos cadáveres astrais depois que o homem passa ao *Devachan* (céu)
197. O que acontece a um homem no *Devachan*
198. Nem todos têm a mesma classe de *Devachan*, ou a mesma intensidade de bem-aventurança nele
199. O que acontece às crianças no mundo celestial
200. Como encontramos nossos amigos e seres queridos no mundo celestial
201. Se pode um defunto, desde o céu, observar e esperar seus amigos e seres queridos da Terra
202. Oportunidades de desenvolvimento para a alma durante sua longa permanência no *Devachan*, entre duas encarnações
203. Sete céus diferentes; se um homem passa por todos eles sucessivamente como no caso do plano astral
204. O que acontece a um homem no mundo mental superior, ao fim de sua vida celestial no mundo mental inferior

CAPÍTULO VII

Pág.186

O PODER DO PENSAMENTO Sua Ação e seu Uso

205. O que é o pensamento; como se manifesta
206. O que dizem sobre o pensamento as escrituras das diferentes religiões do mundo
207. Efeitos do pensamento sobre o próprio homem e externamente ao homem
208. Efeitos do pensamento sobre o próprio homem
209. Primeiro efeito do pensamento externamente ao homem: vibração radiante
210. A que se assemelha o corpo astral de um homem ordinário quando ele é visto clarividemente
211. Segundo efeito do pensamento externamente ao homem: forma-pensamento flutuante
212. Classificação das formas do pensamento
213. Como usar o conhecimento da ação ou efeitos do pensamento
214. Como impulsionar nossa própria evolução mediante o conhecimento do poder do pensamento
215. Como manter sob controle nossa mente e nossas emoções
216. Como construir o caráter pelo poder do pensamento
217. Como evitar o desperdício da nossa energia
218. Outras vantagens de controlar a mente e as emoções e de economizar energia
219. O que deve fazer um homem que constantemente tenha falhado em controlar seu pensamento ou suas paixões
220. Como utilizar o poder do pensamento para ajudar os outros

- 221. Como ajudar alguém para que abandone a bebida ou a irascibilidade
- 222. Preces pelo bem-estar dos vivos ou dos defuntos
- 223. Como ajudar mediante o pensamento, mesmo quando estivermos fora do corpo físico durante o sono
- 224. Como afetar a matéria física com o poder do pensamento; efeito do pensamento na saúde física

CAPÍTULO VIII

Pág. 206

A EVOLUÇÃO DA VIDA

- 225. Significado da evolução da vida
- 226. Poder motor da evolução
- 227. Significado das Três grandes emanções
- 228. Razão pela qual o imperfeito procede do perfeito e daí retorna à perfeição da qual veio; meta e propósito da evolução da vida
- 229. Como a Vida Divina desenvolveu na vida germinal o poder de responder na primeira etapa ascendente de evolução nos reinos mineral, vegetal e animal
- 230. Se o homem descende do animal irracional, como afirma a teoria Darwiniana
- 231. Se cada planta e cada animal é uma alma separada como o homem
- 232. Destino do animal, ou da planta, depois da morte
- 233. Números de corpos físicos atribuídos a cada alma-grupo
- 234. Se a vida que evolui principia nas ínfimas manifestações em cada reino e termina nas superiores
- 235. Sete raios ou tipos fundamentais da vida
- 236. Método de individualização desde o reino animal
- 237. Diferença entre os animais superiores e os homens mais atrasados
- 238. Método de evolução humana
- 239. Raça raiz e sub-raça
- 240. Rondas, cadeias de globos e esquemas de evolução
- 241. Primeira etapa da consciência que se desenvolve no homem desde seus primórdios
- 242. Lei dos quatro passos sucessivos para uma evolução ordenada no crescimento posterior da humanidade
- 243. Origem e uso do mal
- 244. Significado e uso da dor

CAPÍTULO IX

Pág. 234

FRATERNIDADE

- 245. Razão pela qual a “Fraternidade da Humanidade” constitui o único objetivo obrigatório da Sociedade Teosófica

246. Como pode ser estabelecida a Fraternidade da Humanidade
247. Base da fraternidade do homem; razão pela qual não a realizamos, por mais que a reconheçamos intelectualmente
248. Onde pode realizar-se plenamente a fraternidade
249. Fraternidade e Igualdade; como pode existir a fraternidade com as desigualdades que existem entre os homens
250. Não existe igualdade na configuração da sociedade
251. Conceito teosófico da fraternidade no sistema social
252. Razão da desigualdade entre pessoas e entre nações
253. Base da lei da Fraternidade da Humanidade nos planos inferiores
254. Princípio de fraternidade elaborado em mundos antigos e modernos
255. Se a antiga Índia, por seu sistema de castas, predicou e praticou a desigualdade em vez da fraternidade
256. Como afeta nossa atitude para com os demais o reconhecimento do princípio de fraternidade como um fato definido
257. Como apressar a realização da fraternidade na vida prática
258. Nosso dever como irmãos para com nossos superiores, nossos iguais e nossos inferiores, na grande família humana
259. Razão especial para enfatizar a Fraternidade na Sociedade Teosófica
260. Se estamos unidos somente à família humana pelos laços de fraternidade
261. Como ajudar nossos irmãos mais novos nos reinos inferiores
262. Nosso dever individual com relação à fraternidade em geral

CAPÍTULO X

OS MESTRES E O CAMINHO PARA ELES

OBSERVAÇÃO:

O essencial deste Capítulo X encontra-se fundamentalmente em dois livros:

OS MESTRES E A SENDA – C.W. LEADBEATER

e

AOS PÉS DO MESTRE – KRISHNAMURTI (ALCIONE)

CAPITULO I

O QUE É TEOSOFIA

PERGUNTA 1 (P 1): *É a Teosofia uma religião?*

RESPOSTA (R): A Teosofia não é uma religião em si*, mas a verdade que subjaz por igual em todas as religiões, a raiz oculta da qual brotaram todas as diferentes religiões. É o mesmo que a Gnose dos cristãos, a *Brahma-Vidya* dos hindus e o Sufismo dos maometanos. “Teosofia” deriva de duas palavras gregas: *Theos*, um Deus, e *Sophia*, sabedoria; e significa Sabedoria Divina, sem ajuda da qual é para o homem impossível conhecer algo acerca das mais profundas e perenes questões da vida.

P 2: *Quais são as questões mais profundas e perenes da vida?*

R: Por que, de onde, como e com que finalidade foi criado o Universo; quem sou e qual o propósito da minha existência; que é Deus e onde está; de que maneira estou conectado com Ele e com o universo; qual é a explicação das aparentes injustiças da vida; qual é o significado e a necessidade do sofrimento e da dor; o que é a boa sorte, o fado ou destino; o que são os sonhos e qual sua causa; o que é a vida, o que é a morte, etc.? Essas e muitas questões semelhantes, que o ignorante tem considerado inexplicáveis, podem ser compreendidas somente com a ajuda da Teosofia.

P 3: *Não é crença geral que tais coisas não podem ser entendidas pelo homem?*

R: Nada há no mundo que o homem não possa conhecer e compreender. A razão da sua ignorância sobre tais assuntos é seu orgulho, a inércia mental e o intelecto não desenvolvido.

P 4: *Não objetam alguns que os conhecimentos não contemplados nas Escrituras religiosas não deveriam ser considerados como verdadeiros?*

R: O fato de algumas Escrituras não apresentarem certos conhecimentos não prova a falsidade deles; portanto, é inútil dizer que o estudo de ensinamentos teosóficos, não compreendidos nas Escrituras de religiões particulares, seja contrário à verdade ou contrário àquela religião. De fato, muitas das ciências modernas não são mencionadas nas Escrituras religiosas; seria lógico, por isso, dizer que não devemos estudá-las?

* No livro “Theosophy for Youths” (Teosofia para Jovens), pág. 1, do autor do presente trabalho, se lê: “Como a Teosofia não tem cerimônias nem está aos cuidados de sacerdotes, não é uma religião”.

P 5: *Se a Teosofia pode explicar os mistérios “inexplicáveis” da natureza, como é que tanta gente não somente a menospreza como efetivamente a combate?*

R: Uma razão é que, não obstante conter a Teosofia, como um rio, partes pouco fundas que uma criança pode acessar, também apresenta profundidades que o melhor nadador não conseguiria alcançar. E assim, embora alguns de seus ensinamentos sejam tão simples e práticos que qualquer pessoa de inteligência mediana pode compreendê-los e segui-los, outros assuntos não são abrangidos e entendidos integralmente sem esforços especiais. Desagrada à inércia mental ser perturbada; e a vulgaridade Egoísta prefere uma mentira fácil à maior verdade, se esta exigir o sacrifício da mais ínfima comodidade. Por outro lado, o código altruísta da Teosofia só pode atrair aqueles poucos que estão já preparados para levar uma vida de grande pureza. E existe ainda outra razão, que é a Teosofia matar qualquer superstição ou fanatismo disfarçado de religião; por isso, quando apresenta verdades que de leve contradizem muitas das fantasias humanas tão gratas aos sectários, não são aceitáveis para aqueles que não fizeram um estudo sério de sua própria religião e preferem apegar-se a suas antigas crenças. Tal é a condição humana e não é fácil desenraizar ideias aceitas durante muitos anos, por mais falsas que sejam. Ademais, o caráter dos ensinamentos teosóficos é inovador, e uma olhadela na história de qualquer sistema novo de pensamento, religioso ou filosófico, demonstrará que aqueles que odeiam as inovações sempre opuseram em seu caminho toda classe de possíveis impedimentos.

À medida que um homem progride intelectualmente, suas ideias acerca de religião sofrem uma grande mudança e seu fanatismo decresce proporcionalmente. Mas aqueles ortodoxos e fanáticos de todas as religiões que, apesar de seu desconhecimento dos mais elementares princípios de outras religiões, consideram a sua como a única verdadeira e mostram desprezo por todas as outras, simplesmente proclamam sua própria ignorância. De igual modo, não se encontra um só entre os que ridicularizam a Teosofia, acreditando-a contrária à sua religião, que tenha compreendido, verdadeiramente, sua própria religião ou estudado, sequer, os princípios básicos da Teosofia.

P 6: *Sendo assim, quais são os princípios fundamentais da Teosofia?*

R: São dois. O primeiro é a imanência de Deus. A Deidade se encontra em todos os lugares e em todas as coisas. A Vida Divina é o espírito de tudo que existe, desde o átomo até o arcanjo. Todo pensamento, toda consciência, são Seus, porque Ele é o UNO, o Único, a Vida Eterna. E assim, a essência da Teosofia é o fato de que o homem, sendo contraparte de Sua Vida, pode conhecer a Divindade, e é, ele próprio, divino e imortal, ou melhor dizendo, eterno, pois a imortalidade é somente imensidade de tempo. O que no tempo começa, no tempo deve terminar, enquanto que o homem é eterno como Deus mesmo é eterno, e a morte é tão somente pôr de lado uma vestimenta antes de revestir-se de outra.

Por existir uma Vida, uma Consciência em todas as coisas, com Deus imanente em cada uma, então, como corolário inevitável a esta suprema verdade, deriva o fato da solidariedade de tudo o que tem vida, de tudo que existe, uma fraternidade universal. Assim, foi estabelecido como segundo princípio fundamental da Teosofia a solidariedade do Homem.

A imanência de Deus e a solidariedade do Homem: estas são as verdades básicas da Teosofia.

P 7: Poderia apresentar um esboço de seus ensinamentos?

R: Seus ensinamentos podem ser esboçados assim:

I. Há uma Realidade eterna e infinita, uma Existência real, incognoscível.

II. D'Aquilo procede o Deus manifestado e cognoscível, revelando-se de unidade à dualidade e de dualidade à trindade.

III. Todo o Universo, com todas as coisas compreendidas dentro dele, é uma manifestação da vida de Deus.

IV. Existem muitas e poderosas inteligências, denominadas Arcanjos, Anjos, Devas, que procederam do Deus manifestado e que são Seus agentes para efetuar Seu pensamento e vontade.

V. O homem, como seu Pai Celestial, é divino em essência, seu Ser íntimo é eterno.

VI. Desenvolve-se e evolui mediante repetidas encarnações, às quais é impelido pelo desejo sob a lei do carma nos três mundos, o físico, o astral e o mental, dos quais se libera pelo conhecimento e o sacrifício; chegando a ser divino em potência como sempre havia sido divino em latência.

VII. Existem Mestres de Sabedoria, Homens Perfeitos, seres que completaram sua evolução humana, que alcançaram perfeição humana e já não tem mais nada que aprender no que se refere à etapa humana.

P 8: Qual é a relação da Teosofia com a Sociedade Teosófica, e quando esta foi fundada?

R: A Teosofia, em seus ensinamentos e ética, embora não no nome, é tão antiga quanto o homem, porém se sabe que a palavra "Teosofia" data do século terceiro de nossa era, quando o Sistema Teosófico Eclético, que depois floresceu no Neoplatonismo, foi estabelecido por Ammonio Saccas e seus discípulos em Alexandria; apesar de Diógenes Laércio atribuir aquele sistema a um sacerdote egípcio nos primeiros dias da dinastia Ptolomeica.

A Sociedade Teosófica, como tal, foi fundada por Madame H. P. Blavatsky e o coronel H. S. Olcott em Nova York, em 17 de novembro de 1875. Em seus primórdios, o mundo não só não valorizou, como até se opôs a esse movimento realmente útil, voltado para o progresso espiritual da humanidade.

P 9: Mas como se pode demonstrar a utilidade da Teosofia?

R: A utilidade da Teosofia radica-se no verdadeiro conceito do plano de Deus, na exata compreensão do objetivo da vida; é uma confiança segura na Justiça Divina; no consolo mental e emocional; na absoluta liberação do desamparo e da desesperança; na completa ausência do temor e da pena; assim como na

oportunidade de cooperação inteligente e voluntária com o Plano Divino, e possibilidade de uma rápida consecução da finalidade da vida humana. Porém a melhor prova de sua utilidade é que tem sido aceita por pessoas sensíveis e inteligentes, que mostram o conseqüente melhoramento de conduta em sua vida diária; e que gradualmente vai impregnando a literatura universal. Desde que foi fundada a Sociedade Teosófica, começou sua expansão através de numerosas ramificações em diferentes partes do mundo, e ainda se passa assim. Nenhum outro sistema de pensamento progrediu tão rapidamente em todo o mundo, entre pessoas de religiões diferentes, durante um período de menos de cinquenta anos. Prova sua utilidade o crescimento do número de Lojas pertencentes à Sociedade Teosófica desde seu nascimento. Além disso, cada membro da Sociedade Teosófica tem amigos e parentes que estudam a literatura teosófica e que são teósofos sem serem membros da Sociedade.

P 10: O senhor diz que a Teosofia é tão antiga como o homem. Qual foi, pois, a necessidade de se criar a Sociedade Teosófica?

R: As antigas verdades haviam sido esquecidas e necessitava-se de uma reproclamação. O materialismo estava fazendo progressos muito rápidos nas nações civilizadas do Ocidente; e a Ciência, em seu avanço, voltava-se para o materialismo, tanto que o agnosticismo havia chegado a ser a característica distintiva do homem de ciência, que sustentava serem os sentidos e o intelecto os únicos meios que o homem possuía para adquirir conhecimentos. Mesmo o Oriente, que costumava ser a fonte de onde brotava a Sabedoria, chegou ao ponto de ser invadido pela crescente onda de materialismo, que ameaçava cobrir o mundo inteiro. Portanto, julgou-se prudente proclamar outra vez a Verdade Eterna sob nova forma, apropriada à mentalidade e atitude do homem destes tempos; mas em vez de revelar uma nova religião, conforme tão frequentemente se fez antes, a Sociedade Teosófica proclama a fonte comum de todas as religiões, de tal maneira que qualquer pessoa, vendo que todas elas são ramos da mesma árvore e possuem ensinamentos idênticos, possa tirar inspiração do significado esotérico, oculto, de seu próprio credo particular, e compreendê-lo melhor.

P 11: Todos podem estudar Teosofia?

R: Naturalmente, qualquer um pode estudá-la, desde que tenha a mente aberta, uma atitude inteligente e receptiva e esteja decidido a buscar e encontrar a verdade em qualquer religião ou filosofia. Nem deverá ter a fé cega de uma pessoa ignorante ou tendenciosa, nem a plana e jactanciosa incredulidade do materialista. Porque a Teosofia nada significará para aqueles que antepõem seus próprios preconceitos e ideias preconcebidas à verdade por outros revelada; nem para aqueles hipócritas e fanáticos de mente fechada, os quais, acreditando que sua religião é a única verdadeira, demonstram o maior desprezo pelas outras.

P 12: Qual é a vantagem de se propagar a Teosofia?

R: A Sociedade tem três objetivos, e enorme bem se faria se apenas alguns deles se realizassem por completo.

P 13: *Quais são esses objetivos?*

R: O primeiro e mais importante é: “Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor”. A aceitação dessa Fraternidade Universal é a única condição para pertencer à Sociedade.

P 14: *Como é possível formar uma fraternidade universal quando pessoas, embora da mesma religião, fazem guerra entre si?*

R: Se o segundo objetivo for entendido e praticado, não é impossível a Fraternidade Universal. E esse segundo objetivo é: “Fomentar o estudo comparativo das religiões, filosofias e ciências”.

P 15: *Em que consiste a vantagem disso?*

R: Um estudo comparativo das religiões demonstra que a origem e a essência de todas elas são as mesmas e que, fundamentalmente, todas as religiões são uma só, ensinando as mesmas verdades e inculcando ideias idênticas de conduta e vida.

P 16: *Como isso é possível, quando as distintas religiões do mundo diferem tanto entre si?*

R: A imanência de Deus é a base da Religião, e as variadas religiões são métodos pelos quais o homem busca a Deus, e aqui reside a justificação para a variedade. Há muitos tipos de mentalidade e se planejaram diferentes religiões apropriadas a diferentes raças e temperamentos.

Além disso, a humanidade se encontra em diferentes etapas de evolução e o que serve numa etapa pode não convir em outra. Por exemplo, qualquer nação jovem ou primitiva, cujos indivíduos não têm ainda a experiência e adiantamento que resultam de uma longa série de encarnações humanas, e cujos prazeres capitais sejam comer, beber e caçar para procurar alimento, requererá um sistema religioso muito simples, que lhes ensine que existe um Deus que é bom, que devem conduzir-se bem para ser-lhes gratos e alcançar felicidade depois da morte, mas que se agirem mal Ele os castigará, fazendo-os sofrer numa outra vida.

Agora, quando essas mesmas pessoas tiverem passado por muito mais vidas terrestres e vierem a nascer em nações mais civilizadas, requererão uma forma de religião mais elevada e espiritual, porque já terão desenvolvido faculdades intelectuais e morais em maior grau. Através de sua evolução durante idades, tais seres terão crescido em capacidade intelectual e seu amor terá maior alcance e profundidade, pelo que estarão aptos a compreender as grandes verdades num grau a que nunca chegaram seus antepassados. Como já se disse, o que foi muito apropriado às necessidades do povo há dois mil anos, por exemplo, é óbvio que não satisfaz por completo agora que se tem um conhecimento mais amplo da natureza.

As evidentes diferenças entre as várias religiões se devem às características nacionais e raciais, assim como às progressivas etapas do desenvolvimento intelectual de cada povo. Outros fatores diferenciais são os agregados de ritos e cerimônias e as sérias mistificações, tergiversações e interpretação errônea das verdades básicas ensinadas pelos Fundadores.

Por outro lado, a Verdade pode ser expressa de mil maneiras distintas, porém o TODO dela jamais poderá expressar-se completamente. Os homens estão descobrindo agora que a Verdade é infinita, enquanto os credos são finitos e que, assim como é impossível reduzir o ilimitado a um atlas geográfico, assim também é um empenho inútil tratar de incluir toda a verdade na mais elástica confissão de fé. Todavia, cada religião tem sua própria perfeição ou chave característica; sua mensagem para a humanidade de seu tempo; e o estudo de todas elas é, portanto, necessário para se conhecer a multifacetada verdade.

E assim, praticando o segundo objetivo, vemos que nenhuma religião particular é a única possuidora da Verdade e, por conseguinte não sentimos preconceito com relação às outras. Logo, a Fraternidade é de possível realização prática entre todos os homens, já que é um fato da natureza, pois todos somos filhos do mesmo Pai.

P 17: O senhor diz que os princípios essenciais a toda religião são os mesmos. Como é isso? Além do mais, se a verdade se encontra em todas as religiões, por que aparece tão diferente nelas?

R: Todas as religiões crescem em torno de alguns Grandes Instrutores (de fato seus próprios nomes derivam do Fundador), como o Cristianismo, o Budismo, o zoroastrianismo, o Islamismo. Os Fundadores de religiões são todos Homens Divinos, sob a guia do Instrutor do Mundo; membros de uma Grande Fraternidade que dirige a humanidade e conserva sob seu cuidado um corpo de doutrinas chamado de Sabedoria Antiga ou Divina. Quando uma porção da humanidade está pronta para algum novo ensinamento, Um dos pertencentes à Fraternidade nasce entre aqueles homens para fundar uma nova religião, repartindo as mesmas verdades, os mesmos preceitos, porém sob uma forma apropriada à condição dos tempos, ou seja, ao nível intelectual do povo para o qual Ele vem, de acordo com tipo, necessidades e capacidades. “De muitas cores são as vacas (diz um provérbio), mas o leite de todas tem uma só cor. Consideremos o conhecimento como o leite e os instrutores como as vacas”. E assim, devido a sua origem comum divina, o essencial em todas as religiões é idêntico, embora o não essencial varie.

As religiões são como as vasilhas em que se verte água; a água tomará forma diferente segundo o recipiente, mas conserva sua propriedade essencial de matar a sede. De igual maneira, nas religiões se verte vida espiritual que assume a forma variada delas (requisitos dos tempos, etapas do desenvolvimento intelectual da raça, etc.), mas que nunca deixa de ser uma e a mesma vida espiritual, capaz de acalmar a sede que o espírito tem de conhecer Deus.

Assim como uma luz branca inclui em si mesma todas as cores, assim também as diferentes religiões representam várias cores que, em seu conjunto, formam um único raio branco da Verdade. E assim como a água envasilhada em garrafas de cristal de cores distintas aparece diferente, ainda que em realidade não tenha cor; e assim como o mesmo Sol visto através de vidros de matizes diversos aparece de cor diferente, de igual maneira a mesma Verdade tomará aparência distinta conforme os revestimentos das distintas religiões que forem necessários para sua expressão, e sua “cor” variará de acordo com as necessidades e capacidades dos povos para os quais se destinar.

Cada religião marca um passo adiante na civilização, mostrando, no próprio tempo, alguma característica útil à humanidade, acerca da qual os Instrutores precedentes não haviam colocado ênfase. A Humanidade deve aprender muitas lições e desenvolver diferentes qualidades que lhe são transmitidas por religiões especiais, adaptadas para destacar alguns ensinamentos particulares. Esses ensinamentos personificam-se nas civilizações, e a humanidade, desenvolvendo as qualidades que delas derivam e aprendendo as progressivas lições distribuídas por Instrutores do Mundo, incorporadas nas Religiões, gradualmente mostra um adiantamento rumo à perfeição e a melhores qualidades. Em suma: ainda que todas as grandes verdades se encontrem em cada Fé, existe algo que predomina em cada uma – sua ideia central ou nota-chave –, comunicando-lhe sua cor específica e contendo o gérmen de características peculiares.

P 18: Quais são as ideias centrais, as notas-chave das antigas Religiões conhecidas?

R: Embora seja certo que cada religião contém algum ensinamento universal, em cada uma predomina certo espírito peculiar dela. Cada uma soa sua própria nota, preconiza uma qualidade dominante, como se tivesse escolhido uma virtude ou verdade sobre a qual insistir em especial; e todas essas notas, ao combinarem-se, não produzem monotonia, mas um acorde esplêndido.

Segundo o Dr. Miller, bem conhecido presbiteriano fundador do Colégio Cristão de Madras, a contribuição, por assim dizer, do Hinduísmo à grande Religião Universal, é a doutrina da imanência de Deus e da solidariedade do Homem. Admitindo que a Vida universal palpita na humanidade inteira, a fraternidade dos Homens vem a ser tão somente o aspecto terrestre daquela grande realidade espiritual; e desse reconhecimento da unidade dos homens surge a nota dominante das obrigações sociais, (o Dharma), ou seja, o DEVER, um sentido do dever entre membros de uma comunidade, o dever do homem para com o homem.

O ensinamento do Instrutor Mundial, como Tehuti, até Toth (ou Hermes, segundo os gregos), que predominou na civilização do Egito, é o da CIÊNCIA, o estudo do homem e dos mundos que o rodeiam; e porque sua ideia central foi a “Luz”, teve o Egito, como chave de sua fé, o Conhecimento Científico, num grau tal que o epíteto “Sabedoria do Egito” tem perdurado através das idades, e o próprio nome da Química deriva-se de Chem ou Khem, o nome primitivo do Egito, a terra da ciência no passado. Portanto, a contribuição do Egito à

evolução do mundo consistiu no valor da Ciência e do conhecimento do mundo físico, isto é, a doutrina da Lei, pois a Lei é símbolo de Conhecimento, assim como o Dever (*Dharma*) é a flor da Verdade.

A base da civilização que o Instrutor Mundial, como Zoroastro, edificou na Pérsia é a PUREZA, “pureza de pensamento, pureza de palavra, pureza de ação”. Predicou Ele a doutrina do Fogo e adotou o fogo como símbolo da Divindade, porque o Fogo é o grande purificador.

Na Grécia, o Supremo Instrutor, como Orfeu, deu a nota dominante da BELEZA, a beleza que é um aspecto da Divindade. Beleza foi a tônica da religião grega e da civilização grega, poderosa entre as antigas civilizações do mundo. A Grécia injetou beleza na vida de seus povos e a Beleza se expressou através de sua maravilhosa literatura e de sua delicada arquitetura, assim como de suas estátuas sempre expostas ao povo.

Assim como a Grécia falou da Beleza mediante a Arte, Roma falou da Beleza mediante A LEI – o dever do cidadão para com a comunidade –, porque sem Lei a Beleza não poderia subsistir. Roma ensinou muito pouco acerca do indivíduo: o Estado foi o ideal romano e não pode existir verdadeira liberdade para uma nação sem a onipotência da Lei.

A ideia central da grande religião fundada na Índia pelo Senhor Buda foi CONHECIMENTO, o reto conhecimento de sabedoria, de compaixão e de obediência à Lei; compreendendo como viver e buscando a compreensão através de todas as coisas.

A tônica da religião hebraica é RETIDÃO – a retidão de Deus, “do justo Senhor que ama a retidão”.

No Cristianismo, a Fé sobre a qual se edificou a civilização da cristandade, duas notas ressaltam, sendo uma consequência natural da outra. A primeira é a nota chave do Individualismo e, a fim de que pudesse ser amplamente desenvolvida, algumas doutrinas, incluindo a da reencarnação, ensinada na Igreja primitiva, foram sabiamente retiradas durante mais de mil anos. Era preciso criar o indivíduo, e a ideia de uma só vida dava ao ser uma atividade que ele não teria exercido se tivesse pensado que atrás dele e diante dele existiam muitas encarnações. No espaço dos últimos dois mil anos, o individualismo tem sido aplicado em tal grau que, na sub-raça teutônica, o caráter individualista chegou a tornar-se central, a plenitude da Egoidade, do “EU”. Isso foi necessário, talvez, porque sem essa qualidade fortemente arraigada não teria havido base para uma futura cooperação. Com verdade foi dito: “Não podeis sintetizar debilidades”.

Vem logo a ideia, não tanto por preceito, mas pelo exemplo excelente do Fundador, de que, quando tivermos alcançado poder, deveremos usá-lo a serviço de nossos semelhantes; quando tivermos adquirido fortaleza seremos nobres empregando-a somente para ajudar o fraco; pois o conhecimento, o poder e a força são humanos tão somente quando dedicados ao serviço da raça; que o maior de todos deverá ser como o servidor deles e que a medida de seu poder deverá ser a medida de seu dever. Isso faz soar a nota de AUTOSSACRIFÍCIO, que com o tempo será a dominante nas nações cristãs. E assim, o Cristianismo liga ao amor de Deus o serviço a nosso próximo,

procedendo isso dos lábios do Instrutor Mundial a fim de que a raça humana seja capaz de ascender um passo mais pela encosta da verdade e do amor. Um cientista inglês, Huxley, proclama a grande frase de um Mestre de Sabedoria e Compaixão: “A lei da sobrevivência do mais apto é a lei de evolução para o bruto; porém a lei de autossacrifício é a lei de evolução para o homem”. O sacrifício de si mesmo, rasgo principal da vida do Senhor da Compaixão - o Cristo -, não poderá ser claramente compreendido, mesmo por Seus mais fervorosos fiéis, a menos que eles mesmos tenham desenvolvido fortaleza individual de ânimo e personalidade. O discípulo Pedro fornece um exemplo disso, quando anegou a seu Senhor. Com uma maior compreensão vem o reconhecimento do dever de autossacrifício, e o dever individual começa a ocupar o lugar dos direitos individuais.

O Islamismo ou maometanismo fala de RESIGNAÇÃO à vontade de Deus e ensina que não há mais que um caminho para a Divindade, que é o da Resignação à Vontade Divina.

Assim, pois, revisando essas religiões mundiais, descobrimos que suas ideias centrais são como peças de um grande mosaico e devem justapor-se antes que possamos apreciar a grandeza do conjunto; que cada fé tem sua própria “nota musical” e não devemos perder nenhuma das tônicas ou dominantes, nenhuma das joias de cada credo; e que todas as sucessivas religiões do mundo são apresentações intelectuais da única Grande Verdade espiritual, as diferentes cores da única luz branca do Sol espiritual da verdade.

Lemos numa das escrituras orientais, o Bhagavad Gita dos hindus: “A Humanidade vem até Mim ao longo de muitos caminhos e por qualquer deles que o homem se acercar de Mim, por essa senda o recebo, pois todas as sendas são Minhas”. Esta é uma grande verdade: Deus é o centro, as religiões todas se encontram na circunferência e como todos os raios conduzem ao centro, assim todas as religiões levam a Deus. O que se precisa é que cada um de nós aprofunde-se na sua própria religião e a espiritualize, e descubra a identidade essencial em todas elas através de um estudo comparativo, ajudado pelas mais profundas verdades e ensinamentos esotéricos da Teosofia.

P 19: No fim das contas, a Teosofia não poderia ser considerada uma Religião?

R: A Teosofia é a base de todas as Religiões, embora sob certo ponto de vista possamos pensar nela como se fosse uma religião em si, por levar a seus estudantes uma regra de conduta (fundamentada não em mandamentos, mas no pleno senso comum e comprovada por fatos). Os teósofos regulam sua conduta de acordo com a Vontade Divina expressa nas leis da natureza, evitando transgredi-las, não para escapar da cólera de alguma deidade imaginária ofendida, mas para evitar danos a si mesmos.

Poderia também ser chamada de religião no sentido de que nos demonstra o curso ordinário de evolução e no próprio tempo nos assinala o caminho mais curto para a meta da vida humana, mediante um progresso mais rápido baseado em esforço consciente. Além do mais, porque a Teosofia demonstra pelo estudo comparativo das religiões que todas são idênticas em

essência e origem, poderia ser chamada de “a Chave para todas as Religiões”. Dá uma explicação razoável para assuntos considerados mera superstição nas religiões, mas nada tem a ver com as cerimônias externas de nenhuma religião, referindo-se somente à verdade subjacente em todas elas.

Não se obriga aos membros da Sociedade admitir como fé cega todas as afirmações da Teosofia; se lhes deixa em liberdade para aceitar o que lhes satisfaça como verdade. Essa tática repousa numa base muito segura, ou seja, no fato de que ninguém pode crer realmente numa verdade enquanto não tenha cultivado a si mesmo, até o ponto de poder comprová-la por experiência própria. Um ensinamento não é realmente parte da vida espiritual de um homem; chega até sua vida mental dentro daquela parte de sua natureza em que se incuba o conhecimento, a saber, o intelecto; e o intelecto somente é capaz de captar o que seja semelhante a ele. A verdade dentro de um homem é que reconhece a verdade fora dele, quando se abre a visão interna. Daí que um dos objetivos da Sociedade Teosófica é o estudo das verdades fundamentais de todas as religiões. A ninguém se pergunta no que crê. Todos são deixados em liberdade de estudar por si mesmos. Quando se abrem os olhos do espírito, o homem reconhece prontamente a verdade, porque a faculdade da verdade em sua própria natureza lhe diz que ela existe. Ele vê através dela, assim como olha através da luz solar.

Quando o homem é cego, a luz do Sol é nada para ele; mas, para quem tem olhos, nenhum argumento é necessário para demonstrar-lhe a existência da luz por obra da qual ele está vendo. Daí o lema que a Sociedade adotou: “NÃO HÁ RELIGIÃO SUPERIOR À VERDADE”.

P 20: A Sociedade Teosófica se opõe a que seus membros sigam alguma religião particular?

R: Certamente que não. Entre seus membros existem pessoas que pertencem às mais diversas religiões. Sendo a essência doutrinal de todas elas “pensamentos puros, palavras puras e ações puras”, quem quer que os pratique, dentro de qualquer religião, pode ser considerado como pertencente a qualquer outra ou a todas.

P 21: Há aspectos que diferenciam a Teosofia e o que ordinariamente se chama uma religião?

R.: Sim, há dois aspectos. O primeiro é que a Teosofia não exige fé cega de seus afiliados. Se lhes pede, ou que conheçam algo por experiência, raciocínio ou intuição, ou que suspendam seu juízo sobre isso. Como naturalmente os principiantes não podem conhecer por si mesmos, se lhes indica que aceitem como “prováveis” as afirmações feitas por pessoas dotas, até que cheguem a ser capazes de verificá-las por si mesmos e convencer-se de sua veracidade.

O segundo ponto de diferença é que a Teosofia não trata de converter ninguém, afastando-o da religião que professa, nem prega a superioridade de uma religião sobre as outras. Pelo contrário, explica ao estudante os significados profundos e ocultos dos textos e cerimônias de sua própria religião; desperta nele uma apreciação de seu próprio credo mais intensa que a

que possuía antes de começar a estudar Teosofia; ensina-lhe a viver os preceitos de sua própria religião melhor do que costumava fazê-lo; e, em muitos casos, restaura nele, sobre bases mais inteligentes e em nível mais elevado, a fé que já quase havia perdido.

O postulado fundamental da Sociedade Teosófica, desde seu início, tem sido que devem ser respeitadas as diferenças de crenças religiosas. Encontrando engastadas as mesmas grandes verdades com relação à vida, conduta e morte, em todas as grandes religiões, a Sociedade procura trabalhar por todas, em vez de fazê-lo por uma só. Sabe que a fé que existe em qualquer nação particular é, em geral, o credo mais apropriado para sua população e trata assim de purificar e fortalecer aquela fé e não de implantar em seu lugar uma estranha. E assim, na Índia, trabalha pelo renascimento e purificação do Hinduísmo; no Ceilão, pela causa do Budismo; na Europa e América pela reta interpretação da gloriosa religião do Cristo. Como energicamente disse uma vez a Dra. Besant, acerca da posição teosófica: “A Teosofia pede-vos que VIVAIS vossa própria religião, não que a abandoneis”.

P 22: Agora, qual é o terceiro objetivo da Sociedade Teosófica?

R: “Investigar as leis não explicadas da natureza e os poderes latentes no homem.” No homem, há que manter-se viva a intuição espiritual, e deve-se combater e desterrar o fanatismo de todos os tipos – religioso, científico ou social. Para tal fim, devemos tratar de adquirir um conhecimento de todas as leis da natureza, ou seja, as invariáveis sequências que existem na natureza; e, especialmente, fomentar o estudo daquelas leis menos compreendidas pelos homens modernos – as chamadas ciências ocultas, que estão baseadas no verdadeiro conhecimento da natureza e não em crenças supersticiosas. Por outro lado, o homem possui, dentro de si, certos poderes latentes, e investigá-los e desenvolvê-los é o objetivo da Sociedade, a fim de que possa o sofrimento cessar e a Paz se irradiar por todo o mundo.

P 23: É a ciência moderna antagonista da Teosofia?

R: A Teosofia ou Sabedoria Divina abarca toda a ciência, antiga e moderna, já que não pode haver conhecimento fora da Sabedoria Divina. Enquanto os fatos permanecerem os mesmos, não pode haver senão uma Ciência; o estritamente científico é teosófico e o verdadeiramente teosófico está em completa harmonia com todos os fatos e é, portanto, científico no mais alto grau. A diferença fundamental entre os pontos de vista da Teosofia e da Ciência Moderna é que uma se dedica ao estudo da Vida e da Consciência; a outra, ao estudo da forma e dos veículos da consciência, dos fenômenos físicos neste e noutros mundos, e do que pode ser trazido à nossa consciência tão somente através do cérebro físico e dos sentidos. A ciência moderna é um conhecimento sistematizado apenas de fenômenos sensoriais, e muitas de suas conclusões são errôneas porque vacila em passar além dos sentidos, mesmo quando se trata de fenômenos físicos como o sonho e as manifestações de transe. “Em tempos antigos a religião e a ciência eram aliadas e uma só, não havia discórdia entre a Inteligência e o Espírito.” A ciência moderna, em sua

autossuficiência e materialismo, zombou da Teosofia e foi outrora sua antagonista; mas felizmente o materialismo, com suas absurdas teorias, é hoje coisa do passado, motivo pelo qual a oposição e a incredulidade têm diminuído gradualmente.

Nenhum leitor imparcial e criterioso poderá estudar “A DOUTRINA SECRETA” – obra capital do ensinamento teosófico – sem sentir-se cheio de admiração diante da profundidade de conhecimentos que revela; e sem deixar de comprovar como a ciência moderna vai avançando ao longo das linhas traçadas com antecipação pela autora daquela obra monumental.

P 24: É então a Teosofia uma ciência?

R: Verdaderamente é uma ciência, já que as verdades que proclama não são assunto de mera crença teológica, mas de conhecimento direto adquirido pelo estudo, pela investigação e laboriosa observação. Sendo uma Ciência da Vida, uma Ciência da Alma, ensina que o mundo é uma manifestação do pensamento Divino em todos os graus de matéria que mutuamente se interpenetram. O homem tem outros corpos à parte do físico e quando tiver evoluído suficientemente, à força de repetidas encarnações, poderá desenvolver novos sentidos, adquirir mais altos poderes mentais, observar os fenômenos da natureza na matéria mais fina e compreender suas leis inerentes.

O estudante de cada ciência há que se habilitar para o estudo e ter o tempo e a capacidade necessários, se desejar adquirir conhecimento de primeira mão. Igualmente, um estudante da ciência teosófica deverá ter alcançado certo nível em sua evolução e purificado bem seus corpos físico, astral e mental, para que sirvam como instrumentos perfeitos em suas investigações pelos mundos de matéria sutil. De fato, definiu-se a Teosofia moderna como uma síntese das verdades essenciais de Religião, Ciência e Filosofia.

P 25: Já se falou do relativo à Religião e Ciência, mas o que a Teosofia ensina sobre Filosofia?

R: “Alcançar o conhecimento do UNO é a meta de toda filosofia”, disse Giordano Bruno. A Filosofia é o conhecimento da Unidade mediante a razão, à parte da multiplicidade de objetivos; ciência é meramente a observação de objetos mediante os sentidos. Somente aquele que conhece a Unidade é um filósofo. “A esse”, disse Platão, “estimo como a um Deus”.

A Teosofia é uma filosofia da Vida e explica como o Sistema Solar é uma magnífica manifestação da Vida Divina, com o homem como parte dela. Afirma que o homem, segundo é visto por meio de faculdades já desenvolvidas, não é um corpo que tem alma, mas que é uma ALMA e tem um corpo, de fato, vários corpos, seus veículos para atuar em diferentes mundos. Existem vários mundos que mutuamente se interpenetram e que simultaneamente nos rodeiam, por todo o tempo, embora em nossa consciência de vigília só nos demos conta do mais denso deles, o físico.

O homem progride, vida após vida, sob as leis da reencarnação e do carma, até que se dá conta da unidade de tudo o que existe e alcança o conhecimento do Uno. É o arquiteto de seu próprio destino, colhendo em outras vidas o que tiver semeado nas anteriores. A Teosofia explica também que o pensamento e o sentimento não são agregados de matéria, mas as causas de tais agregados; e declara, com Sir William Crookes, que devemos ver “na vida” o modelador e conformador da matéria.

P 26: O senhor insinuou certas coisas acerca do homem e de sua evolução, de Reencarnação e Carma, da existência de Mestres de Sabedoria, etc. São, todos esses, fatos que podem ser demonstrados?

R: Assim como um matemático não pode demonstrar uma teoria de difícil compreensão para um adolescente, a menos que este, mediante estudo diligente, tenha adquirido um conhecimento elementar das matemáticas, assim também de nossa parte é necessário um treinamento rígido para serem percebidos como fatos os ensinamentos teosóficos. Entretanto, eles nos são propostos como fatos por aqueles que verificaram sua exatidão. Antes que os fatos da Teosofia possam ser demonstrados, são necessárias certas faculdades psíquicas e poderes espirituais que se desenvolvem por uma prática regulada, sendo que a verificação completa de todos os fatos é possível somente para os Homens Perfeitos. Contudo, antes de alguém desenvolver poderes psíquicos, poderá deduzir a necessidade da reencarnação e do carma, da peregrinação da alma, dos Mestres, etc., pelo poder que tem a alma de raciocinar acerca dos fenômenos e da experiência da vida humana.

P 27: É verdade que se exige dos membros de vossa Sociedade que sejam vegetarianos e abstêmios?

R: Nada disso. Nossa Sociedade espera simplesmente que todos seus afiliados se esforcem para servir a outras pessoas e para serem benévolos e desinteressados no trato com elas. Os membros da Sociedade devem viver a lei da Fraternidade, o primeiro objetivo da Sociedade, e ser tolerantes com todas as religiões.

P 28: Então por que muitos de vossos mais proeminentes associados são estritamente vegetarianos?

R: O uso de carne nos alimentos, ou de álcool nas bebidas, não se opõe ao estudo das verdades teosóficas. Mas os estudantes realmente dedicados anelam por algo mais que um estudo simplesmente teórico. Desejam estudar o Ocultismo, a Ciência Secreta que ensina o potencial das coisas da natureza, e desenvolver os poderes ocultos latentes no homem. Necessitam adquirir sabedoria e poder mediante o estudo do oculto, a fim de ajudar a outros e de conhecer a verdade por experiência direta pessoal e não por via alheia.

Agora, a primeira coisa que o aspirante aprende é a verdadeira relação entre o corpo físico e o homem interno, assim como a predominância deste sobre sua envoltura física.

P 29: *Mas como esse conhecimento está relacionado com o vegetarianismo?*

R: O estudante sério sabe que deve manter seu corpo físico perfeitamente puro se cuida de alcançar um domínio completo sobre dito corpo, seus apetites e desejos.

Por outro lado, a dieta de carne não só afeta o corpo físico, piorando-o, como também produz um efeito degradante no próprio homem.

Um cientista moderno demonstrou que o tecido animal, ainda que cozido, retém características marcantes do animal a que pertenceu; enquanto que a ciência oculta prova que, quando a carne, como alimento, é assimilada pelo homem, lhe transmite algumas das propensões do animal de que proveio, tornando-o mais rude, animalizando-o. Esses maus resultados são maiores se a carne é de mamíferos, menores se de aves ou peixes, e nulos, praticamente, no caso de um alimento vegetal.

E mesmo entre os animais há uma grande diferença, quando se trata de herbívoros ou de carnívoros. Aqueles, como as vacas, cabras, cordeiros, cavalos, periquitos, pombas, etc., têm corpos físicos puros, que parecem limpos e delicados, convidando-nos a aproximarmo-nos deles e acariciá-los; enquanto que, pelo contrário, os animais carnívoros como tigres, leões, raposas, abutres, ratazanas, etc. exalam um odor repugnante e parecem sempre sujos. Os membros da Sociedade que comem carne evitam a de animais carnívoros, porque a carne destes é muito tosca e fétida; mesmo as aves que se alimentam de peixes são desprezadas por igual razão. Há também marcada diferença entre a natureza dos animais herbívoros e carnívoros; aqueles são gentis e estes ferozes. Por outro lado, os animais realmente úteis ao homem como o cavalo, o elefante, o boi, a vaca, o búfalo, as cabras e os carneiros, etc., são todos, praticamente, herbívoros.

Além disso, um teósofo recusa-se a causar dor a outras criaturas, ou feri-las, sabendo que o reino animal existe não para satisfazer apetites do homem, mas como uma evolução.

P 30: *O vegetarianismo parece uma bela teoria, mas é praticável? Pode um homem viver sem alimentar-se de carne?*

R: Esse questionamento se baseia na ignorância. Milhões de pessoas vivem sem carne como alimento; e é lamentável que seja ensinado a homens e mulheres, de outra parte moralmente limpos, que não podem subsistir sem o cadáver de algum animal assassinado para seu alimento diário.

P 31: *Mas o senhor pode afirmar que uma dieta vegetariana seja superior a um alimento de carne? Se for assim, favor apresentar as razões.*

R: Certamente.

1.^a - Os vegetais fornecem maior nutrição que uma quantidade igual de carne morta.¹

¹Devemos honradamente admitir que, peso por peso, as substâncias vegetais, quando cuidadosamente selecionadas, possuem as mais notáveis

vantagens sobre o alimento animal em valor nutritivo... Desejaria ver estabelecido o regime vegetal e frugívoro como um uso geral, e creio que assim será.”

Sir Benjamin W. Richardson, M.D., F.R.C.S.

“Alimentos para o homem, Animal e Vegetal. Uma Comparação.”

Existem quatro elementos necessários para a reparação e reconstrução do corpo:

(1) Proteínas ou alimentos nitrogenados; (2) Carboidratos; (3) Hidro carbonos ou gorduras; (4) Sais.

Esses elementos se encontram em maior proporção nos vegetais que nos tecidos animais. Nozes, amendoins, feijões, leite e queijo possuem uma porcentagem maior de matérias nitrogenadas. Trigo, aveia, arroz, milho e outros grãos, assim como as frutas e a maior parte dos vegetais, são principalmente carboidratos, isto é, amidos e açúcar. Quase todos os alimentos proteicos e os azeites vegetais fornecem hidrocarbonos ou gorduras; enquanto que os valiosos elementos orgânicos minerais do ferro, potássio, sal, sódio, etc., que servem como eliminadores, antissépticos, purificadores do sangue e produtores de certa classe de energia eletromagnética, encontram-se proeminentemente no reino das plantas, procedendo de frutas e vegetais a maior provisão daqueles alimentos. A carne contém excessiva proporção de elementos acidificantes e necessita ser adequadamente combinada com alimento rico em bases, de natureza mineral: leite, frutas e vegetais de folhas. As frutas e vegetais, devido à sua qualidade básica ou alcalina ajudam, também, a restaurar as reservas alcalinas do sangue, essencial para manter sua capacidade de levar dióxido de carbono aos pulmões para eliminação.

Recentemente (1906) foram descobertas certas substâncias nas matérias alimentícias, na ausência das quais não basta um adequado número de calorias, por si só, nem para promover o crescimento nem para sustentar a vida indefinidamente. Um adulto necessita calorias para suas atividades mentais e físicas ordinárias, e ele as obtém na forma de proteínas, carboidratos e gorduras (coletivamente denominados “nutrientes orgânicos”) e de sais minerais purificadores e recuperadores. Dos fatores dietéticos necessários, chamados “vitaminas”, cinco encontram-se já no mapa da ciência. Muita má nutrição se deve à ausência de vitaminas e sua falta na dieta ocasiona as chamadas “enfermidades por deficiência” – Xeroftalmia, beribéri, escorbuto, raquitismo, pelagra, etc., males derivados de nutrição imprópria ou de deficiência alimentícia.

Os vegetais são as fontes mais importantes de vitaminas na alimentação diária (especialmente aqueles que podem ser comidos crus) e o humilde tomate, devido à sua riqueza dos três principais tipos de vitaminas, é considerado, juntamente com a alface, espinafre e couve, um dos eleitos, um dos “quatro grandes” que encabeçam o reino vegetal. As vitaminas A e B não são afetadas apreciavelmente pelos métodos comuns de cozinhar (exceto se forem fritos), de modo que se aproveite o sumo da planta; mas a antiescorbútica Vitamina C, que praticamente só se encontra nas frutas,

tomates e vegetais de folha verde (e no leite fresco), e que é essencial para prevenir o escorbuto e tão necessária para uma sólida formação de ossos e dentes saudáveis, é muito delicada e facilmente destruída quando os alimentos são dessecados, desidratados, preservados ou postos em latas, assim como durante todo o processo calorífico, a menos que este se encontre sob pressão, no vazio, e por um curto período de calor.

O leite – alimento completamente proteico – é melhor que a carne, não porque sua proteína seja superior à da carne, mas porque fornece outros valiosos elementos (vitaminas e minerais). Portanto, uma dieta contendo leite integral; frutas frescas, como laranjas, limões ou pinhas; vegetais (especialmente os de folhas); saladas; pão e cereais (de preferência trigo integral ou outro grão inteiro do qual não se tenha tirado a cobertura exterior); e pouca manteiga, seria ideal por sua riqueza de toda classe de vitaminas. As frutas, e os vegetais que se podem comer crus, têm um papel especial e muito importante na nutrição como substâncias antiescorbúticas. As frutas e os vegetais têm grande valor como corretivo de uma eliminação defeituosa, quer sejam comidos crus ou cozidos.

2.^a - A alimentação vegetariana ocasiona menos enfermidades.

A carne é afetada, em proporção enorme, por terríveis enfermidades, como câncer, tuberculose, triquinose, etc., que são facilmente transmitidas ao homem. Em seu quinto informe ao Conselho Privado da Inglaterra, o professor Gamgee demonstra que “a quinta parte do consumo total de carne na Inglaterra deriva de animais mortos em pleno estado de enfermidades malignas”, e que dificilmente acontece de alguma enfermidade ser transmitida por animais vivos.

Um grande número de médicos progressistas que estudaram o assunto da “Dieta em relação com a saúde”, proibem seus pacientes de comer qualquer tipo de carne, não somente como um meio de aliviar sofrimentos tais como a gota, reumatismo, etc., mas também como um preventivo contra os transtornos derivados do ácido úrico e de enfermidades de muitas espécies, incluindo câncer, apendicite e tuberculose. Em pessoas que não comem cadáveres de animal, as feridas saram com maior rapidez e a febre chega com menos facilidade, e quando aparece se cura com mais prontidão.

“O homem que sofre de gota ou reumatismo está enfermo porque engole diariamente essas enfermidades em sua sala de jantar, possivelmente em cada uma de suas comidas.” Enquanto a pessoa insistir em comer Gota, na forma de sucos de bife e costeletas de carneiro, etc., deve esperar caibras dolorosas nos dedos do pé.

“Eminentes médicos franceses e ingleses demonstraram recentemente que em grande parte as enfermidades que a raça humana sofre são devidas ao ácido úrico.”

“O Dr. Haig, proeminente médico inglês, provou que quase todas as doenças ocasionadas pelo ácido úrico são derivadas não somente da incapacidade do corpo para destruir ou eliminar seu ácido úrico, mas também

da introdução de ácido úrico através do alimento.” Os seguintes são alguns dos assombrosos fatos que esses investigadores trouxeram à luz:

“Uma libra de bife contém catorze gramas de ácido úrico.”

“Uma libra de fígado contém dezenove gramas de ácido úrico.”

“Uma libra de pão doce (pastéis) contém setenta gramas de ácido úrico.”

Da grande obra do Dr. Haig, intitulada “O Ácido Úrico e a Causação de Enfermidades”, está copiada a seguinte lista de enfermidades devidas ao ácido úrico: gota, reumatismo, epilepsia, convulsões, histeria, neurastenia, nervosidade, depressão mental, letargia, vertigens, síncope, insônia, paralisia, asma, dispepsia, congestão do fígado, glicosúria, diabete, mal de Bright, albuminúria, cálculos renais, hidropisia, mal de pedra, neurose, retinite, degeneração cerebral e espinhal, inflamações locais de toda classe, apendicite.

“Estas enfermidades são consequência de se comer ácido úrico e é evidente que não podem ser curadas enquanto a pessoa continuar alimentando-se com o ácido úrico que as produz.”

“O fígado e os rins de uma pessoa podem ser capazes de destruir e eliminar o ácido úrico gerado em seu próprio corpo, mas não estão em condições de fazê-lo com cinco, dez ou vinte vezes mais.”

J.H. Kellog. M. D.

Superintendente Médico do Sanatório de Battle Creek. Michigan

“Atualmente se tem comprovado o fato científico de que o homem não pertence aos carnívoros.” Agora é do conhecimento de todos o fato químico, que ninguém pode refutar, de que os produtos do reino vegetal contêm tudo que é necessário para a completa manutenção da vida humana.

“A carne é alimento antinatural e, portanto tende a criar perturbações funcionais. Devido ao que consome, a civilização moderna encontra-se afetada em alto grau por terríveis enfermidades facilmente comunicáveis ao homem, como o câncer, a consunção, febres, vermes intestinais, etc. Não deve nos causar admiração que o comer carnes seja uma das mais sérias causas das enfermidades que herdamos 99 por cento dos que nascem.”

Josiah Oldfield, D.C.L. – M.A. – M.R.C.S. – L.R.C.P.

Médico Sênior, Lady Margaret Hospital. Bromley

“Setenta e cinco por cento das mais terríveis enfermidades que sofremos (de fato não são enfermidades, mas envenenamentos ocasionados por alimentação antinatural), a loucura sempre aumentando, o câncer sempre crescente, nossa debilidade e deterioração, podem ser devidos com toda probabilidade ao nosso desprezo pelos ensinamentos da natureza. E a natureza diz, de uma maneira que não dá lugar a dúvidas, que o homem é um animal frugívoro e não carnívoro.”

Alexander Haig M.A.M.D., F.R.C.P. (1906)

3.^a - É mais natural ao homem, cujos dentes não possuem a menor semelhança com os dos animais carnívoros e cujo canal alimentício parece melhor adaptado para uma dieta vegetariana e não carnívora.

“O homem é um animal frugívoro e nem seus órgãos internos, nem seus dentes, nem sua aparência externa se assemelham, de alguma maneira, aos de animais carnívoros.”

“O corpo do homem e o dos antropoides não só são peculiarmente semelhantes”, diz Haeckel, “como praticamente são um e o mesmo em tudo de importante. Os mesmos 200 ossos, na mesma ordem e estrutura, formam nosso esqueleto interno; os mesmos 300 músculos afetam nossos movimentos; o mesmo pelo reveste nossa pele; o mesmo coração quadri-departamental é o pulsômetro central de nossa circulação; os mesmos 32 dentes estão colocados na mesma ordem em nossas queixadas; as mesmas glândulas salivares, hepáticas e gástricas regulam nossa digestão; os mesmos órgãos reprodutores asseguram a continuidade de nossa raça.”

Prof. J. Howard Noore. (Chicago University)

“O homem não se assemelha ao animal carnívoro. Não há exceção (a menos que o homem seja uma) à regra de que os animais herbívoros têm os cólons celudados. O orangotango se parece perfeitamente com o homem na ordem e no número de seus dentes.”

“O orangotango é o mais antropomórfico da tribo dos macacos, todos os quais são estritamente frugívoros. Não existem outras espécies de animais, que vivam de alimentos diferentes, nas quais exista esta analogia.”

Prof. Baron Cuvier. “Leçon d’Anatomie Comparative”

4.^a - Proporciona maior força.

Aqueles que comem carne vangloriam-se do grande vigor de seus corpos, mas não têm a resistência dos vegetarianos. Aqueles podem efetuar uma grande soma de trabalho, por um curto tempo, quando estão bem alimentados, mas logo se sentem famintos e fracos; enquanto que os segundos podem resistir longos períodos de trabalho nas mais duras condições.

“Em 1906 e 1907 efetuou-se uma série de experimentos na Universidade de Yale, pelo professor Irving Fisher, para comprovar a relativa resistência dos que comem carne e dos que se abstém dela.” Quarenta e nove pessoas foram postas à prova, sendo atletas os carnívoros; e se tomou o maior cuidado para se obter a evidência exata, com os seguintes resultados:

“Na prova de manter o braço estendido, o máximo alcançado pelos que comem carnes foi, escassamente, mais da metade da média dos que não comem, um dos quais sustentou um braço por 160 minutos, outro 176, e outro, ainda, 200 minutos.”

“No dobramento completo dos joelhos, a média dos partidários da carne foi de 383 vezes e a dos não partidários de 731.”

“Experiências semelhantes, feitas na Universidade de Bruxelas no mesmo período, revelaram os mesmos fatos e demonstraram uma superioridade média de 50% em trabalho e capacidade de resistência em favor dos vegetarianos; e o demógrafo anotou o recorde de que, tratando-se destes,

somente a quinta parte de tempo foi necessária para recobrem-se da fadiga, em comparação com o requerido pelos come-carnes.”

Charles Darwin escreveu: “Sempre me assombrou o fato de que os trabalhadores mais extraordinários que vi, os operários das minas do Chile, vivam exclusivamente de alimento vegetal, incluindo muitas sementes de plantas leguminosas”.

“A carne é absolutamente desnecessária para uma existência perfeitamente saudável; e à base da dieta vegetariana é que se pode fazer o melhor trabalho. Já nos demos conta de que é melhor recorrer a todos os meios de se evitar a enfermidade, e não meramente tentar curá-la quando se apresenta; o movimento vegetariano ajudará muito, segundo creio, para isso.”

G. Sims Woodhead, M.D., F.R.C. – P.F.R.S.
Professor de Patologia – Cambridge University

“Não requer demonstração para os fisiólogos, mesmo se uma maioria da raça humana não estivesse constantemente demonstrando, o fato de que é facilmente possível manter a vida com produtos do reino vegetal, e minhas investigações mostram, não só que isso é possível, como também que é infinitamente preferível em todo sentido, e que produz poderes superiores, tanto mentais como corporais.”

Alex Haig, M.D., F.R.C.P.

“O Ácido Úrico na Produção de Doença”

“Como médico desejo agregar meu testemunho, tanto pelos resultados de experiência pessoal como pelos muitos anos de observação em hospitais e prática privada. Sustento que comer carne é desnecessário, antinatural e insalubre.”

“Que não é necessário, para o mais alto desenvolvimento do corpo e da mente, se prova pelo êxito fenomenal alcançado por atletas vegetarianos, e por inumeráveis exemplos de célebres filósofos, escritores e acadêmicos, sejam antigos ou modernos, bem conhecidos como vegetarianos.”

“O hábito é antinatural, porque implica a violação da lei de nosso ser. O homem foi criado como criatura frugívora. Esse fato científico é evidente quando se compara o humano com animais carnívoros, dos quais difere completamente quanto a órgãos internos, dentes e aparências externas; enquanto que, anatomicamente, guarda a mais estreita semelhança com os monos antropoides cuja dieta se baseia em frutas, cereais e nozes.”

“Que comer cadáveres de animais assassinados é insalubre, demonstra-se evidentemente pelo sem número de enfermidades que daí resultam.”

John Wood M.D. (Oxon)

5.^a - Produz menos paixão animal.

A dieta de carnes intensifica a natureza inferior do homem e produz uma ânsia de bebidas fortes, as quais, por sua vez, aumentam as paixões animais.

“Durante seis meses, em 1908, foram ministradas a dez mil crianças, em Londres, comidas vegetais pela senhorita F.Y. Nicholson, secretária da Associação Vegetariana Londrina; e numa outra cozinha, mantida pelo Conselho do Condado de Londres, se alimentava com dieta de carnes a um número igual de crianças; ao fim dos seis meses foram examinadas por uma comissão de médicos e se demonstrou que as crianças vegetarianas encontravam-se com melhor saúde, com mais peso, com musculatura mais firme e de pele mais clara, do que os alimentados à base de carne.”

“Muitos milhares das crianças mais pobres de Londres são agora alimentados com dieta vegetariana pela Associação Vegetariana Londrina, sob a Superintendência do Conselho do Condado de Londres e a pedido das mesmas.”

Surgem logo considerações de outra ordem: a crueldade para com os animais; o pecado de matá-los e a degradação do matadouro. Todo aquele que se alimenta de carne morta estimula esse horrível trabalho e tem sua parte na responsabilidade que daí dimana.

E assim podemos compreender quão sujos devem encontrar-se os que comem carne, apesar da lavagem externa de seus corpos e não obstante seus trajes perfumados.

P 32: Se o senhor não considera como limpeza o mero asseio do corpo e o uso de vestimentas limpas, a que o senhor chamaria pureza genuína?

R: Naturalmente, o banho diário e as roupas limpas são necessários; mas apenas essas coisas não constituem a pureza. O corpo físico do homem é tão somente um de seus sete constituintes, enquanto que a pele de tal corpo nem sequer é a centésima parte do mesmo. Por conseguinte, como poderia considerar-se limpo todo o corpo, e muito menos todo o homem, pela simples lavagem de sua pele? Só pode ser chamado de puro aquele corpo cujo conjunto, incluindo sangue, músculos, ossos, etc., esteja formado por partículas puras. Porém se o convertemos em cemitério introduzindo nele cadáveres de animais, nunca poderá estar realmente limpo.

“A lâmpada produz luz brilhante quando o pavio e o azeite estão limpos.” O alimentar-se com carne faz o corpo físico um instrumento pior e atrai dificuldades para a alma, já que se intensificam as emoções indesejáveis e as paixões baixas.

É muito certo que a pureza de alma e coração é algo mais importante para o homem do que a do corpo. Entretanto, com toda segurança, não se encontra uma razão pela qual não devamos ter ambas. Já existem dificuldades suficientes para se adquirir o autocontrole e não necessitamos acrescentar mais uma à lista. Embora um coração bondoso nos ajude mais que um corpo puro, este pode servir-nos grandemente e nenhum de nós encontra-se tão adiantado no caminho da espiritualidade que possa desprezar a grande vantagem que nos proporciona.

P 33: Se de acordo com as teorias modernas tudo que existe tem vida, por que não poderíamos comer animais assim como comemos vegetais?

R: Pela simples razão de que os animais possuem um sistema nervoso muito sensível e os vegetais não; e por acaso o canibal, se pudesse, não acrescentaria um homem à sua lista, para fazer com toda pertinência a mesma pergunta: Por que não poderíamos comer igualmente homens, além dos animais e vegetais? Como regra geral, a vida na árvore ainda não se acha suficientemente desenvolvida para ser muito consciente de prazer ou dor; experimenta um vago prazer sob a luz solar ou a chuva; uma leve dor sem eles. O vegetariano alimenta-se de coisas vivas assim como o carnívoro, já que todas as coisas vivem; mas utiliza coisas vivas que não sofrem dor ao serem usadas, como alimento. De igual maneira, embora estejamos inalando miríades de criaturas viventes, em nada elas se prejudicam por uma longa permanência em nossos pulmões.

P 34: *Todavia observamos na natureza que os animais maiores vivem dos menores; o peixe grande come o pequeno; em que reside, pois, a objeção para que o homem siga também aquela regra e viva de carne animal?*

R: Não se podem aplicar as leis do reino animal ao reino humano. Embora um animal mais forte mate o débil para fazer dele seu alimento, não se pode acusá-lo de assassino. Igualmente, um cachorro ou um gato, ao comerem seus próprios filhotes, não cometem pecado nem são castigados. Enquanto que se um homem seguir uma conduta semelhante, mereceria um castigo. A responsabilidade pelo bem ou pelo mal é proporcional ao desenvolvimento intelectual e moral; portanto, as leis para animais não podem ser aplicadas ao homem.

P 35: *Mas muitos de nossos antepassados viveram de carne toda sua vida e não foram piores; assim, por que deveríamos tentar ser melhores que eles? Por acaso a natureza se opõe a que o homem seja carnívoro?*

R: Existem ainda, em certas partes do mundo, selvagens que comem seres humanos. Eles poderiam apresentar o mesmo argumento, por parecer-lhes que a carne humana é um alimento delicioso e natural. Algumas pessoas comem grilos, ratos e vários outros animais ou insetos que nos parecem tão repugnantes. De igual modo, o mastigar e engolir carne morta, embora natural e agradável para uns, parece a outros muito repulsivo e oposto à lei da piedade.

Segundo temos visto, o mundo científico vai se convencendo mais e mais do fato de que “o homem pertence não aos carnívoros, mas aos frugívoros”, ainda que o sistema humano de alimentação pareça de tal maneira adaptado que permite ao homem viver daquilo de que dispõe, seja carne ou alimento vegetal. Mas embora não possamos estabelecer que a intenção da natureza é que o homem seja um dos dois, carnívoro ou frugívoro, parece ser sua tendência efetuar mudanças nos costumes e hábitos dele à medida que avança em intelecto e espiritualidade e compreende melhor a diferença entre o certo e o errado. Uma coisa errada não deixa de sê-lo pelo fato de muitos a praticarem. O homem foi definido com “um animal que pensa” e não deveria abandonar seu direito a um juízo independente, mas ao contrário, aplicar a

prova do senso comum a todos os assuntos da vida. Qualquer hábito ou costume, que novo conhecimento e experiência demonstram ser equivocado e pernicioso, é um obstáculo para uma vida mais elevada e um prejuízo para o progresso humano.

A dieta de carne não só torna o corpo físico um instrumento pior para o homem: este, introduzindo repugnantes impurezas dentro dele, fabrica um corpo astral muito tosco e sujo, com fortes paixões animais. Como tem de viver a primeira parte de sua vida *post-mortem* nesse corpo astral, compreende-se que deverá sofrer agudamente em consequência daquelas paixões.

E assim, em vez de nos alimentarmos com carne, meramente porque assim o fizeram nossos antepassados, deveríamos considerar como um dever o viver à base de vegetais, já que o conhecimento e o senso comum provam que isso é mais puro, mais saudável e mais adequado ao homem.

Além do mais, o corpo do homem é um templo de Deus e não deveria converter-se em cemitério. Nenhum dos ocultistas, profetas ou outros portadores de luz, jamais viveram sob essa repulsiva dieta nem a recomendou como alimento. Entre milhares de testemunhas de peso acerca da suficiência e superioridade da dieta frutívora encontram-se os seguintes nomes universalmente conhecidos: Pitágoras, Platão, Aristóteles, Sócrates, O Buda, Zoroastro; os apóstolos cristãos São Tiago, Mateus, Pedro e São Tiago o Menor; Hipatia, Jâmblico, Diógenes, Plutarco, Sêneca; os padres da Igreja: Tertuliano, Orígenes, Crisóstomo, Clemente e outros; Milton, Isaac Newton, Benjamin Franklin, Nelson, Wellington, Shelley, Swedenborg, Newman, Michelet, Dr.^a Annie Besant, Edison, Bernard Shaw, etc.

P 36: Dizem que os que abandonam a alimentação de carnes adoecem e têm de voltar a essa dieta. Por que é assim e o que deveriam fazer?

R: Não só cada um de nós tem sua própria consciência como “EU”, mas também cada átomo, cada molécula, cada célula em nosso corpo, tem sua própria consciência individual. O “EU” em nós é consciente do corpo como um todo, mas não das células individuais. De igual modo, as células não têm consciência do habitante do corpo. Agora, se as células foram treinadas ao longo de certo sistema, ou deixou-se que adquirissem um hábito ou tendência particular, continuarão com seus costumes até que sejam impedidas de fazê-lo. Isso se deve ao que é chamado de “memória inconsciente da célula”, e, portanto, se às células ou a todo corpo marcou-se uma tendência particular, esta se converte num hábito arraigado. Dessa maneira formam-se as manias do corpo e é muito difícil livrar-nos delas quando já foram adquiridas. Igualmente, uma criança que começa a escrever terá a mesma dificuldade para fazê-lo com a mão direita ou com a esquerda, mas uma vez que tenha aprendido, seja com uma ou com outra, essa mão começa a escrever logo que pega a caneta, coisa que a outra não poderá fazer bem porque não cultivou tal tendência. E assim se explica facilmente a dificuldade de acabar com o mau hábito de comer carne. Quando alguns pais ignorantes dão a um filho, pela primeira vez, pedaços de tão detestável substância, manifesta-se imediatamente uma repugnância natural; mas quando as células do delicado

corpo tiverem aprendido, mediante prática diária, a obter nutrição de tal matéria, manterão uma tendência nessa direção; adquiriram o hábito e exigem logo o mesmo material impuro. Quando as crianças assim habituadas compreendem mais tarde seu erro e desejam abandonar a dieta da carne, colocam seu corpo em grave apuro, pois as células, acostumadas àquela má tendência, rebelam-se frente à mudança e às vezes o corpo físico adocece por causa da pressão de apetites e ânsias não satisfeitas.

Porém isso não significa que a dieta da carne seja necessária. Quando, devido à persistência de repetidos esforços, as células chegam a habituar-se à dieta vegetariana, e abandonando sua antiga má propensão adquirem o novo costume, antes tão afeito a comer carnes, sentem agora repugnância ao mero odor destas e os vegetais chegam a deleitá-las; e ocorrem casos numerosos em que pessoas que subitamente se tornam vegetarianas encontram logo notável melhora de saúde.

“Observei crianças de todas as idades, que haviam sido acostumadas a comer carne e que repentinamente se encontraram sob condições nas quais não podiam obtê-la; observei jovens e homens de idade madura, alguns que levavam uma vida sóbria e outros que eram *bons vivants*, que abandonaram a carne imediatamente e por completo com o mais feliz dos resultados.”

“Tive sob minha observação pessoas que durante 60, 70 (e num caso 75) anos haviam seguido a dieta ordinária e que, de um só golpe de ânimo, suspenderam toda carne, sumos, extratos, etc., e em nenhum caso poderia dizer que vi um resultado prejudicial; enquanto que, na maioria dos observados, pude comprovar aumento de vigor, ao mesmo tempo em que experimentavam certo sentido de agilidade e liberação, como se sua própria vitalidade se visse livre de alguma carga ou peso.”

“Se me perguntarem: Por acaso perderam força ou debilitaram suas energias os que abandonaram a alimentação de carne? Minha resposta seria que, na generalidade dos casos, decididamente eles afirmavam encontrarem-se mais fortes e ágeis de corpo, mais vigorosos e desembaraçados de mente.”

Josiah Oldfield D.C.L., -- M.R.C.S., -- L.R.C.P.

Médico Sênior da Lady Margaret Fruitarian Hospital, Bromley.

No entanto, o modo seguro de passar de uma dieta de carne para outra sem ela é abandoná-la gradualmente. Primeiro de tudo, de maneira absoluta, parar de comer porco sob qualquer preparado ou derivado. Um viciado come-carnes, alguém que a coma três vezes por dia, deverá comê-la duas vezes por dia durante quinze dias; depois, uma vez a cada terceiro dia durante outra quinzena; em seguida, uma vez por semana e, após a segunda semana, abandoná-la definitivamente.

Algumas pessoas confundem todo o assunto quando começam a ser vegetarianas. À medida que gradualmente se elimina a carne, o que colocar em seu lugar? Muita gente começa imediatamente a comer grande quantidade de pão, aveia, pastéis, empadas, e tudo que contém açúcar. Ao perder o estímulo da carne, chega à ânsia de outro estimulante para substituí-lo. Chá,

café e açúcar parecem ser os favoritos, e logo se abusa deles. O corpo começa a acumular gordura, às vezes adoece, em quase todos os casos há distúrbios digestivos mais ou menos sérios, cujos efeitos não aparecem durante um longo tempo.

Outras pessoas que tinham vivido principalmente de carne com batatas e repolho, pensam que basta suprimir aquela e viver destes. Como as batatas são amido e o repolho quase pura água, não podendo ditas pessoas viver só de amido e água, terão de ingerir outros alimentos, que produzam tecido carnoso. Os livros modernos informam detalhadamente sobre que quantidade e proporção das diferentes classes de alimentos são necessárias; quanto dos alimentos que formam tecidos e músculo; quanto dos que formam osso, sangue, etc.; quais produzem carboidratos, proteínas, etc. Dão também longas listas de bons alimentos, embora somente alguns deles possam ser convenientes a certos corpos; e aqueles que desejarem viver à base de dieta vegetariana deverão provar e encontrar por si mesmos quais os recomendáveis. Se tiverem transtornos digestivos, é porque estão confundindo a classe requerida de alimento. Deverão experimentar outros e acabarão encontrando os mais apropriados, a menos que seus órgãos se achem irremediavelmente enfermos. Os vegetais crus e as frutas são os mais indicados. Há que se evitar o aumento do consumo de substâncias com amido, bem como de açúcar, chá e café, suprimindo estes dois últimos, se possível. As saladas de vegetais não cozidos deverão substituir a carne; e comer tanta fruta sem cozimento quanto possível. E deve ser usado somente pão de trigo integral.

P 37: Se um homem sofre de enfermidade fatal ou crônica e o único remédio é um alimento de carne, ele pode ser ingerido sob prescrição médica?

R: Essa pergunta se baseia numa suposição sem sentido. Seria como perguntar: “Se um quadrado fosse redondo, quantas quinas teria?” Não existe enfermidade alguma para a qual comer carne seja o único remédio. De fato, a dieta de carne nunca é receitada para curar males. Quando os médicos ocidentais permitem que o enfermo coma carne, geralmente é sinal de que ele começa a melhorar. Mesmo supondo a possibilidade do caso proposto na pergunta, a pessoa aludida deverá tomar em consideração seus deveres e seu grau de evolução espiritual. Um *sanyasi* de alma espiritualmente evoluída, diante das duas alternativas, deixaria morrer seu corpo, enquanto que um homem vulgar tentará conservá-lo por todos os meios.

No caso de uma enfermidade séria ou crônica, se a prescrição médica for comer carne, o paciente deverá mudar de médico e não de dieta. Os considerados doutos diferem tanto de opinião como os incultos, e devemos sempre buscar um médico cujas opiniões sobre esses assuntos não se oponham às nossas. Muitos médicos proeminentes, em todo o mundo, estão chegando à conclusão de que comer carne é a raiz da maior parte das enfermidades e estão substituindo tal dieta pela vegetariana. Conforme já se disse, a carne produz grandes quantidades de ácido úrico e este origina a tuberculose, a gota e muitas outras enfermidades sérias.

P 38: *O senhor também descarta os vinhos e narcóticos?*

R: O álcool, sob qualquer forma, produz um efeito direto e pernicioso em regiões importantes do cérebro e causa no homem um dano ainda maior do que a carne, porque entorpece o desenvolvimento de seus poderes internos e detém seu crescimento moral e espiritual. Todos os narcóticos são igualmente danosos, embora menos que o vinho e demais bebidas alcoólicas.

P 39: *É verdade que vosso Regulamento exige que os sócios permaneçam sem casar-se?*

R: Isso não é exigido, pois existe em nossa Sociedade perfeita liberdade de opinião e de ação. Além disso, como muito poucos podem ter um controle completo sobre suas paixões, afastar das pessoas a ideia do matrimônio significaria um aumento de imoralidade.

Outrossim, uma pessoa casada tem de cuidar e manter sua família e, por conta disso, desenvolve em si mesmo a qualidade de amor desinteressado, vida após vida, de tal sorte que mais tarde aprenderá a trabalhar e a amar todo mundo. Pelo contrário, quem se abstém do matrimônio, ordinariamente ocupa-se de seu próprio interesse e tende, por conseguinte, a desenvolver a baixa qualidade do Egoísmo; portanto, a vida matrimonial é a que se aconselha para os homens em geral, e inclusive àqueles que, mesmo sendo muito dedicados e ardentes trabalhadores pela Teosofia, tenham ainda laços que os prendam ao mundo. Mas para aquele que tiver perdido por completo o interesse pela vida mundana, que tão somente deseje conhecer a verdade a fim de ajudar os demais, e que esteja bem disposto a alcançar seu fim, o celibato é o melhor, porque assim como ninguém pode servir a dois senhores, é igualmente impossível para tal homem perseguir ambos os objetivos: o ocultismo e levar uma vida mundana. Se fosse colocado à prova, falharia em seguir perfeitamente qualquer um deles. Daí o celibato ser desejável e mesmo necessário para os poucos que estão decididos a encontrar a senda que conduz à mais alta meta. O matrimônio é também incompatível com certas formas especiais de Yoga – os sistemas que levam a uma expansão da própria consciência além do físico – e devem permanecer celibatários os homens e mulheres que desejarem segui-los. Por outro lado, existem casos em que o matrimônio é necessário para fornecer corpos requeridos por certo tipo de almas e para perpetuar alguma raça ou família útil. Por último, se ocultistas se casam com ocultistas, se ajudariam antes de estorvarem-se mutuamente.

P 40: *Encontramos no mundo mais miséria do que felicidade. Por que, então, deveríamos empregar nosso tempo e energias no estudo da Teosofia, em vez de utilizá-los em investigações e inventos que possam aliviar um pouco a grande miséria do mundo?*

R: Toda miséria e dor no mundo podem ser classificados de três modos: 1) ADHYATMICO, 2) ADHYBHAUTICO, 3) ADHYDAIVICO.

O primeiro inclui toda dor mental e física; o segundo, todo castigo e desgraça ocasionados por roubos, animais selvagens ou venenosos, acidentes

ou abusos de confiança; enquanto se inclui no terceiro toda classe de infelicidade motivada por causas naturais, como o sol, a eletricidade, tremores de terra, frio, calor, vento, chuva, etc.

Dessas três classes são todos os males do mundo. Agora, se consideramos a primeira, isto é, as aflições do corpo e da mente, verificamos que apesar de milhares de médicos e de inventores de novos medicamentos para curar todos os tipos de enfermidades às quais a carne está sujeita, até hoje não fomos capazes de exterminar o sofrimento corporal. Ainda que toda a humanidade se ocupasse de estudar a ciência médica, não poderíamos abolir todas as enfermidades corporais e mentais, pois muitas delas são congênitas, como a loucura, cegueira, surdez ou manqueira de nascimento, enfermidades que nenhum médico pode curar.

No que diz respeito às dores mentais: o não conseguir algo muito desejado; o contato com objetos ou circunstâncias que não desejamos; a perda de alguma coisa muito estimada; a morte de algum ser amado; etc.; são algumas das causas que produzem aquelas aflições. Que poder temos para evitá-las? Supondo que possamos prevenir ou afastar toda aflição e dor mencionadas no primeiro item, que segurança se teria contra os males procedentes das outras duas fontes, ou seja, de animais selvagens ou venenosos, de roubo ou fraturas; de raios, insolação, escassez de chuvas e conseqüente fome, etc.?

P 41: *Como, pois, podemos libertar o mundo de toda classe de penas, misérias e enfermidades?*

R: Há somente um remédio: o Conhecimento.

P 42: *Mas como podemos nos defender de enfermidade corporal, de veneno, de insolação, morte acidental, males congênitos, etc., simplesmente pelo conhecimento?*

R: É claro que curar uma enfermidade depois de tê-la adquirido é algo como tratar de extinguir um incêndio depois que tomou força; e exatamente como o fogo ocasiona algum dano apesar da prontidão com que pudesse ser apagado, a enfermidade, uma vez contraída, ocasiona alguma dor não obstante a prontidão com que seja curada. Além do mais, não temos o poder de impedir o retorno das enfermidades. Assim como, quando comemos, a fome fica apenas temporariamente satisfeita e a sentimos de novo em pouco tempo, também todas as curas atuais estão calculadas para depois da manifestação das enfermidades e de modo algum são preventivas ou remédios para que não nos invadam.

Enquanto não conhecemos a causa-raiz de todas as aflições e doenças do mundo, não podemos colocar-lhes fim; nosso tempo transcorre meramente em lutar contra elas quando começam a molestar-nos. Isso não implica que o tratamento das enfermidades seja coisa inútil. Pelo contrário, é tão necessário como apagar um grande incêndio. Mas em vez de estar constantemente apagando o fogo que uma criança que brinca com uma caixa de fósforos coloca num monte de feno, é melhor afastar a causa: a criança ou os fósforos.

Igualmente, é óbvio que seria melhor retirar a causa do mal ou da enfermidade no mundo e pôr fim assim a toda miséria.

Existe uma lei de causa e efeito que rege o mundo e que determina que não possa haver efeito sem causa. Agora, se conhecemos a causa que produz a dor e a desdita, podemos, retirando a causa, acabar com toda pena e aflição no mundo.

P 43: *Como é possível para nós conhecer a causa?*

R: A raiz de todo mal e miséria é a ignorância. O Senhor Buda disse que todo sofrimento vem dela. “Dissipai a ignorância, tornai-vos sábios para os homens, e então todas as dificuldades se desvanecerão.” Um Mestre de Sabedoria diz: “Aqueles que estão de Seu lado (de Deus) sabem por que estão ali e o que devem fazer, e estão tentando fazê-lo; todos os demais ignoram ainda o que devem fazer e por isso frequentemente agem equivocadamente”.¹

¹(AOS PÉS DO MESTRE)

O homem ordinário não tem ideia das leis da natureza no mundo físico; muito menos nos mundos mental e moral. Não conhecendo quem é ele próprio e em que consiste sua verdadeira felicidade, vai loucamente atrás do mal e, em consequência, sofre dor e desventura. E assim, até que adquira o conhecimento das leis da vida e da natureza, mediante o estudo da Sabedoria Divina ou Teosofia, não poderá ver-se livre de penas e sofrimentos.

P 44: *Como me ajudará a Teosofia a adquirir um conhecimento completo das leis da vida e da natureza, e por que deveria eu ser teósofo?*

R: Conforme já se explicou, a Teosofia é uma síntese de toda religião, filosofia e ciência. A ciência fez grandes progressos no passado, mas hoje se encontra em apuros. A Teosofia pode ajudá-la com uma teoria inteligente que abrange: o Universo, desde a substância primordial; o universo objetivo, com suas incontáveis entidades viventes e relacionadas com o homem por meio do corpo e dos sentidos deste; os sete planos da natureza; etc. Assim, a Teosofia, a Ciência da Alma, toma o estudante cientista pela mão e o conduz ao longo de novas avenidas do pensamento.

Também é a Teosofia base da Religião e da Filosofia da Vida. Vemos toda classe de problemas sociais: extrema pobreza e extrema riqueza, desesperada miséria e degradações que partem a alma, lado a lado com grande progresso em ciências e artes. Os ensinamentos teosóficos explicam a causa-raiz do mal, apontando o meio seguro de escapar dele.

Às vezes são listadas as dez seguintes “boas razões para estudar a Teosofia”:

1.^a - Resolve o enigma do Universo, harmonizando os fatos da Ciência com as verdades fundamentais da Religião.

2.^a - Comprova que vale a pena viver a vida, pois a torna inteligível demonstrando que a justiça e o amor guiam sua evolução.

3.^a - Elimina o temor da morte e muito da tristeza que ocasiona, reconhecendo que vida e morte, gozo e pesar, são incidentes que se alternam num ciclo de progresso ilimitado.

4.^a - Insiste no lado otimista da Vida, proclamando que o homem é o arquiteto de seu próprio destino, criatura de seu passado e pai de seu futuro.

5.^a - Demonstra o Poder, a Sabedoria e o Amor de Deus, apesar de toda a tristeza e infelicidade do mundo.

6.^a - Traz confiança ao desesperado, ensinando que nenhum esforço se perde e nenhum erro é irreparável.

7.^a - Proclama a Paternidade de Deus e, portanto, que o homem é Seu filho e tem como meta final a perfeição.

8.^a - Declara a universalidade da lei de causação, afirmando que “qualquer coisa que o homem semear, isso colherá”, neste e nos outros mundos.

9.^a - Considera o mundo como uma escola à qual o homem voltará algumas vezes até aprender todas as lições.

10.^a - Afirma a Fraternidade dos homens e dá uma base de união para todos os que desejarem trabalhar para realizá-la.

“A Teosofia leva à Ciência novos reinos a conquistar, levanta o ânimo de quem é vítima das condições sociais, ensina o caminho para o autossacrifício perfeito, ensina sobre Reencarnação, Carma e Fraternidade. Essas são algumas das razões pelas quais você deve ser teósofo.”

P 45: *Pode-se ser teósofo de coração, estudar a Teosofia e também servir à Humanidade de todos os modos possíveis, sem pertencer à organização. Onde está, pois, a vantagem de ser membro da Sociedade?*

R: As pessoas devem vir à Sociedade não para “obter” e sim para “dar”, para serem colaboradores de Deus, derramando por toda parte a luz do conhecimento que conseguiram; para lutar, para trabalhar pelo futuro e, mediante a realização em seus corações do que está por vir, ajudar a que venha mais prontamente; para alistar-se entre os Servidores da Humanidade que se acham trabalhando pelo reconhecimento de uma Fraternidade espiritual entre os homens.

Portanto, é um privilégio ingressar na Sociedade, e trabalhar para ela é sua própria recompensa, pois a oportunidade hoje aproveitada dará a um membro maiores oportunidades de trabalho altruísta no futuro. Isso é, por si só, uma grande vantagem pessoal para um membro que vem fazer parte de um organismo vivente, do qual partilha uma vida que é de ordem mais elevada, tanto em qualidade como em quantidade, que sua própria vida individual. Em outras palavras, sua consciência pode ligar-se com a dos líderes do movimento e, através deles, com os Mestres de Sabedoria, os reais fundadores da Sociedade.

Além disso, a aplicação prática da Teosofia é Filantropia, e o verdadeiro teósofo é sempre um filantropo. Existem pessoas que dissipam suas energias, quando golpeiam de maneira independente, em lugares distintos, e não conseguem derrubar uma muralha que se levanta frente a eles. O trabalho é mais proveitoso e efetivo quando se realiza sob um esforço concentrado, por um grupo ou uma Sociedade, do que quando é realizado por indivíduos

separadamente. Os problemas do progresso espiritual e social do mundo podem ser muito melhor atendidos sob a direção dos Grandes Seres, por tal Sociedade, do que por pessoas isoladas, por mais sinceras e bem intencionadas que sejam.

Muitos não poderão deixar de ingressar na Sociedade por já terem se empenhado, em vidas passadas, no estudo da Sabedoria Antiga e por haverem trabalhado na disseminação do conhecimento espiritual. Seus cérebros não poderão recordá-lo, eles não se dão conta desse fato, porém seu Ego o conhece e aquele conhecimento reside na superconsciência. A prova de que tal memória está ali, de que a consciência está alerta nos planos superiores, consiste em que, diferentemente de outras pessoas muito cultas que sentem uma espécie de vacuidade intelectual no estudo teosófico, elas são capazes de abarcar rapidamente todos os princípios fundamentais da Teosofia e sentir como se atravessassem terreno conhecido, aflorando antigas lembranças do conhecimento assimilado anteriormente. A Lei é lei; oportunidades conseguidas não podem deixar de frutificar; e foi bom carma deles afiliar-se à Sociedade Teosófica, uma vez que no passado conquistaram o direito de pertencer a ela e por boas obras anteriores merecem o atual privilégio de difundir novamente o conhecimento teosófico.

“As riquezas do perfeito serviço feito,
Do dever da caridade cumprida,
Da linguagem amável e dias imaculados,
Nunca desaparecerão da vida,
Nem morte alguma poderá destruí-las.”

Um benefício supremo do ingresso na Sociedade consiste na percepção interna que seus membros adquirem acerca de certas verdades fundamentais – leis da Reencarnação e do Carma; fraternidade do Homem – cujo conhecimento os faz viver contentes e esforçar-se com esperança. Ignorar essas verdades traz desgosto e desespero à vida. Naturalmente, o conhecimento não tem nenhum valor se não se transmuta em serviço e, denotando a qualidade de membros da Sociedade, que alcançaram aumento de conhecimento pelo companheirismo com outros que já o detinham, espera-se serviço maior e mais efetivo.

Pelo fato de ingressar na Sociedade pode alguém capacitar-se para servir como um canal através do qual poderá ser vertida vida espiritual na religião a que pertence, e assim ter a honra de ser utilizado pelos Guardiões da Humanidade em Seu grande labor de apressar a evolução do mundo e elevar sua espiritualidade.

Um grande Instrutor disse uma vez que em todo o mundo só existem duas classes de pessoas: as que conhecem o Plano Divino, e porque o conhecem trabalham, e as que não conhecem e por isso vivem na ociosidade. Mas só é conhecimento real aquele que se insere na vida, que se vive diariamente, cujos preceitos se praticam. À medida que o homem vive as verdades, estas chegam a ser parte dele. Outros professarão uma crença nos

princípios da Teosofia e poderão estar contentes com tal crença, mas assim como “é belo o que faz beleza”, “teósofo é quem faz Teosofia”. Os membros da Sociedade, tendo se dedicado a cumprir o primeiro objetivo – A Fraternidade Universal da Humanidade –, devem tratar de converter-se em instrumentos de ajuda “impessoal” em todos os departamentos da vida, devem figurar na primeira fila de todos os movimentos voltados a espalhar fraternidade, chegar a ser fontes de felicidade espiritual para seus semelhantes e trazer iluminação às suas vidas. Em suma, devem esforçar-se por capacitar-se a si mesmos para o serviço contínuo, para serem instrumentos nas mãos dos reais Fundadores da Sociedade, os Mestres de Sabedoria. E desse modo sua filiação à Sociedade os protegerá contra uma parte de sua natureza, livrando-os do tédio ou indolência no trabalho pela fraternidade prática e pelo bem-estar da Humanidade.

Em todo o mundo os membros da Sociedade têm os mesmos ideais e crenças; isso, naturalmente, os une em estreita amizade. De tal amizade nasce uma grande cooperação e com esta vem a realização de sua força. Pois a Sociedade é como uma enorme planta elétrica que gera grande força, tanto espiritual como temporal, para a ajuda e guia da Humanidade; e nossa filiação à Sociedade nos confere o privilégio de manejar aquele poder e de ser uma das forças diretoras e espirituais do mundo.

Uns poucos membros da Sociedade agrupados em harmonia formam um centro através do qual trabalha o Mestre, pois um dos maiores entre Eles disse: “Onde dois ou três se reúnem em Meu nome, estou no meio deles”. Portanto, Eles se encontram sempre dispostos a dar de Seu poder e força onde quer que se estabeleça um canal puro; e nossa associação com outros membros serve para proporcionar tal instrumento de Sua benéfica influência e nos oferece a oportunidade de fazer-lhes um verdadeiro e louvável serviço, se estivermos sempre dispostos a ser em Suas mãos um instrumento, autoconsciente, é certo, mas facilmente adaptável – homens que se consideram partes integrantes de uma unidade e aos quais Eles podem utilizar em Sua excelsa obra da regeneração espiritual da Humanidade.

Finalmente, se um membro deveras fervoroso, mediante sua purificação interna e ações altruístas, anseia qualificar-se para ser discípulo de um dos Grandes Mestres de Sabedoria, será eficazmente ajudado em seus esforços se primeiramente filiar-se à Sociedade Teosófica externa e, depois de certo período prescrito, à sua Escola Esotérica, que ensina aos homens como apressar seu progresso na senda para elaborar, numas poucas vidas, a evolução que, de outra maneira, requereria muitos milhares de anos, conforme se explica no Capítulo X.

Os Grandes Seres necessitam de trabalhadores e alguns devem ser Seus agentes e colaboradores nos planos inferiores do mundo. Por que não seríamos você e eu que os serviríamos em Sua grande e gloriosa obra do progresso espiritual e social do mundo, da evolução da Humanidade?

CAPITULO II

DEUS E O SISTEMA SOLAR

P 46: *O senhor crê em Deus?*

R: Caso esteja se referindo a um Deus extracósmico e com forma humana (antropomorfo), ou se pensa que a relação entre Deus e o universo (ou nosso mundo) é como aquela que existe entre o oleiro e o vaso, nós negamos absolutamente tal Deus, por várias razões. Em primeiro lugar, ele é chamado por seus devotos de infinito e absoluto. Ora, a forma implica limitação, um princípio e um fim; e se Deus é infinito, ilimitado e absoluto, como podemos pensar Nele como limitado a uma forma? Em segundo lugar, se é ilimitado, deve estar em todas as partes e se está em todas as partes não pode criar um universo externo, pois onde está o espaço para a criação? Em terceiro lugar, pensar e planejar são antecedentes necessários para uma criação; e como pode o Absoluto pensar, quando isso implica relação com algo acerca do qual se pensa, algo limitado e finito? Além do mais, um criador deve fazer algum movimento no espaço para criar um universo, o que parece impossível para o Infinito, que já está em tudo. Por último, se Deus se encontra separado de Seu universo, ou seja, se Deus é uma coisa e o Universo outra coisa à parte, como o oleiro e o jarro, de onde trouxe Deus o material para a criação, se acredita-se que no princípio nada havia, exceto Deus? Portanto, não podemos crer em tal Deus, extracósmico.

Igualmente, Deus é chamado, por um lado, de todo justiça e todo misericórdia, e, por outro, o dispensador de glória e condenação, de felicidade e sofrimento para a humanidade. Mas se uma pessoa leva uma vida feliz desde o berço até a tumba, e outra deverá sofrer por toda sua vida a ciência e paciência de Deus, tal Deus poderá ser somente todo poderoso (sem ser justo) ou todo justiceiro (sem ser poderoso).

Do mesmo modo, muita gente que professa a crença de que Deus é todo poderoso crê, também, que Satã deve ser a causa de toda miséria e dor no mundo. Mas se fosse assim, implicaria que tal Deus é impotente contra Satanás e, portanto, não todo poderoso.

Além disso, chama-se Deus de onisciente, isto é, conhecedor de passado, presente e futuro; e em seguida nos dizem que seu próprio anjo se rebelou contra Ele e se converteu em Satanás. Coisa que sugere que Deus não teve a presciência de conhecer que Seu próprio anjo se rebelaria contra Ele, e, por conseguinte, não se lhe pode chamar de onisciente.

Mais ainda, considera-se a Deus como infinito e onipresente, mas não se espera encontrá-lo e olhá-lo exceto no céu. Ambas as coisas parecem incompatíveis. Se for infinito, ou sem forma nem limite, como pode estar tão somente no Céu, ou sentado ou de pé, em qualquer lugar especial? Tal Deus parece ser, simplesmente, produto de uma imaginação pueril ou de um pensamento ocioso, pois filosófica e logicamente é um absurdo.

P 47: *Poderia, pois, explicar seu conceito de Deus?*

R: Cremos na Existência Una do Uno, AQUELE que é centro de toda vida; um PRINCÍPIO Onipotente, Eterno, Ilimitado e Imutável, acerca do qual toda especulação é impossível; o Uno sem Segundo; a Existência Infinita, Perdurável, Inalterável, o Eterno HOJE sem passado, presente ou futuro; o Logos Manifestado, fora de espaço e tempo; chamado no Zoroastrismo *Zarwané-Akrané* ou o Espaço Insondável; a Três-vezes-desconhecida Obscuridade Inefável, do Sistema Órfico Grego; chamada, pelos hindus, *Parabrahman*; o Supremo *Brahman*; *Paramatman*; o Ser Supremo; o bem, *Nirguna-Brahman* (*Brahman* sem atributos, incondicionado), para distinguir o estado de não manifestação de *Brahman*, o Todo, do estado de manifestação sob o qual *Brahman* é denominado *Saguna-Brahman* (o que possui atributos, o que é condicionado), o *Brahman* revelado: o Supremo *Ishvara* com Seu universo.

D'AQUELE (ou d'AQUILO), tudo procede; para AQUELE tudo retorna. AQUELE inclui dentro de si mesmo tudo o que sempre foi, é e pode ser. Como uma onda se levanta no oceano, assim surge um universo no TODO; como a onda desaparece logo no oceano, assim o universo se submerge novamente no Todo. Como o oceano é água e a onda uma forma ou manifestação da água, assim também há uma existência e o universo é uma forma ou manifestação da Existência. "Verdadeiramente, tudo isto é *Brahman*." Assim, pois, todos os Universos surgem do Todo e desaparecem nele; nascem e morrem em Sua imensidade.

P 48: *Foi, então, o Um sem Segundo quem produziu nosso Sistema Solar?*

R: Não, não diretamente. Provindo da profundidade da Existência Una, um Logos, impondo-se a si mesmo um limite, chega a ser o Deus manifestado, e, traçando a esfera limite de Sua atividade, demarca a área de Seu Universo. O manifestado e o não manifestado são, simplesmente, "os dois estados de *Brahman*". Esse Logos manifestado não é "o Segundo", mas "O Um" em manifestação: o *Saguna-Brahman* acima mencionado; o que tem atributos; o Logos Cósmico; o Supremo Regente do Universo; o Um existente por si mesmo; a Raiz e Causa de todos os seres, também denominado algumas vezes *Purushottama*, o Espírito Supremo, O Ser. Consigo Mesmo como Espírito, Ele revela o outro aspecto do Todo, que se chama *Mulaprakriti*, a raiz da matéria. Ele manifesta uma parte de Si Mesmo; estabelece o universo com uma porção de Si Mesmo, toda-transcendente, que tudo compreende, o Deus manifestado, autolimitado pela manifestação. Ele se revela prontamente sob aspecto triplo, os três grandes Logos da evolução cósmica, e assim aquela *Trimurti* ou Trindade é o aspecto, para o universo, do Deus manifestado.

Associadas com a obra do Logos Cósmico no Universo há sete Personificações de Sua natureza, chamadas os Sete Logos Cósmicos Planetários. Todos os astros no firmamento, que sejam centros de grandes sistemas evolucionários, pertencem a um ou outro desses grandes Sete e são,

de certa maneira, expressões de Sua vida, como Eles, por sua vez, são expressões da Vida Una do Logos Cósmico.

Na Existência Una existem inumeráveis universos; em cada universo, incontáveis sistemas solares. Cada sistema solar recebe energia e é controlado por um poderoso Ser, *Ishvara*, ou Logos Solar, ou Deidade Solar. Como um Astro, o Senhor de um sistema entre as miríades de estrelas vive, se move e tem Seu ser em seu Astro Paterno, um dos Sete Grandes; contudo, Ele reflete diretamente a Vida, Luz e Glória do Um sem Segundo. Para Seu sistema Ele é tudo o que os homens entendem por Deus. Ele o impregna, não há coisa alguma que não seja Ele. Ele se acha imanente em cada átomo do sistema, interpenetrando-o todo, sustentando-o todo, e fazendo com que todo o sistema evolua. Ele está em todas as coisas e todas as coisas estão Nele. De Si Mesmo, o Logos solar trouxe à existência nosso sistema e nós, que Nele nos encontramos, somos fragmentos, em evolução, de Sua Vida; Dele todos viemos; a Ele todos retornaremos.

Contudo, Ele existe por sobre Seu sistema, vivendo Sua própria e estupenda vida entre Seus Iguais, outros Logos Solares, Astros-Irmãos em Sua Companhia. “Havendo penetrado todo o Universo com um fragmento de Mim Mesmo, Eu permaneço.” Daquela mais alta vida Dele, nada se pode saber; mas quando ele se limita, descendo a condições tais que chegue a nosso alcance, Sua manifestação sempre assume três aspectos. Na evolução de qualquer sistema solar, três dos mais elevados princípios do Logos do sistema (geralmente chamados os três Logos do sistema) correspondem e exercem as funções dos três Grandes Logos da Evolução Cósmica. E assim, a manifestação do Logos de nosso sistema é tripla; três e, fundamentalmente, uma; três Pessoas (pessoa/persona significa máscara), mas um Deus mostrando-se nesses três aspectos, que tão somente são facetas Dele. Há, portanto, um significado muito real na insistência com que a Igreja Cristã diz “adoramos um Deus na Trindade e a Trindade na Unidade, sem confundir as Pessoas nem dividir a substância”; ou seja, sem confundir jamais em nossa mente a ação e as funções das três separadas Pessoas, ou Máscaras, ou Manifestações, cada uma seguindo Seu próprio plano; porém sem esquecer por um momento a Eterna Unidade da “Substância”, que se encontra atrás de tudo no plano mais elevado.

O aspecto de *Ishvara* no qual cria os mundos é chamado *Brahma* pelos hindus e “Espírito Santo” pelos cristãos. Aquele aspecto sob o qual *Ishvara* preserva e mantém os mundos é chamado *Vishnu* pelos hindus e “O Filho” pelos cristãos. E o aspecto no qual Ele dissolve os mundos, quando já estão gastos e para nada servem, é chamado *Shiva* ou *Mahadeva* pelos hindus e “O Pai” pelos cristãos.

Imediatamente abaixo da Deidade Solar e, entretanto, de maneira misteriosa também parte Dele (como o Logos Cósmico e suas sete personificações, os Sete Logos Planetários), vem Seus sete ministros, as sete expressões de Sua natureza, os sete canais de sua Vida inextinguível, chamados os Sete Logos Planetários Solares ou os Espíritos Planetários. No Hinduísmo são denominados os Sete *Prajapatis* (Senhores das Criaturas); no

Zoroastrismo os Sete *Amesha Spentas* (os sagrados Imortais); nas tradições hebraica e cristã “os Sete Espíritos diante do trono de Deus”. As energias desses sete controlam e dirigem tudo o que acontece dentro do Sistema Solar. São Eles os Regentes dos Planetas Vulcão, Vênus, Terra, Saturno, Júpiter, Urano e Netuno. Cada um dos sete é a Cabeça e Regente de Hierarquias de entidades criadoras que trabalham, sob sua direção, para formar e preservar o sistema solar; sob suas ordens militam hostes de *Devas*, ou Seres Resplandecentes, ou Anjos, chamados nas religiões orientais de *Adityas*, *Vasus*, *Dhyan-Choans*, etc., e na tradição cristã de Anjos, Arcanjos, Tronos, etc.: as manifestações do Uno, os inumeráveis ministros da Vontade Suprema.

Presidindo sobre nosso mundo, há um grande Oficial que representa a Deidade Solar. Ele é o verdadeiro Rei deste mundo, com absoluto controle de toda a evolução que tem lugar em nosso planeta; e abaixo Dele existem ministros a cargo dos diferentes departamentos.

Assim, pois, o Deus em que cremos, o Supremo Senhor de nosso sistema, manifesta-se a Si Mesmo em Seus sistemas sob uma forma tripla, uma Trindade: o Regenerador, o Preservador, o Criador; denominados em Teosofia como o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Logos; o Pai, o Filho e o Espírito Santo do Cristianismo; *Shiva*, *Vishnu* e *Brahma* do hindu; *Kepler*, *Binah* e *Chochmah* do hebreu cabalista; *Ahura*, *Mazda* e *Ahuramazda* (ou seja: Vida, Sabedoria e a Existência Una) do Zoroastrismo. Está em todas as partes e em cada coisa e é todas as coisas. O mundo todo é tão somente uma manifestação DELE. Ele está manifestado sob incontáveis formas, em graus inumeráveis de inteligências viventes que procedem todas DELE, como mais tarde procedem DELE os vegetais, animais e homens. E assim, só existe a Vida Una exibida em infinitas formas. Do anjo ao mineral, todas são expressões daquela Vida. Não poderia existir o grão do pó se Deus estivesse ausente dele; e o mais elevado Arcanjo é somente outra expressão DELE, do Um. Assim, estando Deus imanente em tudo, todos participamos de uma mesma Vida e formamos uma Grande Fraternidade.

P 49: *Pode ser demonstrada a existência de Deus?*

R: Nenhum processo de raciocínio puramente intelectual proporciona uma demonstração da existência de Deus, completa e satisfatória a todas as mentes. Tal existência pode provar-se indiretamente pelo raciocínio, a devoção e a pureza de vida. Um detido e cuidadoso estudo da natureza evidencia a máxima probabilidade da existência de um “Divino Arquiteto” que edifica os mundos; a Existência Una parece ser uma necessidade filosófica, assim como a manifestação da Dualidade primordial (*Pratyagatma* e *Mulaprakriti*, ou seja: a raiz do espírito e a raiz da matéria) uma necessidade cósmica; *Pratyagatma*, contemplado emocionalmente, é Deus, o Supremo Senhor.

A devoção a Deus habilita o homem a sentir sua existência e a obter Dele força e Paz. À medida que um homem se faz mais puro, mais nobre, mais amoroso, começa a conhecer Deus e já não necessita de provas de Sua existência, assim como já não necessita prova da luz mediante a qual vê.

Mas a prova direta e última radica-se dentro do Ser; sua “única prova é a consciência no Ser”. Cada um de nós está completamente seguro de que existe; e assim, temos muitas existências, cada uma segura de si mesma; mas elas não podem surgir separada e independentemente, do mesmo modo que uma fonte, se não tiver água, não poderá lançar seu jorro pelos ares; esses seres surgiram do Ser Uno, são partes do Único Ser e tal Ser é Deus. Daí que a convicção do Ser é Sua única prova, a realização do Divino em nós, nosso verdadeiro Ser que reconhece o Divino Ser fora de nós, por identidade da natureza. Portanto, apenas realizando a Divindade em nós mesmos poderemos conhecer a Divindade fora de nós mesmos: aquele Ser em que “vivemos, nos movemos e temos o nosso ser”.

P 50: *Qual foi o objetivo de Deus ao criar o universo?*

R: A palavra criação se usa popularmente, nos tempos atuais, com o significado de “fazer algo a partir do nada”, o que é impossível. “O irreal não tem ser, o real nunca deixa de ser”, diz Shri Krishna na mais famosa joia da literatura ária, o Bhagavad Gita. A ideia de criação nasceu entre gente ignorante, numa idade sem filosofia. Mas em tempos remotos, o que hoje se chama criação se interpretava como um novo acerto, um reajuste em formas novas da matéria já existente, e, em vez do termo “Criador”, eram usados outros, como o Construtor Celestial, o Grande Arquiteto, o Fazedor, o Artífice, o Modelador. A palavra “criação” ainda se usa no sentido de dar nova forma ou arranjo a algo que já existe, como, por exemplo, quando dizemos que um artista “cria” um quadro ou uma estátua.

Aquela emanção, não criação, é uma manifestação da Vida Divina; a expressão natural de outra fase da divina natureza. A pergunta “Qual é o objetivo de tal emanção?” foi respondida de várias maneiras; há muitas razões possíveis, mas o certo é que, por exemplo, um gato não pode compreender por que um homem emprega seu tempo em ler um livro e não em sair correndo, perseguindo uma folha sobre o chão; a consciência do gato ainda não está suficientemente desenvolvida para ler um livro. E todos nós nos encontramos mais próximos do gato do que de Deus, num sentido, isto é, em nossa compreensão de Sua natureza.

Não obstante, alguns dizem que Deus, que é Amor, necessitava levar à plenitude de consciência muitos seres capazes de compartilhar Sua bem-aventurança e Amor; outros dizem que Ele, sendo Amor, desejou ser amado. Os cristãos dizem que o objetivo é que Ele demonstre Sua glória. O sufi diz: “Era Ele um tesouro oculto e desejou manifestar-se”. Os Upanishads dizem: “Ele pensou: Eu me multiplicarei”. “A resposta final parece ser que no Universal, no Todo, existem eternamente todos os universos, tudo o que foi, é e pode ser; mas, no tempo e no espaço, aparece um ou outro universo e logo desaparece.” “Deus” é o manifestado, o *Saguna Brahman*, ou seja, *Ishvara*, o Senhor de um Universo, e da existência objetiva, dentro do tempo e espaço, à parte do que Ele é sempre na Eternidade. O que parece certo é que o objetivo do homem ao estar aqui é desenvolver suas capacidades e refletir a perfeição Divina, isto é, “alcançar a medida da estatura do Cristo”.

P 51: *Como se formou nosso Sistema Solar?*

R: Desde o mais remoto ponto de partida ou da história cósmica que seja possível conceber, aparecem já em completa atividade os opostos de espírito e matéria, de vida e forma. O que comumente chamamos força e matéria são, em realidade, duas variedades de espírito em diferentes etapas de evolução. A raiz última da matéria, tal como se vê em nosso nível, é o que os cientistas chamam éter do espaço; nos estudos teosóficos se denomina o *Koilon*, o vazio, a negação primordial da matéria, porque o espaço que ocupada aparece vazio para os sentidos físicos. Essa substância, perceptível somente para um poder clarividente altamente desenvolvido, preenchia originariamente todo o espaço; mas algum Ser, infinitamente mais elevado que nossa Deidade Solar, modificou essa condição de repouso ao infundir Seu espírito ou força em certa seção da matéria, seção do tamanho de um Universo. A introdução de tal força formou dentro do éter um número incalculável de pequenas bolhas esféricas, denominadas em “A Doutrina Secreta” de “os buracos que Fohat cava no espaço”. Cada bolha, ou ponto de luz, é onde não se encontra *Koilon*; cada bolha é em realidade um ponto de Sua consciência e persiste somente enquanto Ele quer desalojar dali o *Koilon*. Essas bolhas são os átomos, as unidades últimas das quais se compõe o que chamamos matéria; portanto, a matéria não é outra coisa que buracos no éter.

Quando a Deidade Solar começa a construir Seu sistema, encontra esse material, que se compõe de número infinito de buracos ou bolhas, pronto para ser usado. Primeiramente, demarca o limite de Seu campo de atividade, uma vasta esfera cuja circunferência é muito maior que a órbita do mais distante de seus futuros planetas. Dentro do limite de tal esfera, Ele estabelece uma espécie de vórtice gigantesco arrastando todas as bolhas em direção a uma vasta massa central, o material que constituirá a futura nebulosa. Atuando mediante Seu Terceiro Aspecto, envia ao corpo dessa enorme esfera giratória sete impulsos sucessivos de força, reunindo as bolhas em agregados mais e mais complexos, segundo vai se explicar no Capítulo VIII ao se tratar das três Grandes Emanações.

Dessa maneira, se formam sete mundos de matéria, gigantescos, interpenetrantes e concêntricos; todos iguais em essência, pois constituídos da mesma classe de matéria, mas diferindo em graus de intensidade. Esses sete tipos de matéria ou classes de átomos se acham livremente mesclados, de tal sorte que, na menor porção de matéria tomada ao acaso, poderiam ser encontradas partículas de cada tipo. Os mais densos dessas sete classes de átomos, os átomos físicos últimos, se combinam em certos agregados para constituir certa quantidade de diferentes classes do que se pode chamar “protoelementos”, e estes se agregam de novo de várias formas, que a Ciência conhece como elementos químicos.

Esse processo se estende por grandes períodos de tempo e, à medida que as idades se sucedem, se chega à etapa de uma vasta e incandescente nebulosa. À medida que a esfera se esfria, girando ainda rapidamente, se aplanam assumindo a forma de um imenso disco e rompendo-se em anéis que

circundam um corpo central, corpo que mais tarde veio a ser o do nosso Sol. A Deidade estabelece então, em cada anel, um vórtice subsidiário acumulando ali grande quantidade da matéria do anel para formar um planeta ao redor do corpo Central. A colisão dos fragmentos acumulados ocasionou um aumento de calor e o planeta resultante foi, por muito tempo, uma massa de gás incandescente que gradualmente se esfriou, até que por fim chegou a ser apropriado para dar habitação a seres humanos.

Cada um dos planetas de nosso Sistema Solar se compõe, pois, de sete tipos de átomos, cujas agregações fornecem os sete tipos fundamentais de matéria que se encontram no sistema, sendo cada um mais denso que seu predecessor. Esses sete tipos de matéria, de diferentes densidades, constituem os denominados “planos da natureza”.

P 52: Normalmente são conhecidos apenas três estados da matéria: sólido, líquido e gasoso. O que são esses sete tipos e o que o senhor quer dizer com “planos da natureza”?

R: O que usualmente é denominado de sólido, líquido e gasoso são apenas os subestados ou subdivisões da classe inferior da matéria, a física. Toda a matéria do Sistema Solar está composta de sete tipos de átomos de várias densidades, desde a mais concentrada até a mais sutil; e cada região, com matéria composta de um tipo particular de átomo, está relacionada com uma etapa distinta de consciência, e se considera um “plano” ou mundo; por isso reconhecemos sete de tais planos no sistema solar.

P 53: O que têm a ver esses planos com a Terra, e como esta se formou?

R: Esses sete tipos de matéria que se interpenetram, agregam-se em planetas, mundos ou globos, e não se acham espalhados por igual sobre toda a área do sistema solar. Os três tipos mais finos invadem tudo, sendo portanto comuns a todo o sistema; porém as quatro classes mais densas compõem e rodeiam os planetas. A Terra, como é um dos tais planetas, contém as sete classes de matéria.

P 54: Então a Terra não está formada somente de matéria física?

R: Nossa Terra não está construída somente de matéria do plano ou mundo inferior ou sétimo, mas contém ao mesmo tempo uma provisão abundante de matéria do sexto, do quinto e dos outros mundos. Segundo foi amplamente demonstrado pelos homens de ciência, as partículas de matéria, mesmo das substâncias mais duras, nunca se tocam umas às outras. Os átomos são extremamente diminutos em proporção aos espaços compreendidos entre eles, sendo cada um como uma solitária mancha de poeira num grande salão. Igualmente, todas as classes de átomos de todos aqueles outros planos mais sutis contam com amplo espaço, não somente para estar entre os átomos da matéria mais densa como, também, para mover-se livremente ao redor deles e entre eles. Por conseguinte, o globo sobre o qual vivemos não é um mundo composto de matéria de um só tipo, mas sete globos

ou mundos constituídos por matéria de diferentes tipos, interpenetrando-se uns aos outros e ocupando todos o mesmo espaço.

P 55: *Como podem ocupar o mesmo espaço diferentes classes de matéria, sem uma deslocar a outra?*

R: Isso é possível devido a ser o espaço entre os átomos sempre muito maior do que o tamanho destes. Tome-se o exemplo de uma esponja (ou de um novelo de lã) submersa na água. A matéria sólida da esponja ocupa certo espaço; mas todos os vazios ou interstícios da esponja contem água, razão pela qual a água ocupa praticamente o mesmo espaço que a esponja. Diminutas partículas de ar se mantêm ao mesmo tempo suspensas na água, e assim as matérias sólida, líquida e gasosa ocupam o mesmo espaço naquela esponja.

P 56: *Onde se encontram situados na Terra esses diferentes planos?*

R: Os mundos sutis se encontram todos a nossa volta, embora normalmente não sejamos conscientes de sua existência. Não estão um sobre o outro, como as cascas de uma cebola, mas contidos um dentro do outro, estando encravada no coração de todos eles nossa Terra, sólida e física. O sexto mundo é maior que o sétimo (o físico) e se estende a uma distância muito maior no espaço, porém ao mesmo tempo impregna toda a matéria física da Terra. O quinto se estende além do sexto, porém impregna os outros dois como se fora vapor de água espalhado pelo ar. E assim o mundo em que vivemos não é um mundo, senão sete mundos que se interpenetram, ocupando todos o mesmo espaço, exceto que as classes mais finas de matéria se estendem, a partir do centro, mais que as densas.

P 57: *Como se denominam esses sete planos ou mundos interpenetrantes?*

R: O superior, ou seja, a região mais sutil, se chama *Maháparanirvânico*, ou *Adi*, ou Divino. O segundo se chama *Paranirvânico*, ou *Anupádaka*, ou também Monádico, porque lá residem as chispas da vida Divina, as Mônadas humanas, sendo o lugar de procedência e habitação do Ser Humano, a Mônada, o Deus no homem. O terceiro se denomina Nirvânico, ou Átmico, já que *Atma*, o mais elevado espírito no homem, conforme este atualmente se acha constituído, atua em tal plano. O quarto é o mundo Búdico ou da Intuição, o mundo das mais elevadas intuições. Esses dois últimos são chamados também de planos espirituais, pois neles o ser humano se dá conta de sua divindade. O quinto, muito mais denso, se chama Manásico, ou Intelectual, ou Mental, pois a mente humana compõe-se de matéria de tal plano. O sexto é o Mundo Astral, ou emocional e passional, porque as emoções e paixões do homem ocasionam ondulações em sua matéria; o sétimo é o Mundo Físico, do qual conhecemos apenas parte por meio de nossos sentidos. Desses planos, os dois superiores não podem ser alcançados pelo homem em sua etapa atual, já que haveremos de ser autoconscientes só nos outros cinco, atingindo na presente etapa de dispensação a nossa meta, de ser Homens Perfeitos.

Cada um desses planos se subdivide, por sua vez, em sete e assim contém sete subestados da matéria.

P 58: *Como está subdividido cada plano e o que são os subestados da matéria?*

R: Conforme afirmamos na resposta anterior, cada plano apresenta sete subdivisões e contém, por isso, sete subestados de matéria.

O sétimo plano, ou físico, tem sete subdivisões, representadas pelos sete graus de densidade da matéria. Ascendendo desde a mais tosca até a mais sutil, a matéria dessas subdivisões chama-se sólida, líquida, gasosa, etérea, superetérea, subatômica e atômica. As quatro classes de matéria mais fina compõem-se do que ordinariamente chamamos éter, de quatro densidades ou graus, sendo em si físico o éter, ainda que invisível para os olhos humanos normais. Todos esses subestados de matéria pertencem ao plano físico. Os átomos mais finos, ou átomos físicos últimos, do subplano atômico, se agregam para formar os chamados proto-elementos; e estes por sua vez se unem para constituir várias formas do que a ciência conhece como elementos químicos.

O sexto plano, ou astral, acha-se igualmente subdividido em sete, mas com duas grandes divisões: o astral inferior com quatro subdivisões e o astral superior com as três restantes.

Igualmente, o quinto plano, ou mental, tem duas divisões principais: o *Rupa-Loka* e o *Arupa-Loka*, ou seja, o Nível Formas e o Nível Sem Formas, com quatro ou três subdivisões respectivamente; inclui, embora não seja idêntico a ele, o que se chama *Devachan*, ou *Devaloka*, a residência dos Deuses, ou o “Céu”. *Devachan*, o estado de Felicidade, deriva seu nome de sua natureza e condição: nada que ocasione pena ou tristeza se encontra ali. É uma região especialmente resguardada, na qual não se permite a presença de mal algum; um lugar de bendito repouso no qual pode o homem assimilar pacificamente os frutos de sua vida física passada.

P 59: *Estão compostos de diferentes classes de matéria os distintos mundos ou planos, assim como os subplanos?*

R: Cada mundo tem seu próprio tipo de matéria, a matéria do subplano atômico, e tem também suas próprias substâncias ou agregados daquela matéria arranjados em sete subestados; mas qualquer tipo de matéria se forma da matéria mais fina do mundo imediatamente superior, razão pela qual a matéria de que se compõem todos os mundos interpenetrados é a mesma essencialmente, embora de diferentes graus de densidade e organizada de maneira distinta.

P 60: *O senhor poderia explicar isso em detalhes, no que se refere ao mundo físico?*

R: Antigamente acreditou-se que os átomos da Química eram as unidades de todas as formas físicas. Posteriormente, se comprovou que eram estruturas complexas, tanto que Sir William Crookes, num trabalho notável lido

diante de uma das Sociedades Científicas Inglesas, apresentou a teoria de uma substância primitiva, denominada “Protoilo”, subjacente na matéria física de todas as classes. Atualmente, prevalece como ideia dominante na Ciência a existência de “elétrons” ou partículas últimas.

Qualquer objeto físico, normalmente visível, dilata-se pela aplicação do calor, que aumenta as vibrações de seus componentes moleculares, e passado certo ponto altera-se sua condição para a imediatamente superior. E assim, qualquer substância pode transformar-se da condição sólida para a condição líquida (como o gelo em água), e da líquida à gasosa (como a água em vapor), aumentando as vibrações de seus componentes moleculares, até que se dividam em moléculas mais simples. Esse processo de mudar de um subestado a outro mais sutil pode repetir-se, por certos métodos, para qualquer substância física, até que finalmente ela fique reduzida a átomos físicos últimos. A razão é que, embora todas as formas da primeira subdivisão, ou atômica, sejam construídas pela compressão dos átomos físicos (que no momento compararemos a ladrilhos) dentro de certas formas, para ser construída a matéria da próxima subdivisão inferior (a segunda) congregam-se certo número de átomos físicos (ou ladrilhos) em pequenos blocos, de quatro ou cinco átomos cada um (esses ladrilhos são usados como pedras de construção). Enquanto que, para a próxima ou terceira subdivisão, tais pedras se compõem de vários blocos da segunda subdivisão, também aglomerados sob certas formas, e assim sucessivamente até a última subdivisão inferior.

Portanto, todas as substâncias físicas, toscas ou finas, acham-se constituídas por diferentes arranjos e combinações de átomos físicos últimos; e sendo todos estes idênticos (exceto por serem uns negativos e outros positivos), qualquer substância pode transmutar-se em outra, reduzindo-se primeiramente a substância aos átomos físicos últimos e reconstruindo-se depois, com estes, mediante um arranjo diferente, outra substância. Assim transferiu-se a alquimia do reino da superstição para o reino da realidade.

Os átomos físicos últimos podem também ser transformados, por certos métodos, em matéria da mais densa subdivisão do plano astral. Igualmente, o átomo astral mais fino ou último pode transformar-se em matéria da subdivisão mais densa do plano mental.

P 61: Se todos esses planos existem ao redor de nós, por que não somos normalmente conscientes de sua existência?

R: O homem chega a ser consciente de algo, ordinariamente, tão somente com a ajuda de um ou mais de seus cinco sentidos; mas é claro que não pode ser consciente do que não vê, nem ouve, nem gosta, nem toca, nem cheira. E mesmo tratando-se de coisas fisicamente toscas, não se pode confiar inteiramente nos sentidos, pelas razões e exemplos seguintes:

I. Devido à demasiada distância; o planeta Netuno não é visto, embora exista.

II. Devido à demasiada proximidade: o colírio no olho também não é visto.

III. Devido à debilidade dos sentidos: os sons não são audíveis, em caso de surdez.

IV. Devido ao tamanho extremamente pequeno: não percebemos as partículas da água no ar que nos rodeia.

V. Devido à predominância de outra coisa ainda maior: o Planeta Mercúrio não é visível sob a luz do Sol.

P 62: *Então como pode ser demonstrada a existência de coisas não cognoscíveis pelos sentidos físicos?*

R: Pode-se demonstrar pela aquisição de poderes superfísicos, que por agora se acham latentes no homem. Se a ciência fez tantos progressos conhecendo somente os três subestados inferiores do plano físico, poderia chegar a um progresso incomensurável, para o bem de todos, se alcançasse conhecimento, pelo menos, sobre os mais finos éteres, cumprindo assim, em parte, o terceiro objetivo da Sociedade.

P 63: *Como o senhor pode demonstrar a existência de poderes sobrenaturais no homem?*

R: Nada existe de “sobrenatural”, já que toda coisa tem seu lugar dentro do domínio das leis naturais.

O hipnotismo, o mesmerismo, a clarividência, a telepatia, etc., são agora fatos reconhecidos pelo mundo científico. Alguém tornado artificialmente clarividente por um hipnotizador é capaz de ver qualquer coisa, em qualquer parte do mundo, visão que não lhe é possível por meio de seus olhos físicos; e isso prova a existência de algum poder superfísico. De modo semelhante, as investigações no espiritismo demonstram a existência do plano astral e a sobrevivência do homem depois da morte, embora coisa alguma de ambas possa reconhecer-se pelos órgãos sensoriais. Por outro lado, somente somos conscientes dos efeitos de muito poucas vibrações no ar ou no éter, e a essas chamamos eletricidade, som, luz, etc., enquanto que não nos damos conta da existência de outras inumeráveis classes de vibrações, que produzem outros sons, cores, luzes, formas, etc. E isso também é admitido pela ciência.

A Teosofia demonstrou, com a força da experiência, que em cada ser existem sentidos inativos, os quais, quando estimulados, podem tornar possível a investigação no reino da matéria que normalmente existe imperceptível ao nosso redor.

Houve e há ocultistas que, desenvolvendo seus sentidos superfísicos, investigaram a parte etérea de nosso mundo e outros reinos superiores, e suas investigações são de inestimável valor para a Humanidade.

Igualmente, existem os Mestres de Sabedoria, Homens Perfeitos, que desenvolveram completamente seus sentidos sutis, pois completaram Sua evolução humana e permanecem em contato com o mundo unicamente para ajudar a humanidade em seu crescimento; e Seus discípulos também despertam e desenvolvem sentidos sutis, um após o outro, sob Sua direção, e verificam a exatidão de Suas afirmações.

P 64: *Compreendo que o mundo em que vivemos não é um único, mas sete mundos de matéria mais e mais fina, que se interpenetram, ocupando todos o mesmo espaço; porém o senhor acrescentou que as classes mais finas de matéria se estendem do centro até uma distância maior do que alcança a classe grosseira de matéria. Então, a que distância atinge a matéria dos mundos sutis?*

R: A matéria do mundo astral se estende até pouco menos da metade da distância da Terra à Lua, e assim, como os dois globos físicos – a Terra e a Lua – se encontram à distância de 239 mil milhas (382 mil quilômetros), suas esferas astrais têm contato quando a lua se acha no ponto de sua órbita mais próximo da Terra, isto é, no perigeu; mas não há contato quando se encontra mais distante da Terra, ou seja, no apogeu. O mundo mental é uma esfera de matéria mental ainda mais extensa, enquanto que nos planetas ou globos superiores temos esferas tão grandes que tocam as correspondentes esferas de outros planetas do Sistema Solar.

P 65: *Se esses planos ou mundos não podem ser comumente conhecidos por nós, que temos a ver com eles?*

R: Temos que chegar gradualmente a um íntimo contato pelo menos com alguns deles em nossa etapa atual; mas para compreender isso há que se conhecer algo da constituição do homem, conforme explica o Capítulo III.

CAPÍTULO III

A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

P 66: *Já que a constituição do homem é tão bem conhecida pela ciência ocidental, o que mais tem a dizer a Teosofia sobre este particular?*

R: A ciência ocidental descreve somente o corpo físico do homem, que não é o homem real, mas o veículo do “EU” real interno. Considerar o corpo físico como o homem real é tão equivocado como considerar a casa como o habitante dela.

P 67: *Como explica, pois, a Teosofia a constituição do homem?*

R: Segundo o ensinamento teosófico, o homem é, em essência, uma Mônada, um fragmento da Divindade, uma centelha de Deus, uma chispa do divino Fogo residindo perenemente no plano Monádico, ou *Anupadaka*, da natureza. Ele é uma individualidade, um filho que vai crescer e evoluir, até a semelhança de seu Divino Pai. Sendo essa Mônada um fragmento do Divino, contém em si mesma, em potência, toda perfeição, toda bondade. Em tal estado, e embora seja divina, parece incapaz de exercer suas energias em planos inferiores e não possui o poder de dominar detalhes físicos ou de atuar na matéria física de uma maneira definida ou precisa. O que tem de fazer no transcurso da evolução pela qual deve passar é desenvolver todos seus poderes latentes. Para os propósitos da evolução humana, o verdadeiro Ser, a Mônada, manifesta-se a si mesma nos mundos inferiores. Envolve-se a si mesma numa e noutra vestimenta, cada qual feita de matéria pertencente a uma região definida do universo; e assim se capacita o Ser para por-se em contato com cada região e adquirir, por conseguinte, o conhecimento dela. Na atual etapa do desenvolvimento humano, a evolução humana tem lugar tão somente em cinco dos sete planos da natureza.

P 68: *Mas se a Mônada reside continuamente no mundo Monádico ou Anupadaka, como pode manifestar-se nos Mundos inferiores?*

R: Quando a Mônada desce de seu plano e entra no mundo espiritual, mostra-se em três aspectos, dos quais o primeiro, que permanece sempre naquele mundo, denomina-se *Atma*, ou o Espírito no homem. O segundo, que se manifesta no plano da Intuição ou Búdico, é denominado *Buddhi*, ou a Intuição no Homem; enquanto que o terceiro, que se mostra no plano mental superior, é chamado *Manas*, a Inteligência no homem. Essa tripla manifestação da Mônada, em três diferentes níveis, como *Atma-Buddhi-Manas*, ou Espírito-Intuição-Intelecto, chama-se Ego ou a individualidade. Esse Ego é o homem durante a etapa de evolução humana no mundo de manifestação, ou universo quántuplo, e é descrito como uma semente, um germen da Vida Divina, contendo as potencialidades de seu próprio Pai Celestial, sua Mônada, que deve transmutar em poderes no curso da evolução. De fato, esse seria o equivalente mais aproximado do conceito ordinário de alma. O Ego toma sobre

si um veículo, chamado corpo causal, constituído de matéria do plano mental superior. E assim o homem, tal como o conhecemos, embora seja em realidade uma Mônada residindo no mundo Monádico, se mostra como um Ego no mundo mental superior, mediante um veículo denominado corpo causal, formado dos três subplanos mais sutis do mundo mental.

Agora, o Ego, antes de descer ao mundo físico, deve passar através dos mundos mental inferior e astral, e, ao fazê-lo, enrola em torno de si mesmo véus da matéria desses planos, que mais tarde transforma em seus corpos mental e astral. Somente depois de haver assumido esses veículos intermediários pode ter contato com o feto e nascer no mundo físico, para viver sua vida física e trabalhar ali visando obter o conhecimento dela. Ao final de sua vida, quando o corpo físico já está gasto, o Ego inverte o processo de descida, põe de lado primeiramente seu corpo físico e centraliza sua vida no corpo astral, no mundo astral. Depois se desfaz daquele veículo e permanece no corpo mental, dentro do mundo mental, por longo tempo, e, quando este é por sua vez abandonado, o Ego se encontra de novo em seu próprio mundo. Transcorrido certo tempo, repete o processo de descida até a matéria densa, tomando, uma vez mais, novos corpos mental, astral e físico.

O Ego evolui, mas por outro lado vive sem alterações, até que alcança sua meta de submergir-se na Divindade. Não o afetam nascimentos nem mortes. Como reside num corpo causal permanente, de uma a outra vida, retém a memória das experiências de todas as suas personalidades; o que comumente chamamos vida é apenas um dia de sua vida real; e o corpo físico que nasce e morre é somente uma vestimenta que acidentalmente usa para impulsionar sua evolução.

Essa, pois, é a constituição real do homem. Ele é uma Mônada, uma Centelha do Divino, e o Ego é uma expressão parcial daquela Mônada, alojado no corpo causal que lhe serve para poder entrar na evolução e regressar à Mônada com qualidades desenvolvidas e conhecimento adquirido mediante experiências. Quando volta de novo, projeta para a Terra uma parte de si mesma, chamada de personalidade, que novamente usa três corpos, o mental, o astral e o físico. Por conseguinte, quando pensamos e dizemos que conhecemos um homem aqui, no plano físico, estaria um pouco mais de acordo com a verdade dizer que conhecemos a milésima parte dele. O Ego é uma parte da Mônada, algo assim como a proporção que existe entre uma orelha e todo o corpo; e sendo a personalidade, por sua vez, uma parte do Ego, o que usualmente cremos que é o homem é apenas um fragmento de um fragmento do homem real.

E assim, aquela parte da individualidade ou do Ego (chamado também o “Eu Superior”), que se manifesta numa reencarnação, num dado tempo, numa raça particular, seja como homem ou mulher, é a personalidade ou o “Ser Inferior”. A relação entre a individualidade e a personalidade foi expressa mediante muitos símbolos, um dos quais é aquele de uma *sarta* (colar) de pérolas onde o fio representa a individualidade e as pérolas cada uma das distintas personalidades em sucessivas encarnações. Entretanto, a individualidade usa somente uma personalidade para o propósito do trabalho

que efetuará numa encarnação, e tal personalidade, no novo nascimento, toma novos corpos mental, astral e físico.

Cada um desses corpos, além de tudo, possui sua própria vida e consciência, inteiramente distintas da vida e consciência da personalidade que usa os corpos. Essa “consciência corporal” do corpo mental é conhecida sob o nome de “elemental mental”; a do corpo astral como “elemental desejo”; e a do corpo físico sob o nome de “elemental físico”.

P 69: Poderia explicar primeiro quais são os elementais mental e astral?

R: A matéria dos corpos mental e astral não é matéria morta. De fato, não existe isso de “matéria morta” em parte alguma que saibamos, pois toda matéria foi vivificada pelo Primeiro Influxo proveniente do Terceiro Aspecto do Logos, enquanto que todas as formas recebem uma alma e são vivificadas prontamente pelo Segundo Influxo, que geralmente é chamado “essência elemental”, e que frequentemente é descrito como essência monádica, especialmente quando se acha animada a matéria atômica de cada plano em seu curso descendente (ver “Os Três Grandes Influxos/Emanações”, no Capítulo VIII). A “consciência corporal” dos corpos mental e astral, chamada respectivamente de elemental mental e elemental desejo, é a vida da essência elemental da matéria mental e da matéria astral em seus respectivos veículos. Na vida celular que as interpenetra, não há nada ainda de inteligência, mas apenas um forte instinto fazendo pressão constante na direção do que é vantajoso para seu desenvolvimento.

O que a essência elemental requer para seu desenvolvimento é vibração, porque cresce, tal como nós fazemos num nível muito mais elevado, aprendendo a responder a impactos do exterior. A essência vivente na matéria do corpo mental está sempre em busca de variedades na vibração e tem a maior rebeldia para sujeitar-se durante longo tempo a um único tipo desta. Por isso todos encontramos, em nossos esforços para nos concentrarmos, algo dentro de nós que parece impelir constantemente nosso pensamento a vagar e a resistir, vigorosamente, a todo esforço que fazemos para mantê-lo fixo numa determinada direção.

A vida que anima a matéria, da qual estão construídos os corpos mental e astral, encontra-se no arco descendente da evolução, caminhando para baixo ou para fora na matéria, de tal sorte que, para ela, progresso significa maior materialidade, isto é, descer a formas mais densas de matéria e aprender a expressar-se através delas. Para o homem, desenvolvimento é precisamente o contrário; ele já se fundiu profundamente na matéria e se encontra agora saindo dela na direção de sua origem, elevando-se do material para o espiritual e reagindo tão somente às vibrações mais delicadas de altas e nobres aspirações. Por conseguinte, existe um perpétuo conflito de interesses entre o homem interno e a vida que habita a matéria de seus veículos, dado que esta tende para baixo enquanto ele aspira elevar-se.

O elemental astral (isto é, a vida que anima as moléculas de matéria no corpo astral), chamado ele próprio de “elemental desejo”, requer, para sua evolução, todo gênero de vibração passional, de classes tão diferentes quanto

seja possível e tão fortes e grosseiras quantas sejam encontradas. Sua evolução, como a do elemental mental, efetua-se mediante vibrações; e vibração, no plano astral, é sempre o resultado de alguma paixão ou emoção de qualquer gênero. O próximo passo em sua evolução será animar a matéria física e acostumar-se a usá-la para oscilações ainda mais lentas; e, como um avanço em tal caminho, deseja as mais rudes e extremas das vibrações astrais. Não se pode dizer que possua inteligência alguma, já que nem mesmo chega ainda ao nível do mineral; entretanto, tem uma capacidade extraordinária para adaptar-se às circunstâncias do ambiente e extrair delas o que necessita; e isso seguramente parecerá muitas vezes como uma inteligência parcial ou instinto muito agudo.

A vida na massa de moléculas no corpo astral tem, ainda que vaga, a percepção de si mesma como um todo, como uma classe de entidade temporal. Não sabe que é parte do corpo astral de um homem; é completamente incapaz de compreender o que é um homem; mas, com seu curioso instinto, se dá conta, às cegas, de que sob suas atuais condições recebe mais ondas de vibração e muito mais fortes do que receberia vagando solta na atmosfera, no mar geral de essência astral. Ali lhe chegaria, apenas ocasionalmente e como de longa distância, a radiação das paixões e emoções do homem; mas hoje se encontra no próprio coração delas; não pode perder uma só, e as recebe em seu mais alto grau. Portanto, sente-se numa boa posição e esforça-se por manter-se em condição tão vantajosa. As partículas do corpo astral estão sendo mudadas e expelidas continuamente, justamente como ocorre com as partículas do corpo físico; não obstante, a sensação de individualidade é comunicada às novas partículas à medida que entram, e a essência que se acha incluída dentro do corpo astral de cada homem considera a si mesma, sem dúvida, como uma espécie de entidade e, por conseguinte, atua em benefício do que convém a seus interesses.

Esses interesses, como antes se disse, são quase sempre diametralmente opostos aos da alma. Daí surge uma perpétua contenda entre ambos, isto é, entre o elemental desejo e a alma; ou, como descreve São Paulo: “a lei dos membros brigando contra a lei da mente”. Além disso, a entidade encontra certa classe de matéria mais fina formando parte dela mesma – a matéria do corpo mental do homem; e chega à conclusão de que, se conseguir envolver aquilo que é mais fino dentro de suas próprias ondulações, estas serão intensificadas e prolongadas sobremaneira. Já que a matéria astral é o veículo do desejo e a matéria mental o veículo do pensamento, aquele instinto, se o traduzirmos para nossa linguagem, implica que, se o corpo astral pode induzir-nos a pensar que “nós” necessitamos aquilo que “ele” quer, é provável que o consiga. E assim, exercita uma lenta, mas firme pressão sobre o homem – uma espécie de fome de parte da matéria astral –, mas para ele uma tentação por aquilo que é baixo e não desejável. Se acaso um homem é passional, existe uma pressão suave, mas incessante, para a irascibilidade; se acaso for sensual, haverá uma pressão igualmente firme para a impureza.

Tal pressão, que não é um estímulo vindo de sua própria natureza, nem a tentação posta por algum diabo imaginário, é natural para o veículo que está usando, porém danoso para o homem. Daí a necessidade de resistir a ele, pois deve ser muito humilhante para o homem deixar-se vencer, ou permitir ser usado como instrumento, por algo que nem sequer ainda é mineral. Mas se ele resiste e se recusa a ceder aos sentimentos ou paixões que lhe são sugeridas, caso se negue a satisfazer seus baixos desejos, gradualmente muda a essência elemental dentro de si e constrói uma entidade inteiramente distinta – uma criatura diferente –, porque as toscas partículas, que dentro dele necessitavam daquelas vibrações grosseiras, desfalecem por falta de alimento e, finalmente, se atrofiam e se retiram de seu corpo astral, sendo substituídas por outras partículas mais elevadas e finas, cujo tipo vibratório esteja em relação mais estreita com o que habitualmente o homem permite dentro de seu corpo astral.

Isso explica o que se considera, durante a vida, como insinuações de nossa natureza inferior. Se o homem cede a tais “tentações”, aumentam mais e mais de força, até que ele sente-se impotente para resistir e se identifica com elas – precisamente o que necessita esta curiosa semivida, existente nas partículas do corpo astral. Porém, se o homem controla seus desejos e vive a vida teosófica, terminará sua atual encarnação com um tipo muito melhor de elemental desejo do que o que trouxe em seu nascimento e, por conseguinte, principiará sua nova encarnação usando uma classe mais refinada daquela essência elemental.

O elemental astral desempenha também uma parte importante na vida de um homem, justamente depois da morte, como se descreve no Capítulo VI.

P 70: O que é o elemental físico e quais são suas funções e natureza?

R: O elemental físico – a “consciência corporal” do corpo físico – é a essência de todas as vagas de vida mineral, vegetal e animal que integram o corpo físico. Esse corpo está edificado com células, sendo cada uma delas uma vida pequena e separada, animada pela Segunda Emanação (das Três mencionadas no Capítulo VIII) que procede do Segundo Aspecto da Deidade.

Todas as células combinadas dentro do corpo servem como veículo de uma forma de consciência mais elevada que qualquer uma das que elas conhecem em suas vidas separadas. Essa consciência, limitada conforme está, basta para os propósitos da vida e funções do corpo físico. Essa consciência corporal física (elemental físico) é a que atrai a atenção do indivíduo quando há necessidade disso, ou seja, a que demanda descanso quando o corpo encontra-se fatigado, ou a que requer alimento e bebida quando o corpo necessita dessas coisas. O corpo, com seu elemento físico, é também suficientemente apto, devido a prolongados hábitos ancestrais herdados, para proteger-se a si mesmo; quando o atacam germens de enfermidade, põe ele em pé de guerra seu exército de fagócitos para matá-los; quando sofre escoriações, cortes ou feridas, acumula legiões de corpúsculos branco no local, para tratar de construir novas células; quando o corpo físico encontra-se adormecido e seu ocupante ausente com seu corpo astral no mundo astral, o

elemental físico é quem recolhe os cobertores para protegê-lo do frio e quem o vira para que descanse numa nova postura.

Muitas dessas manifestações do elemental físico são bastante naturais e não requerem intervenção de parte da consciência de quem ocupa o corpo; mas algumas vezes tal intervenção é necessária, como quando se trata de um trabalho perigoso e o elemental, temendo por sua vida, tenta afastá-lo, vendo-se obrigado a manter-se na obra por vontade do homem; ou então, quando se trata de cumprir com o dever e o corpo está cansado e resiste, devendo ser forçado ao trabalho.

Um Mestre de Sabedoria disse: o corpo e o homem são duas coisas diferentes e o que o homem quer não é sempre o que o corpo deseja. Quando teu corpo desejar algo, detém-te a pensar se tu realmente o desejas. Quando há um trabalho que deve ser feito, o corpo físico pede repouso, quer sair para passear, quer comer ou beber; e o homem que não tem o conhecimento diz a si próprio: “Eu quero fazer estas coisas e devo fazê-las”. Mas o homem que conhece, diz: “Esse que está pedindo não sou eu, e é preciso que espere”. Frequentemente, quando se apresenta uma oportunidade de ajudar alguém, o corpo diz: “Quanto incômodo vai ser para mim; que outro o faça!” Mas o homem replica a seu corpo: “Tu não me impedirás de executar uma boa obra”. (“Aos pés do Mestre”)

Nas crianças o elemental físico é muito pronunciado: quando o bebê grita e se retorce, é o elemental e não a alma da criança que dá expressão a suas objeções, as quais, embora muito razoáveis para ele, nos parecem com frequência irracionais.

P 71: Mas por que o homem real necessita de tantos corpos ou veículos? Não poderia trabalhar sem essas coberturas ou revestimentos?

R: Essas diferentes vestimentas são necessárias para o desenvolvimento do Ego, porque somente por meio de tais organismos especializados de matéria capacita-se para receber vibrações às quais possa responder e, mediante tal processo, desenvolver suas faculdades latentes.

A fim de adquirir plena consciência em qualquer mundo, isto é, para perceber e reagir a toda vibração num dos mundos, deverá por-se em conexão com ele mediante um revestimento feito da matéria daquele mundo. Existem diferentes mundos ou planos da natureza, segundo já foi explicado, e o homem real necessita de diferentes corpos para trabalhar nessas diferentes regiões. Pensemos nos diversos veículos materiais que uma pessoa necessita para viajar, por terra, mar ou ar: em terra deverá usar um trem, automóvel, etc.; na água requer-se um barco; e no ar, um balão, avião, etc. Nesses casos, embora o veículo mude para adaptar-se ao requerido, o viajante permanece sendo o mesmo.

Durante as horas de vigília, trabalhamos mediante nosso corpo físico, mas durante o sono deslizamos temporariamente para fora dele e vagamos cada noite, no mundo astral, em nosso veículo astral. Quando morremos, deixamos para sempre o corpo físico e continuamos trabalhando no plano astral, com nosso corpo astral. Do mesmo modo, os corpos mental e causal

são exigidos para trabalhos – pensamentos concretos e abstratos – nos planos mentais inferiores e superiores, respectivamente. Naturalmente, sob a cobertura dessas roupagens, a luz do homem real, o indivíduo, fica grandemente obscurecida. Exatamente como a luz de uma lâmpada parece diminuir e tornar-se opaca se a encerramos num tubo de cristal ou globo de cor, ou colocamos um vidro transparente à sua volta, também o homem real, embora seja uma Centelha da Grande Chama que é Deus, parece muito diferente quando se reveste de tantas envolturas, e brilha com maior ou menor intensidade de acordo com a qualidade, fina ou tosca, dos corpos que veste.

P 72: Poderia dizer-me algo sobre cada um desses corpos? Primeiramente, o que é o corpo causal e porque tem esse nome?

R: O corpo causal, ou intelectual, é o corpo de *Manas*, a forma-aspecto do indivíduo, do homem verdadeiro, é o veículo permanente do Ego no mundo mental superior e compõe-se da matéria das três primeiras subdivisões daquele mundo. Tudo o que está entretido nele, subsiste. É o depósito ou a tesouraria em que se conservam todas as experiências adquiridas durante a vida nos três planos – os mundos físico, astral e mental inferior.

É chamado corpo causal porque nele residem todas as causas que se manifestam como efeitos nos planos inferiores; porque nele tem raízes a causa de nosso progresso, rápido ou lento, e é do tesouro armazenado nesse corpo que extraímos as qualidades de caráter e capacidade, cada vez que adquirimos um novo nascimento sobre a Terra.

Quando o indivíduo requer um novo corpo para sua próxima morada na Terra, extrai do depósito de seu corpo causal poderes de coração e de mente superiores aos que usou durante sua última vida; e, no momento de sua nova encarnação, construirá qualidades ainda mais altas, que passarão a enriquecer seu corpo causal.

P 73: Quais são a forma e o uso do corpo causal?

R: O corpo-alma, assim chamado porque a alma do homem (uma Consciência individual e permanente) vive nesse corpo, é uma forma humana, nem de homem nem de mulher, sem características sexuais, à semelhança do anjo tradicional. Está rodeado por um ovoide de matéria luminosa, ígnea e, no entanto, delicada como os tons evanescentes do crepúsculo. Essa forma, chamada *Augoeides*, e o ovoide de matéria luminosa que a rodeia, constituem a habitação permanente da alma, o corpo causal. Em tal corpo mora a alma, imortal e eterna.

Para um clarividente, esse corpo aparece como um ovoide circundando o corpo físico e estendendo-se a uma distância em torno de dezoito polegadas. Nas primeiras etapas de uma “alma jovem”, ou do homem primitivo (que pouco difere da etapa do animal), pelas quais acaba de passar, o corpo causal é pequeno, quase sem cor, semelhante a uma bolha ou película delicada, e cresce muito lentamente. Sua matéria, a matéria do mundo mental superior, não entra em atividade a não ser quando o adiantamento do homem excita um despertar gradual nela, mediante vibrações que procedem dos corpos

inferiores; mas quando o homem alcança a etapa do pensamento abstrato ou emoção desinteressada, surge uma resposta na matéria do corpo causal e suas primeiras ondulações se manifestam em dito corpo como cores, de tal modo que, em vez de aparecer como uma película vazia e descolorida, esse corpo chega a ser um brilhante globo de luz cheio de gloriosas cores e delicadas estrias, irradiando raios de amor e benevolência em todas as direções.

À medida que o homem começa a desenvolver sua espiritualidade, ou pelo menos seu mais alto intelecto, o indivíduo real, o Ego, começa a adquirir pelo treinamento e as circunstâncias ambientes um persistente caráter próprio; e esse caráter se mostra no tamanho, cor, luminosidade e precisão de contornos do corpo causal, justamente como o da personalidade se mostra no corpo mental, exceto que aquele, sendo um veículo mais elevado, é, naturalmente, mais sutil e belo. No caso de um discípulo que tenha feito algum progresso na Senda da Santidade, o corpo causal é maravilhoso e agradável à visão, além de todo conceito terreno; enquanto que o de um Adepto (ou Mestre) é uma esfera magnífica de vívida luz, cuja glória radiante não pode ser descrita em palavras.

As cores nesse corpo são também significativas. A vibração que denota o poder de um afeto desinteressado manifesta-se como uma aprazível cor rosa; a que indica alto poder intelectual é amarela; a correspondente à simpatia é verde; o azul tipifica os sentimentos de devoção, enquanto que um luminoso lilás-azulado demonstra alta espiritualidade.

P 74: Mas um homem, no curso de sua evolução, adquire também qualidades não desejáveis. Passam elas igualmente a esse corpo causal?

R: Não. Tais qualidades, como o orgulho, a sensualidade, a irascibilidade, etc., são também reduzíveis a vibrações, mas, sendo vibrações das mais baixas subdivisões de seus respectivos mundos, não podem radicar-se no corpo causal, que está formado somente da matéria dos três subplanos superiores do mental e que não pode edificar outra coisa que boas qualidades em seu Ego.

As más qualidades são somente desmandos dos corpos inferiores que não foram controlados pelo Ego, portanto são negativas e representam uma falta de desenvolvimento no corpo causal. À medida que o Ego se fortalece, as atividades do corpo e da mente, que chamamos más, diminuem e acabam por desaparecer inteiramente quando o corpo causal é perfeito e o homem alcança o final de sua peregrinação terrestre de nascimentos e mortes.

A diferença entre o corpo causal de um homem primitivo e o de um homem avançado em santidade e sabedoria consiste em que o primeiro é uma bolha vazia e sem cor, que se estende meio metro além do corpo físico, enquanto que o segundo é um globo de luz brilhante, de irradiação deslumbrante, que pode estender-se até atingir um raio de cem metros, ou mais.

P 75: Como podemos contribuir para o crescimento de nosso corpo causal?

R: Não há muito que se possa fazer por ação direta, mas o melhoraremos e estimularemos seu crescimento se trabalharmos na purificação dos corpos inferiores, com o objetivo de adquirir um caráter nobre, não Egoísta. No causal, o homem exercita suas abstrações e conhece a verdade por intuição, não por raciocínio. Portanto, alimenta-se e desenvolve-se mediante o pensamento abstrato, como o das mais altas matemáticas ou da profunda imaginação científica e filosófica; assim como por árdua meditação, por persuadir o Ego para o serviço com amor, desinteressado e por autossacrifício. Num Adepto, esse corpo chega a alcançar enormes dimensões, como dois quilômetros, enquanto que o Senhor Buda, disseram-nos, teve um corpo causal que se estendia cerca de cinco quilômetros à sua volta.

P 76: O que é o corpo mental e quais são suas funções?

R: O corpo mental é construído de matéria do mundo mental inferior, isto é, dos quatro subplanos inferiores do plano mental. Expressa os pensamentos concretos do homem, reagindo, por suas vibrações, às mudanças de pensamento nele. É o veículo do Ego, que é o Pensador, para exercitar seu raciocínio, para sua manifestação como intelecto; e varia grandemente nas diferentes pessoas. É ovalado em seu contorno, interpenetrando os corpos físico e astral, circundando-os de radiante atmosfera à medida que vai se desenvolvendo.

O tamanho e forma desse corpo dependem dos do corpo causal. O corpo mental cresce, literalmente, de tamanho à medida que o homem avança em evolução. Numa pessoa não evoluída, é de desenvolvimento tão diminuto que é até mesmo difícil distingui-lo; mas num homem mais avançado, alguém que não seja espiritual, mas que somente tenha as faculdades mentais desenvolvidos e seu intelecto treinado, o corpo mental se vê como um veículo de atividade definidamente desenvolvido e organizado, de contornos precisos e em pleno de vigor.

As cores nesse corpo e no astral têm o mesmo significado que as do causal; mas à medida que nos aproximamos da matéria física, as estrias são comparativamente mais largas, menos delicadas e menos vívidas, encontrando-se algumas cores adicionais nos corpos inferiores. Vemos o pensamento de orgulho como alaranjado; a irascibilidade como escarlate brilhante; a avareza como um castanho claro; o Egoísmo como cinza escuro e a falsidade como cinza esverdeado. Além disso, as boas qualidades de afeto, devoção e intelecto, podem achar-se tingidas de Egoísmo e, então, as respectivas cores aparecerão impuras e sujas devido à sua mistura com o tom escuro do Egoísmo. Nos veículos mais elevados existem cores adicionais das quais não podemos ter ideia no mundo físico.

P 77: Como cresce o corpo mental?

R: Cresce pelo pensar, pelo estudo, pelo exercício das boas emoções, aspirações e esforços benéficos, assim como por uma regular e tenaz

meditação. Nossos pensamentos são o material que introduzimos no corpo mental e o construímos, a cada dia, literalmente, pelo uso de faculdades artísticas e das mais elevadas emoções. Se não exercitamos nossas faculdades mentais, e constantemente aceitamos pensamentos alheios em vez de criá-los em nosso interior, o corpo mental não poderá crescer. Quando um homem usa seu corpo mental, este não só vibra com maior rapidez, como também se dilata temporariamente e aumenta de tamanho. Por um prolongado pensar, esse aumento chega a ser permanente, e as características no corpo mental pelo exercício de pensamentos bons e úteis são transmitidas ao corpo causal permanente, que as acumula para futuras encarnações, capacitando o homem para obter um corpo mental mais altamente desenvolvido na próxima encarnação; mostrando-se aquelas qualidades como faculdades inatas.

Os bons pensamentos produzem vibrações na matéria mais fina do corpo, a qual, por sua gravidade específica, tende a flutuar na parte superior do ovoide; enquanto que os maus pensamentos, tais como Egoísmo e avareza, são oscilações da matéria mais grosseira, a qual tende a gravitar na parte inferior do ovoide. Em consequência, o homem ordinário, que frequentemente se entrega a pensamentos Egoístas de várias classes, tende a expandir a parte inferior de seu corpo mental, o qual aparece assim como um ovo, com sua extremidade mais larga para baixo. Ao contrário, o homem que cultivou pensamentos elevados e reprimiu os inferiores, expande a porção superior do mental, que apresenta, portanto, a aparência de um ovo descansando sobre sua extremidade menor. A respeito do poder e do uso do pensamento, trataremos em capítulo à parte.

P 78: Por que algumas pessoas têm o cérebro capacitado para as matemáticas, enquanto outras nem sequer podem somar corretamente? Por que algumas compreendem e apreciam a música, enquanto outras nem sequer distinguem um tom do outro?

R: Existem certos sulcos no corpo mental que o dividem em segmentos irregulares, correspondendo cada um a certo departamento do cérebro físico, de tal modo que determinado tipo de pensamento deve funcionar mediante sua porção correspondente. Como o corpo mental do homem ordinário não se acha ainda completamente desenvolvido, grande número de seus departamentos especiais não estão em atividade, e qualquer tentativa de pensamento que corresponda a ditos departamentos tem que buscar seu caminho através de algum canal inapropriado que se encontre completamente aberto. O resultado é que seu pensamento sobre tal assunto é turvo e carente de desenvolvimento.

Do estudo das cores e estriamento* do corpo mental de um homem, o clarividente deduz seu caráter e os progressos que tenha podido efetuar em sua vida presente. Por observação similar do corpo causal, pode ver que progresso fez o Ego, desde a formação original daquele, durante a individualização.

* N. do T.: De estrias ou sulcos.

P 79: *Qual é a função do corpo astral?*

R: Estando construído de matéria dos sete subplanos do mundo astral, é esse o corpo da consciência *kâmica* do homem; a base de todos os desejos animais; o centro dos sentidos onde todas as impressões sensoriais tornam-se sensações; o veículo da paixão e da emoção inferior no homem. Em tamanho e forma, é como os dois corpos superiores já descritos, o mental e o causal. Cada um de nós trabalha constantemente através do corpo astral, mas muito poucos trabalham nele, separados do físico.

Numa pessoa pouco adiantada, esse corpo apresenta uma aparência muito rudimentar, com seu contorno impreciso e seu material muito turvo e mal ajustado, parecendo uma nuvem enrolada, de cores desagradáveis. Separado do corpo físico, como durante o sono, não é mais que uma nebulosa informe, incapaz de atuar como veículo independente; mas num homem de cultura intelectual e crescimento espiritual, demonstra os progressos de seu dono pelo seu contorno bem definido, a luminosidade de seus materiais e a perfeição de sua organização.

As cores do corpo astral têm o mesmo significado que as dos corpos mais elevados, porém brilham a várias oitavas de cor abaixo destes, além do dito corpo exibir, ao mesmo tempo, cores adicionais que expressam sentimentos menos desejáveis no homem, e que não podem mostrar-se nos veículos superiores. Por exemplo, o preto é a cor do ódio e da malícia; o cinza escuro significa depressão, enquanto o cinza pálido indica temor. A sensualidade se demonstra pela presença de um vermelho opaco, tipo ladrilho sujo; as manchas de escarlate indicam a ira; enquanto que os ciúmes são vistos como um verde pardacento; e a virulência extrema se mostra pelas labaredas do escarlate-claro, correspondendo à cólera que atravessa o corpo astral.

Quando o corpo astral se acha relativamente quieto (nunca o está por completo), as cores que são vistas nele indicam as emoções às quais o homem se entrega habitualmente. Mas quando se encontra sob a influência de um sentimento particular, o tipo de vibração que expressa tal sentimento domina por algum tempo todo o corpo astral. Por exemplo, ao se encher de devoção, o total de seu corpo astral se inunda de azul e, enquanto a emoção subsiste em toda sua força, as cores normais aparecem desvanecidas por trás daquele véu; mas à medida que a veemência do sentimento vai morrendo, as cores normais se afirmam de novo. Devido a esse espasmo de emoção, aquela parte do corpo astral, que normalmente era azul, aumentou de tamanho. E assim, uma pessoa que frequentemente sente grande devoção, logo chega a ter uma extensa área de azul existindo permanentemente em seu corpo astral.

P 80: *Como podemos melhorar o corpo astral para que cesse de vibrar em reação aos baixos impulsos e comece a responder às altas influências do mundo astral?*

R: Uma vez que o corpo astral encontra-se entre os corpos mental e físico, seu melhoramento ocorre mediante, por um lado, a purificação do corpo físico e, por outro, a purificação e desenvolvimento da mente. Estando

composto da matéria dos sete subplanos do astral, quanto maior for a proporção que tenha da mais fina matéria astral de cada subplano, mais puro chegará a ser e mais bem acondicionado para atuar como um veículo de consciência e para viajar longas distâncias, quando se ache separado do corpo físico durante o sono.

A matéria astral é peculiarmente suscetível a impressões de pensamentos, porque responde mais facilmente a cada impulso dele do que o corpo físico; quando o pensamento é forte toma uma cobertura de matéria astral e persiste por longo tempo como uma entidade. E assim, o corpo astral se estremece ao reagir a cada pensamento que o toca, quer proceda de dentro da mente de seu dono ou de fora, das mentes de outros homens; e muda de cor continuamente, à medida que vibra sob impactos de pensamentos. Se os pensamentos são elevados e nobres, demandam uma matéria mais fina e, por conseguinte, matéria astral mais fina no corpo astral para responder a eles. O corpo astral perde, assim, partículas grosseiras e densas de cada subplano e ganha outras de classe mais fina e purificada, dessa maneira purificando-se. Por outro lado, um corpo astral puro atrai para si, como um magneto (ímã), pensamentos puros, os quais, por sua vez, reagem sobre ele purificando-o mais.

O corpo astral é afetado também pela pureza ou impureza do corpo físico. Se nesciamente introduzimos em nosso corpo toscas partículas físicas de classe impura ou daninha; se incluímos em nossa dieta carne de animais, ou bebidas alcoólicas; se usamos drogas narcóticas ou outros artigos sujos ou degradantes, atraímos para nós os correspondentes tipos impuros de matéria astral. Por outro lado, alimentando-nos com comidas e bebidas limpas, não só melhoramos nosso veículo físico, como também purificamos o corpo astral, pois tomamos do mundo astral materiais delicados e finos para sua construção. E com esses três corpos assim purificados, abrem-se diante do homem novas possibilidades e o conhecimento flui gradualmente dentro dele, ampliando-se sua consciência do universo.

P 81: Existe alguma mudança no corpo astral durante o sono? Quais são suas respectivas funções durante os estados de vigília e de sono?

R: Estudando uma pessoa quando se acha desperta e quando adormecida, encontramos uma mudança marcante em seu corpo astral. Em estado de vigília, as atividades astrais – mudança de cores, etc. – manifestam-se ao redor do corpo físico; mas quando se acha adormecida, o corpo astral desliza para fora e, com o verdadeiro ser dentro de si, flutua no ar sobre o corpo físico que descansa na cama. Numa pessoa de tipo não desenvolvido, o corpo astral separado é uma massa amorfa e irregular que se assemelha ao vulto de uma nuvem de cores feias. Não pode afastar-se do corpo físico e é inútil como veículo de consciência. O homem dentro dele está numa condição sonolenta, quase tão adormecido em seu astral como em seu físico. Se ocorresse algo que o retirasse de seu sócio físico, este despertaria e o corpo astral entraria rapidamente nele. O corpo astral de um homem ordinário adormecido assume a semelhança do físico, mas tal homem não pode

trabalhar conscientemente no plano astral. Em seu corpo astral, gravita ele junto àquelas pessoas pelas quais sente atração, mas sua atenção está introvertida, motivo pelo qual se comunica com seus amigos apenas mentalmente. Numa etapa algo mais elevada, sua mente é muito ativa e receptiva, e pode resolver, mais facilmente que no corpo físico, os problemas que se lhe apresentarem. Por isso se diz “vamos nos consultar com o travesseiro”.

Mas um homem puro e autocontrolado, que no mundo físico demonstre um desejo ardente pelo serviço a seus semelhantes, e que tenha seu corpo astral completamente cultivado e adequadamente organizado por atividades morais e mentais, é com frequência “despertado” no mundo astral por alguém mais avançado – usualmente um discípulo do Mestre – que o induz a voltar sua atenção para fora, a caminhar por suas cercanias astrais e observar o que se passa ao redor de si, em vez de permanecer meramente submerso em pensamentos. Tal pessoa desenvolvida, que seja treinada e acostumada a funcionar assim no mundo astral, é o mesmo ser que se acha em plena consciência em seu corpo astral quando este corpo se separa de seu físico durante o sono. Seu corpo astral se encontra claramente delineado; definitivamente organizado; possui a semelhança do homem e pode ser plenamente utilizado como um veículo no qual é possível ao homem trabalhar mais ativa e convenientemente do que em seu corpo físico; e pode viajar a qualquer distância com grande liberdade e rapidez, sem incomodar o corpo físico. Naturalmente, se o homem não aprendeu a ligar seus corpos astral e físico, o que é muito frequente, haverá uma falta de continuidade em sua consciência e não será capaz de recordar as coisas feitas durante seu sono.

P 82: Conhecemos, através da ciência ocidental, tudo que é relativo ao veículo físico, pelo menos. Possui a Teosofia algo a acrescentar ao nosso conhecimento?

R: Tendo o plano físico sete subplanos, conforme já se explicou no Capítulo II, o veículo físico se compõe de matéria de todos esses estados. O corpo físico ordinariamente visível (*Sthula Sharira*) possui matéria dos três subplanos inferiores, isto é, sólida, líquida e gasosa; enquanto que a matéria dos outros quatro compõe o que se chama o duplo etérico ou *Chayá Sharira* (corpo-sombra). Ambos funcionam juntos no plano físico, durante uma vida física, e são descartados pelo homem na sua morte.

O corpo existe para nós, não nós para ele. É um instrumento que deve ser refinado, melhorado e exercitado constantemente, sendo renovando com aqueles constituintes que o tornem apto para nos servir como veículo, no plano físico, para os mais altos propósitos. Uma de suas peculiaridades é que, uma vez acostumado a trabalhar ao longo de certa linha, continuará em tal atividade por sua própria conta. Caso se queira mudar um mau hábito, o corpo será o primeiro a opor considerável resistência; mas se for obrigado a fazê-lo e exigido a atuar como o homem deseja, então, depois de pouco tempo, repetirá por motivo próprio o novo hábito que lhe foi imposto e muito contente prosseguirá com o novo como fazia com o antigo. A razão disso é a memória

inconsciente das células, conforme se explicou no Capítulo I em relação ao vegetarianismo.

O organismo humano está constituído por inumeráveis corpúsculos viventes chamados “células”, cada uma das quais possui uma vida consciente de si mesma e todas se combinam para formar no corpo uma única entidade.

P 83: Por que o senhor diz que cada célula possui uma vida ou consciência de si própria?

R: Existem várias classes de consciência no corpo; uma é a consciência “EU” que se manifesta através do corpo como um organismo; outra é a consciência puramente física que pode ser o elemental físico mencionado antes e que é o agregado das consciências das células individuais. A ação seletiva das células, ao extrair do sangue o que necessitam e rechaçar o que não necessitam, é um exemplo dessa consciência-própria; e também é aquilo que os fisiologistas chamam “a memória inconsciente da célula”. A ciência nos diz que nosso corpo físico é formado por inumeráveis pequenas “vidas” ou células e que estas estão mudando continuamente, algumas passam de nós para o mundo que nos rodeia, e outras são tomadas, em seu lugar, para formar parte de nosso corpo; tanto assim que ninguém tem, em nenhum momento, em seu corpo físico, uma só partícula da matéria da qual se consistia sete anos antes. Segundo a Ciência Oculta, não só nossos próprios corpos, mas também os dos animais, plantas e mesmo minerais, são constituídos de partículas viventes (incluindo bactérias, micróbios, etc.), algumas das quais são tão diminutas que somente podem ser vistas mediante microscópio muito potente. Cada partícula, seja orgânica ou inorgânica, é uma vida e a agregação delas constitui a matéria.

As recentes experiências do Dr. J.C. Bose provam, conclusivamente, que tanto o mineral como a planta participam da mesma vida que o animal e o homem.

P 84: Então, também existe vida num pedaço de pedra?

R: Certamente. Mas, embora cada partícula seja uma vida, o homem ordinário chama um corpo de “vivo” somente quando o movimento de suas partículas é tão rápido que chega a ser visível para ele mediante seus sentidos. Quando tal movimento não é visível, diz que o corpo é inanimado ou morto. Mas o fato de o movimento na pedra ser demasiado sutil para que os toscos sentidos físicos possam observá-lo, não é razão para se chamar a pedra de inanimada.

P 85: Então, quem morre no momento da morte de um homem? É o “EU” que se manifesta através do corpo, ou são as partículas que constituem as células do corpo que morre?

R: Realmente nada morre. Uma célula é um agregado de vidas, pois cada partícula que forma parte da célula é uma vida; e mesmo quando a célula é destruída, tais vidas não podem sê-lo, pois vão servir de material para novas formas. Caso semelhante ocorre com todo o corpo que está constituído por

inumeráveis células, cada uma com sua vida própria; e a vida conjunta de todas elas integra a vida ou consciência corporal de todo o veículo físico, a qual pode ser o “elemental físico” de que antes se falou. Tudo o que ocorre depois da morte é que a consciência “EU”, que estava se manifestando mediante o corpo durante a vida do homem no plano físico, meramente evade-se daquele corpo; não pode morrer porque o verdadeiro homem é imortal. A morte do corpo físico ocorre quando, ao retirar-se a energia vital, as múltiplas e minúsculas vidas (micróbios), tidas sob controle nas formas do dito corpo por aquela energia vital, prosseguem seus caminhos separadamente – assim como os soldados de um exército abandonado pelo general tomam, cada um, sua própria rota –, e então surge o que é chamado de putrefação.

O corpo acha-se com igual vida nos dois casos, que chamamos de vida e morte. Quando se considera como vivente, tem uma forma organizada de modo particular e controlada pela energia vital ou Prana; quando dizemos que morreu, acha-se igualmente vivo na forma de micro vidas separadas, embora, devido a ter-se a energia vital se retirado, já não persiste sua aparência externa. Nossa ordinária comprovação de que alguma coisa tem sua vida, ou não, é o movimento; e se o corpo estivesse realmente morto, não haveria o movimento de putrefação, nem o crescimento do cabelo na pele, depois de ter sido aquele veículo finalmente abandonado pelo homem.

P 86: *O que é o duplo etérico?*

R: O duplo etérico chama-se assim por estar formado de matéria dos quatro éteres (quatro subplanos mais finos que o físico) e por ser uma réplica, uma duplicata exata, a contraparte do corpo físico denso, partícula por partícula, digamos, uma sombra. Por conta disso, algumas vezes é chamado de *Chayá Sharira* (corpo-sombra). Também se pode aludir a ele como o “fantasma”, o corpo fluídico ou simplesmente o “duplo”. É fracamente luminoso e de cor cinza violeta; interpenetra o corpo físico e se estende um centímetro além de sua periferia. Seus quatro éteres podem misturar-se em combinações finas ou toscas, como as que constituem sua contraparte densa; mas o corpo denso e seu duplo modificam igualmente sua qualidade, de tal sorte que, se um homem refina e purifica seu veículo físico mediante bebida e alimentos puros, o duplo etérico se purifica por sua vez sem mais esforço.

Essa parte invisível do corpo físico é o veículo mediante o qual fluem as correntes de Prana, ou vitalidade, que conserva o corpo com vida; e sem essa ponte que leva as ondulações de pensamento e sentimento, desde o astral até a matéria física visível ou densa, o Ego não poderia fazer uso das células do cérebro.

Da forma e material do duplo etérico dependem a forma e material do corpo físico; portanto, aquele é o molde para este. Qualquer alteração no corpo físico, desde a juventude até a velhice, ocorre primeiro no duplo etérico antes de passar ao corpo físico; e, se algum duplo etérico for defeituoso, ou de certa forma constituído por éteres finos ou toscos, o corpo físico será edificado sobre aquele molde etérico, com similares defeitos e forma, composto de partículas densas, também delicadas ou grosseiras.

As observações dos raios N, feitas por M. Jean Becquerel no curso de seus estudos e comunicadas por ele mesmo à Academia de Ciências de Paris no início deste século*, demonstram que, sob a ação do clorofórmio, os animais cessam de emitir raios N; que esses raios nunca são emitidos por um cadáver; que as flores e também os metais, que normalmente produzem tais raios, cessam de emaná-los sob a ação do clorofórmio. Esses raios N são devidos às vibrações que no duplo etérico causam ondulações no éter ambiente. O clorofórmio expele o duplo etérico e, assim, as ondas cessam. Na morte, o duplo etérico abandona o corpo e, por conseguinte, já não podem ser observados os raios N.

P 87: Por que alguns homens obtém um belo duplo etérico, enquanto que o de outros é defeituoso?

R: O homem evolui através de reencarnações e sob a lei do carma, como se explicará mais adiante; e, portanto, recebe diferentes classes de duplos etéricos em suas diferentes vidas. Para cada vida lhe é dado um corpo etérico apropriado para que colha nela o que semeou em encarnações anteriores e para capacitá-lo a adquirir certa experiência que seja o resultado necessário de suas boas ou más ações; e sendo modelado seu corpo físico segundo aquele duplo etérico, o homem terá de colher o que semeou. Comumente esses dois corpos permanecem juntos.

P 88: Se o corpo físico e seu duplo etérico têm que permanecer juntos, depende um do outro para sua existência?

R: Sendo o corpo etérico um molde para o físico, ele adquire existência antes de sua contraparte densa, e prossegue seu próprio modo de calma desintegração depois que o homem abandona seu corpo físico ao morrer. É separável de sua contraparte física, se bem que não pode afastar-se muito dela. Em pessoas de saúde normal, a separação é difícil e mesmo incompleta, por mais que o duplo seja separado de sua contraparte densa sob a ação dos anestésicos; mas em corpos enfermos ou defeituosos, assim como nas pessoas que são “médiuns para materializações”, aquele desliza sem grande esforço e é visto pelos clarividentes como um duplicado exato do físico, unido a ele por delgado fio magnético. Possui vórtices através dos quais fluem forças e é o meio de energia vital, assim como o transmissor da mesma para seu colega denso. Afastado deste, encontra-se indefeso ou inconsciente, como uma nuvem errante de centros vitalizadores, inútil quando não existe algo a que possa transmitir as forças que circulam através dele e exposto a ser presa de manipulações por parte de entidades alheias, que podem utilizá-lo como uma matriz para materializações.

P 89: O que acontece com o duplo etérico na hora da morte?

* N. do T.: Século XX.

R: A morte significa para o duplo etérico justamente o que significa para o corpo físico, a ruptura de suas partes constituintes. Ele é o veículo da vitalidade ou Prana que anima todo o corpo físico. Na hora da morte, ele se desprende do corpo e é quando o clarividente o vê como uma luz violeta, ou uma forma violácea, flutuando sobre o moribundo, aderido ainda ao corpo físico pelo delicado fio já mencionado. A consciência começa então a ser menos e menos vívida até que, na morte do corpo físico, o fio se desvanece, rompendo-se assim o último laço magnético entre o corpo denso e os princípios remanescentes da constituição humana. Sendo de matéria física, o duplo etérico permanece nas proximidades do cadáver e se desintegra paulatinamente; seus despojos são vistos algumas vezes nos cemitérios como luzes violeta (fogos fátuos) flutuando sobre as sepulturas. Por várias razões é melhor queimar os cadáveres do que enterrá-los, segundo se explicará no Capítulo VI.

P 90: O senhor falou do duplo etérico como o veículo de Prana ou vitalidade. O que é esse Prana?

R: A fim de que possa viver, o corpo físico requer alimento para sua nutrição; ar para sua respiração e vitalidade para sua absorção. A vitalidade é, essencialmente, uma força; mas quando se reveste de matéria aparece como um elemento existente em todos os planos da natureza. A vitalidade é uma força que originariamente vem do Sol, e cada coisa e cada pessoa, como o peixe no oceano de água, acha-se submersa num oceano daquela vida, denominada *jiva*, ou o princípio vital solar. Cada qual se apropria dessa vitalidade, chamada por isso Prana, o princípio vital humano, ou a força vital. Não tem cor, embora seja intensamente luminosa e ativa, porque procede do Sol; e não pode ser diretamente útil ao corpo mediante assimilação, a menos que seja absorvida através da parte etérica do baço, especializada e transmutada em partículas cor de rosa. A atmosfera terrestre encontra-se, o tempo todo, cheia dessa força, se bem que é particularmente ativa na brilhante luz solar. Assim como o sangue circula através de artérias e veias, também a vitalidade flui ao longo dos nervos em pequeninos glóbulos de uma linda luz rosada, sendo o cérebro o centro de sua circulação nervosa; e qualquer irregularidade na absorção ou circulação da vitalidade afeta imediatamente o duplo etérico, da mesma forma que qualquer anormalidade na circulação do sangue afeta o corpo físico. Quando deixa de fluir aquela força vital ao longo dos nervos, por exemplo, em algum membro entorpecido pelo frio, ou quando é desalojada pelos passes magnéticos de um mesmerizador, não há sensação em tal parte do corpo e se produz o que se chama anestesia local.

Uma vez absorvido o rosado éter nervoso, ou as partículas cor de rosa, o Prana excedente irradia-se do corpo em toda direção como uma luz azul pálido. Numa pessoa de saúde perfeita, o baço cumpre tão generosamente sua missão que produz ou irradia do corpo, em toda direção, constantemente, mais força vital que a necessária; portanto, um homem em perfeito estado de saúde pode repartir algo dele com outra pessoa, intencionalmente, por meio de passes mesméricos ou de outra forma, além de inconscientemente se achar

irradiando força e vitalidade ao seu redor. Por outro lado, quando por debilidade ou outras causas um homem é incapaz de cultivar uma quantidade suficiente dessa força para seu próprio uso, atua inconscientemente como uma esponja, apropriando-se da vitalidade já cultivada de alguma pessoa sensitiva que tiver a má sorte de encontrar-se muito perto dele, e ela logo sentirá uma fraqueza e languidez incompreensíveis.

Aí se encontra o perigo de que crianças cheias de saúde durmam ao lado de pessoas fracas e anciãs; e de igual modo se explica a fadiga experimentada por aqueles que assistem a sessões espíritas sem precaver-se contra a sucção de sua força vital durante as manifestações.

Quando aquele Prana especializado (cultivado) circula no corpo com mais rapidez que o necessário, as pessoas tornam-se histéricas e excitáveis. Por outro lado, quando dita força vital não é cultivada em quantidade suficiente ou circula pelo corpo com muita lentidão, o homem sente languidez e fadiga.

Prana não pode separar-se do veículo físico e seu duplo etérico durante a vida; os três permanecem continuamente juntos, quer se encontre o homem dormindo ou desperto. Quando o Prana deixa de circular em alguma parte do corpo, aquela parte morre (frequentemente é assim que se produz a cegueira, a surdez, etc.); e do mesmo modo, quando se separa de todo o corpo, sofre este a morte geral. Esse Prana não deve ser confundido com o que se chama comumente “vitalidade física”, medida pelas ações químicas no corpo. Tais são os efeitos de Prana, que em si mesmo é mais análogo às condições elétricas e é a causa dos efeitos químicos e outros.

P 91: É um homem o mesmo quando se encontra dormindo ou desperto; ou existe alguma mudança durante o sono?

R: Enquanto o homem se acha desperto e vive no mundo físico, encontra-se limitado por seu corpo físico, pois usa de seus corpos astral e mental somente como pontes para conectar-se com o físico. Este último cansa-se logo e necessita descanso periódico; por isso, deixando o homem todas as noites tal corpo com seu duplo etérico e Prana, refugia-se no corpo astral que, até onde sabemos, não se cansa nem requer repouso.

Liberado assim o homem de seu corpo físico durante o sono, pode mover-se pelo mundo astral em seu corpo astral. O homem primitivo não se afasta para muito longe de seu corpo adormecido e praticamente não tem consciência durante o sono, segundo já se explicou. Toda pessoa culta, que pertença às raças mais adiantadas do mundo, tem atualmente seus sentidos astrais um tanto desenvolvidos, de tal sorte que se estiver já suficientemente desperta para examinar as realidades que a rodeia durante o sono pode observá-las e aprender muito com elas. Na vasta maioria dos casos, porém, tais sentidos não alcançaram suficiente agudeza, conforme se disse antes, e as pessoas passam muitas de suas noites numa espécie de estudo confuso, que gira ao redor de qualquer pensamento que predomine em suas mentes no momento em que adormecem. Possuem as faculdades astrais, mas raramente as usam; sem dúvida, acham-se despertas no plano astral e, entretanto, não dão a mínima para o plano astral; em consequência, são conscientes do meio

ambiente apenas de um modo muito vago, se tanto. Mas um homem adiantado pode viajar em seu corpo astral por onde queira e tem o pleno uso de seu conhecimento no mundo astral, embora, regra geral, não seja capaz de imprimir em sua memória de vigília os acontecimentos de sua vida astral durante o sono.

Algumas vezes, quando recorda algum incidente, chama-o de “um sonho vívido”, se bem que, com frequência, suas recordações estejam irremediavelmente mescladas com acontecimentos de sua vida diurna e impressões em seu cérebro etérico. Porém, à medida que a evolução avança, para cada homem chegará um dia em que recordará todo incidente de sua vida astral, e sua memória jamais se interromperá. (Ver “Sonhos”, neste capítulo.)

P 92: Se um homem deixa seu corpo físico durante o sono todas as noites, do mesmo modo que em sua morte, morre ele cada noite e ressuscita cada manhã?

R: Não. O corpo físico, deixado a si mesmo, logo se desintegraria e não poderia ser usado como veículo se não contasse com a força coordenadora de Prana atuando mediante o duplo etérico. O corpo físico e seu duplo podem ser comparados a uma casaca e seu forro; deve-se colocá-la ou tirá-la sem separá-los, pois, quando se separam, ela já não pode ser usada. E assim, quando durante o sono uma pessoa vai ao mundo astral, e deixa na cama seu corpo físico, juntamente com o duplo etérico e Prana, que tem o duplo como veículo, o homem real sai em seu corpo astral levando consigo seus outros veículos. Mas na hora da morte somente o corpo físico é abandonado e todo o homem sai dele no duplo etérico. Depois de pouco tempo, esse duplo etérico é também abandonado e o homem sai dele em seu corpo astral.

Portanto, durante o sono, o homem verdadeiro, com quatro de seus princípios, deixa temporariamente o veículo físico, constituído pelos três princípios inferiores, isto é, o corpo físico, o duplo etérico e Prana, enquanto que na morte somente um princípio, o corpo físico, fica permanentemente separado do resto do homem, ou seja, dos outros seis princípios.

P 93: O senhor explicou amplamente a constituição do homem, mas falta falar de “seus sete princípios”. Quais são eles?

R: Dizendo de outra maneira, o homem é chamado de um ser sétuplo e possui uma constituição setenária, quer dizer, ele é composto de sete princípios:

Nome dos Princípios

Tríade Superior:

1. *Atma*, ou Espírito, ou Vontade.
2. *Buddhi*, ou Intuição, ou Veículo de *Atma*.
3. *Manas*, ou O Pensador, ou a Inteligência.

Quaternário Inferior:

4. *Kama*, ou a natureza passional e emocional.
5. Prana, ou Vitalidade, ou Energia Vital.

6. Duplo Etérico, ou Veículo de Prana.

7. Corpo Físico.

Deve-se observar bem que esses princípios estão divididos em dois grupos: um, que contém os três princípios superiores, chamado Tríade Superior, a parte imortal da natureza do homem, o “espírito” e a “alma” da terminologia cristã; e o outro, contendo os quatro princípios mais baixos e chamado, portanto, de Quaternário Inferior, a parte mortal ou transitória, o “corpo” do sistema cristão.

P 94: *Poderia explicar algo mais em detalhe? Os três últimos já foram explicados; mas o que é Kama?*

R: Literalmente, *Kama* significa desejo e é a natureza passional e emocional, incluindo todas as necessidades animais, como a fome, a sede, os desejos sexuais, etc., e também as paixões, como o amor (em seu sentido baixo), o ódio, a inveja, os ciúmes, etc. É o desejo de experimentar gozos materiais; é a atividade de consciência correspondente ao corpo astral; é o mais grosseiro de todos os nossos princípios e nos ata à vida terrena. Funciona no *Kama-rupa* (corpo de desejos) ou no corpo astral que já foi descrito antes.

P 95: *Agora, o que é Manas?*

R: *Manas*, do sânscrito *man*, significa O Pensador (vagamente denominado no Ocidente como a Mente) e contém em si matéria do plano mental. É referido no item 3 da Tríade Superior. Já falamos dele como “a Inteligência no homem”. É a atividade de consciência correspondente aos corpos mental e causal.

Em cada encarnação *Manas* é dual. Projeta uma parte de sua substância, projeção chamada “o *Manas* inferior”, e unida a *Kama*, conhecida como *Kama-Manas*, vem a ser a inteligência normal do cérebro humano, o “eu” pessoal do homem. O quaternário, como um todo, é a personalidade de que já se falou e o *Manas* superior dá o toque individualizante que faz a personalidade reconhecer a si mesma como “EU”; enquanto o *Manas* inferior dá origem ao pensamento “eu sou este”, confundindo o ser com seus veículos pessoais.

A mente que aspira aos céus, o *Manas* superior com *Buddhi* e *Atma*, chama-se Ego, conforme já se explicou. O *Manas* inferior se acha engolfado no quaternário, ligado a *Kama* com uma mão, enquanto com a outra retém seu contato com seu pai, o *Manas* superior.

O problema vital de cada encarnação é o seguinte: se o *Manas* inferior será arrastado para baixo por *Kama* e arrancado da Tríade Superior à qual pertence por natureza, ou então se poderá vitoriosamente reunir-se a seu “Pai que está nos Céus” – o *Manas* superior na Tríade – e levar consigo as experiências de sua última vida. Deve-se entender, naturalmente, que essas possibilidades representam dois extremos e que, no caso do homem ordinário, o *Manas* inferior aspirará, parcialmente, ao superior e tenderá, parcialmente, para o inferior.

P 96: *Quais são os dois princípios mais elevados? Atma e Buddhi?*

R: *Atma*, de quem se diz ser o espírito no homem, é a parte mais abstrata da natureza humana; a única realidade que se manifesta em todos os planos, de cuja essência todos os nossos princípios são aspectos. A Existência Una Eterna irradia, como *Atma*, o verdadeiro Ser, tanto do universo como do homem. Envolve-se em *Buddhi*, que já dissemos ser a Intuição no homem. Essa última contém em si matéria do plano Búdico e é o princípio do discernimento espiritual. *Atma-Buddhi* é um princípio universal, mas requer individualização para adquirir experiências e alcançar a consciência de si; por isso o princípio mental se acha unido a esses dois mais altos princípios para formar o Ego. Os quatro princípios inferiores são comuns a ambos: ao homem e ao animal.

P 97: *Se os quatro princípios inferiores encontram-se ao mesmo tempo no animal e no homem, por que vemos tão grande diferença entre eles?*

R: Enquanto *Kama* se acha manifestado, em maior ou menor grau, mesmo entre os animais, a diferença entre estes e o homem se deve à presença do terceiro princípio, *Manas*, no homem. *Kama-Manas* é a alma humana, enquanto que a alma animal é *Kama* somente. Enquanto o homem acha-se animado por *Kama*, por desejos e por paixões tão somente, encontra-se ao nível dos animais, porque *Kama* não tem uma consciência elevada; e enquanto *Kama* predominar, *Manas* não poderá atuar e o homem se conduzirá como um animal. Essa é também a razão pela qual um homem, sob uma violenta paixão, é insensível ao raciocínio ou ao conselho. Mediante esses princípios, o homem se põe em contato com os diferentes planos da natureza.

P 98: *Como o homem chega a ter contato com aqueles planos por meio de seus diferentes princípios?*

R: O homem se põe em contato com as coisas do plano físico mediante seu corpo físico, sendo consciente da existência delas com a ajuda de um ou mais de seus cinco sentidos físicos; de igual maneira, põe-se em contato com planos mais elevados mediante seus outros princípios, chegando assim a ser consciente da existência deles. Os diferentes planos não ocupam diferentes lugares ou diferentes divisões de espaço, pelo contrário, se interpenetram. Sendo igual ao que ocorre com os diferentes princípios do homem, ir de um plano a outro não é como ir de Londres a Nova York, mas simplesmente o transferir a consciência de um para outro.

Por exemplo, no estado de vigília somos conscientes da dor que causam as feridas em nosso corpo físico; mas quando estamos lutando com outros debaixo de grande excitação, não somos conscientes da dor física de tais feridas, porque nossa consciência acha-se temporariamente atuando no plano astral; enquanto que, no momento em que o ardor da luta esfria, voltamos a nos dar conta da dor. Igualmente um filósofo abstraído em profundo pensar, esquece fome e sede, comodidade corporal ou enfermidade, família e propriedades, assim como cólera e avareza, ódio e amor, em suma, toda classe de emoções e paixões, porque no momento encontra-se trabalhando no

plano mental. Um homem ordinário, pois, coloca-se em contato com diferentes planos em sua vida diurna, embora vá ao plano astral, temporariamente, cada noite durante o sono. Depois da morte, primeiramente passa algum tempo na condição astral e, depois, na mental, sendo esta uma parte do mundo mental, especialmente resguardada, que se chama *Devachan*. Para cada um desses mundos tem ele um corpo ou veículo, segundo já se explicou.

P 99: *Já foram explicados os sete princípios do homem. Agora, quantos corpos ele tem?*

R: Tem três corpos imortais e três mortais: o Átmico, o Búdico e o Causal são corpos imortais, enquanto que o mental, o astral e o físico são mortais.

O corpo Átmico é apenas um átomo de seu próprio mundo elevado, a mais fina película de matéria, uma incorporação do espírito. A esse corpo passará o resultado de todas as experiências, e os dois corpos inferiores vão submergindo-se gradualmente nele.

O corpo Búdico, ou corpo de bem-aventurança, chamado às vezes pelos cristãos de o “Corpo de Cristo”, procede do mundo Búdico. Alimenta-se de aspirações elevadas e amorosas, de compaixão e ternura para com todos os seres. Apenas começou a formar-se na maioria da humanidade. Sua característica especial, quando já se formou e a consciência do homem começa a atuar nele, é a perda do falso senso de “separação” de todas as outras individualidades e a compreensão da unidade que subjaz em toda manifestação.

O terceiro corpo imortal, o corpo Causal, assim como os três corpos mortais – o mental, o astral e o físico –, já foram descritos detalhadamente.

O homem lança fora seu corpo físico ao morrer, assim como o astral quando vai entrar no mundo celeste em seu corpo mental. O corpo mental se desintegra também quando tiver terminado a vida celestial e o homem fica revestido somente de seus três corpos imortais, que não estão sujeitos nem a nascimento nem à morte. Ao descer para uma nova reencarnação, toma um novo corpo mental, assim como um novo corpo astral, de acordo com seu caráter; e esses se acoplam a seu corpo físico, entrando assim o homem, ao nascer, num novo período de vida mortal.

P 100: *Agora, o que são os sonhos e como se originam?*

R: Essa pergunta, que tão frequentemente se formula, requer um estudo detalhado, porém aqui se pode dar tão somente uma explicação elementar do fenômeno. Podem ser ordenados os vários aspectos do assunto, da seguinte maneira: primeiro, considerando o mecanismo físico, etérico e astral por meio do qual as impressões são transmitidas à nossa consciência. Segundo, vendo como a consciência, por sua vez, afeta e usa esse mecanismo. Terceiro, observando a condição de ambos, consciência e seu mecanismo, durante o sono, e quarto, investigando como, por meio deles, se produzem as várias classes de sonhos.

1. O MECANISMO

(a) Físico

Há no corpo um grande eixo central de matéria nervosa que termina no cérebro; dele se irradia em todas as direções, através do corpo, uma rede de fios nervosos. Segundo a moderna teoria científica, são esses filamentos nervosos que, por suas vibrações, transmitem ao cérebro toda impressão de fora; e o cérebro, ao receber tais impressões, as traduz em sensações ou percepções; de tal maneira que, se um homem coloca sua mão sobre algum objeto e o acha quente, em realidade não é sua mão que assim o sente, mas seu cérebro que se encontra atuando sob a informação que lhe é transmitida pelas vibrações que correm ao longo de seus fios telegráficos, os fios nervosos. Todos os fios nervosos do corpo – os da mão ou do pé – ou antes, os feixes deles que se chamam o nervo ótico, o auditivo, o olfativo, são da mesma constituição, se bem que alguns deles tenham se especializado, mediante longas idades de evolução, em receber e transmitir mais facilmente ao cérebro um jogo particular de vibrações rápidas.

O cérebro, que é o grande centro do sistema nervoso, é muito propenso a ser afetado pela menor variação na saúde geral de um homem; e, mais particularmente, por qualquer coisa que produza uma mudança na circulação do sangue através dele. Se for ministrado muito sangue ao cérebro, tem lugar a congestão dos vasos; se muito pouco, o cérebro, e por consequência o sistema nervoso, sofrem de irritabilidade e depois de letargia. O sangue, à medida que circula pelo corpo, tem duas funções principais a cumprir: fornecer oxigênio e prover nutrição aos diferentes órgãos do corpo. Se o abastecimento de oxigênio ao cérebro é deficiente, este chega a sobrecarregar-se de dióxido de carbono e logo sobrevêm sensação de peso e letargia, como ocorre num local cheio de gente e mal ventilado. Por outro lado, se é demasiado grande a velocidade com a qual o sangue flui através dos vasos, se produz febre; se demasiado lenta, novamente se apresenta a letargia.

Por conseguinte, é óbvio que o cérebro, através do qual devem passar todas as impressões físicas, pode ser facilmente perturbado no devido cumprimento de suas funções por causas aparentemente triviais, às quais um homem não prestaria atenção durante as horas do dia, e das quais estará completamente ignorante durante o sono.

Uma particularidade do mecanismo físico é sua notável tendência a repetir automaticamente aquelas vibrações às quais se acostumou a responder. Essa propriedade do cérebro é a que dá origem a todos aqueles hábitos e manias corporais que são inteiramente independentes da vontade e, com frequência, tão difíceis de afastar; e tal propriedade desempenha um papel mais importante ainda durante o sono que durante a vigília.

(b) Etérico

Como a transmissão de impressões ao cérebro depende mais de fluxo regular de Prana, ao longo da envoltura etérica dos fios nervosos, do que da mera vibração das partículas da porção mais densa e visível de tais fios, segundo se crê comumente, é óbvio que qualquer mudança no volume ou velocidade dessas correntes vitais afetará a condição da parte etérica do cérebro e produzirá histeria, languidez, lassidão, etc., como já se disse. Por serem as matérias densa e etérica do cérebro parte de um e mesmo organismo físico, qualquer irregularidade em alguma delas obscurecerá ou perturbará de tal maneira a receptividade do cérebro que produzirá imagens horrorosas ou confusas daquilo que se apresentar.

(c) Astral

O veículo astral é ainda mais sensível às impressões externas dos corpos denso e etérico, pois o mesmo é a base de todos os desejos e emoções – o meio de conexão através do qual, tão somente, pode o Ego coletar experiências da vida física. É peculiarmente suscetível à influência de correntes passageiras de pensamento, conforme se explica no Capítulo VII; e, quando não se acha sob um controle ativo da mente, está recebendo constantemente aqueles estímulos de fora e respondendo avidamente a eles. Também esse mecanismo, como os outros, é mais facilmente influenciável durante o sono do corpo físico.

2. O EGO

Todas essas porções diferentes do mecanismo são em realidade simplesmente instrumentos do Ego. O Ego, ele mesmo, é uma entidade que se desenvolve e, no caso de muitos homens, é apenas algo mais que um gérmen daquilo que deverá ser algum dia, conforme se explicou neste capítulo (N. do T.: ver de P 72 a P 76) e, com maior profundidade, se tratará no Capítulo VIII. Portanto, o controle que de seus vários instrumentos tem esse Ego que reencarna e, por conseguinte, sua influência sobre eles são naturalmente pequenas em suas primeiras etapas. Nem sua mente, nem suas paixões, estão completamente sob seu domínio. Consequentemente, as diferentes partes do mecanismo se acham, durante o sono, atuando quase inteiramente por sua própria conta, sem se reportarem a ele; e assim, a etapa de seu adiantamento espiritual é um dos fatores que devem ser levados em conta ao considerar-se a questão dos sonhos.

Por outro lado, o que as vibrações dos fios nervosos apresentam ao cérebro são meras impressões; e corresponde ao Ego, atuando através da mente, classificá-las, combiná-las e reajustá-las para formar nossos conceitos dos objetos externos. Por exemplo, quando uma pessoa olha pela janela, e vê uma casa e uma árvore, e instantaneamente as reconhece pela informação que foi transmitida ao cérebro mediante seus olhos e o sistema nervoso, é que numa direção particular existem certas e variadas manchas de cor, limitadas por contornos mais ou menos definidos. É a mente que, devido à sua

experiência passada, é capaz de decidir que aquele pequeno objeto branco é uma casa e aquele outro, arredondado e verde, é uma árvore; e que ambos são provavelmente de tal ou qual tamanho, a tal ou qual distância.

Assim, pois, a mera visão de maneira nenhuma é suficiente para a percepção exata; necessita-se aplicar ao que se vê o discernimento do Ego atuando por meio da mente, e, além do mais, esse discernimento não é uma faculdade inerente à mente, perfeita desde o princípio, mas o resultado da comparação inconsciente de uma certa quantidade de experiências.

3. CONDIÇÃO DO SONO

Num sono profundo, o corpo físico de um homem, com seu duplo etérico e Prana, descansa tranquilamente no leito, enquanto o Ego, no corpo astral, flutua com igual tranquilidade justamente sobre ele.

a) O Cérebro

Quando o Ego deixa de controlar temporariamente seu cérebro, nem por isso tal cérebro se acha inteiramente inconsciente, pois o corpo físico tem certa consciência rudimentar própria, provavelmente o elemental físico de que já se falou, inteiramente à parte da consciência do ser real, e à parte também do mero agregado da consciência de suas células individuais. O domínio daquela consciência sobre o cérebro físico é muitíssimo mais fraco que o obtido pelo homem mesmo, e, por conseguinte, todas as causas (quantidade, qualidade e circulação do sangue), que se mencionaram antes como capazes de afetar a ação do cérebro, são agora capazes de influenciá-lo em maior grau. Por isso é que a indigestão, afetando a circulação do sangue, ocasiona tão frequentemente pesadelos e um dormir inquieto.

Porém, mesmo quando não é perturbada, essa obscura e estranha consciência possui muitas peculiaridades notáveis. Sua ação parece ser automática em sua maior parte e os resultados são geralmente incoerentes, sem sentido e irremediavelmente confusos.

Parece incapaz de perceber qualquer ideia, exceto na forma de uma cena na qual ela mesma seja um ator, e, por conseguinte, todos os estímulos, sejam de dentro ou de fora, são imediatamente traduzidos em imagens. É incapaz de reter ideias abstratas ou recordações como tais: imediatamente as transforma em percepções imaginárias. Por exemplo, a ideia de glória sugerida àquela consciência poderia tomar a forma de uma visão de um ser glorioso, que aparecesse diante dela num sonho.

Ao mesmo tempo, na ausência do Ego discernidor que regule as impressões mais cruas, qualquer pensamento passageiro que sugira Roma ou Bombaim, por exemplo, poderia ser imaginado como um real e instantâneo deslocamento a ditos lugares, e o sonhador se encontraria ali, subitamente, sem sentir surpresa alguma por evento desse tipo.

Outra fonte da extraordinária confusão visível nessa autoconsciência é a maneira em que trabalha nela a lei de associação de ideias. Cada associação, seja abstrata ou concreta, consiste numa mera combinação de imagens; e como nossa associação de ideias é comumente devida a um simples sincronismo, já que nos acontecem, em sucessão, fatos que realmente carecem por completo de conexão, pode-se imaginar que, com frequência, ocorre a mais inexplicável confusão dessas imagens.

Outra peculiaridade dessa curiosa consciência do cérebro é que, por ser singularmente sensitiva às menores influências externas, tais como sons ou contatos, as adultera e aumenta a um grau incrível. Por exemplo, a picada de um alfinete será amplificada até parecer uma estocada fatal recebida em duelo, enquanto que o menor beliscão será percebido como a mordida de um animal selvagem.

b) O Cérebro Etérico

Esta parte do organismo, tão sensível a qualquer influência mesmo durante as horas de vigília, é ainda mais suscetível sob a condição do sono. Examinada clarividentemente quando se acha em tais condições, veem-se correntes de pensamento passando rapidamente através dela; não seus próprios pensamentos, já que não tem o poder de pensar, mas os pensamentos fortuitos de outros que estão sempre flutuando ao nosso redor, como se menciona no Capítulo VII; e durante o sono acha-se, mais do que de costume, à mercê de tais correntes de pensamento, já que o Ego abandonou momentaneamente sua íntima associação com ela. Também foi observado que, quando por algum meio são desalojadas essas correntes do cérebro etérico, ele não permanece absolutamente passivo, mas começa pouco a pouco e sonolentamente a evocar, por si mesmo, cenas do depósito de reminiscências passadas.

c) O Corpo Astral

Como já se disse antes, a aparência desse veículo no qual funciona o Ego durante o sono difere, grandemente, de acordo com a etapa de desenvolvimento do Ego. Mas em todo caso esse corpo é, como de costume, intensamente impressionável por qualquer pensamento ou sugestão que implique desejo.

d) O Ego durante o Sono

Se a condição do corpo astral durante o sono muda muito à medida que a evolução prossegue, a do Ego que o habita muda ainda mais. Enquanto aquele se encontrar na etapa da neblina flutuante, o Ego se encontrará praticamente tão adormecido como o corpo que jaz sob ele, e é cego para as visões e surdo para as vozes de seu próprio plano superior. Se um homem nessa condição primitiva recordasse pelo menos algo de tudo quanto lhe

sucedem durante o sono, seria isso, quase invariavelmente, o resultado de impressões puramente físicas feitas em seu cérebro, quer do interior ou quer do exterior, já esquecida qualquer experiência que seu Ego real possa ter tido. Podem-se observar, no plano astral, “dormentes” em todas as etapas, desde a condição de pleno esquecimento até a de completa e perfeita consciência, embora os últimos sejam comparativamente raros. Mesmo o homem que esteja suficientemente “desperto” para obter importantes experiências nessa vida superior pode, contudo, ser incapaz ainda de dominar seu cérebro e regular o fluxo de pinturas mentais inconsequentes, e imprimir sobre ele o que desejasse lembrar; assim, ao despertar, poderá ter uma recordação muito confusa, ou nenhuma, do que realmente lhe tenha acontecido.

Mas quer se recorde ou não de algo quando está desperto no plano físico, o Ego que já tenha consciência completa, ou mesmo parcial, de seu meio-ambiente no plano astral, está começando a tomar posse de sua herança de poderes, que transcendem qualquer um dos que possua aqui embaixo; pois sua consciência, quando se acha liberada do corpo físico, tem possibilidades notáveis. Tem uma medida transcendental de tempo e espaço, ou seja, sua maneira de medir o tempo e o espaço é tão completamente diferente da que temos em estado de vigília que, do nosso ponto de vista, parece como se nem o tempo nem o espaço existissem para ele. Exemplo disso é a história do homem que foi despertado por um disparo de fuzil, que lhe pareceu ser a conclusão de um longo sonho, durante o qual havia sido um soldado que havia desertado e sofrido terríveis contratempos, pois tinha sido capturado, julgado, condenado e finalmente executado. Todo o longo drama foi vivido no exato momento em que foi despertado pela detonação.

Outra notável peculiaridade do Ego é sua faculdade ou costume de dramatização instantânea. Nos casos da picada e da detonação já mencionadas, o efeito físico que despertou a pessoa veio como a culminação de um sonho que aparentemente se prolongou por um considerável espaço de tempo, embora em realidade o sonho tenha sido sugerido pelo mesmo efeito físico. A notícia de tal efeito físico, seja a do som ou da picada, tem de ser transmitida ao cérebro pelos fios do sistema nervoso e essa transmissão requer certo espaço de tempo, quer seja a mínima fração de um segundo. Mas o Ego, quando se encontra fora do corpo, é capaz de perceber instantaneamente sem o uso dos nervos e, por conseguinte, se dá conta do que ocorre exatamente naquela mínima fração de segundo antes que a informação chegue a seu cérebro físico, e naquele quase imperceptível espaço de tempo ele pôde compor uma espécie de drama que conduziu ao, e culminou com o, evento que despertou o corpo físico.

Outro resultado que deriva do método supernormal que o Ego tem para medir o tempo é que, até certo ponto, a previsão é possível para ele; às vezes vê com antecipação acontecimentos que serão de interesse ou importância para sua personalidade inferior, e faz esforços mais ou menos vitoriosos para avisá-la deles.

Por outro lado, quando o Ego se encontra fora do corpo durante o sono, parece que pensa por meio de símbolos; portanto, o que aqui seria uma ideia

que exigiria muitas palavras para ser expressa, é perfeitamente sugerida a ele por uma única imagem simbólica. Tal pensamento ou símbolo, quando é recordado na consciência de vigília, necessita, naturalmente, ser traduzido. Frequentemente a mente desempenha muito bem essa função, mas às vezes o símbolo é recordado sem sua chave e então surge a confusão. Muitos sonhadores estão de acordo em que sonhar em águas profundas significa um próximo transtorno; e que as pérolas são um sinal de lágrimas.

4. SONHOS

Vimos, pois, que os fatores para a produção dos sonhos podem ser:

1. O Ego, em qualquer estado de consciência, desde a completa insensibilidade até o perfeito domínio de suas faculdades, possuindo, neste último caso, certos poderes que transcendem, em muito, aqueles que apresenta no estado ordinário de vigília.

2. O corpo astral, constantemente palpitando sob os apetites grosseiros de emoção e desejo.

3. O cérebro etérico, com uma incessante procissão de cenas incoerentes fluindo através dele.

4. O cérebro físico, com sua infantil semiconsciência e o costume de expressar todo estímulo em forma pictórica ou gráfica.

Naturalmente, os sonhos reais são experiências verdadeiras que ocorreram ao Ego no plano astral ou em outros mais elevados, quando se achava viajando para longe do seu corpo físico adormecido.

a) A Visão Verdadeira

Esta se dá quando o Ego olha, por si mesmo, algum fato num dos planos elevados da natureza, ou então quando ele foi conduzido por alguma entidade mais avançada. Faz com que observe algum fato que lhe interessa conhecer ou tem por acaso alguma visão gloriosa que o estimula e conforta.

b) O Sonho Profético

Este também pode ser atribuído exclusivamente à ação do Ego, que ou prevê por si mesmo ou é informado sobre algum acontecimento futuro para o qual deseja preparar sua consciência inferior. Há ocasiões em que o acontecimento é muito sério, como a morte ou um desastre; enquanto que outras vezes a profecia é somente uma advertência.

c) O Sonho Simbólico

Também este é obra do Ego e pode ser considerado uma variante menos afortunada da classe precedente, porque é um esforço imperfeito de sua parte para transmitir informação acerca do futuro.

d) O Sonho Vívido e Coerente

Este é, algumas vezes, a lembrança de uma real experiência astral, que ocorreu ao Ego quando vagava distante de seu corpo físico adormecido; com mais frequência é a dramatização, feita por ele mesmo, seja da impressão que lhe produziu algum som insignificante ou contato físico, ou de alguma ideia casual que teve.

e) O Sonho Confuso

Este, o mais comum de todos, pode originar-se de várias maneiras. Pode ser simplesmente a lembrança mais ou menos perfeita de uma série das cenas incoerentes e transformações impossíveis produzidas pela ação automática, não sensorial, do cérebro físico; pode ser uma reprodução da corrente de pensamento acidental que tenha estado fluindo através do cérebro etérico. Se aparecem nele imagens sensuais de qualquer tipo, é devido à sempre inquieta onda de desejos terrenos, provavelmente estimulada por alguma influência não santa do mundo astral, ou a infrutífero intento de dramatização por parte de um Ego não desenvolvido, ou finalmente, e na maioria das vezes assim é, a uma mescla inextrincável de várias ou de todas as influências anteriores.

P 101: O senhor explicou como se originam os sonhos. Agora, poderia indicar algumas sugestões práticas acerca do modo de recordá-los?

R: Algumas pessoas, nas quais o Ego está sem desenvolver-se e cujos desejos terrenos de várias classes são muito fortes, nunca sonham; muitas outras são capazes, de vez em quando, e colocadas sob circunstâncias favoráveis, de trazer à sua memória uma lembrança confusa de aventuras noturnas. Mas se um homem deseja colher em sua consciência de vigília o benefício do que seu Ego possa ter aprendido durante o sono, lhe é absolutamente necessário adquirir controle sobre seus pensamentos, subjugar todas as baixas paixões e voltar sua mente para as coisas do alto.

Quando um homem abandona seu corpo durante a noite, recorda tudo o que fez na noite anterior e durante o dia; de fato, tem toda sua memória de vigília mais aquela de sua vida astral noturna. A memória astral inclui a física, mas seu cérebro físico não se lembra da experiência astral pela simples razão de que não teve participação nela.

Deve, pois, criar-se uma conexão especial, ou melhor, deve afastar-se um obstáculo a fim de infundir a memória no cérebro físico. No lento curso da evolução, chegará a cada um de nós o poder da perfeita memória, de tal modo que não haverá véu algum entre ambos os planos.

Se um homem entra no estado de sono com seu pensamento fixo em coisas elevadas e santas, atrairá ao redor de si os elementos criados pelos pensamentos similares de outros (ver Capítulo VII); seu descanso será aprazível; sua mente se encontrará aberta a impressões do alto e fechada às de baixo porque ele a orientou na reta direção. Se, pelo contrário, dormir com

pensamentos impuros e terrenos fluando através de seu cérebro, esses atrairão as criaturas grosseiras e más que passarem perto dele, enquanto que seu sonho será turvado pelo selvagem ímpeto de paixões e desejos que o fazem cego às visões e surdo aos sons provenientes dos planos elevados. E assim, mediante o que aparece tão só como o portal dos sonhos, pode logo ganhar-se a entrada ocasional para aqueles reinos superiores, nos quais unicamente é possível a verdadeira visão.

Algumas vezes um homem poderá despertar pela manhã com um forte sentimento de júbilo e êxito, sem ser capaz de recordar o mínimo que seja daquilo em que triunfou. Isso geralmente significa alguma boa obra ou trabalho bem feito, mas em geral é impossível para o homem fixar os detalhes. Em outras ocasiões, poderá retornar com um sentimento de reverência, significando que teve uma visão e se encontrou na presença de alguém muito maior do que ele. Às vezes, também, poderá uma pessoa despertar com um sentimento de horrível temor, o que se deve, muito frequentemente, a um alarme do corpo físico por alguma sensação com a qual não está acostumado; embora também possa ser devido ao encontro com algo horrível no mundo astral; ou então a causa pode ser meramente certa afinidade com alguma entidade astral que se encontrasse em estado de terror, pois é coisa muito frequente, no plano astral, que uma pessoa fique poderosamente influenciada com a condição de outra.

Ao regressar o corpo físico do mundo astral, tem-se um sentimento de grande pressão, como se a pessoa fosse envolvida numa grossa e pesada capa. É tão grande o gozo da vida no plano astral que, em comparação, a vida física não pode chamar-se vida. Muitos homens, que podem funcionar no mundo astral durante o sono de seu corpo físico, consideram o regresso diário ao mundo físico com a resignada sujeição com que muitas pessoas fazem sua viagem diária à oficina de trabalho; não lhes desagrada inteiramente, mas não o fariam se não fossem compelidos a isso.

E assim, a nove pessoas em cada dez, quando se acham em seu corpo astral, não agrada muito o regressar ao corpo físico e não se preocupam se o cérebro físico recorda ou não. Mas se um homem deseja especialmente adquirir o hábito de recordar, recomendam-se os seguintes procedimentos:

1. Visto que seu último pensamento antes de entregar-se ao sono é de imensa importância e o afeta física, mental e moralmente, deverá fazer um esforço especial para elevar seus pensamentos antes de dormir, até o mais alto nível de que seja capaz; entretanto, conforme já se disse antes, deveria ele fazer isso invariavelmente, quer queira, ou não, recordar suas experiências astrais.

2. Ao se preparar para dormir, deverá pensar na aura que o rodeia (ver o final deste capítulo) e desejar fortemente que a superfície externa de tal aura seja um escudo que o proteja da invasão de influências estranhas – da turva corrente dos pensamentos de outros –, e a matéria áurica obedecerá a seu desejo; uma concha magnética se formará realmente ao redor dele e as correntes mentais externas ficarão excluídas, mesmo no caso de seu cérebro etérico passar a evocar cenas (de seu interior) por si mesmo.

3. Quando se achar fora do corpo, deverá primeiramente tentar recordar que se encontra no mundo astral.

4. Então, para estabelecer a conexão entre a memória física e a astral, deverá recordar (quando estiver fora do corpo) que assim deseja fazê-lo e que a consciência física será confortada se a memória puder passar por ela.

5. Depois deverá tomar a resolução de regressar a seu corpo lentamente, em vez de fazê-lo com precipitação e sacudimento, como geralmente é o caso; essa sacudida é que o impede de recordar.

6. Tentará parar um pouco e dizer para si, justamente antes de despertar: “Este é meu corpo, agora vou entrar nele”; e “Tão logo estiver dentro, farei com que se sente e escreva tudo o que puder recordar.” Então deverá entrar nele tranquilamente, sentar-se nesse momento, e escrever tudo o que for capaz de recordar imediatamente. Se esperar alguns poucos minutos, como regra geral tudo se perderá. Cada fato que ele anotar, porém, servirá como conexão para outras lembranças. As notas poderão parecer-lhe algo incoerentes, quando depois as ler, mas isso não deverá importar-lhe; é porque está tentando narrar, com palavras físicas, experiências de outro plano. Dessa maneira ele poderá adquirir, gradualmente, o hábito de recordar, ainda que isso possa requerer um longo tempo.

Deverá, porém, ser sistemático em seus esforços. Cada vez que conseguir reter algo assim, mais lhe será fácil recordar na próxima ocasião e se tornará mais curto o período necessário para estabelecer o hábito da recordação automática. Existe um momento de inconsciência entre o dormir e o despertar, que atua como um véu, causado pela espessa rede de matéria atômica através da qual as vibrações têm de passar.

P 102: Podemos reconhecer um amigo ou conhecido, no mundo astral ou no mental, por sua aparência, durante sua ausência do corpo físico?

R: A forma de todos os corpos superiores é, sem dúvida, ovoide, mas a matéria que os compõem não se acha uniformemente distribuída através do ovo. O corpo físico se acha no centro de tal ovoide. O corpo físico atrai poderosamente a matéria astral que, por sua vez, atrai fortemente a mental. Por isso, quase toda, ou seja, noventa e nove por cento da matéria do corpo astral, acha-se comprimida dentro da periferia do marco físico e o mesmo ocorre com o corpo mental. Se virmos o corpo astral de um homem em seu próprio mundo, afastado do corpo físico, perceberemos ainda a matéria astral agregada exatamente na forma da física, embora, como a matéria astral é mais fluídica em sua natureza, o que virmos será um corpo constituído por espessa névoa em meio a um ovoide de névoa mais fina. O mesmo se observa com o corpo mental. Por conseguinte, se tivermos de encontrar um conhecido no mundo astral, ou no mental, nós o reconheceremos por sua aparência tão instantaneamente como no mundo físico.

P 103: O que é a auréola que normalmente se vê nas pinturas, ao redor das cabeças dos santos?

R: Todo ser humano está rodeado por uma nuvem luminosa chamada aura, uma porção sutil de matéria fina que se estende ao redor do corpo físico a uma distância de 50 a 75 centímetros. É de forma ovalada e por isso, comumente, é chamado “o ovo áurico”; não tem contornos bem definidos, e se esfuma gradualmente até desaparecer no nada. Parte daquela aura, mais desenvolvida num santo, mostra-se como um círculo de raios ao redor da cabeça do retrato e se chama “auréola” ou “glória”. Não somente ao redor do corpo humano, mas também ao redor de animais, árvores e até minerais, pode-se ver a aura como uma nuvem de luz, circundando-os ou emanando deles, ainda que menos extensa e complexa do que a do homem.

A aura humana consta de matéria de diferentes estados; e cinco de suas partes componentes são visíveis para o olho do clarividente, sendo cada uma, digamos assim, uma aura por si mesma, que ocuparia todo o espaço se as outras quatro fossem retiradas.

A primeira, chamada de “aura da saúde” devido ao fato de que sua condição é afetada grandemente pela saúde do homem físico, está composta puramente de matéria física muito fina; é de um branco azulado fraco, quase sem cor, e, num homem cheio de saúde, apresenta aparência estriada com numerosas linhas retas irradiando do corpo em todas as direções. Essas linhas, rígidas e paralelas em tempos de saúde, devido à constante irradiação de força vital abundante procedente de um corpo são, deformam-se durante enfermidades, parecendo confusas e lânguidas como os pistilos de flores murchas.

A segunda se chama aura prânica, porque se compõe de matéria do Prana especializada, irradiando-se constantemente do corpo em todas as direções, e possui um matiz azulado pálido, apesar de o Prana que circula pelo corpo ter uma cor rosa. À radiação da aura prânica se deve o paralelismo das linhas da aura da saúde. A aura prânica é mencionada frequentemente como a “aura magnética” e é usada na produção de muitos dos fenômenos de magnetismo.

A terceira aura é aquela que expressa *Kama* ou desejo, ou seja, é o campo de manifestação de *Kama*. Dela se forma o corpo astral para que o homem viaje no mundo astral durante o sono do corpo físico. Há muito pouca permanência em suas manifestações, já que suas cores, seu brilho e tipo de vibração estão mudando a cada momento. Por exemplo, um arrebatamento de paixão carregará toda a aura de profundas labaredas vermelhas sobre um fundo preto fuliginoso, enquanto que o medo repentino a converterá numa lívida e palpitante massa cinzenta.

A quarta é a aura do *Manas* inferior, a manifestação da personalidade. Dessa aura se forma o corpo mental do homem comum. É usada, também, para se fazer o *mayavirupa*, um corpo que funciona no plano mental, mas que permite a seu ocupante por-se em contato ao mesmo tempo com o astral. Uma pessoa capaz de viajar constantemente em seu corpo mental deixa atrás de si seu corpo astral, juntamente com o físico, e se por alguma razão desejar mostrar-se no mundo astral não necessitará de seu próprio veículo astral, materializando, por deliberada ação de sua vontade, outro para uso temporário.

Essa materialização astral, o *mayavirupa*, é usada para ambos os planos pelos Adeptos e alguns de Seus discípulos, e por outros que sabem como formá-lo. Na quarta aura podem ver-se raios de espiritualidade e intelectualidade, e os fortes desejos (habitualmente repetidos na aura kâmica) estabelecem nela vibrações correspondentes, produzindo ali um matiz permanente da mesma cor, mediante o qual é possível ler a disposição geral e o caráter de um homem. Essa aura é, por conseguinte, a registradora dos progressos da personalidade, conforme já se explicou antes no caso do corpo mental.

A quinta aura, a do *Manas* superior ou Individualidade, não distinguível ao redor de cada pessoa, é de inconcebível beleza; de fato é o corpo causal, o veículo do Ego que reencarna e demonstra, por sua condição, o grau de seu adiantamento desde a individualização.

O mesmo significado de cores se aplica para todas essas auras, segundo já se explicou para os vários corpos.

Quando durante o sono um homem passa ao plano astral em seu corpo astral, leva também consigo as auras manásicas inferior e superior, deixando atrás de si na cama, com seu corpo físico, as primeiras duas auras junto com um pálido resíduo da terceira, que não é necessária na formação do corpo astral. Naturalmente, se ele passa num veículo sutil ao plano mental superior, deixa muito mais atrás de si.

Também existem uma sexta e uma sétima auras, mas não se conta com informações no momento acerca delas.

Todas as auras são meras emanações, mas constituem manifestações ou expressões do homem em diferentes planos.

CAPÍTULO IV

REENCARNAÇÃO

P 104: *O que é Reencarnação?*

R: É o renascimento, a descida da alma humana a sucessivos corpos físicos. Cada ser deverá passar por muitas vidas, voltando à Terra uma e outra vez e habitando, em cada ocasião, num diferente corpo terreno, de acordo com a lei do carma, segundo a qual cada um colhe o que tiver semeado em vidas anteriores.

P 105: *Mas o que é que reencarna e qual é o objetivo da reencarnação?*

R: Pela etimologia da palavra (re, outra vez; in, em; caro-carnis, carne), reencarnar significa “repetidas entradas em envolturas carnis ou físicas” e implica a existência de algo relativamente permanente que entra em algo relativamente impermanente. O homem é uma inteligência espiritual revestida de corpos de matéria. Essa inteligência, que deve por em prática todos os seus poderes e capacidades divinas, desenvolve-se por descidas até a matéria tosca, ascendendo depois com os resultados das experiências assim obtidas. É o Ego, ou seja, o terceiro princípio (*Manas* ou Inteligência), com os dois princípios superiores (o segundo, *Buddhi* ou Intuição, e o primeiro, *Atma* ou Vontade), que toma diferentes corpos, embora sua residência natural sejam as regiões mais elevadas e espirituais. Ainda não manifesta a divindade e deve aprender a dominar a matéria, mediante longas experiências e muitas lições.

Tal como a ave marinha revolteando pelos ares precipita-se na água para pegar sua presa, e se eleva de novo ao seu próprio elemento, assim ocorre com o homem real, o ser espiritual que pertence aos mundos superiores, que desce à Terra para obter a experiência, que é o alimento para o desenvolvimento do Espírito, e a qual leva consigo a seu lugar para assimilá-la em capacidades inatas e poderes mentais e morais. Depois de assimilada a experiência de uma vida, regressa à Terra para outra vida a fim de progredir mais.

Primeiramente vem à Terra e toma um corpo que lhe foi preparado, geralmente o corpo de um homem primitivo, para aprender as primeiras lições da experiência humana. Passa logo ao outro lado da morte e, mediante as lições de dor, aprende os erros que cometeu, assim como das lições de gozo deduz quais foram os pensamentos e sentimentos retos que teve; ao passo que, durante a última parte de sua vida *post-mortem*, assimila o que pôde coletar na Terra. Uma vez assimilada tal experiência, volta de novo à Terra e ocupa um corpo melhor, adequado à sua condição já mais adiantada. Sua vida real requer, pois, milhões de anos, e o que comumente consideramos como sua vida é tão só um dia de sua vida, já que uma existência de uns sessenta anos neste mundo comumente é seguida nos mundos superiores por um período de duas a vinte vezes aquela duração, de acordo com o desenvolvimento. Cada vida é um dia na escola, e cada vez que voltamos à

Terra reassumimos nossas lições no ponto em que as deixamos, ajudados pelo que melhoramos com o estudo a domicílio, isto é, o estudo nos “céus”, que são o lugar da alma. O homem primitivo acha-se precisamente começando sua educação humana, enquanto que um ser espiritualmente adiantado está se aproximando de seu exame final nessa escola do mundo. Alguns alunos, que são aptos, aprendem rapidamente, enquanto que outros Egos, à maneira de crianças pouco inteligentes, requerem maior tempo para compreender suas lições. Nenhum aluno haverá jamais de fracassar, mas a duração do tempo necessário para capacitar-se para o exame superior dependerá de seu próprio critério. O discípulo judicioso, considerando que essa vida escolar é meramente uma preocupação para outra mais elevada, procura aproveitar o tempo o melhor possível e tenta compreender as regras da escola e conformar sua vida de acordo com elas.

P 106: Acaso não temos bastantes sofrimentos numa única vida? É horrível a ideia de renascer para sofrer novamente?

R: Os fatos não se alteram por nosso desagrado da existência ou por falta de compreensão do propósito da mesma. Se no mundo fossem desconhecidos os pesares e a aflição, acaso não seria um cruel sofrimento o abandonar tal terra de bem-aventurança na hora da morte, e não seria, então, bem-vinda a reencarnação? Portanto, o que desagrada não é a reencarnação, mas as provas e sofrimentos da vida terrena. Porém as dificuldades e pesares nos trazem experiência, nos ensinam algumas das maiores lições da vida e nos compelem a desenvolver poderes que, de outra maneira, jamais entrariam em atividade. Segundo se explicará depois, no Capítulo V, nós colhemos o que semeamos; sofremos na vida presente devido aos erros nas vidas passadas; e ninguém além de nós mesmos pode causar-nos sofrimento.

P 107: Não parece injusto que sejamos castigados por más ações já esquecidas, perpetradas há milhares de anos, numa vida anterior? Por que há de sofrer um homem em consequência daquilo que não é consciente de ter praticado?

R: Uma pessoa pode sofrer enfermidades, ignorando as condições sob as quais semeou em seu corpo os germens daquelas; a reta sequência de causa e efeito não se altera por sua ignorância. No Universo não existe tal absurdo, de um efeito sem uma causa responsável.

Por outro lado, o esquecimento dos erros não destrói suas consequências, assim como o não recordar as boas ações não impede ao homem gozar do fruto das mesmas.

De fato, o homem real, o Ego, não esquece suas más ações, mas as recorda como nós recordamos o que fizemos ontem, apesar de a memória do cérebro físico do novo corpo não recordar o que foi feito no corpo que o Ego usou em sua vida anterior. Um rapaz que roube maçãs hoje, será credor de um castigo quando for preso dias depois, mesmo que esteja usando um traje diferente. O Ego que criou o carma colhe o carma. O lavrador que semeou a semente faz a colheita, mesmo que as roupas que tenha usado ao semear

possam ter sido destruídas durante o intervalo entre a sementeira e a colheita. Igualmente podem destruir-se as roupagens física, astral e mental do Ego entre a sementeira e a colheita, e ele colher num novo jogo de vestimentas; porém, quem semeia, também colhe, e se empregou pouca semente ou de má qualidade, ele mesmo terá de fazer uma exígua colheita quando chegar o tempo.

Se fôssemos recordar todas as nossas ações passadas, nos sentiríamos desolados ante a dolorosa visão de um passado sempre cheio de debilidades, ainda que estivesse livre da mancha do crime; e se soubéssemos que cada um de nossos erros passados, continuamente presentes diante de nossos olhos, traria consigo seu castigo, não estaríamos, por acaso, obcecados a cada instante pelo temor, e não seria nossa vida um tormento interminável, fora de toda proporção com o pecado cometido? Limitando-nos a uma só vida, quantos criminosos poderiam obter melhor proveito dela se tão somente pudessem esquecer? No entanto, a recordação de seu crime é um grilhão que os impede de recuperar-se e progredir. E quanto mais felizes seríamos muitos de nós se pudssemos anular várias páginas de nossa história da atual encarnação! Enquanto não formos suficientemente fortes para suportar sem tristeza, remorso ou ansiedade, e sobretudo sem ressentimento, as recordações da vida presente, não desejemos agregar ao peso dela a carga de um passado milenar.

Portanto, é um banqueiro misericordioso que nos poupa o incômodo de cortar nossas contas e que, cada vez que nos encontramos a ponto de começar um novo Livro, fixa o saldo e o transporta à nova conta com os juros acumulados. Por outro lado, depois da morte, a alma, livre já de suas envolturas ilusórias, faz uma revisão imparcial do passado, anota seus erros e fracassos, assim como seus motivos e, pelo conhecimento adquirido dessa maneira, cresce em sabedoria e em poder, em inteligência e em consciência.

P 108: Mas por que não temos recordações de nossas vidas passadas? Nós nos lembramos de tudo que experimentamos e, se tivéssemos vivido antes, por que haveríamos de esquecê-lo?

R: Em primeiro lugar, anotemos o fato de que nos esquecemos de nossa vida atual mais do que recordamos. Não nos lembramos de quando aprendemos a ler, mas o fato de que podemos ler demonstra a aprendizagem. Evitamos que o fogo nos queime, mas nos recordamos da ocasião particular em que pela primeira vez nos queimamos e aprendemos a lição. Além do mais, esses acontecimentos não estão esquecidos inteiramente; acham-se submersos, não destruídos, e podem ser extraídos das profundidades da memória, podem ser recuperados do subconsciente de uma pessoa se esta for colocada em transe mesmérico. Se esse esquecimento é um fato, tratando-se de experiências pelas quais passamos em nosso corpo atual, como esperar que nosso cérebro atual recorde experiências nas quais nem ele nem o corpo tiveram participação alguma? Nossos corpos causal e superiores permanecem conosco através de toda a série de reencarnações, mas os corpos físico, astral e mental se desintegram depois de cada encarnação; e quando ao iniciar uma

nova existência nos recobrimos de três corpos mortais, que recebem da inteligência espiritual que reencarna não as experiências detalhadas do passado, mas as qualidades, tendências e capacidades obtidas daquelas experiências; e nossa consciência, nossa resposta instintiva aos chamados emocionais e intelectuais, nosso assentimento a princípios fundamentais de bem e mal, são vestígios de experiências passadas.

Existem muitíssimas recordações inconscientes que se manifestam em faculdade, em emoção, em poder; marcas do passado impressas no presente que podem ser descobertas pela observação de nós mesmos e dos demais. De conformidade com nosso carma, obtemos de nossos pais nosso corpo físico mediante o que se chama herança física; mas a mentalidade que possuímos, assim como nosso íntimo caráter, nós mesmos os construímos. Toda pessoa traz consigo, a cada nova encarnação, certas tendências que são as lembranças acumuladas de vidas passadas; certos poderes que também são a soma de atividades do passado; e certas características, certas faculdades, que prontamente se revelam na criatura e que falam do que se fez ou deixou de se fazer durante vidas anteriores na Terra. Daí que as recordações do passado podem ser claras e definidas, conseguidas pela prática da Yoga (uma disciplina ou sistema de treinamento), ou podem ser inconscientes, mas demonstradas pelos resultados e intimamente ligadas, de muitos modos, aos chamados instintos, através dos quais fazemos certas coisas, pensamos e, ao longo de certas linhas, exercitamos determinadas funções e temos conhecimentos específicos, não adquiridos conscientemente. Nas atuais investigações da Psicologia, muitos arrebatamentos de sentimento, que levam a cometerem-se ações violentas e não premeditadas, são atribuídos ao subconsciente, isto é, à consciência que se demonstra nos pensamentos, sentimentos e ações involuntárias; vêm até nós procedendo do passado remoto, sem nossa volição nem nossa criação consciente. Nossos instintos são recordações enterradas no subconsciente, que influenciam nossas ações e determinam nossos gostos; nosso instinto moral é Consciência, uma massa de recordações entretidas de experiências passadas, que fala com o mandato imperativo de todos os instintos, decidindo acerca do “bom” e do “mau” sem argumentar nem raciocinar, e alertando-nos a evitar perigos já experimentados no passado.

Que são as faculdades inatas se não uma lembrança inconsciente de assuntos bem dominados no passado? E aqui temos uma prova da exatidão da ideia de Platão, de ser todo conhecimento uma reminiscência. Tendo aprendido bem alguma ciência nesta vida, por exemplo, a matemática, e tendo-a esquecido durante anos, podemos aprendê-la de novo rapidamente, já que não seria mais que repassar um assunto bem conhecido. Da mesma maneira, quando compreendemos e aplicamos prontamente uma filosofia, ou quando chegamos a dominar uma arte sem muito estudo, a memória das vidas passadas está ali em ação, ainda que os fatos da aprendizagem tenham sido esquecidos. E assim ocorre que uma pessoa que tenha estudado Ocultismo numa vida anterior, e chega a por-se em contato com a Teosofia nesta vida, aceita-a imediatamente, como quem renova uma antiga relação e faz rápidos

progressos; enquanto que outra pessoa que a estuda pela primeira vez nesta vida, não progride muita coisa.

Igualmente, quando nos encontramos como em família com um estrangeiro que acabamos de conhecer, ou quando dois seres se enamoram à primeira vista, a recordação atua ali, é o reconhecimento que o Espírito faz de um amigo de encarnações anteriores; é o chamado do Ego a outro Ego, antigos camaradas que apertam suas mãos em perfeita confiança e mútua compreensão. E de modo semelhante está presente a recordação quando nos surpreendemos com um sentimento de repulsão ao vermos um ser aparentemente estranho a nós: não é mais que o reconhecimento de um antigo inimigo.

Por outro lado, a lembrança de vidas passadas se manifesta, em certas ocasiões, em crianças que têm visões fugazes de sua vida anterior e que rememoram, algumas vezes, muitos detalhes, especialmente se morreram de morte violenta em sua última encarnação. Sem dúvida alguma tal recordação pode ser conseguida, mas isso requer firme esforço e prolongada meditação para controlar a sempre inquieta mente e torná-la sensitiva e fiel ao chamado do Espírito, manifestado como um Ego único que armazena todas as lembranças do passado; então se recordam as cenas de vidas anteriores, reconhecem-se os antigos amigos, veem-se os antigos laços. O fato é que o Ego passou por todos esses eventos e, no mundo celeste, depois da morte, elaborou, a partir de suas experiências, faculdades e caráter, intelecto e consciência. Mas somente quando um homem alcançar a memória do Ego e chegar a unificar-se com ele conscientemente, poderá recordar tudo em seu novo cérebro.

Nenhum cérebro pode conservar com todos os detalhes a lembrança de acontecimentos de numerosas vidas passadas, e, ainda que pudesse, sendo meros detalhes, não valeria a pena serem levados em consideração por quem tem de atuar sob o acicute do momento. Se cada vez que nos aproximamos do fogo tivéssemos de recordar todos os sofrimentos de queimaduras anteriores, voltaríamos a nos queimar muitas vezes antes de passar por todos os detalhes de recordações passadas e deduzir delas uma linha de conduta. Mas quando aqueles acontecimentos estão sintetizados em juízos morais e mentais, acham-se prontos para uso imediato. A lembrança de numerosos assassinatos cometidos seria uma carga inútil, enquanto que o instinto da santidade da vida humana é uma recordação efetiva daqueles.

Um homem de idade é mais sábio e mais inteligente que um jovenzinho porque ganhou maior experiência. Igualmente, um homem civilizado é mais sábio que um homem primitivo, porque passou por mais encarnações.

P 109: Mas, um homem de idade é sempre mais sábio e mais inteligente do que um rapaz? Pode um jovem contemporâneo, de vinte anos, ser mais inteligente que um homem primitivo, de cinquenta?

R: Essa questão só vem reforçar a teoria da reencarnação. Um garoto de dez anos e dez dias é mais sábio do que outro de cinco anos e cinquenta dias, pois os dias nada significam diante dos anos. Igualmente, visto que os

anos nada significam diante das vidas, um jovem de vinte anos e, digamos, mil vidas atrás dele, deve ser mais sábio que um homem primitivo de cinquenta e, talvez, cem vidas pretéritas. Agora, se não aceitamos a reencarnação, todas as criaturas deveriam nascer com a mesma inteligência, o que não é assim. Somente a reencarnação explica a diferença entre elas, decorrente das diferentes idades das almas.

P 110: *Sabe-se que as peculiaridades físicas e mentais das crianças procedem dos pais pela lei da hereditariedade. Acaso a reencarnação ignora tal lei?*

R: Não. Pelo contrário, a ratifica no plano físico. Ao fornecer corpos físicos, os pais estampam neles sua marca de fábrica, e assim as moléculas do corpinho infantil trazem consigo o hábito de vibrar de certo modo. Dessa maneira é como se transmitem à criança as enfermidades hereditárias, assim como as pequenas manias ou extravagâncias.

Mas a transmissão de semelhanças e peculiaridades mentais é verdadeira até certo limite e nunca até a extensão que se supõe. Os pais fornecem os átomos físicos assim como os etéricos e os elementos kânicos (estes especialmente trazidos pela mãe), os quais, atuando sobre as moléculas do cérebro, conferem à criança as características passionais dos pais, modificando em parte as manifestações do Ego da criança. Embora a reencarnação admita todas essas influências paternas na criatura, vai-se mais longe ao afirmar que existe uma ação do Ego totalmente independente, a tendência inerente à sua natureza, dando assim uma explicação plena das diferenças, assim como das semelhanças. A herança pode explicar somente as semelhanças e não as diferenças.

Além do mais, embora a lei da hereditariedade explique a evolução dos corpos, não lança luz sobre a evolução da inteligência e da consciência, e as últimas deduções demonstram que as qualidades adquiridas não são transmissíveis e que o gênio é frequentemente estéril.

Existem circunstâncias importantes que se opõem à lei da hereditariedade e que são facilmente explicadas pela reencarnação, como os seguintes casos que demonstram o inadequado da redução exclusivamente a influências hereditárias:

1. Filhos dos mesmos pais que não são igualmente inteligentes nem de mesmas tendências morais.

2. Comparando as vidas dos gêmeos se observa que dois indivíduos nascidos sob condições exatamente idênticas, e tendo precisamente a mesma herança, costumam diferir grandemente no físico, no intelecto e no caráter.

3. As grandes diferenças de caráter e de inteligências que podem existir entre pai e filho apesar de seu físico parecido.

4. O nascimento de gênios em circunstâncias humildes e até vulgares, o que prova irrefutavelmente que a alma individual ultrapassa as sujeições do nascimento físico.

5. Filhos medíocres nascem de pais muito cultos, o que demonstra a falta de influência hereditária nas capacidades e poderes mentais e morais.

6. Filhos perversos que nascem de pais santificados.
7. Filhos santificados que nascem de pais dissolutos.
8. Grandes gênios morais como o Buda, Zoroastro, Jesus, etc., cujo nascimento não pode ser explicado pela hereditariedade.
9. Instintos musicais ou tendências artísticas num irmão, enquanto o outro nem sequer possui uma elementar noção de arte.

Todos esses casos podem ser explicados satisfatória e facilmente pela reencarnação.

P 111: Não poderia cada alma ser criada especialmente por Deus? É dito que existem três explicações para as desigualdades humanas, para as diferenças de faculdades, oportunidades e circunstâncias: a lei científica da hereditariedade, a criação especial por Deus e a Reencarnação. O senhor refutou a primeira; o que poderia dizer da segunda?

R: Todo mundo aceita a lei de evolução para todas as coisas, exceto para o homem. O que principia no tempo deve terminar no tempo, e a ideia de criação especial implica a correlata ideia de aniquilação na hora da morte; com isso se pretende que a inteligência espiritual chamada homem não tenha um passado espiritual, embora se admita que tenha um futuro interminável, o que faz pensar no absurdo de uma vara com uma só extremidade.

Segundo essa hipótese, o caráter de um homem, do qual depende todo seu destino, é criado especialmente para ele por Deus, e lhe é imposto sem oportunidade de escolha. É dotado de nobre caráter e de refinadas capacidades, deverá mostrar-se agradecido, ainda que nada tenha feito para merecê-los. Se nasce com uma enfermidade hereditária e com um mau caráter, ou até criminalidade congênita, ou então se nasce aleijado ou idiota, tampouco fez algo para merecê-lo. Tudo dependeria então do mero acaso, ou do capricho, ou da arbitrária vontade de Deus. Se fosse esse o caso, onde estaria a justiça do Deus Sumamente Justo, bem como o amor do Pai Todo Amor? Dizem-nos às vezes que todas essas coisas deverão ser ajustadas na vida futura. Poderá ser assim; mas isso não dá nenhuma explicação razoável acerca do por que serem desse modo nesta vida atual, nem tampouco nos parece razoável excluir especialmente a vida humana, nesta Terra, do conjunto de lei e de ordem, do delicado desígnio e propósito que se observa por toda parte no mundo natural.

Ademais, uma criança pode morrer poucas horas depois de uma alma ter sido especialmente criada para ela. Tal alma terá que lamentar eternamente ter perdido aquela vida e as experiências que poderia ter obtido sobre a Terra. Mas se as experiências terrenas não servissem depois, e se a vida na Terra não tivesse valor algum, exceto para ser julgada e se ir a um céu eterno ou a um inferno eterno, poder-se-ia dizer que a uma alma vinda a um corpo que viva até a velhice lhe tocou a pior parte – sofrer doenças, misérias e pecados, correndo o risco de acabar no inferno –, enquanto a criatura de vida curta não correu risco algum, não sofreu misérias nem penalidades e ao morrer terá tão boa sorte quanto outras almas.

Há mais ainda: essa teoria faz de Deus um servidor do homem, já que Ele terá de esperar para criar uma nova alma até que o homem, impelido por suas paixões, forneça material para um novo corpo físico. Além disso, embora por um lado se afirme que Deus castiga o que peca, por outro Ele mesmo se põe a criar uma nova alma para os corpos pecaminosos produzidos. Por conseguinte, a teoria de uma criação especial também parece ilógica, injusta e absurda, restando a reencarnação como a explicação mais razoável e justa.

P 112: *Uma objeção: se não existe criação especial, tem que existir um número fixo de Egos humanos que voltem à Terra uma e outra vez. Como se poderia explicar, então, o aumento da população do mundo?*

R: Há em realidade um número fixo de espíritos humanos, uns sessenta bilhões, que formam a humanidade. Em determinado ponto da evolução, houve um influxo deles, do reino animal ao reino humano; porém isso foi há muito tempo. Naturalmente, uns poucos que procedem do reino animal se individualizam ocasionalmente e entram no reino humano, mas tal número é insignificante, como o é o daqueles que deixam a humanidade para passar à evolução super-humana; e assim o número de espíritos que formam a humanidade praticamente se mantém constante.

Apesar de o número de Egos ser fixo, aqueles que se acham encarnados formam uma pequena minoria, em qualquer tempo, como 1 para cada 30 do total, já que a população do mundo chega a dois* bilhões, contra um total de 60 bilhões de Egos. Muitos se encontram nos planos astral e mental e permanecem longos períodos afastados da Terra à medida que evoluem, encarnando as almas adiantadas em intervalos maiores do que as atrasadas. Poderia comparar-se o mundo a um salão municipal que estivesse meio vazio, cheio, ou superlotado, enquanto que a população local da cidade permaneceria comparativamente constante; e ao acelerar-se ligeiramente a reencarnação, ou encurtar o período celeste, se aumentaria sobremaneira a população física de nosso globo sem aumento algum no número total de espíritos que reencarnam.

P 113: *Então qual a necessidade da reencarnação?*

R: A reencarnação é necessária, lógica, científica e moralmente.

P 114: *Poderia, por favor, explicar cada ponto em detalhe. Em primeiro lugar, qual é o argumento do ponto de vista lógico?*

R: A reencarnação é uma necessidade lógica, já que sem ela, sem nada que satisfaça a razão, a vida seria um enigma desesperador.

Existe algum propósito para nossa vida, entre o berço e a sepultura? Nós nos preparamos de algum modo, ou não, para a vida depois da morte? Se existe uma vida de bem-aventurança além-túmulo, deve ser merecida de algum modo, seja por se resistir à tentação ou por obras positivas. Caso seja

* N. do T.: Na época da publicação do livro – Ano de 1925.

requerido um esforço para ganhar a vida celestial, como explicar a morte de uma criatura na infância sem ter tido a oportunidade de fazê-lo? Dir-se-ia que ela, não tendo causado mal algum, entraria logo no céu. Em tal caso, não parece aceitável outros terem que passar uma longa vida de tentações e perigos, correndo o risco de irem, ao final, para o inferno; por isso, se as coisas se passassem assim, a prece das mães deveria ser não que seu recém-nascido viva e cresça, mas que morra imediatamente. Agora, se o resultado fosse o mesmo, isto é, se chegassem ao céu tanto a criatura que perece na infância, quanto o homem bom que alcança uma velhice madura, então a vida seria uma espécie de armadilha, mais do que inútil, já que está cheia de miséria e dor desnecessárias. Ademais, se a vida celestial devesse ser conseguida pelo esforço individual, deveria haver oportunidades iguais para todos. Entretanto, vemos que não é assim, já que todos nascem diferentes, com distintos poderes, capacidades e oportunidades, no meio de circunstâncias e ambientes diversos: um como homem primitivo, imbecil ou criminoso congênito; outros dotados de boas tendências e oportunidades favoráveis. Nem poderia se esperar pouco de um e muito de outro, pois isso equivaleria a admitir que esta vida seja desnecessária e que é justo que um deva levar aqui uma vida de ignorância e sofrimento, e o outro uma vida de gozo ou de refinamento, e, no entanto ambos colherem o mesmo resultado. Nem bastaria afirmar que o primeiro receberá uma recompensa maior no céu, por causa de suas maiores dificuldades aqui, pois então poderia o outro exigir para ele, também, uma oportunidade semelhante a fim de alcançar a maior exaltação possível.

Todas essas questões parecem de difícil solução, a não ser pela teoria da reencarnação, que torna tudo inteligível.

Vejamos o caso de um homem primitivo, sem cultura ou moralidade, sem respeito nem a seus pais, mulher e filhos; ele mata, rouba e se embriaga até que finalmente sucumbe nas mãos de outro mais forte. É essa vida estreita e brutal tudo o que o mundo tem a oferecer-lhe, quando sabemos que o mundo é para todos tão belo, maravilhoso e cheio de melhores dons? Que será dele do outro lado da morte? Não pode ser enviado ao céu; pelo contrário, o mais provável é que vá para o inferno.

Vejamos agora à luz da reencarnação. Quando seu corpo físico morre e o homem primitivo passa ao mundo intermediário, descobre que aqueles a quem matou encontram-se ainda com vida e, como não esqueceram o que lhes ocorreu nas mãos dele, o recebem com a maior hostilidade. Assim, começa a aprender sua primeira lição, e passa a saber que, se matar um homem hoje, se encontrará com ele no dia seguinte. Não aprende isso numa vida, mas tem todas as vidas necessárias para aprendê-lo. Por outro lado, terá também alguma boa experiência *post-mortem* no mundo celeste. Pode ter sentido ligeiro afeto por sua mulher e seus filhos, antes que a extrema necessidade de alimento o impulsionasse a devorá-los; aquele pequeno gérmen crescerá, lhe levará um pouco de felicidade e se transmutará numa qualidade moral, com a qual renascerá e que, também, lhe comunicará certa tendência a resistir ao impulso de matar. E assim adquire experiências em cada vida, transmuta-as

em qualidades e faculdades, e vai civilizando-se gradativamente, até chegar ao ponto alcançado pelas crianças que hoje nascem.

Ademais, se a reencarnação não fosse um fato, que objetivo teriam as qualidades que com tanto esforço e dificuldade adquirimos em uma só vida? Um homem revela maior sabedoria quando chega à velhice, mas morre quando é de maior utilidade e valia; se acaso fosse salvo, ou condenado irremissivelmente, seria levado a mundos nos quais seria inútil, para sempre, aquele conhecimento adquirido em tantas e variadas experiências; se fosse assim, toda a vida humana careceria de razão de ser. Mas a reencarnação explica que o ser humano renasce com qualidades já formando parte de seu caráter, razão pela qual nada se perdeu. Por conseguinte, quanto mais se aplicam os pontos de vista lógicos e razoáveis, mais inevitável parece ser a reencarnação.

P 115: Qual é a necessidade científica para a reencarnação?

R: A ciência exige a reencarnação como complemento de sua teoria da evolução. Existem duas grandes doutrinas acerca da evolução que, pode-se dizer, dividem o mundo científico. A primeira é o ensinamento evolucionista de Charles Darwin; a segunda é o ensinamento moderno de Weissmann. Ambas as doutrinas, importantes como são, requerem o ensinamento da reencarnação para complementá-las; pois em ambas surgem certas questões que somente a reencarnação pode resolver.

Considerando o ensinamento evolucionista de Darwin à luz mais ampla possível, apresentam-se dois pontos importantes relacionados com o progresso da inteligência e da moralidade. Em primeiro lugar, a ideia de que as qualidades são transmitidas pelos pais aos filhos e que, pela força acumulada de tal transmissão, desenvolvem-se a inteligência e a moralidade. À medida que a espécie humana avança passo a passo, os resultados de sua ascensão são transmitidos à sua prole, a qual, começando por assim dizer da plataforma edificada pelo passado, é capaz de ascender mais no presente e transmitir à posteridade, já enriquecido, o legado que recebeu.

Em segundo lugar, a doutrina do conflito, ou seja, daquilo que se chama “a sobrevivência do mais apto”: há qualidades que capacitam alguém a sobreviver e, por tal sobrevivência, são transmitidas aos descendentes justamente aquelas qualidades que conferem vantagens na luta pela existência.

Estes dois pontos capitais, a transmissão de qualidades dos pais à progênie, e a sobrevivência do mais apto na luta pela existência, são questões que dificilmente se solucionam do ponto de vista Darwiniano. Como evoluem as qualidades morais e sociais? Seguramente não por causa da luta pela existência. As qualidades que são humanas por excelência, a saber, a compaixão, o amor, a simpatia, o sacrifício do forte para proteção do fraco, a disposição de se dar a vida em benefício de outros, são as qualidades que reconhecemos como genuinamente humanas, em contraposição às que compartilhamos com os animais. Quanto mais qualidades daquelas se

manifestam no homem, mais humano ele é considerado. Porém, aqueles que se sacrificam a si mesmos, morrem.

Entre os animais domésticos e mesmo entre os mais ferozes, a mãe sacrifica-se a si mesma pela prole indefesa, vencendo a lei da própria conservação. A ave-mãe ou o animal-mãe sacrificarão sua própria vida a fim de afastar o seu inimigo, o homem, do ninho ou da caverna onde se acham escondidos seus filhotes. Sempre triunfa o amor maternal sobre o amor pela vida. Porém a mãe morre no sacrifício. As que mais demonstram seu afeto, perecem, imolam-se por amor maternal. E entre os homens desenvolvem-se as qualidades sociais e morais, não por causa da luta pela existência, que requer o cérebro mais agudo e a consciência menos escrupulosa. As qualidades humanas de ternura e compaixão podem crescer somente pelo sacrifício de si; mas aqui também, como no reino animal, o homem que se sacrifica morre; e se as virtudes sociais ou humanas tendem para a morte de seus possuidores, e a permitir que somente viva o mais Egoísta e brutal, como poderemos explicar o crescimento, no homem, do espírito de autossacrifício, o aumento contínuo de qualidades tão divinas que incapacitam-no para a “luta pela vida”?

Aqueles que estudaram as obras de Darwin sabem que essa questão não se elucida ali por completo, antes, evita-se enfrentá-la. A reencarnação nos dá a resposta: na vida interminável, seja do animal ou do homem, o autossacrifício faz surgir no caráter um novo poder, uma nova vida, uma fortaleza compelente, a qual reaparece para o bem do mundo, uma vez ou outra, em manifestações cada vez mais elevadas. Embora a forma da mãe pereça, a alma da mãe sobrevive e volta à Terra de tempos em tempos; os que já possuíram tais almas de mãe exercitaram-se primeiro no reino dos brutos e, depois, no dos homens, de tal modo que aquilo que foi ganho pela alma, no momento do sacrifício do corpo, reaparece quando a alma reencarna, para benção e exaltação do mundo. E assim, cada mártir que morre pela verdade, cada herói que sacrifica sua vida por seu país, cada médico que perde a existência em luta contra alguma enfermidade terrível, cada mãe que se imola por sua criatura, volta à Terra melhorada pelo sacrifício, com aquela nobre qualidade entretida na própria natureza de sua alma, e colhe os resultados do autossacrifício na forma de um maior poder para ajudar o mundo.

Agora, com relação ao primeiro ponto, isto é, a transmissão de qualidades, Weissmann estabeleceu dois fatos fundamentais; primeiro, a continuidade da vida física (e já se verá que, para ser completa, necessita-se a continuidade da vida intelectual e moral). A razão para isso, segundo a linha seguida por Weissmann, é seu segundo fato fundamental, o de que as qualidades mentais e morais e outras que se adquirem não são transferidas à progênie, e que só poderiam sê-lo caso fossem elaboradas lentamente e por graus na própria textura do corpo físico dos descendentes. Não sendo transmissíveis as qualidades mentais e morais, onde se encontraria a razão para o progresso humano, a menos que, lado a lado com a continuidade do protoplasma, tivéssemos a continuidade de uma alma em desenvolvimento?

Tal continuidade da alma em evolução é também necessária porque, paralelamente à mesma teoria, e respaldada pelos fatos observados,

verificamos que quanto mais fino é o organismo, maior é sua tendência para a esterilidade ou grande limitação no número de descendentes. De fato, é já um aforismo entre os cientistas que “o gênio é estéril”, significando isso, em primeiro lugar, que um ser genial não tende a aumentar a raça e, em segundo lugar, que, ainda que um homem genial tenha um filho, este não demonstra possuir as qualidades do gênio, geralmente é um ser comum e até com tendência a atuar abaixo do nível médio de seu tempo.

Há dois tipos especiais de gênio: o do intelecto puro ou da virtude, e o da arte, que requer a cooperação do corpo físico. Pouco ou nada exige o primeiro da herança física; mas não poderíamos ter um grande gênio musical a menos que levasse aparelhado um corpo físico especializado, com delicada organização nervosa, finura de tato e agudeza de ouvido. Esses fatores físicos são requeridos a fim de que o gênio musical possa expressar sua fase mais elevada; aí se necessita da cooperação da herança física. Quando lemos a biografia de um gênio musical, geralmente descobrimos que nasceu no seio de uma família de músicos; que durante duas ou três gerações antes da aparição do gênio, a família na qual nasceu havia-se distinguido por seu talento musical; e que, quando o gênio aparece, o talento musical morre e a família se esfuma na marca comum da gente vulgar. A floração da família é o gênio, mas este não transmite-se à posteridade.

Esses problemas e enigmas da hereditariedade encontram explicação razoável no ensinamento da reencarnação. Um gênio musical necessita de um corpo especializado, que nasça numa família musical sob as leis da hereditariedade; mas, como já se explicou, tal lei surte efeitos somente para o corpo físico, pois o caráter mental e o caráter moral não são transmissíveis. E o gênio não vem ao mundo criado repentinamente por Deus, ou como um mero jogo da natureza ou resultado de algum acidente afortunado; vem com as qualidades que gradualmente desenvolveu lutando no passado. Na base da escala de progresso está o ínfimo homem primitivo; no topo de tal escala encontram-se o maior santo e o intelecto mais nobre, gênios lentamente criados por etapas, produzidos à força de inumeráveis lutas, por seus fracassos e suas vitórias, pelo mal e pelo bem. Os males do passado são os degraus pelos quais o homem ascende até a virtude, de tal modo que, mesmo no criminoso mais degradado contemplamos a promessa da divindade. Também ele ascenderá até onde se encontra o santo, e em todos os filhos dos homens Deus se revelará no fim.

Isso explica por que deve haver progredido o homem, embora Weissmann tenha razão ao dizer que as qualidades adquiridas não são transmissíveis, pois estas qualidades mentais e morais não constituem um dom do pai. São os troféus de vitórias duramente conquistadas pela alma individual. E cada alma volta a novo nascimento num corpo novo, com os resultados de suas existências anteriores como base de seu trabalho na vida presente.

E assim, a reencarnação com suas lições no curso da evolução da vida preenche os vazios que a teoria científica deixa, e torna compreensível o progresso do caráter e da inteligência paralelamente ao da evolução da forma.

Por último, cada vez que observamos a natureza e vemos coisas da mesma classe, as encontramos em diferentes etapas de crescimento; vemos constantemente, nas criaturas mais desenvolvidas, a folha do passado através do qual evoluíram. Igualmente, quando observamos os homens, vemos todo tipo de graus de inteligência e de etapas de crescimento moral. Como poderão ser explicadas cientificamente? Certamente que não pelo princípio (sugerido tantas vezes pela ciência) de uma criação súbita, de uma aparição repentina sem causa, sem antecedentes, sem nada que o explique. Então, por que essas grandes diferenças? Se dissermos “Crescimento”, pisamos em sólido terreno científico, já que por toda parte vemos o crescimento na natureza, diferenças de tamanho, diferenças em desenvolvimento; e os signos do crescimento da inteligência e da moralidade, que vemos entre os homens, são sinais claros de um passado com diferenças na idade da alma. Além do mais, encontramos no intelecto humano marcas de seu passado, semelhantes às marcas do passado nos corpos humanos; a inteligência, num corpo novo, rapidamente percorre sua evolução passada, como bem o sabe todo observador que segue atentamente o desenvolvimento da inteligência de uma criança.

P 116: O que o senhor quer dizer ao referir-se à necessidade moral para a reencarnação?

R: A terceira necessidade, a moral, é o argumento mais poderoso para a reencarnação, já que, de outro modo, não poderia haver Justiça divina nem amor neste universo. Já se demonstrou que as outras duas explicações possíveis para as desigualdades humanas, a saber, a hereditariedade e a criação especial, carecem de razão. Um ser nasce disforme e o outro é um atleta. Por quê? Um é idiota de nascimento, o outro um gênio dotado de brilhantes poderes intelectuais; um magnânimo, o outro avarento e mesquinho. Por quê? Se Deus é autor de tais diferenças, isso implica irremediavelmente injustiça e desesperança. Nasce uma alma em alguma cercania, de uma meretriz e um bêbado; quando criança não aprende senão crimes e maldições; é obrigado a roubar para alimentar-se, nada sabe de bondade ou de amor; de homem converte-se em criminoso consuetudinário até que um dia, em estado de embriaguez, ataca um semelhante seu e o mata. É enviado à forca. Para onde irá depois da morte? Para o céu é demasiado pecador, enquanto que não seria justo enviá-lo ao inferno, já que não teve uma única oportunidade de regeneração em toda sua vida. Nasce outra alma no seio de uma família refinada e é cuidadosamente criada por seus amorosos pais. É impulsionada para a virtude e recebe esmerada educação. Durante toda sua vida recebe homenagens e elogios, até por coisas que não fez, e morre depois de uma existência de utilidade e glória. O que fez para merecer tudo isso? Se cada uma tivesse sido produto de uma criação especial, com um céu ou um inferno perpétuo subsequente à morte, onde estaria a Justiça Divina? Acaso o criminoso não teria direito de reclamar a Deus: por que me fizestes assim? Porém, a reencarnação restaura a justiça a Deus e o poder ao homem e explica que o criminoso é uma alma jovem ainda, não desenvolvida, um homem primitivo que apareceu na corrente evolutiva, contemporaneamente a

outra alma de mais experiência, com muitas vidas atrás de si; que ambos são o resultado de seu passado e que as diferenças entre eles são tão somente de idade e crescimento.

Entre outros muitos problemas, a reencarnação resolve estes:

- I. Explica as atuais desigualdades de condição e de privilégios sociais.
- II. Afasta a necessidade metafísica de ter de atribuir um aspecto de injustiça à Suprema Justiça.
- III. Introduz nos mundos morais e espirituais a mesma ordem que a observação e a ciência descobriram no físico.
- IV. Explica a aparição de homens geniais em famílias cujos outros membros carecem de habilidades extraordinárias.
- V. Explica a frequente ocorrência de casos de ambiente hostil, que costuma amargar a boa disposição e paralisar o esforço.
- VI. Justifica a violenta antítese entre o caráter e a condição, demonstrando que aquele é resultado do crescimento e não de um divino “faça-se”.
- VII. Explica as variações do sentido moral da humanidade, isto é, os problemas de consciência.
- VIII. Explica por que ocorrem os acidentes, desgraças e a morte prematura ou repentina.
- IX. Explica-nos por que alguns indivíduos possuem poderes psíquicos.
- X. Mostra a razão de ser e esclarece a evolução Darwiniana.
- XI. Fornece a solução razoável do problema de qual será o futuro dos homens que, tendo Deus lhes outorgado o dom da existência física, jamais aprenderam a estimá-la; por exemplo, o avarento, cujo único gozo é contar certo número de moedas de metal amarelo; ou o sensual, que não possui outro conceito da vida que não a bestialidade.
- XII. Explica a tremenda contradição que frequentemente surge entre nossos desejos e nossa vontade, nosso caráter segundo nós o conhecemos e nossas ações conforme são olhadas pelos demais.
- XIII. Soluciona a dificuldade de conciliar o Amor de Deus com Seu Poder.
- XIV. Explica o capricho, aparentemente sem significado, da morte.

P 117: *E a respeito de uma criança que morre pouco depois de nascer, como o senhor poderá explicar esse nascimento inútil?*

R: Um dos fatores sob os quais tem lugar a reencarnação é a lei do carma ou lei de causa e efeito (Ver o Capítulo V). Às vezes um Ego tem dúvidas sobre tal lei, por haver ocasionado, sem malícia ou intenção, a morte de alguma pessoa, matando meramente por descuido, como, por exemplo, ao acender um charuto com um fósforo e lançá-lo inadvertidamente sobre um monte de palha, comunicando o fogo a uma casa e queimando mortalmente seu ocupante. Tal Ego deverá pagar seu descuido, não sua criminalidade, com uma breve demora em ocupar um corpo novo. Pagará sua conta mediante a perda prematura de um corpo infantil e a conseqüente demora; mas logo ocupará outro, geralmente daí a uns poucos meses.

Nesses casos são os pais que mais sofrem. Por quê? Possivelmente os pais, numa vida anterior, tomaram a seu cuidado, só por preocupação com as aparências, o órfão de algum parente distante ao qual não trataram com a devida benevolência, e cuidaram da criança com uma crueldade que lhe ocasionou a morte. Conforme a lei do carma, eles colhem o que semearam e têm de saldar a conta pendente, de sua falta de amor, com a perda prematura do corpo de seu próprio filho, tão idolatrado em seus corações, e aprender assim a tratar com ternura e bondade a todas as crianças. A criança que morre imediatamente depois de seu nascimento nada perde; apenas seu progresso demora um pouco; mas os pais sofrem seu merecido carma ao perder seu filho único tão desejado. O carma deste toma assim contato com o daquelas pessoas que também têm a dívida de uma vida, e ambos os destinos se cumprem na morte da criatura.

P 118: O quão disseminada encontra-se a crença na Reencarnação entre as religiões e filosofias antigas e modernas? Quantas pessoas, aproximadamente, têm a ideia da reencarnação como parte de seu credo religioso?

R: A filosofia da Reencarnação é mais antiga que a mais remota antiguidade atribuída aos povos do mundo, pois é o corolário indispensável da imortalidade da alma. A reencarnação é mencionada nas grandes epopeias dos hindus como um fato inegável no qual se baseia a moralidade. Indiscutivelmente os egípcios ensinavam essa doutrina e seu conceito dela, conforme a interpretação sacerdotal mostrada no clássico “Livro dos Mortos”, uma de suas principais Escrituras, que descreve a rota seguida pela alma depois da morte, cópia do qual era depositada em cada ataúde. Na antiga fé persa, ela aparece nos escritos hoje existentes do “Avesta”, cuja maior parte se perdeu irremissivelmente, embora haja uma passagem no “Vandidad” (o mais ortodoxo dos livros Zoroastrianos) que se refere à doutrina da transmigração da vida animal. O Buda a ensinou constantemente, falando de seus nascimentos anteriores. Entre os remanescentes das antigas raças do continente americano, espalhados aqui e ali, encontra-se ocasionalmente tal crença, como por exemplo entre os índios Zuni. Os hebreus de hoje parecem não aceitar a reencarnação, apesar de haver alusão a ela na Kabala, pois a crença que antigamente se tinha surge nesta ou naquela página da obra. Na “Sabedoria de Salomão” se afirma que o nascer em um corpo sem marca (imperfeição, defeito físico ou moral) era a recompensa de “ser bom”. Alguns poucos milhares dos que são reconhecidos como cristãos creem agora nela, embora o sistema cristão atual a rechace, por mais que o Cristo a tenha aceitado quando disse a seus discípulos que João Batista era Elias. Orígenes, o mais instruído de todos os Santos Padres Cristãos, declarou que “Cada homem recebe um corpo de acordo com seus merecimentos e suas ações prévias”. Os sufis maometanos sustentam tal crença, a qual chegou até nós, na Idade Média, por um sábio filho de Islã, o poeta e místico persa Jalal-ud-Din-rumi, que disse:

“Morri num mineral e cheguei a ser planta,
Morri na planta e reapareci num animal,
Morri no animal e cheguei a ser homem.”

“Por que, pois, haveria de temer? Quando me tornei indigno por ter morrido?

Depois morrerei no homem para que brotem em mim as asas do anjo.”

Com razão disse Max Müller que as mais excelsas mentes que a humanidade já produziu haviam aceitado a reencarnação. Pitágoras a ensinou. Platão a incluiu em seus escritos filosóficos. Virgílio e Ovídio deram-na por admitida. As escolas neoplatônicas a aceitaram e os gnósticos e maniqueus creram nela. Nos tempos atuais a vemos ensinada por Schopenhauer, Fichte, Schelling, Lessing, Henry More, Hender, Southey, Bulwer, Pezzani, para mencionar só alguns dentre os filósofos e autores ocidentais. Humme declarou que essa era a única doutrina de imortalidade que um filósofo poderia levar em consideração. Goethe, em sua velhice, via com satisfação a perspectiva de seu regresso. Emerson, o Platão do século 19, assim como Wordsworth, Rossetti, Gosse, Tennyson, Browning, Coleridge, Collins, Bailey, Sharp e outros poetas acreditaram nela. O reaparecimento da crença na reencarnação não é, portanto, a implantação de uma ideia de selvagens entre nações civilizadas, mas o sinal de que as religiões se aliviam de sua falta de racionalismo, coisa que havia feito da vida uma confusão não inteligível de injustiças e parcialidades, ocasionando tanto ceticismo e materialismo.

Falando em termos gerais, a parte da humanidade que atualmente crê em carma e reencarnação abarca os hindus e os budistas. Os hindus são aproximadamente 250 milhões dentro da população total da Índia, que ascende à cerca de 320 milhões. Não é fácil determinar com exatidão o número de budistas, pois apenas sabemos algo a respeito da enorme população da China. Rhys Davids, apoiando-se nos dados do Censo, diz que o número de budistas no Sul é de 30 milhões e o de budistas no Norte de 470 milhões, o que perfaz um total de 500 milhões de budistas. Já o Dr. Findlater calcula o número total de budistas na China, somente, em “mais de 340 milhões”. E assim, no momento atual*, parece que quase a metade da raça humana crê em carma e reencarnação, enquanto que em tempos anteriores a proporção deve ter sido muito maior, visto que essas doutrinas eram as que prevaleciam nos países dominados pelo pensamento caldeu, egípcio e grego.

P 119: *Admitimos que a doutrina da Reencarnação faz parte das religiões hindu, budista, egípcia, grega e romana; contudo, não é ela totalmente estranha ao Cristianismo?*

R: Essa questão, de grande importância, é atualmente muito discutida pelos pensadores do Ocidente e está suscitando boa dose de controvérsia e antagonismo, baseados mais na ignorância do que no estudo. A doutrina da

* N. do T.: Em 1925, época da publicação do livro.

pré-existência da alma e da reencarnação ramifica-se ao longo de duas linhas nos livros dos primitivos cristãos e nos escritos dos judeus que precederam os cristãos. Às vezes insiste-se no fato de que a alma não veio à existência com o corpo, que ela é eterna em sua natureza ou, melhor dizendo, que o espírito é eterno e procede de Deus. Portanto, esse ramo da doutrina da “pré-existência da alma” simplesmente afirma que o espírito no homem é eterno, pois vem de Deus; que também procederam de Deus muitos outros espíritos não encarnados em forma humana; que estes passaram por várias etapas e vários mundos, até que alguns vieram ao mundo físico, onde tiveram um treinamento que os preparou para uma evolução Superior, ascendendo gradualmente com as experiências que iam acumulando, até alcançar a pureza original que haviam perdido. Pode-se afirmar que tal doutrina, levemente aqui esboçada, era universal, fosse entre os judeus ou na Igreja primitiva.

Em sua forma mais científica e precisa, a reencarnação, isto é, repetidos nascimentos do ser humano na forma física, nesta Terra física, encontra-se em alguns dos escritos dos primeiros cristãos, mas não em todos. Alguns falam vagamente da pré-existência; outros, claramente, de repetidos nascimentos no mundo.

Em todos, o princípio é o mesmo, a ideia de que o espírito humano procedente de Deus não é intrinsecamente santo, exceto por derivar da Suprema Santidade Una; mas que a santidade em seu caráter, que se deve à sua procedência de Deus, pode perder-se parcialmente, por algum tempo. Quando o espírito perde sua primitiva inocência, é denominado alma, sendo a alma o estado intermediário entre o espírito e o corpo. Ela adquire experiências, passa através de vários mundos no Universo e regressa por fim, com as experiências já acumuladas, a seu primitivo lar, o seio de Deus.

Sabe-se que os Santos Padres protestaram de forma veemente e atacaram asperamente a doutrina que estava em voga entre gregos e romanos, encontrada na literatura daqueles tempos, a saber, a ideia de que a alma humana pode passar por formas animais. Porém, o fato de ser o único meio possível de pré-existência, e portanto de ocorrência da própria reencarnação que “anatemizavam”, robustece ainda mais nossa certeza de que havia aceitação geral do princípio conforme descrito.

A fim de compreender as circunstâncias em que surgiu a Igreja de Cristo, precisa-se conhecer o ambiente judaico, os pensamentos e pontos de vista do povo hebreu, ao qual, naturalmente, pertenciam os apóstolos e os discípulos primitivos; e entre os quais, de acordo com a genealogia, o próprio Jesus tomou corpo. No Antigo Testamento, o versículo de Jeremias (i, 5) – “Antes que saíesses do ventre, Eu te santifiquei e te ordenei como Profeta...” – é um ao qual se referem padres da Igreja como relacionado com a pré-existência da alma humana. Tanto Orígenes como Jerônimo claramente se referem à afirmação de que, antes que Jeremias nascesse, foi santificado como Profeta, como a uma das provas da pré-existência da alma contidas nas Sagradas Escrituras. Orígenes assinala especialmente a circunstância de que a Justiça divina não poderia sê-lo a menos que um homem, santificado como profeta, ou nascido para prestar um grande serviço ao mundo, tivesse

merecido aquele privilégio por uma vida anterior de retidão, ou tivesse escalado essa bendita elevação como resultado de meritórias ações em seu passado. Em seguida temos a bem definida afirmação em Malaquias (iv, 5) de que “Elias regressaria”. Existe outra passagem interessante no livro “Sabedoria de Salomão”, na qual este diz: “Eu fui uma criança de aguda vivacidade e tive um espírito bom. Em verdade, por ser bom, vim a um corpo imaculado...” (ix, 5). Eis aí a afirmação explícita de que, já que Salomão era já um espírito bom, veio a um corpo sem marcas. O famoso historiador judeu Josefo acrescenta afirmações precisas com relação aos judeus de seu tempo. Em sua obra “De Bello Judaico” (ii, 8) diz, referindo-se aos fariseus: “...Afirmam eles que todas as almas são incorruptíveis; que somente as almas das pessoas boas passam a outros corpos, mas que as almas dos maus sofrerão castigo eterno...” Há todavia outra citação melhor em Josefo, aludindo à crença geral de seu próprio tempo com respeito à reencarnação da alma. Havendo defendido a fortaleza de Jotapata e buscado refúgio numa caverna, com uns quarenta soldados que planejavam matar-se uns aos outros para evitar caírem em mãos dos romanos, o próprio Josefo lhes falou da seguinte maneira: “Não recordais que todos os espíritos puros, que viveram de acordo com a vontade divina, residirão na mais bela das moradas celestiais, e a seu devido tempo serão enviados outra vez ao mundo para habitar corpos imaculados; enquanto que as almas daqueles que se suicidaram são condenadas à região das trevas nos mundos inferiores?” Agora, com toda justiça argui o professor Victor Rydber com relação a essas palavras, que o fato de que Josefo fizera considerações dessa classe a soldados rudes, a homens carentes de instrução, e não a filósofos que por seus escritos se sabe que acreditavam na reencarnação e a ensinavam naqueles tempos, demonstra que a doutrina era coisa corrente entre os judeus de sua época. A mesma se encontra claramente definida nos escritos de Philo, como uma das bases da grande Escola Judia Alexandrina. Portanto, no que tange aos judeus, tal doutrina era geralmente admitida entre eles, e é útil recordar as palavras dos discípulos de Jesus e suas perguntas acerca do pecado daquele homem que havia nascido cego, já que parece que somente se referiam a uma crença comum e corrente em seus dias.

Folheando o Novo Testamento, a primeira coisa interessante que se encontra sobre esse particular é o famoso cumprimento da profecia de Malaquias acerca do retorno de Elias, o Profeta. É perfeitamente certo que, quando se perguntou a São João Batista “És tu Elias?”, ele respondeu “Não”. Mas o próprio Jesus afirmou exatamente o contrário e disse: “Este é Elias”. A negação do Batista se explica facilmente pelo fato de que somente em casos muito raros, conforme já se explicou antes, subsiste a recordação de uma vida anterior, através da morte e do renascimento, motivo pelo qual a ausência de tal conhecimento na mente dele não é prova contra a realidade da reencarnação; enquanto que a dupla afirmação do Cristo Mesmo, de que São João Batista era Elias (S. Mateus, xi, 14 e xvii, 12-13), falando como o fez com conhecimento do passado, seguramente contrabalança muito a negação do Batista. Chama também a atenção a semelhança de caráter (exatamente o que se poderia esperar), pois ambos predicaram a retidão, foram ascetas por

treinamento, de natureza ardente, denodados na reprovação do mal nos grandes centros urbanos. O caráter vigoroso e decidido do profeta Elias reaparece no caráter igualmente forte de São João Batista. Os dois também tiveram muita semelhança externa e iguais peculiaridades em sua indumentária. Elias foi “um homem coberto de pelos e usava um cinturão de couro ao redor de suas costas”, enquanto que João, o Batista, usava “sua roupa de pelo de camelo e um cinto de couro ao redor de suas costas”. Ambos residiram na solidão do deserto. Elias viajou quarenta dias e quarenta noites para o Horeb, a montanha de Deus no deserto do Sinai (Reis, xix, 8). João residia no deserto da Judeia, além do Jordão, batizando (Marcos, i, 4). A vida de Elias na solidão (um desterro voluntário, de renúncia e afastamento das turbas humanas), era mantida de um modo notável, mediante uma ave que lhe levava o alimento. “Ordenei aos corvos que te alimentem”, diz a voz da Divindade ao Profeta (Reis I, xvii, 4), enquanto que o alimento do Batista eram os gafanhotos e o mel silvestre (Mateus, iii,4). Por conseguinte, dada a identidade de características, certas semelhanças exteriores e a solene declaração do Próprio Jesus, duas vezes repetida, é difícil não chegar à conclusão de que São João Batista foi realmente uma reencarnação de Elias, se levamos a sério o Evangelho.

No que diz respeito ao caso do homem que nasceu cego (São João, IX), não é preciso muita argumentação. A pergunta foi tão simples: “Quem pecou, este homem ou seus pais?” Os discípulos se davam conta de que aquele devia ser o resultado de algum pecado ou maldade, e sua interrogação foi para saber de quem foi o pecado que produziu tão deplorável resultado. Foi talvez porque os pais haviam sido tão malvados que mereceram o pesar de ter um filho cego, ou foi porque, em algum estado anterior de existência, o filho mesmo havia pecado, atraindo sobre si tão lamentável destino? É óbvio que se a segunda era a razão verdadeira, os pecados que mereceram tal castigo deveriam ter sido cometidos antes que ele nascesse, isto é, numa existência prévia. E assim, ambas as grandes colunas do ensinamento teosófico, reencarnação e carma, acham-se claramente implícitas nessa única pergunta. Os que pretendem derivar da resposta de Jesus, “Nem este homem nem seus pais pecaram.”, uma contracrença na reencarnação, teriam de manter o inaceitável ponto de vista de que os pais do cego achavam-se livres de pecado, pois todos foram considerados no mesmo nível. Mas uma mente imparcial, que não deseje torcer o significado dos textos a fim de reforçar uma ideia preconcebida, verá naturalmente em tal resposta, dita por alguém que era judeu de nascimento e dirigida a judeus, entre os quais a doutrina da reencarnação era coisa corrente, a afirmação simples e direta de que a cegueira daquele homem não se deveu a pecado seu numa vida anterior, como tampouco a pecado daqueles que deram nascimento à criança cega. E o mestre apontou outra razão para o fato, de caráter místico: “Para que as obras de Deus possam manifestar-se nele”; e com toda segurança, se Ele entendesse ser o conceito de reencarnação, que claramente expressavam as mentes de seus discípulos, errôneo em si, o teria declarado imediatamente, como costumava fazer quando era necessário corrigir algo; e talvez os tivesse reprovado por seu desatino com

esta resposta: “Por que me fazeis esta pergunta louca sobre se um homem nasce cego por causa de seu pecado? Como pôde pecar antes de nascer?”

Igualmente, a frase em São João (XIV, 2), “Na casa de meu Pai há muitas moradas”, é muito significativa. A palavra erroneamente traduzida por moradas ou mansões, é a que se usava para designar as pousadas ou casas gratuitas de descanso ao longo dos caminhos do Império. E essa é uma alusão muito sugestiva aos muitos descansos que a alma humana, ou Ego, desfruta na Casa do Pai, entre vidas de esforço na Terra durante as quais cresce sua estatura espiritual. “Sede perfeitos”, teria sido um mandamento inútil da parte do Cristo, se tivesse sido dirigido a uma humanidade vacilante e pobre, com poucos anos para sua vida, ou a ébrios ociosos cujos pensamentos estivessem concentrados no prostíbulo mais próximo. Porém foi uma gloriosa promessa para aqueles que teriam tempo de crescer “até a medida da estatura da plenitude do Cristo”. Diz o Próprio Cristo: “Não é superior o discípulo a seu Mestre, mas cada um, quando chegar à perfeição, será como seu Mestre” (Lucas, vi, 40).

Há outro texto na “Revelação” que também traz implícita a doutrina da reencarnação. É aquele versículo no qual o Filho do Homem, ao dirigir-se a uma das sete Igrejas da Ásia, faz afirmação a respeito daquele que vencerá: “Farei dele uma coluna no Templo de meu Deus e já não irá mais”. Esse “ir de novo”, que finda com a vitória final, refere-se às repetidas ausências da alma dos mundos celestiais, que terminam quando a alma tiver se aperfeiçoado e chegado a ser “Uma coluna no templo de Meu Deus”, “Vigilantes e Santos, pilares do Templo de Deus, que dali não voltarão a sair” (Rev. 3, 12).

Muitos dos padres cristãos se referiram à pré-existência e ao renascimento, que eram doutrinas fundamentais entre os gnósticos e que representaram, durante muitos séculos, a mais pura corrente do ensinamento espiritual e filosófico do Cristo.

Nos escritos de Orígenes, o discípulo mais célebre de São Clemente de Alexandria e talvez o mais brilhante e instruído de todos os padres eclesiásticos, e particularmente em seu grande tratado “De principiis”, há uma mina de informação acerca dos ensinamentos dos primitivos cristãos no século segundo.

Seu ponto de vista era o da evolução. Referindo-se a ter sido São João, o Batista, preenchido com o Espírito Santo no ventre materno (I, vii, 4), diz ele que alguns “poderão pensar que Deus preenche os indivíduos com seu Santo Espírito e lhes confere a santificação, não com base na justiça e de acordo com seus merecimentos, mas arbitrariamente”. E como evitaríamos então a pergunta: “Existe falta de retidão em Deus? Deus impede?” Ou então esta: “Há preferência de Deus por pessoas? Pois tal é a defesa dos que sustentam que as almas vêm à existência com os corpos”. São João Batista foi preenchido com o Espírito Santo no ventre materno somente porque em vidas anteriores de retidão havia ganhado tal benção. Orígenes acrescenta que “Deus dispõe todas as coisas de acordo com os merecimentos e progresso moral de cada indivíduo”, e que isso é necessário “para demonstrar a imparcialidade e reta

justiça de Deus, já que, conforme a declaração do apóstolo Paulo, Ele não tem preferências por pessoas”.

Declara ainda Orígenes que a condição de um homem é o juízo de Deus acerca das ações de cada indivíduo e passa a ilustrar seu argumento com o famoso caso de Jacó e Esaú (II, ix,7). Esse exemplo tem sido usado, às vezes, pela Escola Calvinista como um argumento para a predestinação direta do homem por Deus, seja para uma felicidade eterna ou uma condenação eterna. Mas segundo o ensinamento de Orígenes, tendo nascido livre, o homem não pode ser predeterminado por outra vontade, nem para a felicidade nem para a desgraça, exceto por justiça que ele mesmo tenha merecido. Seria injusto que Deus amasse Jacó e odiasse Esaú desde antes de as crianças nascerem; e o único modo de reconciliar tal declaração com a justiça de Deus seria dizer que Esaú se encontrava colhendo os frutos de males passados, enquanto que Jacó colhia o fruto de boas ações anteriores. Esta é a declaração feita explicitamente por São Jerônimo (Carta a Avitus): “Se examinarmos o caso de Esaú podemos verificar que foi condenado, por causa de seus antigos pecados, a um pior transcurso de vida”. O que Orígenes também sustenta: “Verificamos que não existe falta de retidão em, já no ventre, Jacó suplantar seu irmão, se considerarmos que ele era merecidamente amado por Deus de acordo com os méritos de sua vida anterior, a ponto de alcançar preferência sobre seu irmão”. E acrescenta que isso deve ser “cuidadosamente aplicado a todas as outras criaturas, pois, conforme já fizemos notar antes, a Retidão do Criador deve brilhar em tudo”. “A desigualdade de circunstâncias resguarda a justiça de uma retribuição conforme o mérito.”

Orígenes trata admiravelmente do caso do Faraó, cujo coração, se lê, foi endurecido por Deus, e anota que, neste mundo, nem sempre a cura mais rápida é a mais efetiva: “Às vezes não conduz a bons resultados o curar a um homem rapidamente, em especial se a enfermidade, ao ser represada subitamente nas partes internas do corpo, ruge com maior ferocidade” (III, i, 17). E declara que o endurecimento do coração teve por objetivo capacitar o Faraó a ver o mal de seus procedimentos, a fim de que, em vidas futuras, tendo já aprendido a lição do quão amargo é pecar contra Deus, pudesse voltar à retidão do viver. Assim como um bom médico, Ele coloca remédio na enfermidade que aflige o homem.

Pelas citações anteriores pode-se ver que não há discussão possível sobre se a ideia da reencarnação foi ou não ensinada por Orígenes. Contudo, acrescentaremos outra citação, a mais convincente de todas, para demonstrar que na mente de Orígenes eram admitidos repetidos nascimentos neste mundo e não somente experiências prévias noutros mundos: “Aqueles que, ao partir desta vida em virtude da morte, que é comum a todos, são destinados, de acordo com suas ações e méritos, após serem julgados dignos disso, uns ao lugar que se chama “inferno” e outros ao seio de Abraão, em diferentes localidades ou mansões...” Isso se refere às condições *post-mortem* nos mundos invisíveis. “E assim também, como se morressem nesses lugares (se for permitida a expressão), descem do ‘mundo superior’ a este ‘inferno’. Pois aquele ‘inferno’, ao qual são enviadas deste mundo as almas dos mortos,

chama-se por causa dessa distinção, segundo creio, 'o inferno inferior'. Por conseguinte, cada um dos que descem à Terra, e de acordo com seus merecimentos, ou com a posição que ocupou antes aqui, é levado a nascer, neste mundo, num país diferente; ou entre homens de outra raça ou diferente modo de vida; ou com o gérmen de enfermidades de diferentes tipos; pode nascer de pais religiosos, ou de quem não o seja; de tal sorte que frequentemente nasce um israelita entre os sírios, ou um pobre egípcio na Judeia..." (IV, i, 23). Dificilmente se poderia encontrar algo mais claro e definido que isso acerca do renascimento das almas.

Se é possível fazer-se uma alma boa, fazer uma alma má é impossível para um Deus de Justiça e de Amor. Isso não pode acontecer. Não existe justificação alguma para tal. E desde o momento em que se reconhece que alguns homens já nasceram criminosos, conforme às vezes ocorre, nos sentimos forçados ou a blasfemar, dizendo que um Deus perfeito e amoroso cria uma alma arruinada e logo a castiga por ser o que Ele a fez ser, ou então compreendemos que Ele trata com almas que estão crescendo e desenvolvendo-se, criaturas a quem Ele treina para a perfeição ultimada; e que, se em alguma vida nasce um ser malvado e vicioso é porque ele se perverteu e terá de colher em sofrimentos o resultado dos males que cometeu, a fim de que possa aprender a sabedoria e retornar ao bom caminho. Cabe aos cristãos dar-se conta de quanto ilumina a vida, e a faz razoável, aquela ardente esperança do apóstolo: "Que Cristo nasça em vós"; esperança que não é possível realizar nem mesmo para o melhor homem numa única vida; esperança ridiculamente impossível e vazia se colocada diante da massa abjeta que povoa os arrabaldes do vício e da criminalidade, gente, entretanto, contra a qual se peca mais do que ela peca.

Portanto, a reencarnação é uma doutrina cristã, e se um cristão a aceita pelo exercício de sua razão e de seu pensamento, e chega à conclusão de que a reencarnação é certa, não deverá considerá-la como doutrina exótica procedente das religiões hindu ou budista, egípcia, grega, romana, etc., mas tomá-la como parte da sua própria por direito de nascimento, como parte da fé que antigamente fora entregue aos santos.

P 120: *Se a Reencarnação é, pois, uma doutrina cristã, como é que desapareceu e hoje não mais se encontra no Cristianismo moderno?*

R: No Novo Testamento não se encontra palavra alguma de anátema, crítica ou admoestação contra essa doutrina, a qual, como antes já vimos, constituía uma porção considerável das filosofias e crenças dos judeus e gentios. Pelo contrário, as Escrituras contêm numerosas passagens que só podem ser iluminadas e compreendidas pela luz que sobre elas verte a doutrina da Reencarnação. Mas tal doutrina foi condenada e excluída da ortodoxia cristã pelo Segundo Concílio de Constantinopla, no século VI (Ano 553). Essa é a razão pela qual desapareceu do Cristianismo oficial representado pela Igreja Católica romana; mas não desapareceu da cristandade. Persistiu e foi preservada nos ensinamentos de muitas seitas místicas, chamadas hereges, e nos cantares de muitos trovadores errantes. A

escola dos albigenses, que tantos mártires produziu por causa de seu apego à verdade original do Evangelho, ensinou a reencarnação, doutrina que reaparece de tempos em tempos na Igreja da maneira mais notável. No século XVII, o Rev. Mr. Glanville, capelão de Carlos II, era um homem de posição e autoridade indiscutíveis na Igreja; e, no entanto, em seu livro “Lux Orientalis”, estabelece, passo a passo, exatamente a mesma doutrina da reencarnação que se encontra nos primitivos padres e que é familiar agora a todos os estudantes de Teosofia. Também no século XVIII houve uma propaganda regular dessa doutrina, pois apareceram vários livros demonstrando que era parte integral do Cristianismo.

E assim o ensinamento da reencarnação desapareceu somente por pouco tempo, na maré de ignorância que inundou a Europa depois da decadência do Império Romano; porém esse esplêndido conceito está agora invadindo firmemente o pensamento ocidental, por meio de livros, conferências ou artigos de filósofos, poetas e alguns clérigos.

P 121: Quais são os principais fatores que determinam o próximo nascimento de um ser?

R: Há três fatores principais:

O primeiro é a lei da evolução, que impulsiona o homem para circunstâncias dentro das quais possa ele desenvolver mais facilmente as qualidades que necessita. Cada ser tem de chegar à perfeição pelo desenvolvimento de todas as divinas possibilidades que se acham latentes nele; pois o objetivo de todo o esquema é esse desenvolvimento. Para tal propósito é guiado precisamente para aquela raça ou sub-raça que, mediante suas condições e ambiente, seja a mais adequada para desenvolver dentro dele as qualidades especiais que lhe faltem.

Todavia a ação dessa lei acha-se limitada pela lei do carma, ou seja, a lei de causa e efeito. Se um homem criou carma para si, que lhe produza limitações, terá de avançar sem as melhores oportunidades possíveis e contentar-se com as que houver à sua volta. Em tal caso, nossas próprias ações passadas são as que restringem o livre jogo da lei de evolução.

O terceiro fator, que limita ainda mais a ação da lei de evolução, é a influência do grupo de Egos com os quais tenha ele formado fortes laços de afeto, ou de ódio, em vidas anteriores. Sua relação com tais Egos, com os quais terá de se encontrar devido às suas ligações anteriores, é um fator importante, que atua para o bem ou para o mal na determinação de seu nascimento seguinte.

A evolução é, para o homem, a Vontade de Deus; e a lei de evolução fornece a todo ser aquilo que lhe for mais conveniente, embora, conforme já se falou, as melhores oportunidades ficam limitadas pelas ações passadas do homem e por suas ligações com outras almas. Pode um homem ser capaz de aprender certas lições em cem diferentes circunstâncias e posições, mas poderá ser afastado de mais da metade delas por seu carma passado; e mesmo do resto se faz uma seleção, por causa, principalmente, da presença

em sua família, ou nas cercanias, de almas com as quais formou laços de amor ou de ódio no passado.

Filosoficamente é certo dizer que um homem consegue sempre as melhores oportunidades, já que obtêm as condições mais apropriadas para seu caráter imperfeito, as necessárias para retirar-lhe defeitos. É o mesmo que ocorre nas escolas, onde não podemos dar a um aluno muito jovem o melhor livro de texto, porque não poderia compreendê-lo nem aproveitar-se dele, por conter ensinamentos muito elevados para ele.

P 122: *De acordo com isso, voltamos a estar novamente em contato, numa nova vida, com pessoas a quem tenhamos amado ou odiado nesta?*

R: Certamente. Em primeiro lugar, durante nossa longa vida no mundo celestial passamos todo o tempo em companhia das pessoas que amamos na Terra; e, quando a ela regressamos, trazemos a tendência de fazê-lo em grupo, com os mesmos seres queridos.

O amor é um laço formado entre os Egos; portanto, a morte não pode rompê-lo e os Egos que se amam se reconhecem, nos novos corpos, como velhos amigos que usam trajes diferentes. Entretanto, disso não se segue que os Egos terão de possuir as mesmas relações terrenas que tiveram na vida passada. O laço de um amor puro subsiste, porém o marido e a mulher de uma vida podem renascer como dois irmãos, ou irmãs, ou irmão e irmã; ou então podem ter a relação de pai e filho, de avô e neto, ou qualquer outro laço de consanguinidade. Porém, se por razões cármicas nascem em famílias diferentes, na mesma região ou em países muito distantes, chegarão a encontrar-se e se sentirão fortemente atraídos um pelo outro, como amigos íntimos, ou bem-amados, já que nada há nos céus ou na Terra que possa destruir o amor ou romper seus laços.

Sendo os laços às vezes de ódio ou de maldades, acontece que antigos inimigos são atraídos para uma mesma família para arrepende-se, seja por um mísero sofrimento ou, tendo havido alguma dessas espantosas tragédias familiares, pelos maus resultados de um passado comum.

Às vezes, à primeira vista sentimos repulsa por alguma pessoa, que é a voz de alerta que nos dá o Ego de “inimigo à frente”. Os laços forjados pelo ódio somente podem fundir-se no fogo do amor, já que “O ódio jamais termina pelo ódio; o ódio cessa somente pelo amor”. E é assim que regressamos, juntos, aos antigos amigos, e juntos, também, aos antigos inimigos, ainda que revestidos de novos trajes carnis, com novos veículos em cada vida.

No volume dezoito e último das obras de Max Müller aparece uma passagem notável que demonstra claramente sua crença na reencarnação:

“Não posso impedir o pensamento de que as almas para as quais nos sentimos atraídos nesta vida são as mesmas almas que conhecemos e amamos em vidas anteriores; e que as almas que nos repelem aqui e agora, sem saber por que, são as almas que mereceram nossa reprovação, aquelas das quais nos afastamos numa vida anterior.”

A citação acima se acrescenta às da longa lista de pensadores notáveis que, com a força de seu testemunho, aumentam a racionalidade da doutrina ante os olhos daqueles que valorizam a autoridade de nomes conhecidos.

Já a ideia do desagrado instintivo à primeira vista (a política do Dr. Fell, como é chamada) foi bem expressa nos seguintes versos:

“Não gosto de ti, Dr. Fell,
O motivo eu não posso dizer,
Porém disto eu sei muito bem,
Não gosto de ti, Dr. Fell.”

P 123: *Poderia, por favor, explicar como se formam os novos veículos mental, astral e físico para uma nova vida?*

R: Quando ocorre a morte física, o homem lança fora, um após o outro, seus corpos físico, astral e mental, conforme se descreve no Capítulo VI. Uma vez abandonados, esses corpos se desintegram. E suas partículas se mesclam com os materiais de seus respectivos planos. Mas sendo cada homem uma tríade espiritual (o tri atômico *Atma-Buddhi-Manas*, o *Jivatma*), anexou a si, desde sua origem, uma tríade inferior de átomos permanentes, um átomo do plano físico e outro do plano astral, assim como uma molécula ou unidade do plano mental inferior, que se chamam, respectivamente, o átomo permanente físico, o átomo permanente astral e a unidade permanente mental.

O homem leva consigo, de uma vida a outra, esses átomos permanentes, que são preservados, após a desintegração dos três corpos inferiores, como um brilhante núcleo cintilante, dentro de seu corpo causal, sendo tudo o que subsiste para ele de seus corpos nos mundos inferiores. Em realidade, são epítomes (resumos) dos corpos, que constrói ao redor deles em cada vida, e sua missão é preservar dentro de si mesmo, como poderes vibratórios, os resultados de todas as experiências pelas quais tiverem passado. E assim, os corpos astral e mental transmitem ao Ego, ao homem real, os gérmenes das qualidades e faculdades daquela vida terrestre, que ficam armazenados no corpo causal como sementes para seus futuros corpos astral e mental.

A algumas pessoas parecerá estranho que as más qualidades que um homem exibiu numa vida anterior devam, às vezes, persistir em suas futuras vidas. A razão é que, por não estarem desenvolvidas as boas qualidades, haverá oportunidade para más influências atuarem sobre o homem naquela direção particular, e também porque o homem leva consigo, de uma vida para outra, os átomos permanentes de seus veículos inferiores; os quatro tendem a reproduzir as qualidades exibidas em suas encarnações anteriores. Por outro lado, se o homem já desenvolvido há de cumprir o propósito da evolução humana e dominar todos os planos, é preciso que leve consigo os átomos permanentes. Se fosse concebível que ele pudesse desenvolver-se sem esses átomos permanentes, poderia ser, talvez, um glorioso arcanjo nos planos elevados, mas resultaria inteiramente inútil nestes mundos inferiores, pois teria

cortado de si o poder de sentir e de pensar. Por conseguinte, os átomos permanentes devem ser purificados e não lançados fora.

Ao terminar sua estada nos mundos superiores, um estremecimento vital do Ego desperta a unidade mental, que atua como um magneto atraindo, em torno de si, materiais com poderes vibratórios semelhantes, ou que estão no mesmo tom que o seu, para formar um novo corpo mental, representante da etapa mental do homem com todas as suas faculdades mentais.

Depois que o corpo mental foi parcialmente formado, o estremecimento de vida desperta, ou vivifica, o átomo astral para fornecer um corpo astral representante dos desejos e caráter, reproduzindo as qualidades desenvolvidas no passado.

Continuando, o toque vital do Ego chega ao átomo permanente físico, e a nota dominante deste átomo é uma das forças que guiam a seleção dos materiais do futuro corpo físico; pois nenhum será escolhido se não puder, pelo menos até certo ponto, estar no tom daquele átomo. Porém, essa é somente uma das forças; o carma de vidas anteriores – mental, emocional, ou de relação com os demais seres – requer materiais capazes das mais variadas expressões. Certas poderosas e benéficas inteligências, denominadas “Lípikas”, ou Senhores do Carma, que levam os fios do destino de cada ser, elegem, daquele carma, o que seja congruente, isto é, o que possa ser exercido e esgotado mediante um corpo constituído por um grupo particular de materiais; essa massa congruente de carma determina o grupo de materiais que rodearão o átomo permanente, e de tal grupo são selecionados os que possam vibrar em harmonia com o átomo permanente, ou em discordância tal que não se segreguem por violento conflito. E assim, os Senhores do Carma elegem a raça, a nação, a família, etc., e guiam o Ego que reencarna até o ambiente requerido, de acordo com os três fatores que determinam a reencarnação, conforme já se disse.

O molde do novo corpo físico, adequado para a expressão das qualidades do homem e para colocar em jogo as consequências das causas que atuam desde o passado, é fornecido por esses Grandes Seres; e o novo duplo etérico, cópia de tal molde, é fabricado no ventre materno para que o futuro corpo físico se construa, molécula por molécula, dentro de tal molde. A herança física pode, assim, amplamente lançar mão dos materiais fornecidos. Os pensamentos e as paixões das pessoas próximas, especialmente da mãe e do pai, influenciam a construção de seus corpos. Ao ter contato o novo corpo astral com o duplo etérico, exerce uma grande influência sobre sua formação; e, mediante ele, o corpo mental atua sobre a organização nervosa. Essa construção de cérebro e nervos, e sua correlação com os corpos astral e mental, continua até o sétimo ano, quando se completa a conexão entre o homem real e seu veículo físico.

“É como se alguém deixasse
De lado seu traje usado
E tomando um novo, exclamasse:
Hoje usarei este terno.”

“Assim descarta o Espírito
Seu traje de carne e osso
Para tomar um novo
Cada vez que volta ao mundo.”

E esse longo giro dura até que alcançada a meta de Divindade, que Deus fixou para ele.

P 124: *E por que algumas pessoas nascem disformes, anãs ou paralíticas?*

R: O carma de crueldade infligida a outros em vidas passadas dá por resultado os corpos físicos disformes. Os inquisidores de antigamente, os vivisseccionistas de nossos dias e até os mestres de escolas que se valem do temor mais do que do amor para educar as crianças, e que as enchem de terror abusando do poder que foi colocado em suas mãos, costumam nascer em tais corpos.

Os maus pensamentos e desejos, os ódios e paixões, dão origem, em casos extremos, a corpos disformes e, nos demais, a corpos fracos ou carentes de refinamento e de beleza. Nada fica fora da lei do carma.

P 125: *Mas seria aceitável esse destino tratando-se de pessoa que foi cruel buscando o bem de outros?*

R: A crueldade é o pior de todos os crimes, já que é um pecado contra a lei do Amor. Alegam-se como desculpas as boas intenções: os inquisidores tratavam de salvar as almas dos homens, e os vivisseccionistas pretendem salvar os corpos; mas sem dúvida deve haver métodos melhores para fazer isso. Igualmente, o professor deveria extirpar os defeitos das crianças por meio do amor e do bom exemplo, já que as crianças frágeis, quando são tratadas cruelmente, não apenas sofrem fisicamente, de imediato, como também se tornam covardes e servis, e, por sua vez, frequentemente cruéis quando aumenta sua força.

Porém não se perde o efeito das intenções realmente boas. Como se explicará no Capítulo V, cada força trabalha em seu próprio plano. A boa intenção fará reagir a natureza moral do homem, que nascerá com um caráter gentil e pacífico; entretanto, como resultado de haver torturado a outros no plano físico, deverá sofrer fisicamente; por isso é dotado de um corpo físico disforme.

Entre outros de seus funestos resultados, a crueldade origina frequentemente a demência numa vida posterior. Às vezes, segundo se tem observado, ocasiona uma espécie de pagamento na mesma moeda, isto é, um homem que foi cruel acha-se noutra vida colocado em posição na qual deverá sofrer. Frequentemente tem ocasionado, também, um acentuado descenso na escala social: pessoas que foram cruéis quando tiveram boa situação social, encontram-se depois mescladas por nascimento com a população mais desassistida.

“O destino do cruel há de cair também sobre todo aquele que sai a matar intencionalmente as criaturas de Deus, e chama a isso esporte.” O mesmo se aplica a determinados artigos exigidos para atender a “moda”. Existe certo tipo de plumas, arminho e outros adornos, que só podem ser obtidos à custa de terríveis perdas para a vida animal, não somente pela morte dos que são sacrificados para tal fim, como também pela morte das crias, que geralmente dependem da mãe para sobreviver. As pessoas que usam essas coisas supérfluas, apesar de não serem intencionalmente cruéis, são criminalmente falhas nos cuidados. Simplesmente fazem o que outros fazem, e “tentam desculpar sua brutalidade dizendo que esse é o costume; mas um crime não deixa de ser um crime porque muitos o cometem”. O destino do cruel alcança a todos que o merecem, mais cedo ou mais tarde.

P 126: E é regra fixa que uma criança nascida de pais de baixo tipo moral seja um ser atrasado, e que de pais de elevado tipo de desenvolvimento nasçam filhos altamente evoluídos?

R: Normalmente os semelhantes atraem os semelhantes; e um Ego é guiado para pais de desenvolvimento similar ao seu, para que conte com um corpo físico adequado ao que necessita, e também para liquidar contas pendentes com os pais ou com os futuros parentes, com quem, provavelmente, teve a ver em vidas anteriores. Porém existem exceções ou casos anormais. Às vezes entre tipo de gente degradada, em alguma cercania, encontramos alguma criança pura e santa, crescendo como flor imaculada entre o lodaçal da vida de crime; e também às vezes, no seio de alguma família nobre, encontramos “almas más”. Esses casos podem ser explicados pela lei do carma, pelo laço criado com outros Egos no passado. A “alma má”, por alguma ação benéfica em qualquer vida anterior, pôde ter-se ligado com o Ego mais nobre e está cobrando agora, em sua nova vida, a antiga dívida de gratidão, na forma das vantagens que um ambiente favorável proporciona.

Em certas ocasiões, uma grande alma, movida pelo espírito de autossacrifício, nasce entre gente de baixa condição social, simplesmente para elevar os degradados e para alentá-los, por seu exemplo, a aspirar a um nível superior. Exemplos disso se vê em muitos dos grandes Santos do Sul da Índia, que nasceram entre os párias; assim como o bem conhecido caso do negro Booker T. Washington.

P 127: São contínuas as encarnações no mesmo sexo, ou alguém que nasceu como homem numa encarnação pode nascer como mulher em outra?

R: Homens e mulheres são antes complementos que duplicados. Há diferenças importantes entre os dois sexos, tanto sociais quanto biológicas. O professor Edward Lee Thorndike, famoso psicólogo e educador da Universidade de Colúmbia, classificou as diferenças específicas na mentalidade de ambos os sexos. “As mulheres”, diz, “sobressaem no ensino das primeiras letras, no inglês, em idiomas estrangeiros, na memória imediata e retentiva. Os homens superam em história, engenhosidade, física, química e precisão de movimento”.

Segundo a fisiologia, o corpo feminino possui um desenvolvimento muito maior do sistema glandular, enquanto que o masculino possui um desenvolvimento muito maior do sistema muscular. Estando conectado o sistema glandular com as emoções, que são seu alimento, tal desenvolvimento se encontra, pois, em grau maior no sistema glandular da mulher do que no correspondente sistema do homem. Essas diferenças fisiológicas fundamentais entre homem e mulher são necessárias, a fim de que as qualidades correspondentes a elas possam ser desenvolvidas na raça. “Os homens foram criados para a paternidade e a mulher para a maternidade”, disse o *Manu*. E isso marca a diferença que rege o corpo de ambos, a Mãe e o Pai, ocasionando as diferenças fundamentais de tipos; a mulher é o alimentador, o protetor, a ajuda; tais são as qualidades especiais da Mãe (terna, gentil, paciente e esforçada), tanto assim que se consideramos a qualidade masculina predominante, a qualidade da valentia, a valentia de uma mulher é muito diferente da do homem. A do homem é aquele grande impulso de seu caráter para manter-se firme contra toda oposição. O valor da mulher surge do amor ou da devoção, e será tão brava, às vezes mais que o homem mais valente, porém o será em defesa de alguém a quem ame, de alguma coisa que lhe seja querida, e não pelo mero desejo de rivalizar contra algum opositor. Isso vigora em todos os reinos, embora numa etapa posterior de evolução essas qualidades de ambos os sexos terão de fundir-se.

É bem verdade que às vezes encontramos desenvolvidas em cada sexo algumas das qualidades opostas, ou seja, muita compaixão no homem mais varonil; e muita força e valentia na mulher mais feminina. Todavia, essa é uma fusão de opostos a fim de que comece a aparecer gradualmente sobre a nossa Terra o ser humano perfeito, no qual têm de brilhar todas as qualidades. Contudo, não é desejável ainda para o intelecto prematuro forçar aquela perfeição, já que não alcançamos a perfeição das qualidades separadas. Isso requer mais evolução. Daí tem origem o grande erro moderno de tentar converter as mulheres em homens; de levá-las exatamente ao longo das mesmas linhas; de esquecer a diferença e o valor da diferença.

O Ego leva muitas encarnações para adquirir todas as boas qualidades e para desenvolver todas as faculdades com o objetivo de chegar a ser perfeito; e os diferentes Egos que requerem diferentes classes de experiências têm que nascer em diferentes raças, países, regiões e famílias.

O Ego não carece de gênero; o gênero é uma característica da forma, do veículo somente; porém, segundo se disse antes, na etapa atual do progresso humano, comumente encontramos a força, o arrojo, a firmeza, etc., desenvolvidos ao longo da linha masculina; e a ternura, a pureza, o esforço, etc., desenvolvidos ao longo da linha feminina; e, por conseguinte, cada Ego tem de usar alternadamente corpos masculinos e femininos para adquirir aquelas qualidades que lhe faltem em qualquer etapa. Além do mais, o mal infligido em outro em razão do gênero pode, como um resultado cármico, fazer com que o malfeitor nasça no gênero ofendido para sofrer por suas culpas de vidas passadas.

Usualmente, um Ego comum não fica menos de três nem mais de sete encarnações sucessivas num mesmo gênero, antes de mudar para o outro; mas tratando-se de um Ego desenvolvido, permite-se uma grande elasticidade, sendo mais provável que nasça repetidamente no gênero e na raça mais adequados para proporcionar-lhe as oportunidades de fortalecer os pontos fracos de seu caráter.

P 128: *Se um homem nasce num corpo condicionado pelas ações de sua vida passada, e há de sofrer e gozar nele, as pessoas muito pecadoras terão que renascer em corpos de animais, conforme muitos hindus dizem acreditar?*

R: Os sábios hindus ensinaram que existem três fases distintas no processo de renascer: ressurreição, transmigração ou metempsicose, e reencarnação.

Como já se explicou, nosso corpo é uma espécie de colônia de átomos e moléculas, micróbios e bactérias, cada um com sua vida própria. De nós emanam, a todo instante, milhões de vidas que são atraídas aos diferentes reinos da natureza, de acordo com a tendência que lhes demos, enquanto que na morte de nosso organismo esses átomos-vidas do corpo são espalhados em todas as direções pela Terra e se encaminham a novos organismos de tendências similares. A doutrina da ressurreição é, pois, certa somente para átomos e emanações despendidas pelo homem durante o curso de sua vida e na morte.

Os elementos cármicos de um homem persistem como uma sombra, ou um cascão, por algum tempo depois de sua morte e, finalmente, se desintegram no mundo astral. Então, de acordo com a lei de atração e repulsão que controla a seleção universal, são atraídos para os elementos cármicos de animais e homens de tipo inferior. “Um sacerdote se transforma num verme; o que rouba milho, num rato.” significa que os elementos que serviram de base para as paixões dos homens passam, depois de sua morte, a corpos de animais que possuem paixões semelhantes.

Mas um homem, pergunta-se, pode renascer como animal para sofrer pelos crimes horríveis de sua vida passada? Os que argumentam dessa maneira esquecem que há muito pouco sofrimento num corpo meramente animal. Suponhamos que renasça num tigre. Tal tigre, de acordo com seu caráter, fará dos animais mais fracos sua presa, e levará uma vida de relativo descanso até sua morte, perecendo, talvez sem dor alguma, de um tiro certo. Entretanto, se a mesma alma fosse compelida a renascer como homem, acaso não sofreria mais ao purgar suas faltas de vidas anteriores se, por exemplo, tivesse de perder todos os seus bens e ficar na miséria ou na prisão e ver que seus filhos morrem de fome em frente de seus próprios olhos, que sua mulher se suicida por isso, e que ele mesmo está pronto a tornar-se louco?

Uma chispa divina, como é a que constitui a alma individualizada, há de encontrar expressão adequada para sua natureza divina, de forma que, uma vez elevada da etapa animal à categoria de homem, seria tão impossível para

um espírito humano residir num corpo animal como o seria para um litro caber numa medida de decilitro.

No entanto, quando um Ego, uma alma humana, por seus apetites viciosos cria um forte laço de apego a um tipo particular de animal, o corpo astral de tal pessoa, depois que a alma abandonou o corpo físico, pode assumir uma forma semelhante à do animal que representou suas paixões sobre a Terra, e a alma pode assim personificar-se no envoltório daquele animal. Quer seja nessa etapa, ou quando estiver retornando à reencarnação e se achar de novo no mundo astral, pode a alma, em casos extremos, permanecer ligada por afinidade magnética ao corpo astral de um animal de apetites viciosos semelhantes, e acorrentada como prisioneira ao corpo físico daquele animal por meio de seu astral. Caso se ache assim presa no mundo astral, justamente depois da morte, ela não poderá ir ao mundo celestial, nem poderá renascer como homem se o aprisionamento tiver lugar quando a alma estiver descendo à vida física. Tal entidade humana tem todas as suas faculdades e consciência no mundo astral; porém não pode expressar-se a si mesma, porque, em primeiro lugar, o corpo animal não serve para a autoexpressão humana, e em segundo lugar porque o animal controla ainda seu próprio corpo. Todavia, tal obsessão animal, isto é, o suportar a abjeta servidão e estar preso a um animal e privado temporalmente de todo progresso e autoexpressão, não é reencarnação, já que reencarnação significa entrar num veículo físico que pertença ao, e seja controlado pelo, Ego. E assim compreendemos que a alma de um homem não chega a ser a alma de um animal, mas que se acha presa à alma de um animal e arrastada na organização animal, permanecendo totalmente impedidas todas as energias daquela alma racional.

Em casos raros, livre já de semelhante prisão, pode o Ego tomar nascimento humano, mas o corpo físico ficará impresso com as características do animal, por exemplo, o rosto parecido com o de um porco ou de um cachorro.

P 129: *Então, como se explica a afirmação feita em “A Luz da Ásia” de que o Buda podia recordar uma encarnação dele numa forma de tigre?*

R: Para entender isso, não se tem que dar por admitido nem o nascimento de almas humanas em corpos animais, nem a teoria de uma consciência individual persistente nos animais. Em primeiro lugar, aquela afirmação é meramente a repetição de uma lenda exotérica, que pode ou não ser correta. E mesmo supondo que seja correta, devemos recordar que os Adeptos podem retroceder até Suas reencarnações passadas, até os princípios, quando eles se individualizaram para chegar a serem homens. E o Buda é um Ser cujos poderes são, em muito, superiores aos de um Adepto. Ele pode olhar o passado e ler os registros *akásicos* de um *Manvântara*^{*}, quando, da essência monádica que então se encontrava evoluindo por meio da forma de um tigre, individualizou-se o ser humano, isto é, quando a essência

* N. do T.: registros *akásicos* (memória celeste); *Manvântara* (tempo de vida de um *Manu*).

monádica, que hoje é Ele Mesmo, formava parte de uma porção dessa essência que animava os corpos de muitos tigres.

P 130: *Em que etapa termina a reencarnação para um Ego, e como?*

R: O Ego tem que descer aos mundos inferiores e trabalhar neles revestido de diferentes veículos, até alcançar a Meta que lhe foi assinalada pela lei da evolução, adquirindo conhecimento e força suficientes para ser capaz de funcionar constantemente nos cinco planos da natureza até o Nirvana, com um domínio completo da matéria deles.

O que novamente o atrai para a Terra é, em primeiro lugar, seu carma, e em segundo *Trishna* (em pali, *Tanha*), a sede, o desejo pela existência senciente no plano físico. O desejo é útil enquanto nos falta a experiência, e como a sede por ela fica insatisfeita, o Ego regressa à Terra uma e outra vez. Porém, o desejo é pessoal e, portanto, Egoísta, e sendo a condição do *Arhatado* de uma atividade incessante sem nenhuma recompensa pessoal, o Ego ao ascender em seu caminho deve libertar-se de seus desejos, um após o outro: do desejo de gozo pessoal, de prazer pessoal, de benefício ou logro pessoal, e do último e mais sutil de todos, do desejo de perfeição pessoal. Não deve cessar a ação, mas continuar ininterruptamente na atividade, sem desejar recompensa alguma pelo fruto da ação. E assim, para liberarmo-nos da cadeia de nascimentos e mortes, é necessário esgotarmos todo o carma e destruir todo desejo pela existência senciente. Todavia, não se pode matar o desejo enquanto não se tenha adquirido o conhecimento, pois não se pode obter a liberação sem o conhecimento. De fato a liberação não é algo por adquirir: todos somos livres, mas a fim de saber, de dar-nos conta de que estamos livres e não acorrentados, é preciso o autoconhecimento. Por isso lemos em “A Voz do Silêncio”: “Te absterás da ação? Não é assim que tua alma ganhará a liberdade. Para alcançar o Nirvana, deve-se adquirir o conhecimento de si; e autoconhecer-se é o fruto das ações amorosas”. No mesmo livro se lê: “A inação numa obra de misericórdia chega a ser ação num pecado mortal”. O fracasso em dar-se conta dessa distinção, entre a ação e o desejo pelos frutos da ação, levou as nações orientais a sua paralisia e passividade características. O Egoísmo espiritual e a indiferença têm produzido sua decadência.

P 131: *Qual é o intervalo entre as vidas, o tempo que transcorre entre as encarnações do mesmo indivíduo?*

R: O período entre as encarnações, ou seja, entre a morte e o próximo nascimento físico, transcorre em sua maior parte no mundo celestial inferior (*Devachan*), e a duração da permanência ali depende da quantidade e intensidade das aspirações durante a vida terrestre. Tal período varia amplamente em extensão, segundo as diferentes pessoas.

Três fatos principais devem ser levados em consideração: I. A classe a que pertence um Ego, que depende da época na qual o dito Ego alcançou a individualização, quer dizer, quando passou da etapa animal à etapa humana; II. O modo como ele tenha se individualizado, se foi por alguma das maneiras

corretas, ou linhas normais, tais como, pela inteligência, vontade ou emoção, ou se por alguma maneira incorreta ou método irregular, a saber, por orgulho, temor ou ódio, ou pelo desejo intenso de dominar os demais; III. A extensão e a natureza de sua última vida.

(...)

Quando uma criatura morre cedo, tem curta vida astral e *Devachan** antes de regressar ao novo nascimento, podendo variar o intervalo entre as duas vidas desde uns poucos meses até vários anos, de acordo com a idade e o caráter mental e emocional da criança que faleceu. Um ser que morra jovem, sem ter tido a oportunidade de gerar muita força espiritual, terá um intervalo mais curto que o de outro ser que viva até a velhice, e terá também uma proporção maior de vida astral, porque a maior parte de emoções fortes é gerada na primeira metade da existência física, ao passo que a energia mais espiritual é gerada comumente durante a segunda parte, e continua a sê-lo até o fim da vida terrestre. O caráter do homem durante sua vida terrena influencia grandemente também o intervalo, já que muitos homens vivem uma vida longa sem muita espiritualidade, o que tende naturalmente a encurtar o intervalo entre suas encarnações.

Por outro lado, os Egos se encontram estreitamente associados em grupos ou famílias, e esta associação tende a igualar os intervalos entre suas vidas, já que às vezes devem vir juntos a uma encarnação, o que implica elevação ou descenso do tipo humano no qual a força espiritual de cada um se descarrega, por si mesma. Entretanto, de maneira nenhuma há injustiça: cada um colhe exatamente o que semeou.

* N. do T.: Céu, ou estado de felicidade.

CAPÍTULO V

CARMA

P 132: *Existe algo que poderia se chamar sorte, fado ou destino; ou então existe uma lei que guia as inumeráveis vidas para a felicidade ou a desgraça, para o nascimento e a morte?*

R: Não seria correta a crença somente na sorte ou predestinação, pois se bem que é um fato que existe o fado ou destino, é o homem que consciente ou inconscientemente forja esse destino; ele é o senhor de sua própria sorte, e obtém felicidade ou miséria, nascimento ou morte, etc., de acordo com a lei do carma, colhendo em cada vida o que tiver semeado em vidas passadas.

Por que alguns nascem ricos e outros pobres; alguns cheios de riqueza que só empregam para corromper, degradar e depravar a outros; enquanto que pessoas pobres, porém muito dignas, lutam sem conseguir ajuda? Por que alguns nascem dotados de beleza e de saúde corporal e mental, enquanto outros, infelizes, carecem desses dons; alguns com um caráter pleno de nobreza, e outros brutais, com propensão ao crime; alguns que atravessam esta vida por uma senda coberta de rosas, e outros vão por um caminho escarpado, de fracassos e desgraças, com o coração sangrando e cheio de desespero? Por que alguns chegam a uma plácida velhice e outros apenas vivem uns momentos, pois morrem na infância? Essas e outras perplexidades semelhantes só podem ser esclarecidas mediante a compreensão da lei do carma.

P 133. *O senhor mencionou a lei do carma, mas não existem outras duas explicações acerca do destino humano, a saber: a vontade de Deus e o acaso?*

R: Naturalmente, existe a teoria de que o destino é a vontade de Deus; de que, por ordem dele são conferidos ou negados os bens; de que somos como marionetes manejadas por Sua mão, e nenhum esforço poderia mudar nosso destino. Mas se aplicássemos conseqüentemente essa doutrina, resultaria que Deus priva da vista as crianças e quebranta o coração dos mais denodados; permite que sofra o inocente no lugar do culpado, e cria um mundo em que nascem seres disformes, inválidos, idiotas ou enfermos por culpa de outros. E com que propósito? Não sabemos por que viemos ao mundo, nem para onde vamos, nem por que somos tratados injustamente enquanto estamos aqui. E assim essa teoria para explicar o destino humano mostra que Deus é injusto e caprichoso.

Por outro lado, se o destino fosse o resultado da casualidade, a vida seria tão somente uma miscelânea de circunstâncias. E se existe Deus, Ele não se ocuparia em nada com o mundo que criou. Os corpos humanos seriam procriados ou por pais ébrios de paixão, num cortiço, ou então na régia mansão de pessoas refinadas, sem lei alguma que governasse os nascimentos, sem

escolha alguma de nossa parte, sem justificativa para as condições ou ambiente em que se nasce; tudo seria o resultado da casualidade. Em tal caso, jamais estaríamos seguros de nenhum resultado; poderíamos nos esforçar durante anos e, mesmo depois do êxito, fracassar “por força do acaso”. A ciência é possível devido a estar a natureza organizada de acordo com leis. Por que haveria leis e ordem em todas as coisas do universo, exceto na existência e nos sucessos humanos?

P134: *Então, qual é a terceira explicação do destino? O que é essa Lei do Carma?*

R: Carma significa, literalmente, ação. Cada ação tem um passado que conduz até ela, assim como um futuro que procederá dela. Toda ação implica a pré-existência de um desejo que a originou e de um pensamento que a modelou, além do movimento visível chamado o “ato”. Um desejo estimula um pensamento, e este se personifica numa ação; enquanto que às vezes é um pensamento, em forma de recordação, que desperta um desejo, e o desejo manifesta-se em ação. Toda causa foi anteriormente um efeito, e cada efeito, por sua vez, converte-se numa causa. A ação é a forma externa de um pensamento e de um desejo invisíveis, e no próprio instante de cumprir-se dá origem a um novo pensamento e a um novo desejo, formando os três um círculo perenemente renovado. A relação desses três como “ação” e os intermináveis entrelaçamentos de tais ações como causas e efeitos, acham-se todos incluídos na palavra CARMA, que é uma sucessão de fatos reconhecida na natureza, ou seja, uma lei. Por isso, carma se chama a lei de causação ou lei de causa e efeito; é a lei de uma força e dos resultados por ela produzidos. Essa força pode atuar no plano físico ou mundo do movimento, no astral ou mundo do sentimento, e no mental ou mundo do pensamento.

Todo ser está usando continuamente os três tipos de força, o primeiro nas atividades de seu corpo físico; o segundo nos sentimentos de seu corpo astral e o terceiro nos pensamentos concretos e abstratos de seus corpos mental e causal. Aspirar, sonhar, planejar, pensar, sentir, atuar, tudo isto significa pôr em movimento forças dos três mundos; e, de acordo com o uso feito pelo homem de tais forças, cria bom carma ou mau carma, ao ajudar ou prejudicar a outros. Uma vez que cada ser é uma unidade dentro de uma humanidade de milhões de indivíduos, e não uma individualidade isolada, cada pensamento, sentimento ou ação sua afeta seus semelhantes, proporcionalmente à proximidade de cada um com ele, como distribuidor de forças. Cada vez que faz uso de tais forças, seja para auxiliar ou para prejudicar o todo, do qual é uma parte, aparece um resultado, uma reação resultante de sua ação sobre os demais: no mundo físico, um dano infligido por ele a outros produzirá a reação da dor, enquanto que o carma, ou reação, de uma ação benéfica é uma força que ajustará as circunstâncias materiais de maneira a produzir um bem-estar; no mundo astral, as más vontades reagirão como pesares, enquanto que as simpatias lhe trarão felicidade; no mundo mental inferior, as críticas e murmurações se converterão em penas para ele, enquanto que o estudo e a busca da verdade lhe produzirão inspirações; no

mundo mental superior, as aspirações serão fonte de ideais a seguir, vida após vida.

Agora, devemos compreender em primeiro lugar que a lei do carma é uma lei natural e não uma regulação artificial estabelecida por alguma autoridade externa. Uma lei artificial tem sanções determinadas, as quais são locais e mutáveis, e que podem evitar-se com artifícios. Um ladrão poderá escapar de ser preso, ou poderá ser leve ou gravemente castigado se o prenderem. Mas uma lei natural não é um mandamento como as leis artificiais; é simplesmente a expressão de consequências ou sequências. Que o fogo queima, que “se você colocar a mão no fogo, esta se queimará”, são enunciados de uma lei natural. Não é um mandamento para que não sejam postas as mãos no fogo, nem assinala pena alguma pela sua transgressão; estabelece apenas uma sequência invariável de condições: dada certa condição, invariavelmente se seguirá outra condição, e a consequência jamais varia. A primeira condição é chamada de “causa”, a segunda de “efeito”.

Se introduzida uma nova condição, a subsequente condição se altera, sendo então o efeito a resultante de ambas. Não tem, uma lei natural, caráter de mandato; nos deixa em liberdade para escolher, mas assinala tais ou quais resultados que inevitavelmente sucederão como consequência de nossa escolha; e qualquer que seja a condição que tivermos escolhido, devemos aceitá-la com sua inevitável seqüela. Para se produzir água pela união do oxigênio com o hidrogênio, requer-se certa temperatura que podemos derivar da chispa elétrica. Se insistirmos em manter a temperatura a zero ou em substituir o hidrogênio por nitrogênio, jamais poderemos produzir água. A natureza nem oferece nem nega a água, unicamente estabelece condições para sua produção. Temos liberdade para cumpri-las ou não. Se necessitarmos criar água, teremos de justapor certos elementos e estabelecer assim as condições. Sem essas condições não se formará a água; com essas condições, inevitavelmente se produzirá. Somos livres ou estamos sujeitos? Livres para criar as condições; sujeitos aos resultados, uma vez que as tenhamos criado.

Essa lei é invariável, e a invariabilidade da lei não prende, libera. A ciência demonstra que o conhecimento é condição de liberdade, e que somente na medida de seu conhecimento pode o homem alcançar predomínio: a natureza se conquista pela obediência. O aforismo científico dessa lei é: “A ação e a reação são iguais e opostas”. E não se pode encontrar melhor versão religiosa desse aforismo que aquele bem conhecido versículo da Bíblia: “Não vos enganeis; a Deus ninguém ilude; o que um homem semear, isso também colherá”. E acrescentamos: “O que um homem colhe, isso semeou ele no passado”.

Na matéria tão fina dos mundos superiores, a reação de maneira nenhuma é instantânea; geralmente transcorrem longos períodos de tempo, mas se apresentará de forma inevitável e exata.

“Embora os moinhos de Deus moam lentamente,
Trabalham com precisa exatidão;

Embora Ele costume esperar pacientemente,
Seu labor é de acabada perfeição.”
“Ignora a cólera ou o perdão; justa equidade
Governa Seus decretos, regula Seus artifícios;
Não conta o tempo; com absoluta integridade
Julgará amanhã ou depois de muitos anos.”

P 135: *Quando começou o carma?*

R: Essa pergunta demonstra um falso conceito da verdadeira natureza do carma. Não se pode dizer que uma lei geral da natureza tenha princípio ou fim. Onde quer que exista uma manifestação, um universo, um mundo, acham-se presentes ali as leis gerais como inerentes à verdadeira essência das coisas. Por conseguinte, o carma, sendo uma lei geral, é eterno; é uma condição perpétua da existência na matéria; não é algo que começa ou termina. Onde haja matéria, a eternidade só pode refletir-se a si mesma como interminável sucessão; por isso se tem dito que a matéria é “a causa da geração de causas e efeitos”.

Se fosse modificada a forma da pergunta e se perguntasse:

“Quando começou o carma de uma determinada criatura?”, a resposta seria: “No momento em que tal criatura veio à existência”. Quando o Espírito eterno toma para si uma roupagem de matéria, entra em condições nas quais o carma se encontra perpetuamente em ação. Sua entrada em tais condições inicia seu carma particular. No princípio é o carma do mineral, isto é, o jogo da força e da matéria que o rodeiam, e sua reação a elas. Essas ações e reações tecem os fios de seu carma e a cadeia o leva até um ou outro tipo do reino vegetal. Ali sua reação é mais completa e a complicada rede do carma o leva, por último, até algum tipo do reino animal. Neste reino, sua crescente capacidade de sentir o faz entrar em causas cármicas, e as dores ocasionadas por ele reagem sobre ele como sofrimentos. A sensação de dor se deve ao desenvolvimento nele da capacidade para sentir: a lei é a mesma, trata-se sempre de ação e reação, mas enquanto que no mineral ainda não há sensação, no animal a sensação ocasiona prazer ou dor. Com o desenvolvimento da razão, acrescenta-se outro elemento ao tecido cármico, e a ação no mundo mental se soma às do mundo de atuar e do mundo de sentir. Daí que, embora tenha se agregado um poderoso fator à reação, a lei segue atuando ao longo das mesmas linhas.

Aplicando essa lei nos reinos do intelecto e da moral, é como o homem modela seu futuro, convertendo-se no “arquiteto de seu próprio destino”.

P 136: *Como pode um homem chegar a ser o dono de seu próprio destino?*

R: Existem três leis subsidiárias da Lei Geral do Carma; e para modelar nosso próprio futuro requer-se um conhecimento do método de aplicação delas. Os três “fios da corda do destino” são:

1. O pensamento cria o caráter.
2. O desejo cria as oportunidades e atrai os objetos.

3. A ação cria as condições do meio ambiente.

P 137: *Considerando o primeiro fio da corda do destino, como é que o pensamento cria o caráter?*

R: O caráter de um homem é a totalidade de suas qualidades morais e mentais. “Homem” significa “O Pensador”; e a relação entre pensamento e caráter acha-se reconhecida nas Escrituras de todas as nações. Uma escritura hindu diz: “O homem é criado pelo pensamento; como um homem pensa, assim chega a ser”; e na Bíblia se lê: “Tal como pensa um homem, assim é”; e também: “Quem olhar cobiçosamente uma mulher, cometeu já adultério com ela em seu coração”; e “Aquele que odeia seu irmão, é um assassino”.

A razão desses fatos é que, quando a mente se ocupa de um pensamento particular, estabelece-se na matéria um tipo definido de vibração, e, quanto maior for a frequência com que se origina esta vibração, adquirirá maior tendência a repetir-se automaticamente na matéria do corpo mental, até que chega a constituir um hábito, conforme se explicará no Capítulo VII.

Para criar um hábito de pensamento, deverá o homem escolher uma qualidade desejável (uma virtude, uma emoção), e pensar então persistentemente na qualidade escolhida. Deverá meditar deliberadamente nela todas as manhãs por alguns minutos, e persistir naquela criação mental até que se forme um hábito e se tenha criado a virtude dentro de seu próprio caráter, o que se efetua especialmente quando põe em prática o pensamento em sua vida diária. Como tudo se acha sob lei, não poderá obter habilidades mentais ou virtudes morais sentando-se a esperá-las; somente poderá edificar seu caráter mental e moral pensando esforçadamente e atuando de conformidade. Suas aspirações chegarão a ser capacidades; seus repetidos pensamentos se converterão em tendências e hábitos. No passado criou seu caráter com o qual nasceu nesta vida, e agora está criando o caráter com que morrerá, e com o qual renascerá; e o caráter é a parte mais importante do carma (ver “Como construir o caráter”, Capítulo VII).

Se um homem é hábil para certas coisas, é porque numa vida anterior dedicou muito de seus esforços naquela direção. O gênio e a precocidade se explicam, assim, satisfatoriamente. As aspirações elevadas de uma vida florescem como capacidades na seguinte; e uma vontade decidida de serviço não Egoísta tem como resultado a espiritualidade.

P 138: *Agora, como o desejo cria as oportunidades e atrai os objetos?*

R: A vontade é a energia do EU, uma concentração interior que impele à ação. Quando tal energia é atraída por objetos exteriores que nos acarretam prazer ou sofrimento, é chamada desejo: o desejo de possuir, que é amor ou atração; o desejo de rechaçar, que é ódio ou repulsão. Entre o desejo e o objeto desejado, há um laço magnético, e nosso desejo atrai para nós o que desejamos, assim como o ímã atrai e retém o aço. Pode haver obstáculos ou dificuldades, mas inevitavelmente aquele desejo se cumprirá, às vezes na mesma vida, às vezes em alguma das posteriores.

Eventualmente encontramos pessoas que são afortunadas ou de “boa sorte”; tudo o que tocam converte-se “em ouro”. Pois bem, se pudéssemos conhecer e estudar o passado de tal pessoa, encontraríamos que teve um grande desejo de riquezas; que persistiu nele tenazmente; que se esforçou por ele, trabalhou por ele e às vezes pecou por ele; tal desejo tem que chegar a seu cumprimento, e assim essa pessoa chega a ser tão afortunada que outras a invejam. O desejo lhe propiciou a oportunidade. Um homem que deseje ardentemente visitar um país estranho, encontrará provavelmente a oportunidade de fazê-lo em alguma época de sua vida.

O desejo dirige a pessoa para o lugar onde possa obter o objeto desejado, e esta é uma das causas que determinam o lugar de nossa nova encarnação. Vemos, pois, como o desejo une o que deseja ao que é desejado, isto é, cria as oportunidades e aproxima os objetos.

Portanto, deveríamos ser muito cuidadosos com relação ao que desejamos, e deveríamos também pôr à prova o valor do objeto desejado, pois inevitavelmente virá a nós mais tarde e poderia então parecer-nos como cinzas na boca. Muitíssimos homens desejaram a riqueza, e a conseguiram, mas tão somente para descobrir que é uma carga em vez de um gozo. Muitíssimos homens alcançaram o objeto de seus desejos, descobrindo geralmente que lhes ocasiona dor e não prazer. Deveríamos, pois, regular nossos desejos, prever o que resultará deles e pesar bem o valor do objeto desejado. E assim iremos aprendendo gradualmente a desejar naturalmente as coisas que sejam retas e puras, boas e elevadas. Para todos é necessária esta vigilância cuidadosa do caráter de seus desejos, pois somente quando os desejos estão em harmonia com a Vontade Divina, podem converter-se, ao serem satisfeitos, em fonte de felicidade e não de sofrimento.

P 139: Como a ação nos proporciona o meio ambiente físico?

R: O terceiro fio da “corda de nosso destino” aparece no plano físico como ação, e é o menos importante de todos eles, já que apenas ligeiramente afeta de modo direto o Homem Interno. As ações são resultado de nossos pensamentos e desejos anteriores, e o carma da maior parte delas esgota-se quando são executadas, embora nos afetem indiretamente porque dão origem a novos pensamentos e desejos. O trabalho desse “fio” introduz em nosso destino felicidade externa ou desgraça externa. Na medida em que um homem tiver feito outras pessoas fisicamente felizes, ou fisicamente infelizes, colherá carmicamente, de sua ação, circunstâncias físicas favoráveis ou desfavoráveis, que lhe trarão felicidade ou sofrimento físico. Sua circunstância imediata, a expressão de sua atividade passada, é seu corpo físico, e este é configurado para ele de acordo com o molde do duplo etérico, conforme já se explicou anteriormente. A sabedoria na atual existência é o resultado das experiências em vidas passadas; enquanto que a faculdade consciente se constrói, também, com as experiências dolorosas do passado.

Conseqüentemente, a reação de nossos pensamentos sobre nós próprios é a aquisição de caráter e de faculdades; a reação de nossos desejos sobre nós mesmos é a consecução de oportunidades, de objetos e de poder,

fazendo-nos “afortunados” ou “desafortunados”, segundo o caso; a reação de nossas atividades sobre nós mesmos é nosso meio ambiente, as condições e circunstâncias, os amigos e inimigos que nos rodeiam. Trazemos conosco, ao nascer, duas partes de nosso carma: nosso caráter mental e nosso caráter emocional, e nascemos na terceira parte, ou seja, nosso meio ambiente, incluindo nosso corpo físico. Somos o que somos devido a nossos pensamentos, desejos e ações anteriores; não há favoritismo na natureza. Se compreendermos bem essa ideia, serão impossíveis para nós a inveja e o ressentimento, e cessaremos de estar inutilmente renegando nosso destino. Colhemos nesta encarnação o que semeamos nas passadas, e o que estamos semeando hoje será nossa futura colheita; e conforme estivermos tecendo na atualidade, assim será a “corda de nosso destino” para as vidas futuras. E assim, o homem é o criador e modelador de seu futuro, o “arquiteto de seu próprio destino”.

“O que semeardes, colhereis. Observai as várzeas distantes!
O sésamo foi sésamo; o milho foi milho;
A Obscuridade e o Silêncio sabem destas coisas;
Assim é gerado o destino do homem.”

“A plantação de pimenta jamais produzirá rosas, nem a doce
Estrela argentada do jasmim procriará espinhos ou abrolhos.”
“Podereis criar hoje vossas oportunidades de amanhã.
Atuai para elas hoje, e elas atuarão para vós amanhã.”

“Vede: tornou-se o barro duro qual aço,
Mas o oleiro modelou o barro,
E assim o destino é hoje o amo;
Mas o amo de ontem foi o homem.”

P 140: *Esse conceito do destino controlado pela lei do carma não elimina Deus do mundo?*

R: Não, pelo contrário, nossa ideia de Deus se torna mais ampla que antes, pois em vez de crer que é Ele um péssimo arquiteto, por haver criado tão mal um mundo que requer sua contínua intervenção para endireitar as coisas, o consideramos como o perfeito arquiteto do universo, universo guiado por leis naturais primorosamente balanceadas, perfeitas em seu funcionamento nos mínimos detalhes. A transgressão dessas leis acarreta-nos sofrimento; a obediência a elas nos proporciona felicidade.

As leis da natureza são tão somente as expressões mais materiais da Mente Divina, da vontade de Deus; são tão rígidas como uma rocha. O homem vai e se estilhaça contra elas. Se não aprendeu de nenhum outro modo; se não aprendeu pelo preceito e pelo exemplo; então deverá aprender deste modo, através dos duros fatos das leis naturais, embora signifiquem para ele sofrimentos e mal. Isso é o que Shri Krishna dá a entender quando diz: “Sou o mau jogo do malfeitor”. Esse homem, o malvado, tem de aprender a partir de

suas malfetorias, sendo essa a única maneira em que tão pobre alma pode aprender algo. Ele causa males por sua estupidez e cabeça ruim, mas tudo está dentro do conhecimento divino, tudo é parte d'Ele. Sua mente, apesar de fazer mau uso dela, é, no entanto, parte da mente divina; e mesmo que vá pelo mau caminho, do mal que faça lhe resultará algum bem, já que aprenderá, por meio disso e por conta de seus fracassos, a caminhar pelo bom caminho. É, por assim dizer, um último recurso, mas é um recurso, e, portanto, acha-se dentro do plano divino. O homem de que falamos teve à sua disposição ambas as coisas: o preceito e o exemplo; e se tivesse escolhido retamente, teria evitado todo mal e sofrimento. Por conseguinte, se não há outro modo de ele aprender, então, pelo efeito da lei divina, aprenderá mediante o mal que fizer e mediante o sofrimento que se segue a esse mal. E assim, pois, existe certo sentido sob o qual tudo, absolutamente, é Deus.

P 141: *O que é o pecado?*

R: Popularmente supõe-se que o pecado seja uma contravenção da Lei Divina, a execução de um ato que o autor sabe que é mau. Porém, em quase todos os casos, o homem infringe a lei por ignorância, estouvamento ou falta de experiência, e não com intenção deliberada. Quando um homem conhece realmente a Intenção Divina, inevitavelmente se põe em harmonia com ela, por duas razões: numa etapa primitiva, porque vê a inutilidade completa de proceder de outra maneira, e depois, ao ver a glória e a beleza do plano, porque não pode senão ser impulsionado a cooperar para sua execução, com todos os poderes de sua alma e de seu coração.

Poderia objetar-se que, na vida diária, vemos constantemente pessoas fazendo coisas que sem dúvida sabem que são erradas. Entretanto, essa é uma afirmação equivocada (ou pelo menos uma má compreensão) do caso. Elas fazem o que lhes foi dito que é mau, o que é inteiramente diferente. Se um homem sabe realmente que uma ação é errada, e que inevitavelmente será seguida de más consequências, com cuidado terá de evitá-la. Todo mundo sabe realmente que o fogo queima, por isso se abstém de colocar a mão nele. Ao homem foi dito que o fogo do inferno o queimará como resultado de certas ações suas, mas ele não conhece isso em realidade, e, por conseguinte, quando sente a inclinação ou quando é tentado a cometer certa ação, a pratica, apesar das consequências com as quais foi ameaçado. Sabe-se também que todo aquele que age mal justifica para si mesmo sua má ação, antes de cometê-la (o que demonstra falta de conhecimento real), e depois, já calmo, pensa de outra maneira. E essa falta de experiência subsiste ainda naqueles que pela primeira vez aprendem que uma ação é pecaminosa; pois o sofrimento que se segue à má ação não causou ainda impressão suficientemente profunda, e sempre, até que tal ocorra, o homem se afastará da retidão devido à ignorância.

Portanto, o pecado não é uma perversidade que deva ser castigada com rigor desmedido, mas o resultado de uma condição de ignorância, ou de falta de experiência, que necessita de um tratamento educativo e de iluminação. Naturalmente, por causa da ação Egoísta que se chama "pecado", o homem

põe em ação certas causas que lhe acarretarão resultados inevitáveis pela lei do carma, a lei de causa e efeito, que é educativa e não punitiva.

P 142: *Existe o perdão dos pecados?*

R: O perdão dos pecados supõe o desagravo em certa forma. A ideia de castigo pelos pecados pertence a um degradado conceito de Deus como Deidade limitada, que se sobressai dos homens por um poder superior, mas que tem as mesmas paixões que os homens aos quais rege. Nosso progresso através da evolução consiste na aquisição da Sabedoria sob as leis do carma e da reencarnação, assim, supor que um homem deve ser castigado por seus pecados, quando somente está colhendo os resultados de sua ignorância e erros, seria como afirmar que uma criança que esteja aprendendo a andar deve ser castigada por suas quedas.

Além do mais, não há que se esperar que as leis da natureza esqueçam ou perdoem alguma infração, e carma é uma lei da divina natureza, na qual não há variabilidade, nem sombra de desvios. Se um homem se joga contra a parede, seguramente quebrará a cabeça; a lei é como uma muralha, e o fazer mal é como estatelar-se contra a parede. O arrependimento não cura os golpes recebidos.

A Lei Divina opera tão invariavelmente nos mundos mental e moral como no físico. Se o homem cai dentro de uma fogueira queimará o corpo, e nenhuma prece nem arrependimento o salvará da dor da queimadura. Nem sequer lhe ocorrerá implorar à lei da gravidade o perdão por tê-la infringido; por que, então, haverá de esperar perdão se infringir as leis mentais ou morais? O falso ensinamento de que um homem pode fazer mal e ser perdoado, isto é, escapar das conseqüências de sua má ação, é muito desmoralizador.

Carma não é um castigo pelo pecado, mas o resultado imprescindível das causas postas em movimento; e a dor será sempre a planta que surgirá das sementes do pecado. Depois de semear má semente, nossa salvação não está em implorar perdão, mas em tratar de corrigir-nos e proceder melhor em seguida.

Por outro lado, carma é o reajuste da harmonia no universo, harmonia quebrada por uma ação Egoísta que se chama “pecado”; e sendo o método de ajuste que a lei de Amor reine por toda parte, pedir o perdão seria como pedir que a harmonia não fosse restabelecida. Num mundo sujeito à lei não pode haver castigo para o pecado, alguma pena arbitrária decretada em momentos de cólera e sem relação com o pecado como seqüência sua. Por conseguinte, supor que um homem pode ser queimado no inferno porque não acreditou em algum dogma particular, ou que o mal feito numa vida finita, por mais persistente que tivesse sido, mereça os tormentos de um inferno infinito, é violentar não só nosso sentido de justiça, como também nosso senso comum. Mas a boa lei é educativa; e assim, é razoável supor que se um homem, nadando em riquezas e vivendo entre luxos, torna-se por completo apático ou indiferente às necessidades mais urgentes daqueles que o rodeiam, se lhe dará a oportunidade, numa vida futura, ao nascer como pobre e compreender as durezas da pobreza por experiência pessoal, de aprender com isenção, ou

reparar o mal feito, restaurando, assim, a harmonia no Universo. A lei do carma “não conhece nem cólera nem perdão”; de outro modo não seria nem absolutamente justa nem absolutamente inviolável, e não se poderia confiar nela.

E assim, não se pode intervir na exata operação da lei, nem há dispensas arbitrárias como ordinariamente o perdão implica. Mas a palavra perdão se usa às vezes, nas Escrituras cristãs, no sentido de uma liberação da obscuridade espiritual e do conseqüente “alinhamento” com Deus. Na ação Egoísta que se chama pecado, a vontade e o desejo da natureza inferior do homem são postos em oposição à Vontade Divina (a Lei Divina), e tal oposição poderá suprimir-se repentinamente por algum chamado do exterior, mediante algum instrutor espiritual ou alguém a quem se ame muito, ou por alguma mudança sutil do próprio coração do homem, produzido às vezes por verdadeira saciedade. Sendo assim subitamente dissipada a treva espiritual, a vontade humana que foi persistentemente dirigida contra a Vontade de Deus pode mudar de plano e transformar-se quase que instantaneamente.

Por isso, quando lemos no Evangelho que o Senhor Cristo usa as palavras: “Teus pecados te são perdoados, vá em paz”, ou, “Seus pecados, que são muitos, lhe são perdoados, porque muito amou”, a palavra perdão implica algo inteiramente diferente de um desligar a penalidade do castigo, e se emprega para descrever o sentido de retidão que advém com tal experiência, como pode se ver claramente em numerosas passagens do “Novo Testamento”, nas quais se repete em muitas frases que aquele que foi verdadeiramente “perdoado” não pode pecar mais.

Mas apesar desse perdão, desse sentir já a retidão, com a vontade do pecador já redimida, não se apagam os efeitos de seus pecados anteriores; o que ele semeou terá de colher, embora não tornará a semear má semente. Ele se acha livre e perdoado porque resolveu conduzir-se retamente e está cooperando agora com a Vontade Divina e não contra ela. Do mesmo modo, no Bhagavad Gita, o Senhor Krishna, falando de um homem que cessou de buscar a satisfação da natureza inferior e elevou seus olhos até o Deus dentro de si, diz que tal homem, embora de vida má, pode ser contado desde já entre os bons. “Escolheu a senda reta, logo chegará à retidão.” Mas também pode acontecer que, quando o pecador tiver escolhido a senda reta e tiver também sido esgotada a reação externa do mal, algum Ser de conhecimento superior, olhando a cadeia de causa e efeito, possa declarar concluído o sofrimento, conforme fez o Cristo com aquelas gozosas palavras de liberação: “Levanta-te de teu leito e anda”.

P 143: *Faz algum bem o arrependimento dos pecados?*

R: Ninguém deveria deixar-se enganar por ilusões acerca do remorso e do arrependimento. Se pensa sobre sua falta, cria uma forma-pensamento daquela falta; quanto mais pesaroso se sente, quanto mais vezes reconsidera o assunto em sua mente, maior será a força da forma de pensar. “O que você pensar, isso chegará a ser”; por conseguinte, o ficar meditando repetidamente acerca de um defeito é simplesmente fortalecê-lo. Portanto, quando o homem

tiver se extraviado do reto caminho, em lugar de entregar-se ao remorso e ao arrependimento, deverá dizer-se: “Bem, isto é fazer loucuras; jamais voltarei a fazê-lo”; deverá recordar o que disse Talleyrand: “Qualquer homem pode cometer um erro; todos erramos; mas o homem que comete o mesmo erro por duas vezes, é um louco”.

E assim, a ideia do remorso e do arrepender-se de seus pecados é uma ilusão enganosa. É perda de tempo e de energia, e ninguém deveria permitir-se ser enganado por ela. Deveria deixá-la para trás e começar de novo de onde se encontrasse, resolvendo firmemente não cometer o mesmo erro jamais. Nisto se insiste muito em *A Voz do Silêncio*: “Não olhes para trás, ou estarás perdido”. Um mestre disse uma vez: “O único arrependimento que vale algo é a resolução de não errar de novo”.

Naturalmente, o que foi dito acima não implica que alguém possa escapar das consequências de seu mau carma já causado. Tendo semeado má semente, terá de recolher sua má colheita. Mas seu arrependimento é uma nova causa, já que ele o coloca contra seu pecado; é uma força para reparar a deterioração do caráter, que é o pior resultado do mal feito. E o afastar-se do pecado, voltando-se para Deus, é como vultear seu rosto de uma parede para o sol; a luz solar o tonifica e alegra e este calor e alegria no coração é o que sente o pecador arrependido, e é o que se chama “perdão”. Então pode aceitar gozosamente o sofrimento que é a consequência de seu pecado. Por conseguinte, a única coisa boa de um arrependimento real, ou seja, o resolver não pecar de novo, é que no futuro ele estará à prova de tentações da mesma classe, e, portanto não estará sujeito a posteriores consequências ou maus efeitos.

P 144: *Pode o carma de uma pessoa ser transferido para outra? Acaso não está implícita a transferência do carma no ensinamento cristão da expiação vicária?*

R: Como já se explicou, sob a lei do carma não tem lugar o castigo dos pecados. Além do mais, a expiação vicária está muito mal entendida. Nos primeiros tempos da Igreja, o ensinamento acerca da expiação era que o Cristo, como representante da Humanidade, atacou e venceu Satanás, que mantinha a Humanidade no cativeiro, e a libertou. Os instrutores cristãos perderam o contato com as verdades espirituais, e começaram a pregar que Cristo sofreu a cólera de Deus pelos pecados dos homens.

A Lei de Sacrifício encontra-se subjacente em todos os sistemas; acha-se na raiz da evolução, e os universos estão construídos sobre ela. Na doutrina da Expiação toma forma concreta com relação aos homens que, tendo chegado a certo estado de desenvolvimento espiritual, se dão conta de sua unidade com toda a Humanidade. Quando se diz que o Cristo sofre pelos homens, substituindo seus pecados por Sua pureza, sua ignorância por Sua sabedoria, significa que Ele, desse modo, chega a ser um com eles, que eles vivem n’Ele e Ele neles. Não há substituição deles por ele, mas o acolher suas vidas em Seu seio e Verter Sua vida nas deles; pois tendo-se elevado até o plano da Unidade, Ele pode repartir tudo que ganhou. Sua expiação por seus

irmãos não implica uma substituição deles por Ele (vicária), mas identidade de natureza pela unidade de uma vida comum a todos. Ele é pecador neles, e Sua pureza é a que os limpa; Ele é o “Homem de Sofrimento” neles. E assim a identidade de natureza foi equivocadamente tomada por uma substituição pessoal, e de tal doutrina, estreitamente considerada, surgiu a ideia de uma expiação vicária à maneira de uma transação legal entre o homem e Deus, na qual o Cristo tomara o lugar do pecador.

O carma de um homem é sua identidade pessoal, o que ele fez de si mesmo. Ninguém pode tomar o alimento por ele, ou viver sua vida por ele, ou suportar seu carma por ele, sem aniquilá-lo. Com certeza, pode um homem ajudar outro a superar seu próprio carma, mas não pode afastar dele os meios de adiantamento que lhe foram assinalados para seu progresso mediante um duro esforço. Consequentemente, é irracional e imoral a expiação vicária (substituição penal do indivíduo pelo Cristo), ao premiar a negligência do homem (pecados de omissão) e suas más ações (pecados de comissão).

P 145: Mas se tudo é funcionamento da Lei e de uma força compelente (do verbo compelir), não somos por acaso escravos desvalidos do destino? A doutrina do carma não é uma doutrina de fatalismo?

R: Fatalismo implica que estamos de tal maneira dominados pelas circunstâncias que nenhum esforço nosso pode libertar-nos. “A ignorância da natureza é a fonte de todo sofrimento; e não existe ignorância mais fatal nem desastrosa que o conhecimento parcial.” Um conhecimento exíguo dessa Lei é, amiúde, claramente perigoso, e produz efeito paralisante, pois um dos resultados de saber pouco acerca dela é a tendência que alguns têm de suprimir todo esforço e dizer: “Bem, este é meu carma”. Seria o mesmo que um homem, que conhecesse algo acerca da lei da gravidade, se sentasse desolado ao pé de uma escada e dissesse: “Como eu gravito para o centro da Terra, não posso subir por estes degraus”.

A lei do carma é como toda outra lei da natureza: prende o ignorante e dá poder ao sábio; não é uma força compelente, mas habilitante; e estabelece que, embora estejamos ligados ao que já fizemos no passado, podemos, em qualquer momento, modificar e modelar o futuro pela escolha que fizermos; e que o esforço diligente no agora é superior ao destino ou aos resultados de nosso passado, conforme explicou também Bhishma, o Mestre do Dharma.

Nosso carma é de natureza mista, não uma corrente que nos envolve, mas algo constituído por pequenas correntes que vão a diferentes direções, neutralizando-se às vezes umas às outras, com um resultado líquido extremamente pequeno. E assim, como na balança do carma não estão todos os pesos num só prato, e como tais pesos se encontram quase balanceados, a pressão de um dedo pode fazer oscilar a escala; e embora alguns de nossos antigos pensamentos, desejos e ações estejam do nosso lado e outros contra nós, pelo esforço atual que fizermos podemos inclinar a balança para o lado que quisermos e vencer, assim, nosso passado.

Por isso, quando se apresenta uma oportunidade qualquer, não devemos vacilar em aproveitá-la, deixando de lado o temor de que nossas

capacidades são inadequadas para tal responsabilidade. A oportunidade não nos teria sido apresentada, se nosso carma não a tivesse trazido como fruto de desejos passados; e o simples esforço que fizermos para captá-la despertará poderes que existem latentes dentro de nós. Devemos aspirar a coisas um pouco maiores do que as que cremos poder efetuar, e a força cármica adquirida no passado virá em nossa ajuda; e mesmo que fracássemos, o poder que desenvolvermos passará ao repositório de nossas forças; e assim o fracasso de hoje é a vitória de amanhã. Poderão ser adversas as circunstâncias, mas teremos chegado a um ponto em que, um pequeno esforço a mais, um novo impulso mínimo, poderá significar êxito.

P 146: *Entendo que as cadeias de um homem foram feitas por ele mesmo, ou são criação sua; mas como ele é guiado para determinado ambiente de nacionalidade e de família?*

R: Um Ego não pode recolher toda a colheita do passado, nem descarregar todas as obrigações contraídas com outros seres, numa única vida.

Como já se explicou no Capítulo IV, o molde etérico do Ego que está a ponto de reencarnar é guiado para o país, a raça, a família e as circunstâncias sociais que lhe proporcionarão o campo mais apropriado para exercitar o carma que lhe foi assinalado para aquela vida particular, embora algumas vezes, numa etapa superior de evolução, venha a ser guiado a um determinado lugar para que ponha em jogo as faculdades e qualidades que já desenvolveu, que são requeridas para ajudar a outros.

É colocado onde possa relacionar-se com Egos ligados a ele no passado. Escolhe-se um país no qual as condições sejam propícias para suas capacidades, seleciona-se uma raça cujas características assemelhem-se a algumas de suas faculdades, e encontra-se uma família com uma herança física conveniente para sua constituição física, a fim de que possa exercitar sua parte de carma assinalada para aquela vida. E assim o incidente do nascimento não é acidental de maneira nenhuma, senão o resultado de causas, atrações e afinidades, postas em jogo por um Ego durante suas vidas passadas, as quais o impulsionam, quando já está pronto para renascer, até aquela encarnação que é a mais apropriada para dar-lhes expressão física.

Às vezes, quando um Ego já alcançou certas faculdades mentais, é-lhe dada uma tarefa para a qual não tem inclinação. Ignorando a lei do carma, rebela-se contra seus deveres e até mesmo os abandona, sem saber que, com isso, os está atraindo para si no futuro. Aquele que conhece a lei do carma verá nesses deveres as reações de suas próprias atividades passadas, e os aceitará pacientemente e cumprirá com eles. Sabe que quando tais deveres forem totalmente cumpridos, se afastarão dele, deixando-o livre para um trabalho superior, mas que ainda têm algumas lições para ensinar-lhe, que convém aprenda a fim de chegar a ser mais eficaz em sua ajuda ao mundo.

P 147: *Se uma determinada ação pode ser feita com diferentes intenções, por acaso o motivo não afeta o resultado?*

R: Cada força trabalha em seu próprio plano. O resultado de uma crueldade física infligida é um tormento físico a ser suportado, e o motivo não mitiga os resultados, assim como a dor de uma queimadura não se mitiga porque tenhamos sofrido o dano ao salvar uma criatura do fogo. O motivo é uma força mental ou astral, segundo surja da vontade ou do desejo, e reage respectivamente sobre o caráter mental e moral ou sobre a natureza emocional. Poderá uma pessoa ter nascido disforme, mas com um caráter gentil e tranquilo, o que indica que ela trabalhou em suas vidas anteriores com boa intenção, mas intelectualmente mal dirigida, por exemplo, sendo um vivisseccionista ou um inquisidor. Todavia, ao ocasionar felicidade ou desgraça física alheia, colocou em jogo uma força física que terá de reagir no plano físico.

Três pessoas poderão contribuir para a fundação de um hospital ou de uma escola numa cidade, com diferentes motivos: a primeira por motivo puramente filantrópico, a segunda por mera ostentação ou pelo desejo Egoísta de obter um título, e a terceira por vários motivos de índole diversa.

A ação física de cada uma dessas pessoas trará alívio ao que sofre ou conhecimento ao ignorante, independentemente dos diferentes motivos; por isso, os três benfeitores gozarão em sua próxima vida de um ambiente físico confortável, porém seus motivos afetarão distintamente seus caracteres em suas futuras encarnações, para melhoria ou degradação.

Por outro lado, o uso que cada homem faça de suas riquezas e a felicidade que derive delas dependerão de seu caráter; o primeiro homem as usa para obras filantrópicas e caritativas, e o segundo para propósitos Egoístas. Embora a pessoa Egoísta vá obter condições agradáveis no plano físico, como reação ou consequência de sua entrega ao hospital ou à escola, seu Egoísmo também semeará de acordo com seu gênero e, mental ou moralmente, recolherá tal pessoa a colheita respectiva: desgostos e dores. Se um homem dá seu dinheiro numa vida para obras de caridade, mesmo que seja por um motivo Egoísta, ou obrigado pela força das circunstâncias, terá riquezas em outra vida, mas as usará para agiotagem e será demasiado Egoísta ou mesquinho ao empregá-las. E assim se explica como existem ricos miseráveis que simplesmente entesouraram dinheiro e mais dinheiro, sem obter felicidade dele nem fazer felizes a outros.

No caso de ser obtida felicidade celestial pela caridade, é pelo coração caritativo e não pela natureza dos dons que os gozos celestes são alcançados. As dádivas do dinheiro, que causam felicidade a muitos, trazem, como seu carma, prosperidade mundana em outra vida, mas os pensamentos bondosos que provocaram a dádiva darão seus frutos “nos céus”. As dádivas ofertadas de má vontade ou com um objetivo Egoísta, embora nos tragam prosperidade mundana, não nos trazem a felicidade. E é por isso que o Bhagavad Gita distingue entre as três classes de caridade: *Sátvica*, *Rajásica* e *Tamásica*, ou seja, de harmonia, de paixão e de exibicionismo (caridade feita em tempo e lugar oportunos, a pessoas realmente necessitadas e sem intenção alguma de recompensa; caridade que se faz de má vontade, pensando em receber algo

em troca; e a que se faz ostensiva e desdenhosamente, em lugar e tempo inoportunos, a pessoas que não necessitam dela).

Por conseguinte, o motivo é de muito maior importância que a ação e é melhor uma ação equivocada, feita por um bom motivo, que uma ação bem selecionada feita por um mau motivo. O motivo reage sobre o caráter e dá nascimento a uma longa série de efeitos, já que as futuras ações, inspiradas por aquele caráter, permanecerão todas influenciadas por sua natureza; enquanto que uma ação que traz felicidade ou desgraça física a seu ator, segundo seu resultado sobre outros, não traz em si força geratriz, visto que esta fica esgotada em seus resultados.

P 148: *Mas como é que algumas pessoas, impulsionadas por bons motivos e desejando vivamente ajudar a outros, encontram seu caminho obstruído, seja por falta de poder, de habilidade, ou de oportunidade?*

R: As oportunidades para o serviço, aproveitadas numa vida, dão por resultado maiores oportunidades de serviço em outra, enquanto que o não aproveitamento de tais oportunidades traz como consequência limitações no corpo ou um ambiente desfavorável, o que se traduz em desejos frustrados. O cérebro etérico poderá estar mal conformado, e o Ego, embora cheio de planos, carecerá de habilidade executiva. Tal homem poderá dar conselhos muito bons a outros, porém ele mesmo fracassará ao seguir seu próprio conselho.

O carma de uma vida de bondade não é a aquisição de riqueza, nem mesmo dos mais altos dotes intelectuais, mas de maiores oportunidades de serviço, tanto nas atividades desenvolvidas no passado, quanto nas novas linhas de atividade que se abrem diante do Ego para fazer dele um instrumento melhor em mãos dos mais Altos Poderes, para o bem da humanidade. Qualquer pessoa que, para o serviço dos demais, achar-se usando de todos os poderes à sua disposição e sem nenhum pensamento Egoísta, tem toda possibilidade de receber novos poderes. É a repetição da antiga parábola dos três “talentos”. Àqueles que fazem bom uso dos talentos serão confiadas obras de maior importância. A cada um será dito: “Foi fiel nas coisas pequenas, eu te darei autoridade em coisas maiores; entra no Reino de teu Senhor”. O Reino ou gozo do Senhor (o gozo do Logos) encontra-se em Seu labor.

Pois “Deus tem um plano e tal plano é a evolução”. Ele resolveu dedicar-se inteiramente à Sua poderosa obra de evolução; este é o gozo do Senhor, a satisfação de estar efetuando seu esplêndido plano de verter Seu Amor por todo o Universo. Aquele que deseja entrar no gozo do Senhor, isto é, tomar parte na obra da evolução e na bem-aventurança que ela nos traz, deveria, portanto, usar cada talento que já possua e usá-lo com a maior capacidade que lhe for possível.

P 149: *Por que algumas pessoas trazem “má hereditariedade” ou enfermidades congênitas?*

R: Uma “má hereditariedade” é a reação de atividades sinistras do passado. O bêbado de vidas anteriores nascerá numa família que sofra

enfermidades nervosas como a epilepsia; enquanto que um libertino renascerá no seio de uma família contaminada com enfermidades próprias do vício sexual. As enfermidades congênitas resultam de um duplo etérico defeituoso, fornecido ao Ego pelos Senhores do Carma como consequência de excessos e erros do passado. Quando os desejos numa vida forem bestiais, cruéis ou grosseiros, ocasionarão enfermidades congênitas noutra vida, cérebros fracos e enfermos; epilepsia, catalepsia e outras desordens nervosas.

P 150: *Que solução a Teosofia apresenta para o antigo problema do inevitável versus o livre arbítrio? Acha-se o homem inteiramente sob o império do destino e do iniludível, sem lugar algum para o livre arbítrio, ou acaso desfruta de um total livre arbítrio?*

R: Apenas o Uno acha-se absolutamente livre. O homem é relativamente livre dentro das limitações que ele mesmo se impôs; e embora impotente para deter a marcha da evolução, ou seja, a Vontade Divina, pode ele trabalhar a favor ou contra a lei evolutiva, apressando ou retardando seu próprio progresso dentro de certos limites, segundo sua vontade. Pelo exercício de seu livre arbítrio criou necessidades para si; pela repetição de ações sob a direção de sua própria vontade criaram-se costumes: ambos são, ou chegam a ser, limitações.

É melhor abarcar uns poucos princípios simples e aplicá-los à solução dos detalhes, e não considerar os detalhes separadamente, sem ideia alguma dos princípios subjacentes. Primeiro: o espírito no homem, o *Jivatma*, o Eu, é um fragmento da Divindade, uma “porção de Mim mesmo”, um Ser vivente. Segundo: esse espírito é livre e onisciente no plano átmico, porém anela viver também em outros planos, para ver, ouvir, gostar, etc., nos planos densos do ser; o exercício dos poderes dá-lhe prazer, e ele quer experimentá-lo. Terceiro: quando tal espírito se submerge na matéria densa, seus poderes não podem afirmar-se por si mesmos, e ele é como uma semente, um gérmen da Vida Divina, envolto em *avidya* ou ignorância, e fica limitado de fora. Quarto: aprende lentamente a controlar a matéria, de tal modo que pode expressar-se mediante ela e seus esforços são, em princípio, meras tentativas às cegas, em diferentes direções, recebendo prazer de algumas e dor de outras. Quinto: ele deseja prazer; ele pensa em como obtê-lo; ele atua de acordo com seu pensamento; e assim se liga com seu futuro; pois deverá trabalhar no corpo mental formado por seus pensamentos, deverá encontrar-se rodeado pelas circunstâncias criadas por seus atos; eis aí como se verá envolvido desde o interior pelos três fios da corda do destino, de que antes se falou. Sexto: porém, entre todas essas ligações internas e externas, ele permanece sendo a divindade livre; pode exercitar seu livre arbítrio, apesar de que, ao fazê-lo, acha-se impedido pelas cadeias internas que ele, voluntariamente, assumiu com a ideia de experimentar os fenômenos dos planos densos, assim como pelas ligaduras externas que ele forjou em suas lutas com a matéria mais densa.

Todas as nossas circunstâncias são o resultado de nosso carma, o qual cria necessidades para nós; mas, apesar de achar-nos limitados por essas

cadeias que nos impusemos, podemos modelar o futuro, e apesar de não nos ser possível transcender subitamente os limites, podemos sim estendê-los gradualmente, até adquirirmos para nós mesmos uma liberdade praticamente ilimitada na direção do bem. Nosso cérebro e sistema nervoso, constituído hoje de acordo com nossos próprios pensamentos do passado, são condições que a vida marcou para nós e que nos limitam, mas que podem ser gradativamente melhoradas. A ignorância é a causa do aprisionamento, ao passo que o conhecimento nos traz a libertação e o livre arbítrio, já que é através da sabedoria que o homem se conhece como uno com a Vida Divina, e atua como um agente livre e responsável em harmonia com a Vontade Divina. Mas “a cada momento de nossa vida temos uma consciência muito clara de livre arbítrio na hora da escolha entre o bom e o mau e não há motivo para confundir nosso senso dessa liberdade engolfando-nos na mais elevada metafísica do problema”.

P 151: Existe verdade na astrologia? Como pode ser conciliada com o livre arbítrio?

R: Sendo muito fragmentária a astrologia moderna, geralmente é muito incerta em seus resultados; mas existe uma verdadeira ciência da Astrologia e se podem encontrar verdadeiros astrólogos aqui e ali. Entretanto, mesmo a astrologia moderna é às vezes muito exata no delineamento de um caráter. Em sua maior parte, os modernos vaticínios astrológicos dos acontecimentos não são dignos de crédito, e as predições nem sempre são verdadeiras porque não se conhecem todas as condições. Cada astro possui sua própria esfera de influência magnética, e essas esferas se entremesclam de maneira muito intrincada; por isso, segundo a constituição do ser humano, algumas condições magnéticas lhe são favoráveis e outras adversas.

Não há antagonismo entre a astrologia e o livre arbítrio. Um horóscopo, se foi corretamente traçado, demonstrará os resultados do carma passado de um homem em seu caráter, suas tendências, circunstâncias, etc. Um astrólogo pode prever com toda correção certos eventos ou circunstâncias; mas conhecendo somente uma, de um par de forças, não pode prever a resultante, nem pode prognosticar como reagirá o homem com seu livre arbítrio frente às circunstâncias que o rodeiam. Tratando-se de uma alma débil, a reação será ligeira e ocasionará apenas alguma mudança, enquanto que, tratando-se de uma alma forte, que possa acumular todo o potencial de seu livre arbítrio contra todas as circunstâncias, o provável é que a reação seja muito grande e transtorne todas as previsões. Daí o antigo provérbio astrológico: “O homem sábio rege seus astros, enquanto o néscio é regido por eles”.

P 152: Como chega um homem a forjar novos elos na cadeia de seu carma, em vez de liberar-se das ligaduras que lhe foram fixadas para uma única vida?

R: Ao levar adiante seu labor, os Senhores do Carma usam outras pessoas como instrumentos seus para recompensar ou castigar. E assim, embora estejamos sendo usados como meros instrumentos em Suas mãos

para a liquidação de contas de pessoas diferentes, temos a falsa ideia de que somos agentes livres. Por isso, quando um homem nos prejudica, não compreendemos que ele atua somente como instrumento para dar-nos o que merecemos; mas nos irritamos com ele e tratamos de nos vingar, criando assim carma novo e esquecendo a advertência do Evangelho sobre este particular: “Necessariamente devem sobrevir as afrontas, mas ai daquele através do qual venha a ofensa!” Ninguém neste mundo sofre por causa de outro, embora devido à nossa falta de compreensão nos acreditamos prejudicados por outros, sem culpa alguma de nossa parte.

O homem prudente, conhecendo isso e compreendendo que não deverá “rebelar-se contra o carma nem contra as leis imutáveis da natureza”, jamais se aborrecerá com alguém e sofrerá o dano ou a desonra sem queixar-se, liberando-se assim do carma que lhe foi fixado para uma vida (chamado *Prarabdha*), enquanto que o ignorante, por renegar e encolerizar-se, cria novo carma (chamado *Kriyamana*), o qual, agregando-se ao carma acumulado de vidas anteriores (que se chama *Sanchita*), retorna sobre ele numa vida posterior, como *Prarabdha*. E assim, devido à sua ignorância, um homem cria carma novo antes de esgotar o antigo, e por isso é tão remota sua oportunidade de liberar-se das cadeias de nascimento e morte.

P 153: *Mas se alguém nos causa dano, como podemos saber se isso foi resultado de nosso Prarabdha? Ligados por Prarabdha, que ações fazemos sob sua pressão e quais por nosso livre arbítrio?*

R: Num Universo de justiça perfeita, ninguém sofre sem causa ou por culpa de outro, como já se disse antes; e o simples fato de que podem nos causar dano, prova que merecemos tal dano devido ao nosso *Prarabdha*, por mais que o homem que nos infligiu o dano, atuando como instrumento dos Senhores do Carma, pense que agiu por iniciativa própria.

O carma se divide em três partes ou classes:

1.^a) *Sanchita* (equivalente a “acumulado”), ou seja, carma que tem sido acumulado durante muitas vidas. Nas vidas do homem primitivo, é natural que deva haver, no conjunto, mais carma mau do que bom. Por isso, tão somente uma porção de todo seu carma é dada ao homem para seu resgate na próxima vida, reservando o resto como *Sanchita*, já que, de outra maneira, o Ego não desenvolvido se sentiria esmagado sob o resultado total de suas ações. Além do mais, algumas das ações do homem requerem maior tempo para o processo operativo de seus resultados, e devem ser acumuladas em *Sanchita*.

2.^a) *Prarabdha*, ou carma maduro (equivalente a “começado”), que deve exercitar-se nesta vida; carma selecionado do *Sanchita* pelos Senhores do Carma para que um homem se descarregue dele em sua vida atual. Isso é o que ordinariamente chamamos Fado, Sorte ou Destino. Do carma total do passado, somente uma porção pode ser esgotada dentro do limite de uma única vida. Há certas classes de carma que são demasiado incongruentes para serem exercitadas num só corpo físico, de um tipo particular; há obrigações que foram contraídas com outras almas, as quais, provavelmente, não se encontrariam todas encarnadas ao mesmo tempo; há carma que precisa ser

esgotado em certa nação particular, ou em determinada posição social, enquanto que o mesmo homem pode ter outro carma que requeira um ambiente completamente diferente. Consequentemente, de seu carma total do passado, os Senhores do Carma selecionam a parte que deverá ser esgotada dentro do período de uma única vida; e essa parte é chamada de “seu *Prarabdha*”. Tal carma é o que pode ser delineado, num horóscopo bem interpretado, por um astrólogo competente.

3.^a) *Kriyamana*, o carma que está em formação quando *Prarabdha* está sendo liquidado, e que, agregado a *Sanchita*, nos será apresentado como *Prarabdha* numa vida futura.

É errôneo crer que qualquer coisa que tenhamos de fazer de má vontade é o resultado de *Prarabdha*, e que o que tenhamos de fazer com gosto ou indiferentemente seja o resultado de nosso livre arbítrio. A lei da gravidade se aplica tanto a uma montanha quanto a um átomo; igualmente, *Prarabdha* se aplica a todas as nossas ações, grandes ou pequenas.

P 154: *Isso significa que somos escravos de Prarabdha, sem espaço algum para o livre arbítrio?*

R: *Prarabdha* exerce sua pressão até certa medida sobre nossas ações, mas não sobre nosso livre arbítrio.

Mesmo limitados por *Prarabdha*, desfrutamos de *Purushartha* ou livre arbítrio, e nosso *Kriyamana* depende disso. Ao efetuar qualquer ação, nossa atitude mental é assunto de livre arbítrio e isto é o que forma nosso *Kriyamana*.

Consideremos o exemplo já dado das três pessoas que doam dinheiro para uma Instituição de Beneficência: uma impulsionada por motivo filantrópico, outra pela esperança de recompensa e a terceira por motivos misturados. O *Kriyamana* das três seria diferente, de acordo com os motivos, como já se explicou antes; e esse carma, agregado a *Sanchita*, constituiria para cada uma, quando já estivesse maduro, parte de seu *Prarabdha* de uma vida futura, e seria o fator principal que ocasionaria a diferença em seus futuros destinos. Portanto, dependendo assim *Kriyamana* de nosso livre arbítrio, mesmo quando nos encontramos sob a influência de *Prarabdha*, o *Prarabdha* de nossas vidas futuras encontra-se em nossas próprias mãos.

P 155: *Mas se alguém é responsável tão somente por seu Kriyamana e não pela ação atual feita; e se há pressão de Prarabdha em todas as ações, por que deveria ser enforcado um assassino por matar, ou um ladrão por roubar?*

R: Se admitimos que um homem seja responsável por seu *Kriyamana*, devemos castigar os assassinos e ladrões, uma vez que seus presentes *Prarabdha* são o resultado de seus anteriores *Kriyamana*, pelos quais são responsáveis. Por outro lado, cada ação presente é uma mescla de *Prarabdha* e *Kriyamana*, jamais somente um ou outro.

Embora todas as ações, grandes ou pequenas, encontrem-se de certo modo sob o influxo de *Prarabdha*, seus efeitos podem ser alterados ou detidos. De fato, *Prarabdha* divide-se em três classes: 1.^a) *Dradha*, o fixo, o inevitável;

2.^a) *Adradha*, não fixo, que se pode evitar; 3.^a) *Dradha-Adradha*, semifixo, evitável. Desses três, o carma *Dradha-Prarabdha* não pode ser evitado, porém as outras duas classes podem ser evitadas ou alteradas em seus efeitos, em virtude do livre arbítrio.

P 156: *Supondo que Dradha-Prarabdha seja inevitável, como podemos escapar dos resultados das outras duas classes de Prarabdha?*

R: O carma *Dradha-Prarabdha* não pode ser alterado de maneira nenhuma; *Dradha-Adradha* pode ser alterado em seus efeitos mediante um grande esforço e o *Adradha-Prarabdha* pode com facilidade ser alterado e até mesmo evitado.

Assim como sobre a corda no “cabo de guerra”, sobre toda ação exercem-se duas forças ao mesmo tempo: *Prarabdha* e Livre Arbítrio. Quando a força de *Prarabdha* é maior que a do livre arbítrio, a resultante pertence a *Prarabdha* e o livre arbítrio não pode alterá-la; quando ambas as forças são quase iguais, o resultado é *Dradha-Adradha*, e quando a força do livre arbítrio é maior que a de *Prarabdha*, resulta *Adradha*. E assim, mesmo sob o domínio de *Prarabdha*, pode um homem libertar-se a si mesmo, em proporção ao seu livre arbítrio.

Um homem pode opor sua força contra uma bola que lhe é lançada. Tratando-se de uma bala de canhão, talvez não possa pegá-la ou desviá-la de sua direção. Esse é o caso de *Dradha-Prarabdha*. Uma pelota (pequeninha, mas com muita velocidade) poderia ser parada com certo esforço, ou pelo menos poderia alterar-se seu movimento. Tal é o caso de *Dradha-Adradha-Prarabdha*. Mas uma pequena bola de borracha, aparada sem dificuldade alguma, tipificaria o caso de *Adradha-Prarabdha*. Muito poucas ações de nossa vida são inevitavelmente fixas. Poucas são as balas de canhão que o destino opõe ao nosso passo, mas são muitas as pelotas e bolinhas de borracha; por isso devemos exercer o maior esforço possível de nosso livre arbítrio contra qualquer mau carma.

P 157: *O senhor aconselha o esforço em todos os casos, mas se um homem está preso por Dradha-Prarabdha, de que servirá um resoluto esforço de seu livre arbítrio?*

R: Há casos em que a força cármica do passado é tão poderosa que nenhum esforço do presente é bastante para sobrepor-se inteiramente a ela. E, entretanto, devemos nos esforçar sempre para escapar de qualquer classe de mau *Prarabdha*: em primeiro lugar, porque não se pode saber se um carma é *Dradha* ou *Adradha-Prarabdha*, além do que, em todo caso, o esforço diminui a força cármica para o futuro; e em segundo lugar, porque ao fazer o esforço se está criando um bom *Kriyamana*.

Poderia parecer que são muito estreitos os limites do poder de um homem para escolher entre os diferentes caminhos de sua vida (à parte o argumento metafísico): já se encontra com seu caráter formado de alguma maneira e estabelecido como um impulso imperativo de sua natureza; se acha colocado em meio a circunstâncias que não lhe permitem uma grande margem

de escolha; e, finalmente, como poderia evitar a propensão inerente a seu caráter? Bem, precisamente esse é seu carma. É muito difícil escapar à sua influência, e num certo sentido é impossível. Mas carma é uma força crescente e nosso livre arbítrio nos capacita para modificar seu crescimento; portanto, nossa sujeição a ele, na próxima vida, poderá ficar mais forte, ou poderá inclinar-se para uma direção diferente, de acordo com aquilo a que sucumbirmos sem resistência nesta vida, mas também conforme o grau de esforço que opusermos à sua influência. Um homem que tenha inclinação para o roubo deverá lutar contra ela até o máximo possível de sua força, pois embora possa falhar alguma vez e cometer algum furto, a tendência irá se debilitando no futuro. A indolência para esse esforço cria novo *Kriyamana* mau, que depois surgirá como mau *Prarabdha* em existências futuras.

O volume do carma de um homem comum pode ser classificado como *Dradha*. Ele ainda não possui muita vontade e, por isso, aceita a submissão às circunstâncias externas, que são devidas às suas ações passadas. Todos os eventos de sua vida podem ser previstos por seu horóscopo, em detalhes; o que não é o caso de um homem de vontade forte, que possua um grande domínio sobre as circunstâncias, graças ao poder de seu livre arbítrio.

P 158: Mas se um homem pode alterar seu Prarabdha mediante a força de seu livre arbítrio, não estaria intervindo na justiça do carma? Suponhamos que N tenha ofendido a X numa vida anterior e que X se encontra hoje em condições de prejudicar a N, de acordo com seu carma; agora, se X, por seu livre arbítrio, recusa causar dano a N, como colherá este o que merece? Se todo mundo procedesse assim, isso não estorvaria o funcionamento das leis cármicas?

R: Ninguém pode jactar-se de que sua vontade seja tão forte que chegue a interpor-se o mínimo possível no carma de outros. Por outro lado, embora alguém possa ser usado como instrumento para ocasionar felicidade ou desgraça a outros, segundo estes o mereçam, se tal pessoa recusa, pelo exercício de seu livre arbítrio, cometer uma má ação, os que deveriam sofrer as consequências não escaparão ao castigo, pois os Senhores do Carma lançarão mão de outro meio para obter o mesmo resultado, seja por outro agente ou por outras circunstâncias.

P 159: Se cada um tem, pois, que sofrer inevitavelmente de acordo com seu carma, por que haveríamos de intervir na justiça cármica tratando de ajudar ao cego, ao aleijado, ou a qualquer outra pessoa que sofra e que merecidamente esteja colhendo o justo castigo de seu carma passado?

R: Convém recordar de novo que não há recompensa nem castigo na lei do carma. O carma é educativo, não punitivo; é meramente uma sequência de condições, como já se explicou anteriormente.

“Oh vós que sofreis, sabeis:

Sofreis por vossa causa. Ninguém mais os força.”

Certo é que toda classe de males e sofrimentos à nossa volta é resultado de carma; mas essa não é uma razão pela qual deixemos de trabalhar para mudar tais circunstâncias. Ninguém sofre algo que não mereça, mas nosso dever é, simplesmente, ajudar a todos, e deixar nas Mãos Divinas o funcionamento da Lei.

“Presta atenção tua alma a todo clamor de angústia, assim como o Lótus descobre seu coração para absorver o sol matinal.
Que o Sol ardente não seque lágrima alguma de dor antes que Tu mesmo a tenhas enxugado do olho do que sofre.
Mas deixa que cada lágrima humana candente caia sobre teu Coração e permaneça ali; nem tampouco a enxugues até que Desapareça a dor que a ocasionou.”

(De *A Voz do Silêncio*)

Além do mais, não sabemos em que momento uma pessoa terminou de pagar sua dívida de dor e de pesares; e se acaso tiver de receber algum alívio cármico, por que não sermos nós os agentes de tão boa ação?

Mesmo de um ponto de vista Egoísta, deveríamos tratar de auxiliar ao que sofre sob seu carma, pois, se não fizemos o melhor que pudermos, estaremos formando um carma que implicará a falta de ajuda alheia na hora em que mais necessitarmos. O ato de aliviar um sofrimento limita o império de sofrimento, tanto aqui, quanto no além, pelo bem que faz a quem recebe o consolo e também àquele que ofereceu o alívio; enquanto que a crueldade, e a falta de sensibilidade pelo sofrimento alheio, aumentam o sofrimento em ambas as direções.

Ao mesmo tempo, é absurdo crer que Seres tão elevados, como os Senhores do Carma e seus Agentes, se veriam confundidos em seu labor pela intervenção de criaturas tão insignificantes como nós. Se um homem não merece ajuda, ou se não chegou ainda a hora decretada para que encontre alívio, não se beneficiará por nossa ajuda (como, por exemplo, ao perder o dinheiro dado para auxiliá-lo); todavia, estaremos criando bom carma e adquirindo méritos por nossa ação generosa. Além do mais, se tal homem não tivesse precisado de ajuda exatamente naquele dia, não nos teríamos posto em contato com ele. E assim, deveríamos tentar ajudar a todo aquele que sofre, o melhor que pudermos, e descartar a louca ideia de que somos capazes de intervir no carma de outro. De fato, o maior ideal à nossa frente seria considerar nosso contato com cada pessoa que encontrarmos, mesmo casualmente, como uma oportunidade que nos é oferecida para ajudar tal pessoa, por todos os meios possíveis.

P 160: Se a lei do carma é irresistível, são por acaso inúteis as preces para afastar o sofrimento ou para obter uma graça?

R: Essa pergunta é feita muito frequentemente, mas surge de um conceito errôneo do carma. Carma é resultado do passado, que continuamente

se está reforçando ou debilitando; é uma “corda do destino” constituída por inumeráveis fios de desejos, pensamentos e ações, uns trabalhando em certas direções e outros em outras. A resposta, em qualquer caso particular, dependerá dos constituintes do carma que se ache em ação. Se for muito forte numa direção, por exemplo, carma *Dradha*, nenhum desejo, pensamento ou ação que exercitemos contra ele no presente poderá neutralizar o passado, ou desviar os resultados na direção oposta. Mas se o carma já está debilitado em certa direção, e se trata do carma *Dradha-Adradha* ou *Adradha*, poderá ser contrabalançado por forte desejo, pensamento e obra, encaminhados em tal direção. Por conseguinte, uma oração poderá mover as balanças quando a escala do carma não estiver fortemente sobrecarregada, já que, sendo a oração um forte desejo, é um dos constituintes naturais do carma.

P 161: *Como será castigado pelo carma, em sua próxima encarnação, um ser Egoísta?*

R: Como já se disse, não há castigos nem recompensas na lei do carma, mas existe um efeito como consequência inevitável das causas que se puseram em jogo; o Egoísmo é uma atitude mental e seus resultados imediatos podem ser buscados no plano mental. Há uma intensificação da personalidade inferior, de tal sorte que o Egoísmo do homem vai crescendo firmemente, vida após vida, deixando-o privado da oportunidade de progredir. Além do mais, há o carma engendrado no plano físico pelas desapiedadas ações próprias do Egoísmo, e, como um de seus resultados, aquele ser virá a renascer de pessoas Egoístas e aprender, através do sofrimento, a perversidade de tal vício.

P 162: *O senhor diz que um ser Egoísta vai aumentando firmemente seu Egoísmo em cada vida posterior. Se um homem vicioso volta, em sua próxima encarnação, mais vicioso que antes, e assim sucessivamente em outras vidas, como poderá um homem mau converter-se em bom?*

R: Existem certas forças neutralizadoras que devem ser tomadas em consideração:

1. A infelicidade segue ao vício, até certa medida neste mundo, e em maior extensão no próximo. O bêbado desenvolve um corpo inchado e tosco, com nervos trêmulos e saúde arruinada. Ele lamenta sua loucura, mas seus sofrimentos aumentam de intensidade depois da morte, no mundo astral. Ao fim de sua vida celeste se fortalecerá o lado bom de seu caráter e melhorarão suas faculdades; porém, ao regressar à Terra, trará também consigo, como resultado de suas tristes experiências, uma repulsa inata ao mal, que foi sua delícia na vida física anterior.

2. A humanidade como um todo está sendo lentamente impulsionada por uma grande corrente de evolução; e um malfeitor é forçosamente levado com ela, embora ele possa, loucamente, retardar enormemente seu progresso. Mas essa oposição voluntária da vontade individual, contra a vontade Universal, ocasiona uma fricção que chega a ser insuportavelmente dolorosa, até obrigar o homem a afastar-se de seu mau caminho.

3. Aquele que age mal poderá, alguma vez, ler um livro, ouvir um discurso ou encontrar uma pessoa que suscite nele um reconhecimento do errado em seu proceder, fazendo-o abrir seus olhos ao sofrimento que está criando para si, e isso poderá motivar um esforço para mudar.

4. As repreensões daqueles a quem ama e respeita, e o desejo de ganhar seu afeto, poderão atuar sobre ele como um incentivo para uma vida melhor.

5. O mero fato de seu próprio crescimento moral, o desenvolvimento, por mais lento que seja, do Espírito Divino dentro de si, inevitavelmente acelera a tendência inata para o bem e ocasiona uma luta contra o mal.

P 163: Se o carma é a lei da Justiça, por que um homem bom fracassa nos negócios, enquanto um malvado tem êxito?

R: Não existe relação causal entre a bondade e o ganhar dinheiro. Seria o mesmo que perguntar: “Sou um homem bom, por que não posso voar pelos ares?” A bondade não é uma causa que produza a faculdade de voar, assim como tampouco nos traz dinheiro. A virtude é sua própria recompensa, e, se somos verdadeiros, nossa recompensa consiste na felicidade que advém do aumento da veracidade em nosso caráter. Se um homem atua em harmonia com a Lei Divina, a felicidade será o resultado de tal harmonia. Essa pergunta é formulada com frequência devido ao erro de identificar o êxito mundano com a felicidade, e de não se levar em conta o fator tempo.

Se um homem de negócios, que tenha resolvido ser verídico a todo custo, não se desanima ao ver como lhe ganham a dianteira pessoas pouco escrupulosas, mas permanece firme e trabalha em harmonia com a Lei Divina, sem importar-lhe o êxito comercial imediato, obterá a Paz interna e a Felicidade, por mais que os triunfos financeiros não se acumulem em suas mãos. E é até possível que, no decorrer do tempo, estes lhe cheguem também, quando sua reputação já estiver bem estabelecida e ele desfrute da boa vontade e da confiança do público.

Por outro lado, a prosperidade material é, muito amiúde, o pior inimigo da virtude; e se costuma ser recebida como bom carma, muitas vezes é o contrário em seus resultados. Todo mundo terá podido observar o caso frequente de pessoas que, tendo sido boas durante a adversidade, transformam-se sob o influxo da riqueza e das honrarias mundanas e afastam-se de seu antigo caminho de virtudes.

Por conseguinte, não deveríamos pensar que as recompensas do carma consistem somente de objetos materiais. As oportunidades para o desenvolvimento espiritual, que numa vida qualquer possam tocar, por sorte, a um pobre, e até a uma pessoa oprimida por seus pesares, poderão de repente beneficiar-lhes de tal modo que neutralizem os males da pobreza e das angústias transitórias. Às vezes, um bom carma pode produzir uma vida cujas moléstias são meramente externas, porém, por sermos demasiado impacientes, poderemos converter em mau carma. Do mesmo modo, um mau carma pode, na forma de prosperidade material, disfarçar temporariamente seus efeitos, e trazer consigo grandes sofrimentos, proporcionando ao

possuidor muitas oportunidades de acentuar alguma inclinação má. Tal é o significado daquele conto hindu, do pobre que, tendo ganhado um pleito judicial contra seu rico adversário, quando perguntado pelo rei que castigo pedia para seu opulento, porém mal intencionado inimigo, solicitou que lhe fossem conferidas riquezas ainda maiores.

P 164: *São todos os nossos sofrimentos o resultado de nosso carma passado?*

R: Grande parte dos sofrimentos humanos não se deve a resultados de ações passadas, já que as nove décimas partes de nossos sofrimentos atuais são meramente o produto de erros que, por ignorância, cometemos na vida presente.

P 165: *São os males que sofremos produto de nosso carma Prabhdha de uma vida anterior, ou é possível que em certas ocasiões não seja assim? Por que vemos tão frequentemente pessoas boas sofrendo muito neste mundo?*

R: O “fado” selecionado para o indivíduo não é absolutamente rígido e imutável, já que um ser pode e faz mudar algumas vezes seu destino mediante uma reação inusitada frente às circunstâncias que o rodeiam. Por exemplo, o suicídio não se encontra no carma de ninguém, embora circunstâncias visíveis e invisíveis, angústias e pesares possam, a nosso ver, constituir uma carga impossível para a resistência de alguém. Ademais, o carma de um homem pode, por assim dizer, ser posto fora de jogo pelas ações de outros, que não estavam previstas para seu carma da vida em curso. Por outro lado, poderá conseguir uma vantagem que não parecia direcionada para ele, por exemplo, aproveitando a presença de algum Instrutor Religioso cuja aparição no mundo não estava especialmente relacionada com ele.

Entretanto, nada pode acontecer a uma pessoa que não seja devido à sua própria sementeira. Há uma grande reserva de carma que não está em atual operação, a saber, o carma *Sanchita*, segundo já se explicou antes; e o novo carma é deduzido de, ou agregado a, essa reserva, de tal modo que em resumidas contas não existe favoritismo ou injustiça.

Para cada um existe armazenada uma grande parte de carma *Sanchita*, que deverá ser exercitado antes que possa alcançar finalmente a liberação. Mas quando um ser compreende o propósito da vida e, tomando as rédeas de sua própria evolução em suas mãos, esforça-se por arrancar pela raiz todo mal e desenvolver rapidamente o bem que existe nele, a fim de chegar a ser um canal sempre mais e mais perfeito para o Amor Divino, os Senhores do Carma, reconhecendo seu ardente desejo, aumentam a quantidade de mau carma que deve ser liquidado na vida presente e o ajudam, assim, a desembaraçar-se prontamente de sua antiga dívida. Tal é a causa de muitas almas santas e fervorosas sofrerem tanto; estão fazendo rápidos progressos e saindo, rapidamente, de suas dívidas (já que se fortaleceram o suficiente para assim fazê-lo), a fim de que seja liberado o caminho para seu futuro trabalho.

P 166: *Então, por que acontece o que chamamos de acidentes, como o descarrilamento de um trem, o afundamento de um navio, ou as catástrofes sísmicas, como os terremotos, em que tantas pessoas sofrem ao mesmo tempo?*

R: Para que sofram coletivamente em tais ocasiões, agrupam-se as pessoas que têm carma individual apropriado ao caso. Igualmente, reúnem-se as almas em grupos de famílias, castas, nações, raças, etc., consideradas estas como individualidades maiores, e possuem seu próprio lugar para os contínuos reajustes feitos pelos Senhores do Carma. Nada pode acontecer a um homem se não se acha compreendido dentro de seu carma como indivíduo; no entanto, poderá ele estar desfrutando ou sofrendo por causa de laços de família ou de nacionalidade que não sejam inerentes ao carma da vida em curso, e, por assim dizer, receber ou pagar dívidas cármicas antes de seu tempo.

O triunfo ou a derrota de uma nação, as mudanças sísmicas, sejam tremores de terra, erupção de vulcões, inundações, etc., ou as calamidades nacionais como a fome, as pragas, a peste, etc., todos são casos de carma coletivo.

Cada pessoa foi acumulando grandes e variadas classes de carma mau no transcurso das idades, e assim são aproveitadas às vezes as catástrofes ou acidentes coletivos, como um barco ir a pique, para dar a um homem a oportunidade de expiar uma porção de mau carma (do *Sanchita*) não exigível ainda naquela vida, pagando antes de seu vencimento, por assim dizer, uma dívida cármica. Tais oportunidades proporcionadas pelos acidentes são geralmente aproveitadas por escolha especial do Ego, particularmente se for um Ego adiantado sobre o qual tivesse estado pendente, por várias vidas, uma conta não paga por ter ocorrido uma morte repentina, o que estaria causando uma espécie de estorvo ou aprisionamento, obstaculizando seu progresso. Contudo, a menos que por lei cármica estivesse devendo tal morte ou, com tal débito, fosse o suficientemente adiantado para aproveitar a vantagem que aquela oportunidade lhe oferecia, não haverá de morrer, mas escapará maravilhosamente, dando assim lugar a um desses “milagres” de que frequentemente ouve-se falar.

P 167: *Visto que cada ação do homem afeta invariavelmente muitos outros que o rodeiam, terá ele que se encontrar com todos aqueles para liquidar sua conta cármica?*

R: Os efeitos são triviais em muitos casos, embora em outros possam ser de graves consequências. Resultados triviais, bons ou maus, são meramente pequenas parcelas de débitos e créditos em nossa conta com a natureza; os resultados maiores, de qualquer tipo, especialmente quando não há uma relação de amor ou ódio, constituem contas pessoais que deverão ser saldadas com as pessoas correspondentes. Uma pessoa que dá de comer a um faminto, ou que causa um pequeno incômodo a outro, não precisará encontrar-se com ele de novo, já que receberá o resultado de sua boa ou má ação do depósito geral da natureza; porém, se altera o curso da vida de outro,

mediante um grande benefício ou um sério prejuízo, deverá, cedo ou tarde, encontrar-se com aquele outro ser para ajustar contas. Em suma, as pequenas dívidas passam ao fundo geral, enquanto as grandes devem ser pagas pessoalmente.

P 168: *O tempo exato e a forma da morte de uma pessoa são determinados antes ou depois do nascimento?*

R: Nem mesmo os astrólogos podem, fundadamente, predizer a morte de um homem; podem apenas afirmar que, em certa época de sua vida, as más influências são fortes e o homem poderá morrer; mas que, se não morrer, continuará sua vida até que outros maus aspectos a ameacem. Essas incertezas são pontos que ficam em suspenso para exame posterior e dependem do uso que um homem tiver feito de suas oportunidades, assim como das modificações que tiver introduzido por suas ações durante a vida.

Existem certas causas que trabalham no sentido de que um homem abandone seu corpo físico e, durante o transcurso de uma encarnação, seu carma passado poderá trazê-las, em várias ocasiões, a um ponto crítico; porém outras causas podem atuar sobre ele, em direção diferente, e da resultante dessas forças dependerá que ele deixe, ou não, seu corpo físico em determinado momento. E assim, embora não esteja fixado o dia da morte do corpo físico de um homem, está fixado o período de tempo que deverá passar na condição física; e se ele abandona a vida terrena antes de completar-se aquele período no plano físico, terá que residir o resto daquele tempo no mundo astral, em condições que poderíamos chamar de vida semiterrestre. Seu corpo físico foi abatido antes que terminasse o prazo para sua vida, porém as condições normais *post-mortem* somente poderão ser estabelecidas quando tiver sido esgotado por completo aquele tempo ou extensão de vida. Muitos versículos dos Shastras hindus garantem que a morte acontece apenas no tempo fixado, e habitualmente assim sucede. E quando dizem: “Antes que a época chegue, uma lança não matará; quando tiver chegado, basta uma brisa para ocasionar a morte”, significa que, uma vez chegado o tempo, a causa mais leve produzirá o abatimento do corpo físico, mas se o prazo não tiver terminado, por mais violenta que seja a causa (um golpe de lança), não poderá ser alterado o “período da vida”, ainda que desaparecendo o corpo físico.

A pessoa que não tem ideias claras acerca desse particular, diz: “Se já está fixada a duração da vida de uma pessoa, se a hora da morte soou, de nada serve manter com vida o enfermo, nem chamar o médico, já que viverá ou morrerá de acordo com seu carma”. Esse é um erro grave, pois, como já se explicou antes, num período crítico como o mencionado, o esforço ou as atividades diligentes poderão modificar consideravelmente, e mesmo mudar completamente, o resultado, assegurando ao enfermo o uso de seu corpo físico até o final do período de sua vida atual.

Assim, pois, o fato é que o período de vida sob as condições físicas está fixado; a data do abatimento do corpo físico não está fixada. Num ponto ou noutro poderá ocorrer a morte. Haverá momentos em que, por causa de carma *Dradha*, a morte não poderá ser evitada; mas haverá outros períodos nos

quais, em se tratando de carma *Adradha* ou *Dradha-Adradha*, uma força colateral poderá afastar a morte, como também algum tipo de mau carma. Existem pontos que são de resultado exato; há outros que podem ser alterados pelo esforço.

P 169: *Existe o carma entre os animais? Se não, como explica o senhor as diferenças em suas condições, já que uns vivem bem alimentados e tratados carinhosamente, enquanto outros passam suas vidas sujeitos a brutalidades, morrendo de fome ou lutando por um viver mesquinho?*

R: Em primeiro lugar, deveríamos saber que, amiúde, um animal pode criar boa dose de carma mediante a alma-grupo, embora não individualmente, e, em segundo lugar, que os animais bem tratados não têm tantas vantagens como parece. O cão da casa às vezes é treinado para que seja mais selvagem e brutal, para que numa luta mate somente pela ânsia de destruir; sua alma grupo cria assim um mau carma pelo qual deverá sofrer mais tarde, através de outros cachorros que sejam a expressão dela; enquanto que um “cachorrinho de madame”, com o consentimento de sua dona, perde todas suas virtudes caninas e adquire o carma do Egoísmo para sua alma grupo.

Uma alma grupo, com suas muitas manifestações animais, pode ser comparada a um corpo completo com seus variados membros e órgãos; se um órgão ou membro acha-se afligido por dolorosa enfermidade, nunca falamos de tal órgão como de um indivíduo digno de compaixão, nem como de algo à parte do total do corpo. Se um animal é maltratado por um homem, isso poderá ser um ato espontâneo de injustiça da parte do homem, já que não pode ser o resultado de um carma prévio daquele animal particular, pois, não tendo se individualizado ainda, é incapaz de carregar uma conta cármica. Contudo, não teria podido acontecer o mal a menos que a alma-grupo, da qual o animal faz parte, tivesse adquirido mau carma no passado, que hoje é pago pela mesma alma-grupo mediante sua manifestação naquele animal particular. Aquele carma foi criado por lutas premeditadas entre touros, cachorros, gatos, veados, etc., nas quais voluntariamente é infligida dor cruel. Já no caso de presa morta por animal selvagem para fins de alimento, o sofrimento é menor.

De todo modo, a “besta humana” que trata cruelmente um animal e o incita a brigar e a ocasionar dor a outros, em vez de ajudar aquele animal que chegou a suas mãos em busca, por meio desse contato humano, de um estímulo para sua evolução, está armazenando um carma excessivamente mau para si mesmo, e em muitíssimas vidas por vir sofrerá o justo resultado de sua abominável brutalidade.

P 170: *O senhor já explicou o funcionamento do carma, mas como pode um homem modelar seu carma deliberadamente e modificar seu destino?*

R: Em primeiro lugar, deve examinar os “três fios da corda do Destino” já explicados antes; inspecionar cuidadosamente seu Haver (faculdades e qualidades inatas, quer sejam boas ou más, seus poderes e fraquezas), assim como as oportunidades presentes e seu meio ambiente atual. Em segundo lugar, selecionar as qualidades a que conviria fortalecer e se colocar em ação

para modificar rapidamente seu caráter, considerando as qualidades, uma por uma, conforme dissemos anteriormente, e utilizando o poder mental para adquiri-las, sem pensar jamais nas debilidades, mas nas potências correspondentes; e assim, pensando naquilo que deseja ser, gradualmente, mas de maneira inevitável sob o funcionamento da Lei, chegará a ser o que quiser.

Se cometeu erros no passado, pode modificar consideravelmente os resultados pondo em operação forças neutralizadoras. Ao enviar um forte pensamento de amor, imediatamente depois de haver cometido o erro de emitir um pensamento de ódio, poderá contrabalançar aquilo que, de outra maneira, teria se constituído no inevitável efeito do ódio. As vibrações de ódio geradas em vidas anteriores podem também ser neutralizadas da mesma maneira, estabelecendo, ao contrário, vibrações de Amor. Além disso, se alguém lhe enviar um pensamento de ódio, pode neutralizar seus efeitos e ainda destruir aquele ódio enviando, por sua vez, um forte pensamento de amor, já que “o ódio só cessa pelo Amor”.

Considerando o segundo fio da corda do Destino, a natureza-desejos não pode ser mudada pelo desejo. Deve ser modificada pelo pensamento, criando por meio dele formas mentais da oportunidade que deseja e fixando sua vontade em tais formas, aproximando-as do seu alcance e aproveitando oportunidades não proporcionadas pelo carma passado. E assim, na suposição de que seja pessoa muito afeita a manjares especiais, que tenha a debilidade da glotonaria, deve pensar nos desastrosos efeitos do vício, a saber, a adiposidade e má digestão, gota, etc., para que, refreando assim o desejo, possa nascer dentro de si o desgosto por tal vício.

Seu meio circundante é o mais difícil de mudar, porque se trata das formas mais densas de matéria, mas deve tentar modificar a parte indesejável de seu ambiente que, mediante esforços tenazes, pode mudar, aceitando a que não pode alterar, como uma amarga lição que lhe é indispensável aprender, até que lhe seja possível descartá-la como se fora um traje inservível. Por exemplo, se nasceu no seio de uma família de baixa qualidade, deve adaptar-se a suas circunstâncias, cumprindo alegre e pacientemente com todas suas obrigações para com os Egos atraídos para si por seu passado, aprendendo: paciência, mediante as inconseqüências deles; fortaleza, mediante seus enfados; e perdão, mediante seus erros. E assim, trabalhando sob o livre arbítrio e a necessidade (com livre arbítrio, mas sob condições que criou por seu caráter mental anterior, seu caráter emocional anterior e mesmo o seu caráter físico anterior), pode modelar seu carma e criar o seu destino.

Devemos todos estudar o carma, e aplicar o conhecimento adquirido para a orientação de nossa vida. Há muitas pessoas que dizem: “Como gostaria de ser bom!”, mas não se esforçam para criar as causas que dão por resultado a bondade. É como se um químico dissesse: “Como desejo produzir água!”, sem colocar em jogo todas as condições que a produzam.

P 171: Já que um homem deve retornar à Terra uma e outra vez, até que tenha esgotado seu carma individual, e visto que um bom carma arrasta o

homem ao nascimento tão implacavelmente como um mau carma, como fará ele para cessar de produzir novo carma, e esgotar todo o anterior, a fim de alcançar a liberação?

R: Um bom carma criado sob o pensamento de recompensas atará o homem à Terra, com cadeias de ouro, de maneira tão efetiva como um mau carma o prende com correntes de ferro; e embora possa ele obter como recompensa cármica as riquezas e brilhante posição mundana, que lhe tragam bem estar e felicidade, sua vida atual, sem alguma inspiração ou ideias provenientes de seu passado, poderá ser meramente de agradáveis futilidades. O ignorante, no gozo de seus sentidos, não considera um “bom” destino como uma atadura; mas aquele que sabe se dá conta de que o é, e tenta desembaraçar-se tanto do bom quanto do mau destino.

Um desejo nos incita à ação, e é o desejo pelo fruto da ação que impulsiona o homem à atividade, e o gozo desse fruto recompensa seu esforço. O desejo pelo fruto, ou o apego ao fruto da ação, é, pois, o elemento que prende em carma. A cada ação está ligado seu fruto e o desejo é a corda que os ata; queimando o desejo, a ligação se parte. E assim, quando um ser anseia por chegar à liberação, deve praticar a renúncia dos frutos da ação, desarraigando gradualmente dentro de si o desejo de possuir qualquer objeto para seu próprio eu “separado”. Deveria: “não desejar semear semente alguma para sua própria colheita; desejar somente semear aquela semente cujo fruto alimente o mundo”. Não deveria descuidar-se de nenhum dever, senão cumpri-los todos com perfeição e permanecer indiferente ao fruto que resultar. Então todas as suas ações participarão da natureza do sacrifício e os frutos serão generosamente doados para a ajuda da humanidade. E assim, sem desejar nem rechaçar objeto algum, cessa ele de engendrar novo carma: “Do casulo da renúncia do Eu, é de onde brota o doce fruto da liberação final...”; “Abstendo-se da atividade, não logra o homem a liberação procedente da ação”; “Ao abandonar o fruto de sua ação, o homem harmonizado alcança a eterna Paz; o não harmonizado impelido pelo desejo, apegado ao fruto, permanece ligado...”

Por conseguinte, haverá ele de libertar-se de toda cadeia antiga e cessar, ao mesmo tempo, de forjar novas cadeias. Para isso, precisa do conhecimento. Olhando retrospectivamente suas vidas passadas, o homem haverá de neutralizar as forças que surgem do passado, opondo-lhes forças iguais e contrárias e extinguindo seu carma pelo conhecimento. Deverá, também, encontrar-se com as almas às quais prejudicou e pagar suas dívidas, cancelando assim obrigações cármicas que, de outra maneira, o estorvariam, retardando seu progresso.

P 172: Um homem é atraído de novo à Terra por seus desejos, mas, como os Mestres não têm desejos, o que os prende à Terra? Por que abandonam a indescritível bem-aventurança do Nirvana pelos níveis inferiores do mundo dos homens?

R: O mundo nada pode oferecer-lhes que tenha o poder de atraí-los de novo à Humanidade. Embora sintam compaixão pelos homens, Eles jamais intervêm na lei do carma, já que Sua intervenção nela criaria confusão;

contudo, sem oporem-se à lei, algumas vezes, auxiliam os homens em seu sofrimento. Seu labor não é apagar o fogo, mas evitar que os queime; não afastar o sofrimento, mas dissipar a ignorância, a causa-raiz de todo sofrimento que prende o homem à Terra com as ataduras das más ações. E assim, eles permanecem neste mundo para ajudar a seus irmãos menores e trabalham séculos e mais séculos, não por algo que o mundo possa dar-lhes, mas pelo gozo de ver que outras almas vão crescendo à semelhança d'Eles.

CAPÍTULO VI

A VIDA DEPOIS DA MORTE

P 173: *Qual é a vantagem de se conhecerem, durante a vida, as condições existentes além da morte? Por que deveria um homem preocupar sua mente com esse assunto, se está seguro de encontrar a verdade dos fatos logo que morrer?*

R: Esse argumento é defeituoso, por várias razões. Não leva em consideração o sofrimento que, devido à ignorância, ensombrece as vidas de tantos que morrem cheios de pavor; nem as tristezas da separação; nem a ansiedade que sentem os “vivos” sobre a sorte dos seres falecidos que lhes são queridos. O temor é inspirado não tanto pela expectativa definida de algo aterrorizante, mas por um confuso sentimento de incerteza, e pelo horror a um abismo de ociosidade. Quem assim pergunta, ignora também o fato de que o homem, depois da morte, não se dá conta imediatamente de seus erros, e que, devido à sua falta de capacidade para corrigi-los à luz da verdade, frequentemente haverá de sofrer muito. O homem comum, carente de conhecimentos, está ligado no astral pelo “elemental desejo”, do qual logo se falará; não compreende as possibilidades da vida depois da morte, e perde assim muitas oportunidades de serviço e de progresso.

Embora as leis da natureza estejam sempre se impondo a nós, saibamos disso ou não, se o sabemos podemos cooperar com elas com grande vantagem. Entretanto, não podemos fazer isso estando nas trevas da ignorância. Saber é como caminhar em plena luz; e compreender as leis da natureza é adquirir o poder de acelerar nossa evolução, aproveitando-nos daquelas leis que apressam nosso crescimento e evitando a ação daquelas que o retardam.

Além disso, já com o conhecimento da existência além da morte, um homem se dá conta da verdadeira proporção que existe entre o fragmento físico da vida e o resto dela, razão pela qual não perde seu tempo em trabalhar somente para o período físico, que é como a décima ou vigésima parte de toda uma vida entre duas encarnações. Igualmente, quando o homem chega depois da morte ao que se chama o mundo astral, não se sente alarmado, já que compreende as condições de seu ambiente e sabe qual é a melhor maneira de trabalhar nelas, e assim o faz com determinação e confiança. Mesmo o homem que tiver escutado as verdades teosóficas tão somente numa conferência, ao encontrar-se no mundo além da morte se dará conta da exatidão geral dos ensinamentos, e tentará recordar as recomendações que ouviu acerca da conduta que deve ser seguida, e, tendo pelo menos alguma informação sobre essa realidade, pode evitar muito do mal-estar, perturbação e temor que outros sentem, por se acharem em completa ignorância. Porém, a maior das vantagens de tal conhecimento é que ele se sente com força suficiente para prestar ajuda a outros e gerar, assim, bom carma para ele.

P 174: *De acordo com isso, o que acontece a um homem do outro lado da morte?*

R: Para conhecer isso, devemos compreender exatamente o que é a morte. Há uma grande quantidade de pesar totalmente desnecessário, de terror e de angústia que a humanidade, como um todo, sofreu e ainda sofre por causa da ignorância e da superstição acerca da morte, que considera como um salto formidável e terrível para um abismo desconhecido.

Para início de conversa, a morte não é mais que lançar fora o corpo físico, o envoltório do Ego, ou seja, do homem real, o qual continua vivendo no corpo astral até que se esgote a força gerada durante sua vida terrestre por suas emoções e paixões. Tem lugar então uma segunda morte, e, ao separar-se o corpo astral do homem, encontra-se este em seu corpo mental, no que é chamado de mundo celeste. E tem de permanecer ali até que se esgote a força dos pensamentos não Egoístas que tiver engendrado durante suas vidas física e astral. Sendo descartado também esse terceiro corpo, o homem permanece por algum tempo como um Ego, em seu próprio mundo, no corpo causal, antes de retornar à encarnação.

E assim a morte não é outra coisa senão nascer em outra região; é um processo repetido de abandonar vestimentas, pois o homem imortal sacode de si, uma após a outra, as envolturas externas para passar a um estado superior de consciência.

P 175: *Como o homem real se separa de seu veículo físico?*

R: Durante o lento processo de morrer, o duplo etérico, levando consigo o Prana e os princípios superiores, vai deslizando para fora do corpo denso, ao qual permanece conectado por um fio magnético. No momento solene da morte, mesmo que esta seja repentina, a vida passada desfila rapidamente diante do Ego, fato do qual têm dado testemunho aqueles que se salvaram de afogamento. O Ego revive então toda sua vida nesses poucos segundos antes da morte, quando a personalidade, unificando-se com o Ego onisciente e passando em revista a vida inteira em seus mínimos detalhes, com a cadeia completa de causas e efeitos, se contempla já sem o engano do “eu” e compreende o propósito da vida. Por conseguinte, durante o lento processo do morrer, deveria observar-se na câmara do moribundo uma extrema quietude e controle de si, a fim de não perturbar o Ego que está absorto na contemplação de sua vida passada; e não deveria permitir-se nenhum pranto ou lamentação ligada à ideia de uma Egoísta perda pessoal.

Lentamente o homem se retira assim do corpo físico, envolto no duplo etérico cor cinza-violeta, até que o fio magnético se rompe. Então, submerge ele numa pacífica inconsciência, enquanto o duplo etérico flutua sobre o corpo denso.

Os atos de morrer e entregar-se ao sono são similares, exceto em muito poucos detalhes, segundo já se explicou no Capítulo III. Em ambos os casos, o homem desliza para fora do corpo físico. Quando se entrega ao sono, deixa o corpo etérico com a envoltura física sobre o leito, e se separa mantendo-se dentro de seu corpo astral. Aquele se conserva com vida pelas correntes de

vitalidade que fluem através de ambos; porém, na hora de morrer, ele retira também consigo o duplo etérico, e como tal duplo não é um veículo, o homem, preso nele, geralmente permanece inconsciente, pelo menos por uns momentos, e não pode funcionar nem no mundo físico nem no astral.

Depois de algum tempo, que varia desde uns poucos momentos até umas tantas horas, dias e até semanas – normalmente umas trinta e seis horas – , os cinco princípios superiores se desenlaçam do duplo etérico, sacudindo-o como antes fora sacudido o corpo denso, deixando-o insensível como um cadáver. Prana, tendo perdido assim seu veículo, regressa ao grande repositório de vida universal, de modo semelhante ao da água contida numa vasilha que se quebrou: lançada ao mar, se mistura com a água do oceano. O homem fica agora residindo no seu corpo astral, pronto para a vida astral.

P 176: O senhor fala de “submergir numa pacífica inconsciência”, mas por acaso não existem muitos seres que sofrem terrivelmente no momento de morrer?

R: As agonias da morte e as lutas finais geralmente são apenas movimentos espasmódicos do corpo físico, depois que o Ego consciente o tiver deixado. Em quase todos os casos, o instante de morrer é perfeitamente indolor, mesmo quando tenha havido longos e tremendos sofrimentos durante a enfermidade. E isso se demonstra pela aprazível expressão que amiúde aparece sobre a face depois da morte, assim como pelo testemunho direto de muitos daqueles a quem essa pergunta foi feita, imediatamente depois que morreram.

P 177: O que ocorre com o duplo etérico já separado depois da morte?

R: O corpo físico, abandonado à agitação das inumeráveis vidas que previamente estavam mantidas em coesão pelo Prana, que atuava através do duplo etérico, começa a decair e suas partículas passam a formar outras combinações à medida que suas células e moléculas se desintegram. Permanece o duplo etérico próximo de sua contraparte física, participando do mesmo destino por poucas semanas ou meses, precisamente pela mesma razão, a saber, que a força coordenadora do Prana está se retirando dele. Entretanto, não se deve supor que essas duas desintegrações dependem uma da outra. Os clarividentes veem nos cemitérios estes espectros etéricos flutuando sobre as tumbas onde foram enterrados os corpos físicos, apresentando às vezes muita semelhança com o corpo denso, e em outras ocasiões uma aparência de neblina ou luzes violáceas. É conveniente, por muitas razões, queimar os cadáveres e não sepultá-los.

P 178: Por que é preferível a cremação ao sepultamento?

R: Há várias razões para isso:

I. Nada do que comumente se faz ao cadáver físico deve causar incômodo algum ao homem real, que já vive no plano astral, embora isso às vezes ocorra devido à sua ignorância e insensatez. A duração da estada de um homem no mundo astral depois da morte depende de dois fatores: a natureza

de sua vida passada e sua atitude mental depois da morte. Durante sua vida terrena ele afetou a construção de seu corpo astral, diretamente por suas paixões e emoções, e indiretamente, desde a parte superior, pela ação reflexa de seus pensamentos, e desde a parte inferior, pelas ações relacionadas com todos os aspectos de sua vida física (sua continência ou libertinagem, sua alimentação e sua bebida, etc.). Se houver persistido nas más paixões e desejos durante a vida terrestre, criou para si um tosco veículo astral, e encontrar-se-á, depois da morte, atado ao plano astral durante o dilatado e gradual processo da desintegração daquele corpo. Por outro lado, se por ter vivido decentemente construiu um veículo composto em sua maior parte de materiais finos, terá muito poucos pesares depois da morte e passará com suma rapidez através do plano astral. Isso é geralmente entendido, mas parece que se esquece, frequentemente, do segundo grande fator: a atitude mental depois da morte.

O importante é dar-se conta de que, nessa etapa, está-se afastando firmemente em direção ao mundo do verdadeiro Ego, e que sua preocupação deve ser desprender seus pensamentos, o máximo possível, das coisas físicas e fixar sua atenção cada vez mais nos assuntos espirituais, que posteriormente o ocuparão nos níveis “devachânicos”. Agindo assim, facilitará sobremaneira a natural desintegração astral e evitará o erro comum de deter-se desnecessariamente nos níveis inferiores daquele plano.

Entretanto, muitos seres simplesmente se recusam a voltar seus pensamentos para o mais elevado; os assuntos terrenos foram os únicos pelos quais tiveram interesse vital, e assim aferram-se a eles com desesperada tenacidade, mesmo depois da morte. Naturalmente, a força impetuosa da evolução é demasiado potente para eles e veem-se envolvidos por sua corrente benéfica; todavia, lutam a cada passo e resistem, causando para si não só incômodos e sofrimentos desnecessários, como também uma séria demora em seu progresso ascendente. Agora, nessa ignorante oposição à vontade cósmica, um homem se ajuda muito pela posse de seu cadáver físico, como se este fosse uma espécie de ponto de apoio no plano físico. Encontra-se, naturalmente, em íntima relação com ele, e se for tão ignorante para desejar fazer isso, pode usar seu cadáver como uma âncora que o retenha aderido aos níveis inferiores, até que a decomposição chegue a ser muito avançada.

E assim, embora nem o sepultamento nem o embalsamamento de um cadáver possam forçar o Ego, ao qual pertenceu, a prolongar sua estada no mundo astral, contra sua vontade, qualquer desses métodos consiste numa tentação para o Ego deter-se, o que seria ainda mais facilitado se ele, por ignorância, o desejasse. Portanto, a incineração livra o homem de si mesmo nesse assunto, pois se o corpo tiver sido desintegrado, sua “nave” terá sido literalmente queimada atrás de si, e seu poder de retrocesso diminuído grandemente.

II. Quer o corpo denso seja queimado, ou lhe seja permitido esgotar-se lentamente na repulsiva maneira habitual, ou, ainda, preservado indefinidamente como uma múmia egípcia, o duplo etérico prossegue seu

próprio curso de lenta desintegração, sem ser afetado por aqueles procedimentos; porém, a cremação é aconselhável do ponto de vista sanitário, já que evita muitos perigos aos seres vivos, pela rápida desagregação dos remanescentes físicos.

III. A cremação impede completamente qualquer tentativa de uma reunião parcial e não natural dos princípios pela galvanização do cadáver etérico, nas proximidades do corpo denso imediatamente depois da morte, ou na sepultura mesmo depois do sepultamento.

IV. A cremação impede inteiramente qualquer esforço de se fazer um mau uso do cadáver nos horripilantes ritos da Magia Negra, que tão seriamente afetam a condição do homem no plano astral.

P 179: Então o que ocorre ao homem em seu corpo de desejos ou corpo astral, depois que sacudiu de si o duplo etérico e se separou do Prana?

R: Quando se abandona o corpo físico na hora da morte, começa a desarrumar-se toda a ordem das envolturas da personalidade, e o corpo astral começa a desintegrar-se. Disso se dá conta instintivamente o elemental desejo, a vaga consciência corporal do corpo astral, já mencionado no Capítulo III, e se atemoriza. Teme perder aquela habitação que o capacita a manter-se separado do resto e dá oportunidade para o progresso, e receia que o desaparecimento final do corpo astral ponha fim à sua própria vida (elemental) como entidade separada; por isso imediatamente se põe em ação para proteger-se, através de um método muito engenhoso. A matéria do corpo astral é muito mais fluídica que a do físico, e o elemental, aferrando-se a suas partículas, as reorganiza de tal sorte que o novo arranjo do corpo astral possa resistir a toda usurpação, fricção ou desintegração, tanto quanto sua constituição o permita, retendo, por conseguinte, sua forma o mais que puder. Durante a vida terrena, as distintas classes de matéria astral se entremesclaram para formação do corpo de desejos ou corpo astral, e o rearranjo consiste na separação de seus materiais de acordo com sua densidade, num conjunto de sete cascos concêntricos, o mais fino no centro e o mais denso na periferia, cada casco constituído pela matéria de cada subplano.

P 180: Mas como pode o morto afetar essa reorganização que faz o elemental desejo?

R: O corpo físico adquire informação do exterior por meio de certos órgãos que se especializaram como instrumentos de seus sentidos. Mas o corpo astral não possui órgãos separados, e o que no corpo astral corresponde à visão é o poder que têm suas moléculas para responder a impactos do exterior, que lhes chegam de moléculas similares, de tal maneira que um homem poderá perceber um objeto astral, de matéria de uma subdivisão particular, desde que existam na superfície de seu corpo astral partículas que pertençam a tal subdivisão. Durante a vida física se mesclam em seu corpo todas as sete classes de matéria astral, e estão em movimento contínuo como as partículas de água fervente. Em qualquer dado momento acham-se representadas, na superfície de seu corpo astral, partículas de todas as

variedades, e, por conseguinte, quando ele se encontra funcionando naquele corpo, durante o sono, pode ver qualquer objeto astral da matéria de qualquer subdivisão; porém, devido ao rearranjo da matéria de seu corpo astral em camadas concêntricas, que ele por ignorância permitiu que seu elemental fabricasse após a morte, acha-se confinado a um subplano em um só tempo, isto é, sua consciência recebe impressões apenas mediante um tipo de matéria, e assim obtém uma visão extremamente parcial do mundo no qual se encontra.

Tendo na superfície de seu corpo astral só as partículas mais inferiores e grosseiras, pode perceber apenas impressões das partículas externas correspondentes. Porém, sendo as vibrações de tal matéria densa expressões unicamente de sentimentos e emoções indesejáveis, e da menos refinada classe de entidades astrais, ele pode dar-se conta unicamente daquela variedade inferior de matéria astral que corresponde à sólida aqui embaixo, e ver exclusivamente os habitantes indesejáveis do mundo astral, e só sentir suas influências mais desagradáveis e vulgares. Os demais homens que o rodeiam, que são de um caráter comum e corrente, lhe parecerão monstros de vício, já que pode ver e sentir apenas o mais baixo e vil neles. Mesmo os seus amigos, os que morreram poucos anos antes e já transferiram sua consciência aos níveis superiores, lhe parecem piores do que ele esperava, porque agora é incapaz de apreciar qualquer uma de suas boas qualidades. Sob tais circunstâncias, não é de estranhar que ele considere o mundo astral como um inferno; entretanto, de modo algum deve-se atribuir a culpa ao mundo astral, mas a ele próprio, em primeiro lugar por haver permitido dentro de si tanta quantidade daquele tipo mais grosseiro de matéria astral, e, em segundo lugar, por permitir que aquela vaga consciência astral o domine e que reorganize sua matéria astral à sua maneira particular.

Com o transcurso do tempo, passará aos subplanos superiores, à medida que se desgaste cada uma das coberturas concêntricas; mas a vida astral do homem prolonga-se assim indevidamente, retardando o progresso da alma.

P 181: O senhor disse que a permissão para essa reorganização é resultado da ignorância; então, pode um homem impedi-la e, evitando ficar confinado a subplanos inferiores, preservar sua capacidade de observar qualquer objeto astral da matéria de qualquer subplano?

R: Durante sua vida ele pôde recusar a satisfação a seus baixos desejos, substituir todas as partículas grosseiras por outras mais finas e elevadas, trocando assim a matéria astral dentro de si, construindo um elemental astral de tipo superior.

Além disso, como o homem ordinário não tem conhecimento dessas coisas, aceita passivamente o rearranjo depois da morte, especialmente porque o elemental deseja transmitir-lhe seu próprio temor de um indescritível perigo de destruição; todavia o homem deveria simplesmente resistir àquela sensação irracional de temor, por uma serena afirmação de conhecimento, e, opondo-se a tal reorganização, que o reteria num só subplano, deveria insistir

em manter aberta sua comunicação com os níveis astrais superiores. E assim poderá escapar da escravidão do elemental desejo, vencendo lenta, mas, firmemente sua resistência; e, encontrando-se então praticamente numa posição igual àquela na qual estava acostumado a funcionar durante sua vida terrestre, poderá capacitar-se para atuar livremente e para reter seu poder de olhar todo o mundo astral, e não somente a parte mais baixa e repugnante do mesmo. E poderá também ajudar a seus amigos, ensinando-lhes a maneira de liberarem-se a si mesmos. O hábito de voltar os pensamentos para o inferno na meditação, e a prática de dirigir as emoções pela vontade e o intelecto, previnem também esse movimento equivocado de autoproteção, que não é frequente entre os seres que souberam controlar-se.

P 182: *Qual é, pois, o estado de um homem comum no Kamaloka, imediatamente após a morte?*

R: Ao encontrar-se um homem livre de seu duplo etérico, não é certo que chegue imediatamente a estar consciente do mundo astral, especialmente se morreu de repente. Isso porque retém consigo uma boa quantidade da classe inferior de matéria astral, e dela pode-se fabricar um cascão ao seu redor. Contudo, se oportunamente tiver aprendido a manter à distância os desejos sensuais de várias classes, sua consciência não mais estará acostumada a funcionar mediante tal matéria. No corpo astral reorganizado, tal matéria se congregará no exterior e, por consequência, será o único canal aberto às impressões externas. Não estando acostumado a receber esse gênero de vibrações, o homem não pode desenvolver agora, de repente, o poder de funcionar conscientemente mediante ele e permanecerá inconsciente de tudo que é desagradável naquele subplano inferior, até que aquela matéria grosseira se desgaste gradualmente e apareça na superfície alguma porção de matéria da qual estava ele acostumado a usar. No entanto, tal oclusão é raramente completa, pois mesmo no cascão mais bem feito algumas partículas da matéria mais fina encontram o modo de aparecer na superfície e transmitem ao ser lampejos de seu ambiente circundante.

Normalmente, um morto é inconsciente até que se desembarace do duplo etérico, e assim, quando desperta para uma nova vida, tal vida é a do mundo astral. Mas algumas pessoas, devido à ignorância, aferram-se tão desesperadamente à existência física que dificilmente se desapegarão de seu duplo etérico depois da morte. Sentem que aquele é uma espécie de laço com o único mundo que conhecem. Conseguirão assim manter esse contato por algum tempo, porém à custa de grande contrariedade para eles mesmos. Como o duplo etérico é tão somente parte do veículo físico e não um veículo em si – um corpo no qual se vive e se funciona –, tais seres não podem adquirir um contato pleno com o mundo da vida terrestre ordinária, por falta de órgãos físicos sensoriais, e tampouco são conscientes do mundo astral por causa da crosta de matéria etérica que os rodeia. E assim, acham-se isolados de ambos os mundos e encontram-se rodeados de uma densa névoa cinza, através da qual veem muito confusamente as coisas do mundo físico, desprovidas de cor ou matiz. Lutando terrivelmente para manter sua posição, vagam à deriva

nessa condição de solidão e desdita até que, de tanto cansaço, chegam a soltar sua presa e passam à relativa felicidade da vida astral. Às vezes, em seu desespero, agarram-se cegamente a outros corpos – a um corpo infantil e mesmo ao corpo de um animal –, e tentam entrar neles, e em certas ocasiões obtêm êxito, ainda que à custa de ulterior sofrimento para eles mesmos, num futuro próximo. Todas essas desgraças e transtornos, que surgem inteiramente da ignorância, jamais podem acontecer a alguém que entenda um pouco das condições e leis da vida *post-mortem*.

Um homem ordinário, ao despertar no plano astral depois da morte, notará muito pouca diferença em relação ao que lhe foi familiar no mundo físico. O mundo astral se estende a um pouco menos do que a distância média da órbita da lua, segundo já se explicou no Capítulo II, e os tipos de matéria das diferentes subdivisões se interpenetram com perfeita liberdade, sendo a tendência geral que a matéria mais densa se coloque no centro, de modo que, embora as várias subdivisões não fiquem uma sobre a outra como as camadas de uma cebola, o arranjo da matéria daquelas subdivisões parece semelhante.

O homem que não permitiu o reajuste de seu corpo astral tem liberdade de trânsito por todo o mundo astral, e pode flutuar em qualquer direção à sua vontade, embora geralmente permaneça nas proximidades daquilo ao qual se acostumou, onde estão seus interesses.

Ademais, a matéria astral interpenetra a matéria física como se esta última não existisse; contudo, cada subdivisão da matéria física tem uma forte atração pela matéria astral da subdivisão correspondente. Daí que cada corpo físico tenha sua contraparte astral e que o morto possa, por conseguinte, perceber sua casa, seu quarto, seus móveis, seus parentes e amigos. Os vivos pensam do amigo morto como se o tivessem perdido, mas aquele amigo, embora incapacitado para ver os corpos físicos dos vivos, vê seus corpos astrais, isto é, as contrapartes astrais que correspondem, com exatidão, ao delineamento dos corpos físicos. E assim se dá conta da presença de seus amigos, ainda que não possa impressioná-los de maneira nenhuma quando se acham despertos e com sua consciência no mundo físico, nem comunicar-se com eles, nem ler seus pensamentos mais elevados. Pode, também, observar suas emoções pela mudança de cor em seus corpos astrais. Os amigos, igualmente, quando estão adormecidos, são conscientes no mundo astral e podem se comunicar com os mortos tão livremente como durante a vida física, embora geralmente esqueçam tudo uma vez despertos.

A morte não muda o homem de maneira nenhuma; este continua sendo o mesmo em todos os aspectos, exceto no haver perdido seu corpo físico. Seus pensamentos, desejos e emoções são exatamente os mesmos, e sua felicidade ou desgraça dependem do grau em que a perda de seu corpo físico lhe tiver afetado. Amíúde ele não crê que esteja morto, já que vê os objetos que lhe eram familiares e seus amigos ao redor de si, mas começa a se dar conta da realidade ao constatar que não pode comunicar-se com eles como fazia antes. Fala pouco com eles depois de sua morte e parece que eles não o escutam, tenta tocá-los, mas com surpresa vê que não causa nenhuma impressão neles. Durante algum tempo tenta persuadir-se de que está

sonhando, mas gradualmente virá a descobrir que já morreu. Então, comumente, o morto começa a ficar decepcionado com os ensinamentos que recebeu. Não compreende onde se encontra nem o que lhe aconteceu, já que sua situação não é a que esperava. Conforme disse um general inglês ao se achar em condição semelhante: “Então, se estou morto, onde me encontro? Se este é o céu, não me parece grande coisa. E se é o inferno, está melhor do que esperava”.

E assim, por causa da infundada e blasfema teoria do fogo do inferno, provoca-se uma grande quantidade de inquietação, e até mesmo de agudo sofrimento, totalmente desnecessários, já que causam prejuízos além do túmulo, tanto quanto aquém dele; mas imediatamente o desencarnado encontra-se com um protetor astral, ou com algum outro morto já bem instruído, e aprenderá por ele que não há motivo algum para temor e que existe uma vida razoável que pode ser vivida neste novo mundo, da mesma maneira que naquele que abandonou.

Ele descobre, de modo gradual, que há muito de novo e muito que é somente a contraparte do que já conhece, pois no mundo astral os pensamentos e os desejos se expressam em formas visíveis, embora sejam compostos, em sua maior parte, da matéria mais fina do plano. Isso se faz cada vez mais patente à medida que avança sua vida astral e que vai se afastando, mais e mais, para dentro de si mesmo. À medida que o tempo transcorre, presta menos atenção à matéria inferior, que forma a contraparte dos objetos físicos, e se ocupa cada vez mais da matéria superior, da qual se constroem as formas mentais, até onde seja possível que as formas mentais apareçam no mundo astral. E assim sua vida vai se transformando em uma vida no mundo do pensamento, e se desvanece de seu horizonte a contraparte do mundo que ele deixou para trás, não porque ele tenha mudado de localidade no espaço, mas porque seu interesse mudou de foco. Todavia persistem seus desejos, e as formas que o rodeiam serão em grande parte a expressão de tais desejos, mas as felicidades ou contrariedades de sua nova vida dependerão, principalmente, da natureza daqueles desejos.

Toda a vida astral depois da morte é um processo constante e firme de o Ego retrair-se para dentro de si mesmo, e quando no seu devido tempo a alma chega ao limite daquele plano, morre para ele da mesma maneira que morreu para o mundo físico, isto é, lança fora o corpo de matéria daquele plano e o deixa para trás, passando a uma vida mais elevada e mais plena no mundo celeste.

P 183: Quais são os arredores ou ambiente de cada pessoa no mundo astral?

R: Em geral, a pessoa constrói seus próprios arredores. O mundo astral, conforme já se explicou no Capítulo II, acha-se dividido em sete subdivisões, que se agrupam em três classes. E contando a partir da mais elevada, as subdivisões 1, 2 e 3 formam a primeira classe; as subdivisões 4, 5 e 6, a segunda classe; e a subdivisão 7, sozinha, a terceira classe. Como já se explicou antes, embora essas subdivisões se interpenetrem livremente, a

matéria das subdivisões superiores encontra-se em sua totalidade a uma elevação sobre a superfície da Terra maior do que a massa de matéria das subdivisões inferiores; por isso, se bem que qualquer pessoa possa mover-se em qualquer parte daquele plano, sua tendência natural é flutuar no nível que corresponde à gravidade específica da matéria mais pesada de seu corpo astral. Uma pessoa que não tenha permitido o reajuste em seu corpo astral pode flutuar em qualquer região à vontade, mas o homem que permitiu tal reajuste encontra-se confinado a um único nível, não porque não possa elevar-se ao mais alto, ou submergir-se no mais denso, mas porque está capacitado a sentir, claramente, apenas o conteúdo daquele subplano cuja matéria esteja presente, naquele momento, na parte externa dos cascos concêntricos de seu corpo astral.

O subplano inferior, o sétimo, o arrabalde astral com sua atmosfera sombria e deprimente abaixo da superfície da Terra, é o mais horrível e repulsivo e está povoado pela escória da humanidade (assassinos, rufiões, bêbados, libertinos, etc.), flutuando na obscuridade e separada dos demais mortos, embora ali estejam conscientes apenas os culpados de crimes brutais, ou de crueldade deliberada, ou os possuídos por apetites desprezíveis. Também se encontram ali pessoas de um tipo geralmente melhor; por exemplo, os suicidas que cometeram o assassinato de seu corpo a fim de escapar ao castigo merecido por seu crime.

As subdivisões quarta, quinta e sexta podem ser consideradas como o duplo astral do plano físico. A grande maioria dos seres faz certa morada na sexta subdivisão, a qual é simplesmente como a vida física menos o corpo físico e suas necessidades; enquanto que a quinta e a quarta são meramente cópias etéreas da sexta, sendo a vida nelas menos material.

Os níveis primeiro, segundo e terceiro, embora ocupem o mesmo espaço, dão a ideia de estar muito mais afastados do físico, pois os seres que ali habitam perderam de vista a Terra e seus pertences, e encontram-se profundamente absorvidos em si mesmos. A terceira região é a “terra estival ou de promessa” dos espíritas (terra de verão), na qual os mortos, pelo poder de seus pensamentos, dão forma a escolas, igrejas e templos, casas e cidades; ou a belas paisagens, com deleitosos jardins, lagos encantadores e magníficas montanhas. Essas são simplesmente criações coletivas de pensamento, mas as pessoas vivem ali muito contentes durante muitos anos.

A segunda subdivisão é o céu material do ortodoxo ignorante; a residência do religioso Egoísta ou carente de espiritualidade, que leva nele sua “coroa de glória” e adora a representação grosseiramente material, execução sua, da deidade particular de seu tempo e país. É o delicioso “campo de caça” do pele vermelha; o “Valhalla” (salão dos mortos) do nórdico; o “Paraíso cheio de huris” (mulheres belas) do maometano; a “Nova Jerusalém das portas de ouro”, do cristão; o céu cheio de liceus e edifícios, do reformador materialista.

A região primeira ou superior acha-se ocupada por homens e mulheres intelectuais, decididamente materialistas, ou ansiosos de alcançar, pelos meios físicos do estudo, um conhecimento baseado na ambição Egoísta ou no prazer

de um exercício intelectual. Lá se encontram muitos políticos, estadistas e homens de ciência.

A vida astral é o resultado de todos aqueles sentimentos que têm em si o elemento “Eu”. Se tiverem sido marcadamente Egoístas, trarão para seu dono condições de grande contrariedade no mundo astral; se tiverem sido bons e benévolos, embora tingidos por pensamentos do “eu”, lhe trarão uma vida astral relativamente agradável, mas ainda limitada. Em vez disso, aqueles pensamentos e sentimentos que tenham sido inteiramente altruístas produzem seu resultado na vida do mundo mental; por conseguinte, a vida no mundo mental só vem oferecer bem-aventurança. A vida astral que o homem construiu para si, cheia de sofrimento ou relativamente gozosa, corresponde ao que os cristãos chamam de purgatório; enquanto que a vida no mundo inferior, que sempre é inteiramente feliz, corresponde ao que se chama “o céu”.

P 184: *Então não existe o inferno?*

R: Não. O homem fabrica para si mesmo seu próprio purgatório ou seu céu, que não são localidades, mas tão somente estados de consciência. Não existe o inferno, que é apenas uma ficção da imaginação teológica. A crença popular do cristão num fogo eterno e num castigo sem fim, não é mais que uma superstição especialmente perniciosa, ensinada pelos monges medievais. A única coisa que, do ponto de vista cristão, deveria ter alguma importância é o que o Próprio Cristo disse acerca desse particular. Há nos Evangelhos oito passagens nas quais se supõe que Ele mencionou um castigo eterno, e pode-se demonstrar facilmente que cada uma dessas oito citações nada tem a ver com a ideia popular que se lhes atribui. Existe um livro chamado “*Salvator Mundi*”, escrito por um clérigo cristão, o padre Sandal Cox, que investiga muito cuidadosamente as palavras gregas originárias daquilo que se afirma que o Cristo disse, explicando o seu significado, e indicando as palavras que Ele deveria ter usado, se tivesse falado em grego, a fim de se ajustarem à interpretação popular. Ele não poderia ter querido dizer o que as pessoas geralmente pensam que Ele disse. E isso demonstra que não existe uma base racional para um castigo eterno, à parte isso poder ser refutado sob outros pontos de vista. É fácil compreender que se existe um Deus, e que se Ele é um Pai amoroso, a crueldade de um castigo eterno, com sua evidente injustiça, é absolutamente impossível.

Entretanto, advirá um período na evolução humana, o qual ainda dista milhões de anos, o chamado Dia do Juízo, em meados da Quinta Ronda (ver Capítulo VIII), quando as almas jovens, ou os seres que tenazmente tenham se colocado contra o progresso evolucionário, serão colocados à parte, não para um inferno perdurável, mas numa condição de animação relativamente suspensa, na qual terão de esperar o advento de outro esquema de evolução, que lhes ofereça, em suas etapas primitivas, uma oportunidade de avanço mais de acordo com os limites de suas débeis capacidades.

Tais seres ficam simplesmente na posição em que se acharia uma criança que não teria estado à altura de seus companheiros de classe: não poderá trabalhar em companhia deles quando chegarem à última parte dos

estudos, a parte mais difícil, assinalada para o fim do ano, motivo pelo qual terá de esperar até que, no próximo ano escolar, outro grupo de crianças inicie os mesmos estudos que ele não pôde seguir. Unindo-se a eles e percorrendo o mesmo caminho anterior, poderá agora superar com êxito as dificuldades das sendas às quais anteriormente sucumbira. Eis aí tudo o que o assunto significa: poderíamos chamá-la uma “condenação aeônica”, pois tal é a verdadeira tradução das palavras, que foram tão mal interpretadas como “condenação eterna”. De modo nenhum é uma danação, nem mesmo uma condenação em algum mau sentido; é simplesmente uma “suspensão” pelo presente aeón* ou dispensação**. A mórbida imaginação dos monges medievais, sempre em busca de oportunidades para introduzir em seu credo horrores, a fim de aterrorizar uma paróquia incrivelmente ignorante, com o objetivo de extrair maiores óbolos para a manutenção da “Santa Madre Igreja”, distorceu essa ideia, perfeitamente simples, de uma “suspensão aeônica” por uma “condenação eterna”.

Contudo, se um homem viver loucamente, poderá preparar para si um purgatório desagradável e de longa duração, se bem que nem o céu nem o inferno podem ser eternos, já que uma causa finita só pode produzir um resultado finito.

P 185: *Segundo isso, no Kamaloka ou mundo astral, quais seriam as condições de um ser muito mau, de um ser comum e de um ser que já tivesse adquirido alguns interesses racionais?*

R: As condições da vida *post-mortem* são quase infinitas em sua variedade. Todo ser comum que tenha permitido o reajuste de seu corpo astral depois da morte terá de atravessar as sete subdivisões, embora nem todos estejam conscientes em todas elas. Uma pessoa ordinariamente boa não terá em seu corpo suficiente matéria do subplano inferior para que se forme uma grossa envoltura; geralmente tem matéria do sexto subplano mesclada com pouca do sétimo; e assim, depois da morte, em geral só lhe interessa a contraparte do mundo físico.

Todavia um ébrio, ou um sensual, que durante a vida física tiver sido presa do vinho ou da luxúria, a ponto de sujeitar aos seus vícios toda razão e sentimentos de decência ou afetos de família, encontrar-se-á depois da morte nas mais baixas subdivisões do mundo astral, pois seus anelos foram tais que exigiram um corpo físico para sua satisfação. Essas ânsias manifestam-se como vibração no corpo astral, e embora o homem tenha vivido no mundo físico, a maior parte de sua força foi usada para colocar em movimento as pesadas partículas físicas. Porém, achando-se no mundo astral sem corpo físico para amortecer e retardar a força das vibrações do desejo, sente os apetites multiplicados em seu poder, e, no entanto, vê-se completamente incapaz de satisfazê-los por falta do organismo físico; e assim sua vida é um

* N. do T.: Período de tempo aparentemente interminável, mas que tem limite.

** N. do T.: Longo período de tempo em que a evolução do homem fica suspensa.

verdadeiro inferno, o único inferno que existe. Entretanto, ele se encontra colhendo o resultado perfeitamente natural de sua própria ação e nenhum poder externo o está castigando. Grande parte do sofrimento resulta ali da falta de satisfação do desejo vicioso, fortalecido e fomentado quando usava o corpo físico; o pecador é seu próprio verdugo. Tudo isso foi bem conhecido no mundo antigo, mesmo entre os gregos, que os representavam fielmente sob o mito de Tântalo, o qual sofria de uma raivosa sede e estava para sempre condenado a ver que a água se afastava dele à medida que seus lábios estavam a ponto de tocá-la.

Um assassino que em *Kamaloka* está reconstruindo, uma e outra vez, as cenas do assassinato e os acontecimentos subsequentes, repetindo incessantemente seu nefando crime e passando de novo por todos os terrores de sua prisão e execução, está sem dúvida experimentando um “inferno”, em comparação com o qual o fogo e o enxofre são meras ficções teatrais. Em muitos casos, como o assassino pensa e repensa no crime cometido, por esta incessante meditação, meio maligna, meio aterrorizante, produzirá algo semelhante a uma obsessão com a cena de sua violenta morte.

Contudo, nenhuma dessas condições é eterna e nenhuma é punitiva. São o resultado inevitável de causas postas em jogo durante a vida no mundo físico, condições que duram tão somente enquanto subsistem as forças geradoras. Com o transcurso do tempo, esgota-se a força desejo, mas à custa de terrível sofrimento para o homem; e como no mundo astral o tempo só pode ser medido por meio de sensações, já que não há outro meio de computá-lo, conforme temos no mundo físico, cada dia pode ser comparado a mil anos. Portanto, a ideia blasfema da condenação eterna parece ser uma apresentação incorreta desse fato.

O destino de Sísifo, na mitologia grega, tipifica exatamente a vida astral do homem de ambições mundanas. Sísifo estava para sempre condenado a empurrar uma pesada rocha até o alto de uma montanha, unicamente para olhar, já no momento de obter êxito, a pedra rolando de novo até o abismo. O homem de ambições Egoístas alimentou durante toda sua vida o costume de fazer planos para atender seu próprio interesse, motivo pelo qual continuará fazendo o mesmo durante sua vida no mundo astral; ele formula cuidadosamente seus planos até que, já perfeitos em sua mente, se dá conta de haver perdido o corpo físico necessário para sua execução. Caem por completo suas esperanças, porém, de tal maneira se inculcou o costume, que continua uma e outra vez empurrando sua pedra até o cume da montanha da ambição, até que chega o tempo em que o vício esgota-se por completo. Por fim se dá conta de que não precisa empurrar mais a pedra, e deixa que ela fique ao pé da montanha.

Tomemos agora o caso de um homem comum, incolor, que possua vícios particulares, mas que se encontra apegado ainda às coisas do mundo físico; cujas ideias não tenham passado além da murmuração ou do que chama “esporte”, que não tenha pensado em outras coisas que seus negócios ou seus trajés, e cuja vida tenha transcorrido fazendo dinheiro, ou em passatempos sociais. O mundo astral o encherá de desgostos, pois lhe é

impossível encontrar as coisas que anseia, já que não existem, naquele mundo, nem os negócios, nem os compromissos, nem os convencionalismos nos quais se baseia a sociedade do mundo físico.

Para a grande maioria, a situação depois da morte é mais feliz do que sobre a Terra, porque já não há necessidade de ganhar o sustento diário. O corpo astral não sente fome, nem frio, nem enfermidades; cada ser, no mundo astral, somente pelo exercício de seu pensamento, poderá vestir-se como goste. Pela primeira vez, desde sua tenra infância, o homem se sente inteiramente livre para empregar o tempo em fazer exatamente o que lhe apraz.

As pessoas que tiverem os mesmos gostos e propósitos se agruparão, naturalmente, tal como o fazem no mundo físico, e nunca faltará ocupação proveitosa para um homem que abrigue interesses razoáveis, desde que não requeiram um corpo físico para sua expressão. Um enamorado das belezas da natureza poderá viajar rapidamente, a centenas de quilômetros por segundo, sem fadiga, até as mais deleitosas paragens do mundo; outro, cujo prazer seja a Arte, terá à sua disposição as obras primas do mundo inteiro; enquanto que o estudante de ciências encontrará abertos todos os laboratórios do mundo, poderá visitar todos os homens de ciências e captar seus pensamentos. Para um ser que durante sua vida terrena tiver encontrado satisfação em ações altruístas e no trabalho pelo bem estar de outros, este será um mundo da mais vívida alegria e do mais rápido progresso. Para um homem que tenha sido inteligente, ao mesmo tempo em que útil, e que compreenda as condições dessa existência não física e se dê ao trabalho de adaptar-se a elas, abre-se uma esplêndida perspectiva de oportunidades, tanto para adquirir novos conhecimentos como para efetuar labores proveitosos. De fato, poderá ele fazer maior bem em poucos anos de tal existência astral que o que pôde ter feito durante sua vida física, por mais extensa que tenha sido. Por conseguinte, o mundo astral está cheio de amplas possibilidades, tanto para o júbilo quanto para o progresso.

P 186: Quais são as condições post-mortem para aqueles que tenham morrido por acidente ou se suicidado?

R: Para os primeiros há uma grande variedade de estados; os do segundo grupo terão que completar o tempo de vida que lhes foi atribuído, período fixado para exercitar o carma daquela vida, conforme já se explicou no Capítulo V ao se falar do tempo exato e da classe de morte das pessoas.

Quando a morte ocorre por acidente, não é raro que coincida com o fim determinado pelos Senhores do Carma para essa reencarnação; mas às vezes não, pois um acidente pode se constituir numa interferência motivada por novas forças, que se produziram na dita vida, seja por iniciativa do próprio ser (por exemplo, a escolha de pagar uma dívida antes do prazo), ou por ações alheias, que o afetam diretamente. Em tais casos, o plano perturbado terá que se ajustar ao principiar a nova existência, de tal modo que, no fim das contas, nada perde a alma cujo destino foi momentaneamente desviado, por si ou por outras. Em nenhum caso está assinalado o suicídio na vida de alguém; é o eu

interno diretamente responsável por tal ação, embora a responsabilidade possa ser compartilhada com outros.

Quando se trata de pessoas que morrem por velhice ou enfermidade prolongada, é quase seguro que a ânsia de desejos terrenos se tenha debilitado, um pouco ou muito, e provavelmente já lançaram fora de si as partículas mais densas, de maneira que o homem poderá encontrar-se na sexta ou quinta das subdivisões do mundo astral, ou talvez nas superiores, pois seus princípios foram sendo preparados gradualmente para a separação e a sacudida não é, por conseguinte, demasiado forte.

Mas no caso de morte acidental ou suicídio, nenhuma dessas preparações teve lugar e a retirada dos princípios, e de sua sujeição física, foram comparados com justeza ao ato de arrancar um caroço ou semente do fruto não maduro; grande quantidade da classe mais densa de matéria astral acha-se aderida ainda à personalidade, a qual, por conseguinte, se detém na sétima ou inferior das subdivisões do mundo astral.

As vítimas de morte repentina, cujas vidas terrenas foram nobres e puras, não têm afinidade por esse plano, e assim o tempo de sua permanência nele transcorre ou “numa feliz ignorância e completo esquecimento, ou em estado de quieto torpor, num sono pleno de sonhos cor de rosa”. Entretanto, se suas vidas terrenas tiverem sido de brutalidade, Egoísmo e sensualidade, serão conscientes, como os suicidas, de toda a repulsividade dessa região, e poderão adquirir a tendência a converter-se em entidades terrivelmente más.

Comumente um suicídio é cometido por debilidade ou por covardia, devido a um desespero momentâneo ou a uma sacudida que as almas débeis não conseguem resistir, ou a uma súbita desgraça resultante de qualquer má ação que foi descoberta e de cujo castigo o suicida deseja escapar. Às vezes é um ato deliberado, mas sempre precipitado, de uma pessoa que tenta sair de um terrível aperto e escapar de uma angústia mortal.

Pois bem, não pode escapar. Quando acaba de assassinar seu corpo, encontra-se bem desperto no outro lado da morte, exatamente o mesmo homem que fora antes, exceto que carece do corpo físico; não mudou mais do que se tivesse simplesmente tirado sua casaca. A causa que o impeliu ao suicídio foi de origem emocional ou mental, de acordo com a situação, porém ele não se despojou nem de sua mente nem de suas emoções. Toda aquela parte dele que o impulsionou ao suicídio, a conserva ainda consigo, pois a ação não foi meramente corporal. O resultado de haver perdido seu corpo físico é um grande aumento em sua capacidade de sofrer. Acha-se sujeito ainda às mesmas forças que o levaram a cometer sua nefanda ação. Há, entretanto, uma peculiaridade acerca disso, a saber: o suicida geralmente repete “em sua imaginação”, como já dissemos, tudo aquilo que o induziu ao ato extremo de matar seu corpo; repete automaticamente os sentimentos de desespero e de temor que precederam ao autoassassinato; repassa, repetidas vezes, com espantosa persistência, sua ação e sua luta mortal.

Este curioso efeito automático, a repetição incessante de uma coisa em *Kamaloka*, é também uma característica do assassino quando morre, quer se descubra ou não o assassinato. Naturalmente, se o assassino é preso e

enforcado, então aquilo tem lugar em rápida sequência. Aí está um dos modos de o homem primitivo aprender que é um mal assassinar. No caso dele, não se poderia dizer que o assassinato chegou a ser crime, porque ele mata sem pensar; contudo, deve aprender a abster-se do homicídio. E assim, na vida *post-mortem*, ele tem um breve sofrimento desse tipo, breve porque houve muito pouco esforço mental por trás do ato e porque apenas foi uma emoção súbita que o levou a cometê-lo. Isso é parte da instrução que leva um homem primitivo à evolução; aprende que assassinar é um mal porque descobre que resulta doloroso para ele. E, obviamente, os que estão mais evoluídos sofrerão por um período muito maior se cometerem um dano semelhante.

A ignorância que envolve o suicídio consiste em que o suicida, erroneamente, espera escapar da vida, porém permanece vivo. Aí está a futilidade de seu ato. O suicídio depende principalmente da ignorância. Se as pessoas estivessem convencidas de que não podem escapar, de que o resultado de suas ações é inevitável, esse conhecimento atuaria sobre suas mentes na ocasião de um súbito impulso de suicídio, motivado pelo desejo de escapar de um mal. Não podem fazê-lo, e, pelo contrário, caem, por assim dizer, da frigideira ao fogo; terão que sofrer ali mais do que no plano físico, visto que atuam agora em matéria mais sutil, na qual, devido à menor resistência da tênue matéria astral, o impacto do sentimento é muito mais forte sobre a consciência do que no mundo físico.

O suicida tem muita propensão a apresentar-se nas reuniões espíritas. Pode ser induzido por aqueles que tentam ajudá-lo, no outro lado da morte, a aceitar quieta e pacientemente os inevitáveis resultados de sua ação; porém, frequentemente rechaça todo conselho e pretende agarrar-se de novo à vida material por meios reprováveis. Tal ser (assim como alguém vítima de morte repentina, cuja vida terrestre tiver sido a de um bruto, sensual ou Egoísta), inflamado por toda classe de horríveis apetites, que já não pode saciar por falta do corpo físico, tenta repetidas vezes satisfazer suas ânsias materiais e suas paixões repugnantes de modo vicário, por meio de um “apoderado” vivente (um médium ou alguma pessoa sensitiva) a quem possa obsedar. Desgraçadamente, se consegue fazer isso, capacita-se a prolongar enormemente sua tenebrosa vida astral e a renovar, talvez por período indefinido, seu poder de gerar mau carma, preparando para si uma futura encarnação do gênero mais degradado possível, à parte correr o risco de perder uma grande porção do poder mental que tenha sido capaz de acumular. Entretanto, se tem a sorte de não encontrar-se com algum sensitivo, por meio do qual possa saciar vicariamente suas paixões, os desejos não satisfeitos irão se consumindo gradualmente e o sofrimento causado no processo poderá servir, provavelmente, para redimi-lo do mau carma da vida passada.

No entanto, deve recordar-se que a “culpabilidade” do suicida varia consideravelmente, de acordo com as circunstâncias: desde o ato moralmente impecável de um Sêneca ou de um Sócrates; passando pelo suicídio cometido por motivos nobres ou num ímpeto de amor maternal e de autossacrifício; até o atroz crime do malvado que corta sua própria vida a fim de escapar das

confusões em que sua vilania o meteu. Naturalmente, a situação deles depois da morte difere sobremaneira.

P 187: Se não existe o inferno, para que tanto sofrimento no mundo astral? Em que sentido o sistema de purgação favorece ao homem?

R: Não há inferno, nem eternidade alguma de tormentos irracionais e inúteis, que só serviriam para satisfazer a cruel malignidade de um déspota irresponsável, no qual a teologia ortodoxa exige que seus devotos creiam. Entretanto, existe um “purgatório” que é, simplesmente, um processo centrado no sofrimento, necessário, efetivo e o mais benéfico para a eliminação dos maus desejos. Por mais terrível que possa ser o sofrimento, qualquer mal vai se esgotando gradualmente, e somente quando tiver acontecido o mesmo com todos os maus desejos, poderá o homem passar para a vida superior do mundo celeste.

O homem ficará definitivamente livre de um mau desejo particular quando este se consumir; e não necessitará submeter-se de novo à carga dele em sua próxima encarnação, a menos que queira fazê-lo. Porém, ainda que o desejo em si esteja morto, subsiste a mesma debilidade de caráter que induziu o homem a sucumbir. Em sua próxima vida, nascerá com um veículo astral que contenha a quantidade de matéria necessária para a expressão daquele mesmo desejo, isto é, com um equipamento, digamos assim, que o incite a repetir sua última vida no que diz respeito a isso. Recebe aquela matéria porque, em sua última encarnação, ele a buscou e fez uso dela; porém, embora a tenha à sua disposição outra vez, de modo nenhum é obrigado a empregá-la da mesma maneira que antes. Se, como resultado de suas ações prévias, tiver ele a boa fortuna de encontrar-se, em criança, em mãos de pais capazes e cuidadosos, dos quais aprenderá a considerar como mau tal desejo e a obter controle sobre ele e reprimi-lo em seus primeiros brotos, então a matéria que deveria expressá-lo permanecerá sem vivificar e gradualmente se atrofiará por falta de uso, como muitos de nossos músculos físicos.

A matéria do corpo astral está se desgastando lenta, mas continuamente, e é substituída da mesma maneira que o é a do corpo físico; e como desaparece a que já se atrofiou, será substituída por matéria de classe mais refinada, que seja incapaz de responder às vibrações fortes e toscas daquele desejo sensual, e assim, aquela abominação particular chegará a ser impossível para ele. De fato, já a terá transcendido e, por último, a terá vencido de tal maneira que nunca, em toda a longa série de suas vidas futuras, repetirá aquele erro, pois terá criado dentro de seu Ego a virtude oposta, um controle completo no que se refere àquele vício. Através de uma vida de luta vitoriosa contra aquele desejo, pôde triunfar sobre ele, agora já não há luta, pois ele considera o vício sob suas verdadeiras cores, e não tem a menor atração por ele. E assim o sofrimento no plano astral, que uma vez lhe apareceu e era tão terrível, foi em realidade uma benção disfarçada, já que através dele pôde capacitar-se a obter essa imensa vitória moral, para dar esse passo decidido na senda da evolução. Por isso parece não haver outro método melhor que o sofrimento, para serem alcançados resultados tão esplêndidos.

P 188: *Se não existe inferno, como o senhor explica a doutrina cristã da “Salvação”?*

R: A salvação, do latim *Salvus* (Salvo), não quer dizer escapar de uma condenação eterna ou de um inferno mítico. Ser salvo significa, em verdade, ficar do lado correto quando tiver lugar a divisão da razão humana, no “Dia do Juízo”. Tal divisão foi descrita como uma separação entre as cabras e as ovelhas, entre os “salvos” e os “condenados”. No esquema evolutivo de Deus, não há lugar para a ideia de alguém “perdido”, já que Deus desejará que todos evoluam e certamente todos teremos de fazê-lo. Mas a questão radica em se nos individualizamos a tempo, e também em se decidiremos ir voluntariamente ao longo da senda da evolução, ou então se ocasionaremos a outros, e a nós mesmos, grande soma de sofrimentos por tentarmos resistir à orientação divina.

Esse é o único significado da salvação, ou seja: que um ser esteja seguro de sair bem daquele futuro juízo, na hora de julgar se considera-se ou não pronto para passar a um mundo superior, mais evoluído. Se não estiver, ficará separado esperando a próxima onda evolutiva, conforme a criança na escola, que por não estar ainda no nível de seu grau, não pode passar a uma classe superior e terá de esperar até o ano seguinte, para repetir o mesmo labor.

No que diz respeito ao progresso que nos foi assinalado nesta cadeia particular de mundos (ver Capítulo VIII), de modo algum estamos, a grande maioria de nós, já “salvos”. Chegaremos a essa ansiada posição somente quando formos membros da “Grande Fraternidade Branca”, que dura de eternidade a eternidade, após passarmos pela primeira Grande Iniciação, conforme se explicará no Capítulo X.

Os que estiverem familiarizados com o ensinamento cristão recordarão como o grande iniciado São Paulo mostrou que a intenção da religião cristã era provocar o nascimento do Cristo dentro de cada crente individual; e que o “Menino Deus”, assim nascido no espírito humano, crescesse e se desenvolvesse até que o homem alcançasse a estatura de Cristo. Dentro de cada um de nós há um princípio “crístico”, que ainda dormita na maior parte da humanidade, mas pode ser despertado, e o despertar de tal princípio é o nascimento do Cristo dentro do coração de cada homem. Lemos nas escrituras cristãs: “Cristo em vós, a esperança de glória”; e a presença daquele princípio crístico dentro de cada coração é o que dá a esperança de glória a toda alma humana. Tal princípio está intimamente relacionado com a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, aquele “Filho de Deus” que entrou na carne, desceu ao mundo e chegou a ser parte de nós, a fim de que, através d’Ele, pudéssemos nos elevar à maior glória. Sem aquele princípio crístico, sem dúvida estaríamos perdidos e é necessária a crença nesse verdadeiro Cristo para a salvação. Já dizia, no século XVII, Angelus Silesius:

“Mesmo que Cristo nascesse cada ano em Belém,
Se nunca nascesse dentro de ti
Estarias perdido para sempre;

E se dentro de ti não surgir de novo,
Nem a Cruz do Gólgota poderá salvar-te da dor.”

E esta crença, a certeza de que o poder de Cristo está dentro de cada um de nós, é que nos capacitará a alcançar a etapa de salvação, para viver a vida que devemos viver. E neste sentido se diz, com verdade, que a crença no Cristo é necessária para a salvação; entretanto, é no Cristo que se acha dentro de nós mesmos que devemos crer. A crença na mera lenda de uma vida vivida por Cristo no plano físico, de modo algum pode afetar nosso futuro; o que nos salvará, nos ajudará e nos fortalecerá em nossa senda é o conhecimento da Divindade dentro do homem e seu poder para responder à Divindade fora dele.

“Todos nós podemos ser
Salvadores do Mundo,
Se cremos na Divindade
Que mora em nós
E lhe rendemos culto.”

O nascimento do Cristo dentro do coração do homem é uma coisa muito real. Nesse sentido podemos verdadeiramente afirmar que o Cristo é o Salvador do Mundo, pois é somente então que o homem pode alcançar o que Deus quer que alcance, e, ao entrar conscientemente na glória e na plenitude do Cristo Mesmo, tornar uma realidade o Deus que leva em si.

Portanto, para escapar de nascimentos e mortes que se repetem, é necessário o desenvolvimento do princípio crístico dentro de nós. À medida que se desenvolve esse princípio, nos damos conta de que nossa consciência separada não é outra coisa que uma ilusão; de que todos somos um em Deus. E à medida que nos damos conta da paternidade de Deus, compreendemos também a realidade da fraternidade do homem.

O despertar do princípio crístico é denominado, também, a aquisição da consciência “búdica”. Os santos, em seus momentos de êxtase, tocam inconscientemente a glória daquela maravilhosa consciência e se dão conta do Cristo dentro de si; porém há outros que, deliberada e cientificamente, se propõem a alcançar esse esplendor, e entram com toda consciência na glória e plenitude do Cristo, fazendo de Deus uma realidade em si mesmos, porque eles são, conscientemente, parte daquele Deus. Eis aí o verdadeiro nascimento do Cristo dentro do coração do homem. O homem verdadeiro, sendo uma chispa da Divina Chama, já é divino e não necessita salvação. Tudo de que necessita é a capacidade de fazer-se real para si mesmo, em todos os mundos e em todos os níveis possíveis, para ser um canal daquele poder Deífico no cumprimento do Plano Divino.

Entre as nações orientais, a palavra Salvação implica a ideia de escapar do sofrimento e do mal, de adquirir a condição de estar salvo, isto é, evitar as repetidas encarnações, a roda de nascimentos e mortes, o que as Escolas Órficas no século VI antes de Cristo chamaram “O Círculo de Geração”, o que os budistas chamam *Samsara* ou Roda da Vida.

P 189: *De quais fatores depende a permanência de um homem em qualquer das seções do mundo astral? Em que tempo e como passa um homem comum do mundo astral ao celestial?*

R: O Ego concentra firmemente dentro de si todas as suas forças, deixando para trás subdivisão após subdivisão da matéria astral. Sua demora em qualquer subdivisão será proporcional à quantidade de matéria daquela subdivisão que seu corpo astral contenha, dependendo dessa quantidade da vida que viveu, dos desejos que foram permitidos, e da classe de matéria que desta maneira atraiu para construir seu astral.

Por conseguinte, mediante uma vida pura e um pensar elevado, um homem pode diminuir a quantidade de matéria que fique aderida a si e que pertença aos níveis inferiores do astral, desse modo elevando-a ao que poderíamos chamar seu ponto crítico, para que ao primeiro contato com a força desintegrante se rompa sua coesão e se reduza à sua condição original, deixando-o livre para passar imediatamente ao próximo subplano.

Também sua atitude mental depois da morte influencia sua estada ali, uma vez que, pela compreensão de sua situação e fixando sua atenção em assuntos espirituais, poderá facilitar a desintegração astral e encurtar sua permanência nos níveis inferiores.

No caso de uma pessoa totalmente espiritualizada, que tenha purificado seu corpo astral com os constituintes extraídos dos graus mais finos de cada divisão de matéria astral, o ponto crítico mencionado acima poderá ser alcançado com relação a todas as subdivisões de matéria astral, e o resultado será uma passagem praticamente instantânea através daquele plano, de tal modo que recobra sua consciência, bem antes, no mundo celeste. Um homem menos desenvolvido, mas moderado e puro, passará através daquele plano menos rapidamente, ainda que num plácido sonho, inconsciente de seus arredores, até que, tendo deixado para trás, uma após outra, suas envolturas astrais, desperta no mundo celestial. Naturalmente, segundo já se disse, os subplanos se interpenetram um ao outro e não estão separados um do outro no espaço; por isso, quando se fala de uma pessoa que passa de uma subdivisão à outra, não significa que se mova para algum lugar no espaço, mas simplesmente que o foco de sua consciência mudou do casão externo para o próximo, mais interno.

O homem ordinário, ao encontrar-se na sexta subdivisão, ainda vagando em torno de lugares e pessoas com as quais na Terra esteve no mais íntimo contato, descobre, à medida que o tempo passa, que os contornos terrestres se desvanecem gradualmente e vão tendo menor importância para ele, e por isso mesmo tende cada vez mais a modelar seu meio circundante de acordo com o mais persistente de seus pensamentos. Quando chega à terceira subdivisão, descobre que essa característica substituiu totalmente a visão das realidades do mundo astral. Quando tiverem sido consumidos todos os baixos desejos e emoções, assim como os pensamentos de caráter Egoísta, e o Ego em seu firme processo de concentração tiver passado além, até mesmo, da mais fina classe de matéria astral, chega a hora da morte astral e o corpo

astral, ainda não inteiramente desintegrado, é finalmente sacudido (exceto em se tratando de homem inusitadamente mau, que não tenha nem uma gota de amor ou de bondade para com alguém, ou que tenha se degradado até um nível de pecado e de bestialidade irredimíveis). Após a morte astral, a alma tem uma espécie de período gestatório e submerge num sonho breve e aprazível, uma “inconsciência pré-devachânica”, para ser despertada pelo sentimento de intensa bem-aventurança naquela parte do mundo celestial à qual pertença por temperamento. Não há necessariamente movimentação no espaço, senão que a consciência humana acha-se agora focada no mundo celestial inferior, onde se encontram também as consciências daqueles animais que, antes de sua morte, “individualizam-se” e alcançam a estatura de alma humana.

P 190: Se a morte não é o fim da Vida, mas tão somente um passo de uma etapa de vida até outra, que objetivo tem a dor intensa dos que lamentam a perda de seus entes queridos?

R: Conforme já foi explicado, sua dor não é por uma perda real, mas aparente. É o resultado de um engano e da ignorância das leis da natureza, e representa um sofrimento desnecessário, mesmo para os mais aflitos. O “morto” está, todavia, perto deles, e eles, enquanto seus corpos físicos estiverem adormecidos, conversam com ele; porém, quando despertam, voltam à sua antiga ilusão de havê-lo perdido e se enchem de pensamentos de tristeza durante todo o dia, o que torna o morto muito desgostoso e infeliz no mundo emocional. E não só isso, porque o pesar desenfreado e as insensatas explosões de tal sofrimento produzem um efeito muito doloroso no defunto, que aprazivelmente está desaparecendo na inconsciência que precede seu despertar na glória do mundo celestial. Amíúde se sente despertado de seu sonho de felicidade com uma recordação de sua última vida terrestre, causada pela apaixonada tristeza e os desejos de seus amigos encarnados, que despertam as vibrações correspondentes de pesar, com uma força centuplicada em seu corpo de desejos já liberado, causando-lhe um grande mal-estar e depressão e retardando seriamente seu progresso ulterior. Por outro lado, essa dor desenfreada dos parentes ignorantes, ainda que bem intencionados, obstaculiza grandemente a ajuda dos protetores astrais, que tentam explicar ao morto as condições do mundo astral para levantar seu ânimo e harmonizá-lo com seu novo ambiente.

Não é que aconselhemos o esquecimento, mas sim a recordação numa forma que seja benéfica e não prejudicial, substituindo a tristeza Egoísta e desolada por bons desejos, ardentes e amorosos, em prol de luz perpétua e eterna paz para o defunto.

P 191: As preces pelos mortos têm algum valor? Se o têm, como devem ser oferecidas?

R: As preces sempre têm valor, tanto para os vivos como para os mortos, quando são ditadas pelo amor. Uma prece será eficaz na proporção da intensidade do pensamento expressado por ela, da pureza e força de vontade com as quais for dirigida à pessoa em questão, e do conhecimento que possua

o solicitante. Uma oração, assim como um pensamento, cria uma forma, um elemental artificial, “um poder benéfico ativo” que vai até a pessoa para cujo benefício foi criado e que a ajuda quando a oportunidade se apresentar. Essa energia posta em jogo no plano astral pode afetar qualquer pessoa em seu corpo astral; portanto, é possível auxiliar e proteger um morto com tais formas mentais enquanto ele permanecer no mundo astral.

Um homem que compreenda a constituição do corpo astral e o poder do pensamento pode aumentar enormemente sua ajuda pelo envio deliberado de um elemental artificial, que auxilie na desintegração dos cascos astrais que aprisionam a alma, e que impulsione seu passo para o *Devachan*. Alguns dos *Mantrants* dos *Shraddhas* hindus (cerimônias para os mortos) têm esse objetivo em perspectiva, e são muito eficazes quando empregados por um homem sábio e santo.

Entretanto, o homem comum conhece tão pouco sobre a condição de seus entes queridos, já mortos, que fará muito bem em abster-se de colocar em movimento uma força que possa ser mal dirigida, por falta de conhecimento mais exato acerca do que eles necessitam. Tal pessoa procederia melhor se usasse aquela famosa antífona que tão frequentemente se ouve nos serviços para os defuntos, na Igreja Católica: “Concede-lhe, oh Senhor, descanso eterno e que a luz perpétua brilhe para ele”. Pois essas duas cláusulas expressam exatamente as condições de que o defunto mais necessita: primeiro, perfeito descanso de todo cuidado e pensamento terrestres, a fim de que não seja perturbado seu progresso na direção do mundo celeste; e segundo, a luz perpétua do amor divino, brilhando claramente sobre ele através da parte superior e mais espiritual de sua própria natureza, atraindo-o sempre até essa elevada luz para que seu progresso possa ser rápido. Em verdade, muito pouca ajuda posterior pode a Terra oferecer a um homem para quem essa prece for repetida constante e fervorosamente. Dessa maneira, qualquer um pode ajudar seus amigos ou seres queridos, ao elevar-se a um nível superior, esquecendo-se de si e do engano da perda aparente, enviando pensamentos de “luz perpétua e paz eterna”, e substituindo a tristeza Egoísta e inútil por bons desejos, sinceros e amorosos, para que o progresso daqueles seja rápido desde o mundo astral até o celestial.

P 192: *Podemos fazer algo para ajudar uma pessoa que está próxima de morrer? Se podemos, como e quando?*

R: Certamente que podemos fazer muito em benefício dela. Se nos é dado estar a seu lado fisicamente durante sua enfermidade, podemos explicar-lhe as condições depois da morte. Qualquer explicação razoável dessas condições, numa conversa íntima e agradável acerca da vida além-túmulo, aliviará enormemente seu ânimo. Todavia, se nos é impossível a comunicação física, podemos ajudar um moribundo desde o plano astral. A pessoa deve fixar em sua mente, antes de entregar-se ao sono, a intenção de ajudar aquela determinada pessoa, bem como os argumentos que lhe pode apresentar. O objetivo capital de quem ajuda é acalmar e fortalecer o que sofre, e induzi-lo a dar-se conta de que a morte é um processo perfeitamente natural, explicando-

lhe a natureza do plano astral e das preparações necessárias para progredir rumo ao mundo celestial.

Aquele que quer auxiliar deve possuir as seguintes qualidades: saber focalizar sua mente no trabalho exclusivo de auxílio; total controle de si, sobre seu temperamento e nervos; perfeita calma, serenidade e estado de alegria; conhecimento dos planos superiores e ausência total de Egoísmo, com um coração pleno de amor. Eis aí como se pode ajudar efetivamente o moribundo e o defunto.

O morto pode permanecer inconsciente depois da morte, por um momento ou poucos minutos, horas, dias, ou mesmo semanas; e embora uma pessoa treinada possa observá-lo por si mesma, quem não está treinado, deveria encontrar-se pronto para ajudar durante várias noites sucessivas, a fim de não falhar na hora em que o morto recobrar sua consciência no mundo astral.

P 193: *Encontraremos os seres queridos que nos precederam na morte?*

R: Certamente que sim, pois o amor atuará como um ímã e nos reunirá. Se o ser amado morreu recentemente, o encontraremos no plano astral, mas se ele abandonou a Terra há muito tempo, é possível que já tenha passado do astral para o mundo celeste; e quando chegarmos àquele mundo, o teremos de novo ao nosso lado em sua melhor condição possível, mediante a forma ou imagem mental que dele guardemos, vivificada pelo Ego daquela pessoa, conforme se explicará em breve. Não perdemos aqueles a quem amamos; quando existe o afeto, a reunião é certa, já que o amor é um dos maiores poderes do Universo, seja na Vida ou na Morte.

P 194: *Por que é prejudicial a um homem a morte repentina, e qual o motivo da antiga oração da igreja: “Da morte repentina, livrai-nos Senhor”.*

R: As condições de vida de um homem depois da morte dependem, em primeiro lugar, do tempo que ele permaneça em qualquer dos subplanos, e, em segundo lugar, do quanto tenha focado a sua consciência em si mesmo; enquanto que a duração da permanência em qualquer dos subplanos dependerá da quantidade de matéria daquele subplano que possuir em seu corpo. E assim, os dois fatores da existência *post-mortem* dependem da natureza da Vida que viveu, e não da natureza da morte, pois nenhum acidente pode afetar o homem.

Embora uma morte repentina não piore necessariamente a posição de um homem no mundo astral, tampouco a melhora. O lento desgaste dos corpos anciãos, ou a deterioração que provoca uma prolongada enfermidade, invariavelmente debilita e desagrega as partículas astrais, consumindo a maior parte dos baixos desejos, de tal modo que, quando um homem recobra sua consciência no plano astral, muito de seu labor já está feito, por haverem sido consumidas e alijadas de si as partículas que pertenciam aos níveis inferiores. Já a vítima de morte repentina, conservando um corpo astral muito mais forte, carregado daquelas partículas com as quais terá de se haver, poderá prolongar um pouco mais sua residência nos subplanos inferiores do mundo astral. Por

outro lado, se ele aprende a fazer bom uso daquela Vida, pode gerar muito melhor carma do que teria sido capaz de criar em igual tempo no plano físico.

Ademais, quando sentimentos de terror e agitação mental precedem a morte, comumente os mesmos persistem depois dela, o que não é uma preparação favorável para a vida astral. Em nossa atual etapa de evolução, frequentemente de noite passamos muito tempo considerando e reconsiderando o último pensamento claro e preciso que ocupou nossa mente, antes de nos entregarmos ao sono. Da mesma maneira, é importante o último pensamento presente na mente antes da morte, especialmente tratando-se de uma pessoa de pouco desenvolvimento, cuja consciência astral seja vaga e caótica, já que seu último pensamento ocupará sua mente por longo tempo e, até certo ponto, estabelecerá a chave que dará o tom à grande parte de sua vida astral. Por isso, valeria a pena cuidar para que tal pensamento fosse de um bom tipo, o que não é possível no caso de uma morte súbita. Naturalmente, tratando-se de gente regularmente desenvolvida e inteligente, a atitude costumeira de sua mente, a tendência geral de seus pensamentos durante a vida terrestre, daria o tom ao seu provável trabalho durante a vida astral, e a ideia particular que ocupasse seu pensamento, no momento da transição de um estado a outro, não significaria muito.

P 195: *Existem outros habitantes no mundo astral além dos mortos?*

R: O mundo astral é habitado não só pelos mortos, mas também por uma terça parte dos vivos, que temporariamente deixaram seus corpos físicos durante o sono. Como a matéria astral é muito plástica sob a influência do pensamento, um homem no mundo astral parece semelhante a si mesmo, usando os trajes nos quais pensa. Igualmente, é ali o lugar de residência dos Adeptos e Seus discípulos; de pessoas que se desenvolveram psiquicamente sem a orientação de um Mestre; e de magos negros e seus alunos.

Naquele mundo encontra-se, também, um grande número de seres humanos de outro tipo, sem corpos físicos; alguns muito acima do nível humano, como os *Nirmanakayas*; os discípulos dos Mestres à espera de reencarnação, etc. Além desses, há outros de nível abaixo, como os despojos astrais e os cascões dos mortos; os cascões vitalizados para a Magia Negra; os magos negros mortos e os discípulos deles, etc.

Residem nesse plano, ademais, seres não humanos, como a essência elemental de nossa evolução, e os corpos astrais dos animais; e grande parte da população do mundo astral é formada de espíritos da natureza, de várias classes, que se chamam fadas, duendes, gnomos, faunos, sátiros, espíritos chocarreiros, etc., os quais têm uma linha diferente de evolução e geralmente usam uma forma diminuta; assim como, também, *Devas* ou Anjos muito mais adiantados na evolução que o homem. Essa é, igualmente, a residência de entidades artificiais, os elementais inconscientemente formados por homens comuns e conscientemente formados por Adeptos e magos negros; bem como de elementais artificiais humanos empregados nas sessões espíritas.

Portanto, nós não somos os únicos nem os principais habitantes do mundo astral, já que tal mundo está povoado em sua maior parte por seres

pertencentes a outras linhas de evolução, que correm paralelamente à nossa, e os quais, embora passem por um nível correspondente ao da nossa humanidade, não passam jamais pela humanidade.

Normalmente os sentidos dos habitantes do mundo astral são capazes de responder tão somente às ondulações de seu próprio mundo. Um homem que vive no mundo físico vê, ouve e sente por meio de vibrações conectadas com a matéria física ao redor de si. Igualmente acha-se rodeado pelos mundos astral, elemental e outros que interpenetram seu próprio mundo mais denso, mas normalmente não é consciente deles porque seus sentidos não podem responder às oscilações daquela matéria, assim como nossos olhos físicos não podem responder às vibrações da luz ultravioleta. Um ser que viva no mundo astral poderá estar ocupando o mesmo espaço que um ser vivo no mundo físico; entretanto cada um será inteiramente inconsciente do outro e não impedirá, de maneira alguma, seus livres movimentos. E isso também é verdade com relação a outros mundos. Estamos continuamente rodeados pelos mundos de matéria mais fina, que se acham tão próximos de nós como este mundo que vemos, e seus habitantes estão passando através de nós e perto de nós, porém não nos damos conta disso.

P 196: *O que acontece com o cadáver astral logo que um ser passa para o Devachan (céu)?*

R: Na hora de morrer, o homem separa-se completamente de seu corpo físico, mas um ser ordinário identifica-se estreitamente com seus baixos desejos durante a vida e permite a seu *Manas* inferior enredar-se de tal maneira com *Kama*, que o Ego, não obstante toda sua força de arranque, não pode se separar completamente dele. E assim, quando finalmente o homem descarta seu corpo astral em parte desintegrado, deixa atrás de si uma porção de *Manas* aprisionada e envolta no corpo de desejos. Essa entidade fragmentária, que se denomina “sombra”, tem certa vitalidade e, como se move livremente no mundo astral, com suas recordações passadas, consciência fragmentária e tendência a repetir automaticamente vibrações familiares de amor, desejos e pensamentos, sem inteligência, é confundida frequentemente com o próprio homem em sessões espíritas de gente ignorante.

Numa etapa ulterior (em poucas horas, ou em poucos meses ou anos, de acordo com o caráter espiritual do Ego que tenha passado ao mundo celestial), a consciência fragmentária morre no corpo astral e se afasta dele, embora não retornando ao Ego ao qual pertenceu, e então o cadáver astral, sem reminiscência alguma de sua vida passada, denominado agora um “cascão”, desintegra-se lentamente no mundo astral, conforme ocorreu com o corpo físico em seu próprio mundo.

P 197: *O que ocorre com o ser que passa ao Devachan?*

R: O *Devachan* (a residência dos *Devas*, ou seja, o lugar de luz ou de bem-aventurança) é uma parte do mundo especialmente resguardada e na qual, pela ação de certos *Devas*, ou Deuses, não se permite a existência de males ou pesares.

Realmente não é um lugar, mas um estado de consciência, e se encontra aqui, ao redor de nós, a todo o momento, tão próximo quanto o ar que respiramos.

Depois de sua segunda morte, dessa vez no mundo astral, o homem desperta para uma nova glória de vida e de cor, e vive no radiante corpo mental, no mundo celeste. Gradualmente é tomado por um sentimento de inefável júbilo e indescritível bem-aventurança; as mais delicadas melodias sussurram ao seu redor, seu ser acha-se inundado de luz e resplandecem, através de uma neblina dourada, os rostos de seus entes queridos na Terra.

Durante a vida terrestre, cada ser ordinário acha-se rodeado por uma massa de formas mentais que representam os interesses capitais de sua vida e que se fortalecem cada vez mais, permanecendo com ele mesmo depois da morte. A força das formas mentais Egoístas, sejam elas de cólera, ambição, orgulho, avareza, glotonaria, embriaguez, sensualidade, etc., vertem-se na matéria astral e se esgotam no mundo astral, quando o homem está calcinando aquela parte inferior de sua natureza durante a vida purgatória. Seus pensamentos altruístas, porém, sejam eles puramente intelectuais ou de natureza compassiva, terna, devota, ou amorosa, etc., pertencem a seu corpo mental, e os leva consigo ao *Devachan*, pois somente mediante tais pensamentos refinados poderá apreciar o mundo celestial.

Agora, seu corpo mental é um veículo que ainda não se acha totalmente desenvolvido, como já está o astral, o que o afasta do mundo mental ao redor de si, em lugar de capacitá-lo para vê-lo, embora se encontrem em plena atividade aquelas partes de seu corpo mental que usou de maneira altruísta durante sua vida terrestre. Os pensamentos elevados, refinados e nobres, as aspirações não Egoístas que ele gerou durante sua vida terrestre, agrupam-se então em volta dele, formando ao redor de si uma espécie de cascão, mediante o qual pode responder a certos tipos de vibração na refinada matéria do mundo mental.

Esses pensamentos que o rodeiam são os poderes mediante os quais se dá conta da riqueza do mundo celeste, e não obstante tal mundo seja um reservatório de extensão infinita (toda glória e toda beleza concebíveis), ele pode aproveitá-las exatamente de acordo com sua capacidade de pensar sem Egoísmo. Cada uma de tais formas de pensamento é uma janela através da qual observa, a partir de seu corpo mental, a glória e a beleza do mundo mental. Se ele teve especial inclinação para as coisas físicas durante sua vida terrena, apenas contará com umas poucas janelas pelas quais a glória superior poderá brilhar perto dele. Uma alma inteiramente não Egoísta, e altamente evoluída, é toda janelas, tem plena consciência e pode mover-se em seu veículo mental tão livremente quanto o homem comum emprega seu corpo físico, e por meio daquele inspeciona vastos campos de conhecimento que se estendem diante de si. Entretanto, cada homem pode ter tido algum toque de sentimento puro, não Egoísta, mesmo que tenha sido uma só vez em toda sua vida, que poderá ser agora uma “janela” para ele. Todo ser, excetuando-se um homem em suas primeiras etapas, terá com certeza algo dessa maravilhosa vida de bem-aventurança. Em vez de algumas “almas” irem ao céu e outras ao

inferno, a maior parte tem tanto uma etapa de purgatório como uma etapa de céu, que diferem somente em suas proporções relativas.

Pensar pensamentos amorosos ou nobres, apreciar obra prima literária ou adorável obra de arte no mundo físico, é abrir uma janela no mundo celestial; acostumar-se a pensamentos elevados e altruístas é manter aquela janela sempre aberta. Porém, a condição de um homem no mundo celestial é principalmente receptiva, e sua visão de algo fora de sua própria concha de pensamentos é muito limitada; não pode ele construir novas janelas ao longo de novas linhas de atividade se não teve interesse nestas durante sua vida física. Os pensamentos superiores podem seguir muitas direções, algumas delas pessoais, como o afeto por uma pessoa ou a devoção a uma deidade pessoal, e outras delas impessoais, como a arte, a música e a filosofia. Um ser, cujo interesse tenha girado ao redor de certas linhas, encontra prazer incomensurável e instrução ilimitada, isto é, a quantidade de júbilo e de conhecimentos ficará limitada tão somente por seu poder de percepção. Assim como um trabalhador que regressa ao lar com seu salário do dia, o homem extrai do *Devachan* tanto quanto tenha se preparado para obter por seus esforços durante a vida terrena.

Nesse plano existe a infinita plenitude da Mente Divina, aberta em todo seu ilimitado influxo para todas as almas, justamente na proporção em que cada alma tiver se qualificado para receber. É um mundo cujo poder de resposta às aspirações do homem está limitado apenas pela capacidade deste para aspirar. No Oriente se diz que cada ser traz consigo sua própria taça; que algumas são grandes e outras pequenas; mas que cada taça, grande ou pequena, será enchida até o máximo de sua capacidade. Aquele oceano de bem-aventurança contém muito mais do que o necessário para todos.

P 198: *As pessoas não têm a mesma classe de céu, ou a mesma intensidade de bem-aventurança nele?*

R: As imagens mentais (ou formas de pensamento) não Egoístas, que tenham existido como sementes no corpo mental, começam a manifestar-se como árvores no *Devachan*. Quando um homem tiver formado muitas imagens mentais, seja por sua aspiração ou conhecimento, ou por desejo altruísta de ajudar a humanidade (por mais que tais imaginações tenham sido consideradas no mundo como castelos no ar), vão materializar-se na matéria mais fina do mundo mental, e o homem vai encontrar-se fazendo cada coisa de acordo com seus desejos.

Sendo a matéria astral mais sutil que a matéria física, os pensamentos são coisas no mundo mental ou celestial e, através do poder do pensamento, cada um cria nos céus seu próprio mundo de acordo com seus desejos. Tal como são os pensamentos de um homem, assim é seu *Devachan*, e como não são iguais os pensamentos nem de duas pessoas, seus céus devem ser, por conseguinte, diferentes. Todavia, como cada um encontra-se ali, a cada momento, exatamente de acordo com seu desejo, todos são extremamente felizes, embora desfrutando de grau diferente de felicidade.

Além do mais, se os gozos celestes fossem tão só de um tipo particular, como sustentam as teorias ortodoxas, sempre haveria alguns que logo se cansariam devido à sua falta de habilidade para participar dessas alegrias, fosse por não encontrar prazer em certa felicidade particular, ou por falta da educação necessária.

E assim, o céu de um homem não pode ser imposto a todos os demais, do mesmo modo que um indivíduo do interior não pode se sentir feliz no ambiente glorioso de um artista, pois o que proporciona felicidade a um pode não oferecer o mesmo a outro. O fato é que cada um cria seu próprio céu por suas formas de pensamento, pela seleção que faz nos esplendores inefáveis do pensamento do Próprio Deus. Pelas causas que ele mesmo engendrou durante sua vida terrena, decide para si mesmo tanto a duração como o caráter de sua vida celeste. Portanto, terá exatamente a quantidade que tiver merecido, e exatamente a qualidade de alegria que esteja mais de acordo com suas idiosincrasias. Eis aí o único arranjo imaginável que pode fazer feliz a cada um, até o máximo de sua capacidade para sê-lo.

P 199: O que acontece às crianças no mundo celeste?

R: De todos os que entram naquele mundo, as crianças são as mais felizes e as que se sentem completamente em casa. Não perdem seus pais, irmãos, irmãs, nem os companheiros de brincadeiras aos quais amavam; simplesmente os têm perto de si para brincar com eles durante o que nós chamamos noite, em lugar do dia, de tal sorte que não se ressentem nem de perda nem de separação. Durante “nosso” dia jamais são deixadas sozinhas, pois naquele mundo, assim como neste, as crianças se reúnem, brincam entre si, divertem-se numa espécie de Campos Elíseos, cheios de atrações raras e estão sempre em júbilo e, amiúde, turbulentamente felizes.

Mesmo aquelas crianças cujos pensamentos naturalmente se voltam mais para assuntos religiosos, nunca deixam de encontrar o que anseiam. Pois existem os anjos e os santos de antigamente, e não são meramente fantasias piedosas; e os que creem neles e deles necessitam são infalivelmente atraídos para eles, encontrando-os mais gloriosos e benignos do que sonharam na imaginação. E mesmo aqueles que houverem de encontrar o Próprio Deus (Deus em forma material), não ficarão contrariados; pois Instrutores gentilíssimos e muito bondosos explicam-lhes que todas as formas são formas de Deus, já que Ele se encontra por toda parte, e os que sirvam e ajudem a mais ínfima de suas criaturas verdadeiramente estão servindo e ajudando a Ele. Como as crianças gostam de ser úteis, naqueles mundos superiores abre-se diante delas um vasto campo de ajuda e bem-estar em suas ações de misericórdia e amor para com os ignorantes.

Não devemos temer pelas pequenas criaturas que ainda forem incapazes de brincar, pois muitas mães defuntas esperam ali para atraí-las amorosamente até seu seio, para recebê-las e amá-las como se fossem seus próprios filhos. Geralmente tais criaturas descansam no mundo espiritual por muito pouco tempo, conforme já se disse antes, e retornam novamente à Terra para serem, muito amiúde, filhos do mesmo pai e da mesma mãe.

P 200: *Como encontraremos nossos amigos e seres queridos no mundo celeste?*

R: Se um ser ama a outro com amor profundo e altruísta, cria uma vigorosa forma-pensamento ou imagem mental daquele amigo ou parente, e naturalmente leva consigo aquela imagem ao mundo celeste, já que esse amor, em virtude de sua falta de Egoísmo, pertence ao respectivo nível de matéria. A força de tal amor é suficientemente poderosa para atuar sobre o Ego do amigo, na parte superior de seu corpo mental, porque é o Ego ou a alma, e não o corpo físico, o que o ser amou com amor puro. Agora, o Ego do ser amado, sentindo aquela vibração, responde subitamente a ela, e se infunde a si mesmo naquela forma-pensamento criada pelo residente do *Devachan*. E assim, o amigo daquele ser acha-se, real e vividamente, diante dele, e não importa que esteja vivo ou morto, pois o chamado se faz não ao fragmento do amigo, que muitas vezes está prisioneiro num corpo físico, mas ao Ego, que pode responder simultaneamente aos afetos de uma centena de amigos, já que nenhuma quantidade de manifestações num nível inferior pode esgotar a plenitude do Ego, assim como nenhuma quantidade de linhas pode fazer um quadrado, ou nenhum número de quadrados um cubo.

Por conseguinte, no mundo celestial cada ser terá ao redor de si todos os amigos e parentes que desejar, e estes se apresentarão sempre sob seu melhor aspecto, já que se acham duas etapas mais próximas da realidade do que quando habitaram nas limitações do corpo físico.

Essa mesma observação vale quando se trata de um homem cuja inspiração tiver sido a devoção a uma deidade pessoal; a deidade estará sempre presente ante o morto, muito mais vividamente do que no plano físico.

P 201: *Acaso um morto, no céu, pode observar e esperar seus amigos e entes queridos que estejam na Terra?*

R: Não. Como poderia um morto ser feliz no céu se olhasse para a Terra e visse que os seres a quem ama estão cheios de pesares ou cometendo algum pecado; ou, por exemplo, se sua mulher estivesse desesperada pela perda dele, ou o que seria ainda pior, se ela tivesse se casado imediatamente com outro?

Tratando-se do esperar, não melhora muito o caso, pois ele teria um longo e cansativo período de espera, que às vezes se estenderia por anos, podendo acontecer de o amigo chegar tão mudado que não seria agradável sua companhia. Porém, de acordo com a ordem natural, todas essas dificuldades são evitadas, e aqueles a quem o morto amava encontram-se sempre com ele e sob seu aspecto mais nobre e melhor, já que não pode acontecer nenhuma mudança, ou discórdia, entre eles, porque ele recebe de Deus, o tempo todo, exatamente o que espera.

P 202: *Se uma alma passa tanto tempo no Devachan entre duas encarnações, quais são suas oportunidades de desenvolvimento durante esta permanência?*

R: I. Por causa das qualidades que desenvolveu em si, tal ser abriu as correspondentes “janelas” no mundo celestial, e pelo exercício continuado dessas qualidades durante longo tempo, as reforçará sobremaneira e voltará à Terra ricamente equipado. Como os pensamentos se intensificam pelo uso reiterado, um homem que tiver empregado centenas de anos em verter afeto desinteressado saberá, certamente, amar mais e melhor. A vida no *Devachan* é de assimilação e as formas pensamento das aspirações ou de experiências mentais e morais, acumuladas na Terra, são entretidas no caráter da alma como faculdades mentais e morais, e vêm a ser os poderes e as qualidades, as capacidades e as tendências para sua próxima vida sobre a Terra.

II. Devido às suas aspirações, se porá em contato com alguma das grandes hierarquias de espíritos e aprenderá muito. Por exemplo, dos *Gandharvas*, uma grande Ordem Angélica que se dedica especialmente à música, poderá aprender combinações novas e maravilhosas de tons musicais.

III. Obterá informação adicional e maior instrução mediante as imagens mentais feitas por outros, se estes estiverem suficientemente desenvolvidos para instruí-lo. Alguém que estiver diante de uma forte imagem do Mestre, obterá por intermédio dela ensinamento e ajuda precisos.

P 203: Existem sete classes diferentes de céus como geralmente se crê, e passa um ser através de todas elas sucessivamente, conforme ocorre no plano astral?

R: Conforme já se explicou no Capítulo II, existem sete subdivisões no mundo mental, assim como no astral. As três superiores, os níveis *Arupa Loka* ou “Sem Forma”, são a residência do Ego no corpo causal, enquanto que os quatro níveis inferiores, os *Rupa Loka*, formam o céu onde os seres passam sua vida celestial no corpo mental. Como no corpo mental nada existe que corresponda à redistribuição da matéria astral, um ser não passa através das sucessivas etapas ou regiões do mundo celestial uma após a outra, como ocorre no mundo astral, mas é atraído até o nível que corresponda mais intimamente ao grau de seu desenvolvimento, e passa ali toda sua vida no corpo mental.

A característica dominante da subdivisão inferior, ou seja, a sétima, é o afeto não Egoísta pela família, pois toda tintura de Egoísmo precisa ser esgotada no plano astral. A sexta tem a característica da devoção religiosa antropomórfica, enquanto que a quinta tem a característica da devoção que se expressa a si mesma em trabalho de qualquer classe. Todas essas três subdivisões se referem à ação própria de uma devoção a personalidades, sejam elas família, amigos ou deidade pessoal.

A quarta subdivisão tem como nota dominante a mais extensa devoção pela humanidade, que inclui aquelas atividades relacionadas com propósitos altruístas, de conhecimento espiritual, alta filosofia ou pensamento científico, habilidade artística ou literária desprovida de Egoísmo, e em geral o serviço por amor ao serviço.

Ao final da vida celeste, que dura diferentes períodos, conforme se explicou no Capítulo IV, chega a vez do corpo mental ser descartado como sucedeu a outros, e começa então a vida do homem no corpo causal.

P 204: *O que acontece ao homem no céu superior, nos três subplanos mais elevados do mundo mental, quando se encontra em seu corpo causal, já terminada sua vida celestial no mundo mental inferior?*

R: Todas as faculdades mentais que se expressam nos níveis inferiores são atraídas para o corpo causal, com todos os gérmenes de vida passional que se infundiram no corpo mental, procedentes do astral quando do abandono do cascão astral. Terminada uma ronda de sua peregrinação, o Pensador reside por algum tempo em sua própria pátria nativa; a alma aqui não necessita de “janelas”, pois todas as paredes se desvaneceram; porém, como a maioria dos homens tem tão somente uma obscura consciência de seus arredores nestas alturas, descansam ali por um período curto de tempo, apenas conscientes, mas assimilando os pequenos resultados da última vida terrestre.

Entretanto, se o homem já está desenvolvido, sua vida no nível *Arupa* é muito mais longa, rica e intensa, já que seu corpo causal cresce e se organiza melhor; e ele retorna à vida terrestre com um conhecimento maior e com um poder mais efetivo para ajudar a si mesmo e aos demais. No subplano mais elevado vivem os Mestres e Adeptos e seus Discípulos mais adiantados; no imediatamente inferior, as almas cuja evolução superior é testemunhada por sua cultura interna e seu refinamento natural quando vivem em corpos terrestres; e no terceiro subplano a vasta maioria dos 60 bilhões de almas, de que antes se falou, que formam a massa de nossa ainda atrasada humanidade.

A duração da estada de um ser no mundo mental superior depende de sua etapa evolutiva, assim como de seu profundo pensar e nobre viver durante a vida terrena, de acordo com o descrito no Capítulo IV.

Todavia, para todo homem, por menos que tenha progredido, advém um momento de clara visão antes de seu retorno à Terra, e ele vê sua vida passada com as causas que terão de ser trabalhadas no futuro, e, olhando para o porvir, vê também sua próxima encarnação, que o espera com possibilidades e oportunidades. Então as nuvens da matéria se fecham sobre ele e obscurecem sua visão, e principia um novo ciclo de encarnação, com o despertar dos poderes da mente inferior através de *Tanha*, a sede cega pela vida manifestada, conforme foi explicado no Capítulo IV ao se falar de reencarnação.

CAPÍTULO VII

O PODER DO PENSAMENTO, SUA AÇÃO E SEU USO

P 205: O que é o pensamento e como se manifesta?

R: O pensamento é uma mudança na consciência, que corresponde a uma modalidade de movimento na matéria do plano astral. Já falamos de *Manas*, o Pensador, que pensa ou conhece, e a *Mente* é tão só um instrumento seu para obter conhecimento, um órgão de consciência em seu aspecto como conhecedor. Vemos os objetos quando a luz-éter atua em ondulações entre eles e nossos olhos; quando pensamos em algum objeto, o pensamento-éter, isto é, a matéria do mundo mental, atua em ondulações entre aquele objeto e nossa mente. Sempre que pensamos, as ondas correspondentes aos mesmos repercutem em nosso corpo mental e modificam o arranjo de sua matéria. Tem o mesmo efeito as ondas de pensamento criadas por outros.

Vimos no Capítulo III que o homem possui um veículo correspondente a cada um dos mundos interpenetrantes de nosso Sistema Solar; que seu corpo astral é o veículo de seus desejos, paixões e emoções; e que, de igual modo, seu corpo mental é o veículo para a expressão de seu pensamento. Na matéria do corpo mental é onde surge primeiro o pensamento como uma vibração visível ao olho do clarividente, vibração que produz vários efeitos, tão definidos em sua ação sobre o tipo fino de matéria que o compõe como o poder do vapor ou da eletricidade sobre a matéria física.

Apenas umas poucas pessoas ricas podem dispor de vapor ou de força elétrica para algum trabalho útil; porém, cada ser humano, rico ou pobre, jovem ou velho, tem à sua disposição uma considerável proporção das forças dos mais finos tipos de matéria, que respondem às influências do pensamento e da emoção humanos. Esse poder, embora comum a todos, é inteligentemente usado hoje somente por alguns. Sua posse traz consigo responsabilidade; mas a maior parte dos homens está fazendo mau uso desse poder por causa de sua ignorância, e em vez de utilizar em sua plenitude essas magníficas possibilidades, inconscientemente está causando danos, tanto a si como aos demais.

P 206: *O que dizem sobre o pensamento as escrituras das diferentes religiões do mundo?*

R: “Tão só os pensamentos originam a roda de nascimentos”, diz uma Escritura Hindu, e ainda “Que cada homem trate de purificar seus pensamentos; naquilo que um homem pensa, nisso se converterá”. “Tal como um homem pensa em seu coração, assim é”, disse o Sábio Rei de Israel. “Tudo o que somos está constituído por nossos pensamentos”, declarou o Buda. A Pureza (de pensamentos, palavras e obras) é a chave da religião zoroástrica: “A Pureza é a maior bem-aventurança” e “A pureza em palavras e obras depende evidentemente da pureza do pensamento”. “Quem quer que olhe

cobiçosamente uma mulher, já cometeu adultério com ela em seu coração”, disse o Cristo, e também: “O que odeia seu irmão é um assassino”.

O pensamento é real em dois sentidos: direta e indiretamente. Todo mundo reconhece a ação indireta do pensamento, pois é óbvio que a pessoa deve pensar primeiro, antes de fazer algo, e o pensamento é a força motriz da ação, assim como a água é a força motriz do moinho. Mas as pessoas, em regra, ignoram que o pensamento tem também uma ação direta sobre a matéria, e que se um homem traduz ou não seu pensamento em ação ou palavra, o pensamento já produziu seu efeito. Além do mais, como o pensamento é o pai da ação, uma pessoa poderá modelar seu caráter e, por conseguinte, seu destino, pelo exercício desse poder.

P 207: Quais são os efeitos do pensamento?

R: Em termos gerais podem ser divididos em dois grupos: os efeitos produzidos sobre o próprio homem e os produzidos fora do homem.

Os efeitos produzidos sobre o próprio homem são: primeiro, o efeito sobre o próprio corpo mental, ou seja, a formação do hábito de repetir determinado pensamento; e segundo, os efeitos produzidos sobre os outros dois veículos, os corpos astral e causal, que apresentam grau de densidade respectivamente menor e maior que o corpo mental, ou seja, um resultado temporário sobre suas emoções e um resultado permanente na construção de qualidades no Ego.

Os efeitos fora do homem são a produção de uma vibração irradiante e de uma forma flutuante.

P 208: Pode descrever em detalhe os efeitos sobre o próprio homem?

R: O efeito do pensamento sobre o corpo mental do homem é o estabelecimento de um hábito nele, porque o pensamento tende a repetir-se. Embora existam diferentes tipos de matéria no corpo mental, apresentando cada tipo de matéria um tipo especial de vibração ao qual responde rapidamente, um pensamento poderoso coloca sob o mesmo tipo de oscilação a matéria de todo o corpo mental. Se um homem acostuma seu corpo mental a certo tipo de vibração, tal corpo aprende a reproduzi-la e adquire o costume de repetir imediatamente o pensamento a que corresponde. Por outro lado, uma mente ocupada por certos pensamentos atua como um ímã, atraindo pensamentos similares de outras pessoas e intensificando o efeito inicial. Por exemplo, se uma pessoa pensar sempre algo nobre, estabelece um centro de atração para o qual convergem outros pensamentos elevados, atraídos por afinidade magnética, e sua mente é ajudada e fortalecida por esses pensamentos que afluem do exterior, ganhando assim mais do que oferece.

Em segundo lugar temos os efeitos sobre os corpos astral e causal. A perturbação num tipo de matéria física se comunica a outro tipo, mais denso ou mais fino; por exemplo, o vento perturba a superfície do mar e um terremoto produz uma grande onda no oceano. De modo semelhante, uma perturbação na matéria tosca do corpo astral, isto é, uma emoção, pode causar ondulações na matéria mais fina do corpo mental, a saber, um pensamento correspondente

à emoção; e vice-versa, um movimento no corpo mental pode afetar a matéria mais densa do astral, caso de um pensamento que provoque uma emoção. E assim pode um homem, insistindo em pensar que sofreu uma ofensa, inflamar-se facilmente e sentir cólera; ao passo que, alimentando pensamentos de calma, pode evitar tal cólera.

Igualmente, o corpo mental atua também sobre o causal, que é mais fino, maneira pela qual os pensamentos habituais constroem qualidades no próprio Ego. Conforme já se explicou no Capítulo V, ao se falar de Carma, o pensamento constrói o caráter. As qualidades que formam o caráter da personalidade – caráter que se mostra no corpo mental e que é moldado por cada uma de suas personalidades ao longo das reencarnações, mediante o treinamento e as circunstâncias que o rodeiam – são absorvidas no corpo causal e se convertem no caráter persistente do indivíduo. E o homem retorna à Terra com essas qualidades, como capital disponível para uma nova vida.

E assim, considerando os efeitos sobre o homem mesmo, vemos que em primeiro lugar o pensamento tende a repetir-se e a constituir um hábito; e em segundo lugar, que atua sobre o homem não só temporariamente, em suas emoções, como também permanentemente, em seu caráter. Mais adiante, ao tratar-se das formas de pensamento, ver-se-á outro resultado, específico dos pensamentos concentrados no próprio pensante.

P 209: Dos resultados do pensamento que são externos ao homem, pode descrever o primeiro, ou seja, a vibração radiante?

R: O pensamento em si aparece primeiramente, ante a visão clarividente, como uma vibração no corpo mental, que pode ser simples ou complexa. Se o pensamento for puramente intelectual, como, por exemplo, se o homem pensar numa questão filosófica ou num problema de matemática, a vibração resultante fica confinada ao mundo mental; se o pensamento for de natureza espiritual, se estiver tingido de amor, aspiração ou sentimento não Egoísta, se eleva aos reinos do Mental superior, ou, mais ainda, até o plano Búdico, e pode ser extremamente poderoso e glorioso. Mas a maioria dos pensamentos humanos de maneira nenhuma é simples. Existe o afeto absolutamente puro, porém, muito frequentemente, o encontramos tingido de orgulho ou Egoísmo, de ciúmes ou de paixões animais; e assim, quando um pensamento está manchado por desejos pessoais, suas vibrações tendem para baixo e a maior parte de sua força se gasta no mundo astral.

Existindo, pois, pelo menos duas vibrações separadas, uma no corpo mental e a outra no astral, a vibração irradiante será muito complexa, enquanto que a forma-pensamento mostrará várias cores em lugar de uma somente.

Portanto, o primeiro efeito do pensamento, externo ao homem, é uma vibração radiante (simples ou complexa, de acordo com a natureza do pensamento), tão somente no oceano de matéria mental ou em ambos os corpos, o mental e o astral, semelhante à ondulação produzida por uma pedra lançada num lago. As ondulações, atuando nos respectivos níveis como as vibrações de luz ou de som no mundo físico, irradiam em todas as direções e se tornam mais fracas à medida que se afastam de sua fonte. As radiações de

pensamento afetam não só o oceano de matéria mental circundante, como também outros corpos mentais que se movem nele. As vibrações de uma nota qualquer tocada num piano são levadas através do ar e põem em ação a nota correspondente em outro piano que estiver afinado no mesmo tom. Do mesmo modo, sendo transmitida uma vibração de pensamento num corpo mental através da matéria mental, tende a reproduzir-se em outro corpo mental, isto é, produz em outra mente um pensamento do mesmo tipo que aquele da mente do pensador que emitiu a vibração; em outras palavras, pode-se dizer que o pensamento é “infeccioso”.

A força da radiação verte-se principalmente sobre algum dos quatro níveis do mundo mental inferior; mas estando os pensamentos de um homem concentrados ao redor de si, são ondulações da subdivisão inferior do mundo mental e, devido a seu corpo mental estar ainda sem desenvolvimento, as porções superiores daquele corpo acham-se completamente adormecidas.

A distância percorrida por tal onda, bem como a intensidade e duração com que repercute sobre os corpos mentais de outros, dependem da força e clareza do pensamento originário, já que o pensador encontra-se na mesma posição que um orador que põe em movimento ondas e sons no ar, que se irradiam em todas as direções e transmitem sua mensagem, dependendo a distância à qual pode chegar sua voz da força e clareza de sua enunciação. E assim, um pensamento poderoso chegará muito mais longe que um débil e indeciso, mas a clareza e precisão são de importância ainda maior que a força. Igualmente, como uma voz que caísse sobre ouvidos surdos, uma forte onda de pensamento pode passar sem afetar a mente de um homem que já estivesse ocupada com outra linha de pensamento.

Essa vibração radiante transmite o caráter do pensamento, mas não seu assunto, e é extremamente adaptável. Pode reproduzir-se exatamente, se encontra um assunto que responda facilmente a ela em todos os sentidos. De outra maneira, produz um efeito decidido sobre linhas amplamente semelhantes às suas. As vibrações devocionais que brotem de um hindu em êxtase de adoração a Shri Krishna, repercutindo sobre o corpo mental ou astral de outro correligionário, farão surgir neste um pensamento ou um sentimento idêntico ao original; porém, se as mesmas vibrações repercutem sobre um maometano ou sobre um cristão, poderá suscitar neles o sentimento de devoção a Alá ou a Cristo (ou à Santíssima Virgem), respectivamente; e mesmo se tocarem o corpo mental de uma materialista que não tivesse nenhuma ideia de devoção, produziriam um efeito exultante ao excitar a parte superior de seu corpo mental para certa classe de atividade, já que não poderiam criar um tipo de vibração inteiramente alheio ao homem. E assim, um homem cujo pensar siga linhas nobres e elevadas, está fazendo obra de missionário, mesmo que seja inteiramente inconsciente disso.

Ao contrário, se um homem pensar em outro com ódio ou malícia, irradiará uma onda propensa a provocar paixões similares em outros; e ainda que seu sentimento de ódio por alguém possa ser ignorado por aqueles outros, a ponto de ser impossível que o compartilhem, a radiação fará surgir neles uma emoção da mesma natureza para com um homem inteiramente distinto. E por

esse motivo eles poderão chegar, no ardor da paixão, até a cometer um assassinato; mas o primeiro homem que irradiou a onda, a que proporcionou força ao golpe assassino, terá que repartir o carma do homicídio, como um dos que originaram tal paixão.

P 210: A que se assemelha o corpo astral de um homem comum, com suas paixões e desejos, quando é visto clarividentemente?

R: O corpo ordinário (não de um homem especialmente mau, impulsivo ou apaixonado, mas de um homem comum), quando é examinado clarividentemente, é visto como se tudo fosse uma massa (formando algo como um redemoinho). Em vez de certas estrias de cores, claramente marcadas e circulando a superfície de seu corpo astral, são vistos 50 ou 60 pequenos vórtices ou redemoinhos, em movimento veloz, cada um dos quais constitui um grosso nó, como uma verruga no corpo físico. Estas coisas invadem o corpo astral do homem por toda parte, impossibilitando-lhe pensar com a clareza e precisão com que poderia fazê-lo se tudo aquilo estivesse em ordem. Devido a esses pequenos vórtices atuarem todo o tempo, os pensamentos da maior parte dos homens jamais são inteiramente claros e suas emoções nem são definidas nem se exercem numa só direção.

Ao se analisarem esses torvelinhos, descobre-se que todos se originaram ou de uma pequena explosão de cólera, ou de insignificantes ansiedades, ou de pequenos sentimentos de susceptibilidade, de ciúmes, de inveja, e até mesmo de ódio, que o homem teve em algum momento durante as últimas 48 horas, pois tais coisas persistem pelo menos esse espaço de tempo. Se o homem renovar a mesma classe de pensamento acerca da mesma pessoa, criará um vórtice muito maior, que durará longo tempo. No entanto, se ele tem um pensamento irado contra alguma pessoa, estabelecerá um desses distúrbios na matéria de seu corpo astral, que durará um par de dias, ainda que dez minutos depois ele já tenha esquecido aquele sentimento transitório de desgosto ou creia que o efeito tenha desaparecido por completo. Esses vórtices gradualmente vão se dissipando, mas seu lugar é ocupado por outros; e nove em cada dez dos homens comuns mantêm inconscientemente seu estoque de vórtices no mesmo nível, e aparecem sempre salpicados dessas verrugas tão feias à visão, que os impedem de pensar ou sentir como o fariam, se não as tivessem.

Todos esses torvelinhos, do ponto de vista da força psíquica, são como escoriações abertas pelas quais está escapando continuamente a força de vontade do homem; e a primeira coisa que deverá fazer uma pessoa que queira conservar suas energias, e realizar um bom trabalho, é restringir todas essas fontes de desperdício e conservar seus corpos astral e mental em perfeita calma, mediante o controle de seu temperamento, evitando todas as insignificantes contrariedades e todos os pensamentos e pequenos sentimentos indesejáveis.

P 211: Qual é o segundo efeito do pensamento fora do homem?

R: O segundo efeito do pensamento, externo ao homem, é a criação de uma forma mental definida e flutuante.

Os corpos mental e astral têm a ver, principalmente, com o aparecimento das formas de pensamento. Cada pensamento produz as respectivas vibrações na matéria do corpo mental, acompanhadas de um maravilhoso jogo de cores; e o corpo mental, sob esse impulso, desprende uma vibrante porção de si mesmo, conforme a natureza das vibrações. Essa porção reúne em torno de si matéria semelhante à da essência elemental mental que nos rodeia em todas as direções, produzindo uma forma-pensamento de uma única cor, se o pensamento for simples. Mas quando a energia do homem flui para o exterior até objetos externos de desejo, ou se ocupa em atividades passionais ou emocionais, essa energia trabalha não na matéria mental, mas na matéria mais tosca do corpo astral, ou corpo de desejos. E assim, quando estão excitadas as paixões de um homem ou quando o invade uma onda de emoção, seu corpo astral entra numa agitação violenta, com várias cores características irradiando-se através dele. Então o corpo astral dá origem a uma segunda classe de entidades, semelhantes em sua constituição à simples forma-pensamento, porém limitadas ao plano astral, e causadas pela atividade de *Kama-Manas*, ou seja, a mente dominada pelo desejo. O corpo astral, ao vibrar, solta uma porção de si mesmo, conforme a natureza das vibrações, e isto atrai para ele algo da essência elemental do mundo astral. Tal “forma-pensamento” tem, como corpo, essa essência elemental, e como alma, o desejo ou paixão que a irradiou, enquanto que sua força será proporcional à quantidade de energia mental combinada com o desejo ou a paixão. As formas mentais dessa segunda classe são, em larga escala, as mais comuns, já que muito poucos pensamentos de pessoas ordinárias estão livres de desejo, paixão ou emoção.

A essência elemental, mencionada em conexão com a segunda onda de vida, no Capítulo VIII, aquela estranha vida semi-inteligente que nos rodeia em todas as direções, não se acha diferenciada em formas estáveis ou persistentes. A matéria dos mundos astral e mental, independentemente de uma alma que faz dela seu veículo, encontra-se animada por essa essência elemental, uma classe peculiar de vida, que é delicadamente sensitiva, plena de vitalidade e não individualizada. O efeito produzido nas partículas de água num copo, ao passar por elas uma corrente elétrica, poderia dar uma fraca ideia da vitalidade e energia dos graus de matéria mental e astral, à medida que a essência elemental dos tipos I, II e III a afeta e vivifica. Essa matéria vivificada está, por assim dizer, num “estado crítico”, pronta a “precipitar-se” em formas de pensamento, no instante em que a afete uma vibração de pensamento emitida pela mente de um pensador. E assim responde facilmente à influência de pensamentos e sentimentos humanos, revestindo-se cada pensamento, ou impulso, de um veículo temporário dessa matéria vitalizada. Tal pensamento ou impulso converte-se temporariamente numa criatura viva, sendo a alma a força-pensamento e o corpo a matéria vivificada, e é conhecida como uma forma-pensamento ou um elemental artificial. Uma forma-pensamento é uma entidade viva, com uma vigorosa tendência a levar a cabo

a intenção do pensador, porém não é nem autoconsciente nem capaz de experimentar prazer ou dor. Existe uma variedade infinita na cor e aparência de tais formas de pensamento, pois cada pensamento atraiu para si a matéria que lhe é adequada para sua expressão, e faz vibrar aquela matéria em harmonia com a sua própria. De acordo com o tipo e a qualidade do pensamento, será a forma mental criada na essência elemental, mental ou astral. Essas formas de pensamento são passageiras, ou então duram horas, meses ou anos; daí serem classificadas entre os habitantes dos mundos invisíveis sob o nome de “elementais”. Há quatro princípios gerais que regulam a produção de todas as formas de pensamento:

- I. A qualidade ou caráter do pensamento determina a sua cor.
- II. A natureza do pensamento determina a sua forma.
- III. O grau de definição do pensamento determina a precisão ou clareza do contorno.
- IV. A firmeza e força do pensamento determinam a sua duração e tamanho.

As cores indicam o caráter do pensamento e estão de acordo com as que existem nos corpos sutis, que já descrevemos no Capítulo III.

O efeito de uma forma-pensamento é menos amplo, porém mais preciso, que o de uma ondulação radiante. A forma não pode alcançar tantas pessoas, e de fato não pode atuar sobre alguma pessoa a menos que esta tenha em si algo que esteja em harmonia com a energia que anima tal forma; todavia, quando atua, repercute no corpo mental e influencia não meramente um pensamento de natureza similar, mas o mesmo pensamento atualizado. Uma radiação pode afetar milhares de pessoas, fazendo surgir nelas pensamentos do mesmo nível que o originário, porém, talvez nenhum idêntico àquele pensamento. Entretanto, uma forma-pensamento, mesmo que possa afetar tão somente a uns poucos, reproduz exatamente a ideia que lhe deu origem.

P 212: Pode esclarecer mais o assunto apresentando uma classificação das formas de pensamento?

R: Todas as formas de pensamento podem ser divididas em três grupos:

I. Aquelas que assumem a imagem do pensador: quando um homem pensa de si mesmo como se estivesse em algum lugar distante, ou quando deseja ardentemente estar naquele lugar, cria uma forma-pensamento de sua própria imagem que aparece ali, a qual, sendo algumas vezes vista por outros, é tomada pelo corpo astral daquele homem.

II. As que adotam a imagem de algum objeto material: quando um homem pensa em algum amigo, numa casa, numa paisagem, num livro, etc., forma, dentro de seu corpo mental, uma pequena imagem daquele amigo ou de qualquer coisa em que tiver pensado. Essa imagem flutua na parte superior daquele corpo, geralmente em frente ao rosto do homem e ao nível de seus olhos. Permanece ali durante o tempo em que o homem se achar contemplando aquele objeto e, geralmente, por mais algum tempo, antes que

se externe ou morra, dependendo da duração no tempo, da intensidade e da clareza do pensamento.

III. As que assumem uma forma inteiramente própria, expressando as qualidades inerentes na matéria que acumulam ao redor de si: diferentemente do primeiro e do segundo grupos, em que representar formas de pensamento consiste, tão somente, em esboçar retratos, paisagens, etc. (temos a matéria plástica mental ou astral modelada à semelhança das formas que pertencem ao plano físico), neste terceiro grupo temos um vislumbre das formas próprias dos planos astral ou mental.

Esse último grupo pode ser dividido em três classes:

- 1) Pensamentos dirigidos a outra pessoa ou pessoas.
- 2) Pensamentos concentrados no próprio pensador.
- 3) Pensamentos não dirigidos a outra pessoa ou pessoas, nem concentrados no próprio pensador.

As formas de pensamento das três classes deste terceiro grupo manifestam-se principalmente no plano astral, já que a maior parte delas é expressão de sentimento tanto quanto de pensamento. A vibração de um pensamento com algo de desejo pessoal volta-se para o inferior e atrai em torno de si um corpo de matéria astral, em adição a seu revestimento de matéria mental. A forma pensamento resultante pode atuar sobre os corpos astrais dos homens, assim como sobre suas mentes; portanto, pode não só suscitar pensamentos dentro deles, como também produzir emoções.

Alguns detalhes sobre cada uma dessas três classes:

- 1) Pensamentos dirigidos a outra pessoa ou pessoas

Suponhamos que um homem envia um pensamento de afeto ou devoção, de inveja ou de ódio; tal pensamento, assim como qualquer outro, produzirá uma vibração radiante que afetará a todas aquelas pessoas que ficarem dentro de sua esfera de influência; mas a forma-pensamento assim criada tem uma intenção definida; por isso, tão logo se separa dos corpos mental e astral do pensador, vai diretamente até a pessoa na qual se pensou e penetra em sua aura. É uma espécie de Garrafa de Leyden, que existe para o único propósito de descarregar-se e aproveita a primeira oportunidade de fazê-lo. A essência elemental, da matéria astral e da matéria mental, forma a garrafa, enquanto que a energia do pensamento corresponde à carga de eletricidade. Se o ser a quem é dirigida acha-se numa condição passiva, ou pensando em algo similar, em sua natureza, à forma-pensamento, esta naturalmente descarregará a si mesma, provocando ou intensificando uma ondulação semelhante à sua; porém, se ele se encontrar ocupado ativamente com algum outro trabalho, a forma-pensamento vaga ao redor dele esperando uma oportunidade favorável para descarregar-se.

Todavia, um pensamento bom ou mau, para cumprir sua missão, deverá encontrar, na aura do sujeito a quem é enviado, materiais capazes de responder simpaticamente a suas vibrações; de outro modo, em nada poderá afetar aquela aura, mas ricocheteará nela com uma força proporcional à energia com a qual se chocou sobre ela. Por conseguinte, um mau pensamento lançado contra alguma pessoa santa é rechaçado pelo corpo dela

e, ricocheteando em sua própria energia, regressa ao longo da linha magnética de menor resistência e é descarregada sobre aquele que a originou, por ter este, dentro de seus corpos astral e mental, matéria semelhante à da forma-pensamento. E assim, “as maldições, ou mesmo as bênçãos, voltam à sua casa para aninharem-se”.

Um pensamento cheio de intensidade, digamos, de um desejo puro carregado de amor ou benevolência, construirá uma forma de extraordinária beleza, tanto em seu contorno quanto em sua cor; enquanto que um pensamento de cólera, ódio ou vingança, ou de qualquer outra má paixão, construirá uma forma repugnante em sua deformidade, que será o próprio demônio do mal, cheio de ânsias de prejudicar e destruir. O amor de uma mãe produz uma maravilhosa forma-pensamento, cheia de ternura, rondando em torno dos filhos como um agente protetor e defensor, buscando toda oportunidade de servir e defender, alegrando-os em suas tristezas e, como um verdadeiro anjo guardião, protegendo-os no perigo e prevenindo-os na tentação.

2) Pensamentos concentrados no próprio pensador

Um pensamento dirigido a outra pessoa voa como um projétil até ela; porém, se está conectado com o pensador mesmo, permanece flutuando próximo de seu criador, pronto para reagir sobre ele e para suscitar de novo em sua mente o mesmo pensamento, cada vez que esteja, ainda que por um momento, em condição de passividade. A maior parte de pensamentos e sentimentos de um homem ordinário está concentrada nele próprio, daí suas formas permanecerem vagando ao redor dele. Geralmente cada pensamento claro e preciso cria uma nova forma-pensamento; porém se já se encontrar vagando em torno do pensador uma forma-pensamento de natureza igual, sob certas circunstâncias, em vez de um novo pensamento sobre o mesmo assunto dar origem a uma nova forma, incorpora-se à antiga e a fortalece, de tal modo que, por uma longa repetição do pensar sobre o mesmo assunto, uma pessoa poderá às vezes criar uma forma-pensamento de tremendo poder. E assim, cada homem tem edificado para si mesmo uma crosta de formas de pensamentos, verdadeiro revestimento, tanto de sentimentos quanto de pensamentos, e o homem viaja através do espaço rodeado sempre de uma hoste de tais formas e encerrado, por assim dizer, dentro de uma jaula criada por ele próprio. Enquanto sua mente está ocupada com outros pensamentos, essas formas revolteiam ao redor dele à espera de sua vez; mas no momento em que aqueles pensamentos se esgotam, ou que sua mente fica desocupada ou em estado passivo, ele, sendo o mais próximo de tais formas, sente a reação delas na primeira oportunidade e, experimentando a pressão de seus maus pensamentos como se fosse uma sugestão do exterior, se acredita tentado pelo diabo. E assim é como um homem, que habitualmente pensa de má fé ou cobiça os bens de outro, poderá cometer um roubo num momento de debilidade.

Ao contrário, um homem cujos pensamentos habituais sejam de pureza, poderá, sob a pressão de suas formas de pensamento, capacitar-se para

efetuar boas obras, as quais, estando muito acima de seu poder normal, lhe parecerão tê-las feito com a ajuda dos anjos, embora ambos os exemplos mencionados sejam, meramente, casos de reação natural dos respectivos sentimentos e pensamentos habituais do homem.

3) Pensamentos não dirigidos a outra pessoa ou pessoas, nem concentrados no próprio pensador

Uma forma-pensamento gerada por essa classe de pensamentos nem revolteia ao redor da pessoa, seguindo-a aonde ela vá, nem dispara para longe em busca de um objetivo definido, mas simplesmente permanece flutuando ociosamente na atmosfera em que foi criada, irradiando vibrações similares às que originariamente seu criador emitiu. Se não tomar contato com algum outro corpo mental, seu depósito de energia se esgota gradualmente, consumido pela radiação, e a forma se desintegra por completo; porém, se aquela forma-pensamento consegue despertar vibrações simpáticas em qualquer corpo mental próximo, é atraída e geralmente absorvida por esse corpo mental. Um homem comum tem numerosos pensamentos dessa classe e os deixa atrás de si como uma espécie de estrela que marca a rota de seu criador.

Toda a atmosfera está assim cheia de pensamentos vagos desse último tipo; assim, enquanto caminhamos ao largo, abrindo passagem, por assim dizer, através desses fragmentos vagos e errantes dos pensamentos de outras pessoas, nossas mentes, quando não decididamente ocupadas, são seriamente afetadas por eles. A maioria de tais formas, ao passar por uma mente ociosa, não desperta nenhum interesse especial, embora esporadicamente surja uma que atraia a atenção, e então a mente, fixando-se nela, a alimenta por um momento ou dois, e a libera um pouco mais forte do que estava na chegada. Nem a quarta parte de nossos pensamentos são nossos: são simplesmente fragmentos tomados da atmosfera, na maior parte dos casos, sem valor algum e com uma tendência geral mais claramente marcada para o mal do que para o bem.

Cada homem ordinário produz as três classes de formas de pensamentos mencionadas, durante toda sua vida. Estamos, pois, povoando nossa atmosfera com anjos de beleza e de virtude, ou então com demônios repugnantes de fealdade e de vício, isto é, purificando ou sujando as mentes de nossa geração. Se alguma vez pudéssemos vê-los, sua visão nos faria meditar e ser sempre cuidadosos, para pôr de lado todo pensamento mau ou impuro. E assim, já não podemos afirmar que nossos pensamentos são coisa exclusivamente nossa, ou que não importa quais são nossos pensamentos, e que devemos ser cuidadosos apenas com nossas palavras e ações. De fato, nossos pensamentos são menos nossos que nossas palavras e ações, em razão de alcançarem uma distância muito maior de nós do que o conseguem palavras e ações, e porque a influência deles, ao se exercer diretamente sobre as mentes dos demais, é mais poderosa e tem maior expressão.

Tal é o poder de ação dos pensamentos sobre nós mesmos e sobre os demais. Não só nos afetamos grandemente ao formar nossos hábitos de

caráter nos corpos astral e mental, e ao edificar qualidades permanentes no corpo causal, como também influenciaremos aos demais, seja para o bem ou para o mal, ao irradiar vibrações e formas de pensamentos de várias classes.

P 213: *Já compreendemos a ação ou os efeitos dos pensamentos. Como devemos usar esse conhecimento?*

R: Há dois usos principais:

1. Podemos fomentar nossa própria evolução.
2. Podemos ajudar nossos semelhantes.

P 214: *Como podemos impulsionar nossa própria evolução mediante o conhecimento do poder do pensamento?*

R: Visto que cada pensamento ou emoção produz um efeito permanente ao fortalecer ou debilitar uma tendência, e que cada vibração de pensamento e cada forma-pensamento reage inevitavelmente sobre o pensador, devemos exercitar um grande controle e cuidado com relação a cada pensamento ou impulso que permitimos dentro de nós mesmos. Uma pessoa comum permite-se ceder a toda classe de emoções e pensamentos, mas por um estudo científico da ação dessas forças, conforme acima se apresentou, pode dar-se conta de que é tanto de seu interesse, quanto seu dever, manter todas as suas emoções e pensamentos sob um controle absoluto. A etapa de evolução na qual nos encontramos é o desenvolvimento do corpo mental, e quando uma pessoa reconhece que a mente não é o homem, mas um instrumento para uso por ele, deve ajudar aquele desenvolvimento impedindo que a mente se entregue à ociosidade e esforçando-se para assegurar o controle sobre ela.

Devemos, por conseguinte, impulsionar nossa evolução, mantendo em primeiro lugar nossa mente e nossas emoções sob controle, para edificar ali nosso caráter; e em segundo lugar, cessar de desperdiçar loucamente nossa energia mental, que pode ser utilizada para um trabalho superior e propósitos mais elevados.

P 215: *O que devemos fazer para manter sob controle nossa mente e as emoções, e para evitar os pensamentos maus, ociosos ou inúteis que prejudicam a mente?*

R: Em vez de permitir que qualquer impulso ou sacudidela emocional nos envolva, devemos aprender a nos manter sob controle por meio da mente. Com as rédeas da mente em suas mãos, o condutor, ou seja, o homem real deve ser capaz de frear e dirigir os cavalos do desejo, que se lançam do carro do corpo físico.

O primeiro passo para controlar a mente é mantê-la utilmente ocupada. Não se deve permitir que ela fique ociosa, já que assim qualquer forma passageira de pensamento pode infiltrar-se nela, além do que, permanecendo na ociosidade, é mais provável admitir más impressões do que boas. A melhor maneira é manter no fundo de nossa mente um pensamento elevado ou alguma inspiração para um nobre viver. A mente pode ocupar-se somente com uma coisa num determinado momento; o bom pensamento escolhido deve ser

o oposto do mau pensamento que continuamente se infiltra; devemos selecionar algumas poucas palavras ou uma frase que dê corpo ao bom pensamento, para que, quando o mau pensamento aparecer na mente, esta, instantaneamente, comece a recitar a passagem selecionada, seja repetindo-a muitas vezes, ou então a repetindo uma vez e meditando sobre ela. De vez em quando, durante o dia, quando a mente estiver ociosa, devemos repetir tal passagem. Desse modo, o mau pensamento cessará gradualmente de molestar, já que a atmosfera mental criada não é propícia para sua recepção. Um tanto de palavras extraídas de alguma Escritura Sagrada, e gravadas na mente pela manhã, acorrerão a ela uma vez ou outra durante o dia, até que a mente as repita automaticamente toda vez que não estiver ocupada.

O segundo passo para treinar a mente é levar a cabo, o mais perfeitamente possível, tudo o que tenhamos de fazer. Isso requer a aquisição do poder de concentração. Uma pessoa de temperamento devocional deve criar uma imagem do objeto de sua devoção e concentrar sua mente nela; e, estando seu coração apegado a tal objeto, a mente se ocupará dele com muita facilidade. Um ser não devocional deve tomar como tema de concentração alguma ideia profunda de interesse intelectual. Um ser não atraído por personalidade alguma pode escolher uma virtude e concentrar-se nela. Isso afagará seu coração, por sua beleza intelectual e moral, e como sua mente se conformará a ela, tal virtude chegará a ser parte de seu coração. Tarefa difícil é essa, já que qualquer um, que tente manter sua mente absolutamente fixa em qualquer assunto por alguns minutos, imediatamente se cansa. Mas devemos todos tentar adquirir esse poder de concentração, enfocando nossa atenção em cada coisa que fazemos durante o dia e tentando fazê-la da melhor forma que nos seja possível. E assim, por exemplo, ao escrevermos uma carta, devemos escrevê-la bem e com máxima concentração, sem descuidar de nenhum detalhe; ao ler um livro, devemos lê-lo com toda atenção, tentando verificar profundamente o significado que o autor lhe deu. Igualmente, a pessoa que desejar treinar sua mente deverá manter-se em atividade vigilante, dando-se conta dos pensamentos que penetram em sua mente e exercitando uma constante seleção. A prática de recusar abrigo aos maus pensamentos, sua pronta expulsão quando tiverem entrado, e a substituição de um mau pensamento por um de boa índole, afinará de tal maneira a mente que, automaticamente, ela atuará repelindo o mal e atraindo o bem.

P 216: Como se constrói o caráter com o conhecimento do poder do pensamento?

R: Esse é o terceiro método de concentração, recomendado para uma pessoa não devocional, já descrito no Capítulo IV sobre o Carma como um dos “fios da corda destino”.

Vamos descrevê-lo de novo, brevemente. Examinando seu caráter, uma pessoa poderá fixar-se em algum grave defeito seu, como, por exemplo, a irascibilidade. Nesse caso, jamais deve esquecer que, sendo o pensamento um “construtor”, fixá-lo na irritabilidade torna esta mais permanente, em vez de afastá-la; portanto, deve sempre tomar como assunto de seu pensamento o

oposto de qualquer debilidade sua. Outro exemplo: para suprimir de si a falta de veracidade, deve meditar na virtude oposta, a saber, a verdade. E assim, ponderando acerca da virtude da paciência, que é exatamente oposta à debilidade da ira, deverá diariamente pela manhã, antes de sair de casa, sentar-se em recolhimento em algum lugar tranquilo, por cinco minutos, e meditar sobre a paciência, fixando a mente quando começar a divagar e trazendo-a de volta, uma e outra vez, dos desvios eventuais pelos quais venha a seguir. Deverá pensar de si mesmo como se fosse um modelo de paciência, fazendo o voto de sentir e praticar a paciência durante todo o dia na vida prática. Nos primeiros dias, é possível que não se efetue nenhuma mudança perceptível, e, embora possa às vezes dar espaço à ira, deverá perseverar na meditação todas as manhãs. Observará depois que, ao proferir alguma expressão colérica, brilhará em sua mente como um relâmpago o pensamento de que deveria ter sido paciente. Com um pouco mais de tempo, o pensamento de paciência surgirá simultaneamente ao impulso irascível, cuja manifestação extrema será reprimida. Com mais um pouco de prática, o impulso irascível irá se enfraquecendo, e por fim, ao desaparecer a irascibilidade, a paciência chegará a ser atitude normal. Desse modo, mediante o poder do pensamento pode-se adquirir uma virtude atrás da outra, e criar-se um caráter ideal, até que as paixões, apetites e a natureza inferior sejam dominados e postos totalmente sob controle.

Naturalmente, grande número de pessoas no mundo tem o costume de considerar o caráter do qual se acham dotadas como algo inalienável, que lhes foi atribuído. Se um homem tem mau gênio, vontade fraca ou sente-se cheio de desejos de coisas grosseiras, dirá: “Assim me fizeram, assim é meu caráter natural”. Não se dá conta de que ele mesmo se fez assim em suas vidas anteriores, e que, por conseguinte, se conseguir dominar qualquer uma de suas debilidades poderá modificar-se mediante seu esforço. Ele ignora que pode mudar um caráter que é indesejável, e, além disso, não compreende por que deve fazê-lo. Não é coisa fácil para um homem mudar seu caráter, que é o seu fundamento. Talvez não haja incentivo suficiente ou razão adequada para um homem comum se dar todo esse incômodo. Porém, se ele compreende o plano de Deus; se aprende a amar a Deus porque Deus é Amor, e tenta cooperar com Ele, então terá o mais poderoso de todos os motivos para adotar a atitude de cooperar na grande obra da evolução. Do mesmo modo, conhecendo a reencarnação, sabe ele que sua vida atual não é a única vida, mas que terá todas as vidas que necessitar; que o ponto até onde chegar numa vida é o ponto do qual continuará a tarefa de melhorar seu caráter, na próxima reencarnação; que por maior que seja o intervalo que transcorrer entre o fim de uma vida e o início da posterior, de nenhum modo será alterada a unidade do processo da vida, e que, por conseguinte, pode modificar-se a si mesmo, produzindo as mudanças mais fundamentais em seu caráter e em sua disposição. E assim, unicamente o conhecimento superior que dá a Teosofia fornece um incentivo eficaz para qualquer mudança séria de caráter.

P 217: *O que devemos fazer para evitar o desperdício de nossa energia?*

R: Cada pessoa tem certa quantidade de energia e é responsável por seu uso da melhor maneira possível, mas um homem comum dissipa loucamente sua força. Ele é, simplesmente, um centro de vibração agitada; constantemente acha-se em condição de ansiedade, profundamente deprimido ou indevidamente excitado por qualquer bobagem, comunicando assim suas vibrações de inquietação, embora inconscientemente, a todos aqueles que tiverem a má sorte de encontrar-se perto dele.

Outro modo muito comum de malgastar energia é a argumentação desnecessária sobre assuntos políticos ou religiosos, ou acerca dos incidentes da vida ordinária. Um homem prudente jamais trata de impor sua opinião sobre os demais, e, sabendo que não deve importar-lhe o que o outro crê, simplesmente recusa-se a gastar seu tempo e energias em disputas vãs, embora se ache disposto a dar informação quando consultado.

As pessoas envelhecem mais pelas preocupações do que pelo trabalho. Tormento inútil é o de estar repetindo a mesma cadeia de pensamentos, uma e outra vez, com muito pouca alteração e sem chegar a nenhum resultado. Dessa maneira, muitas pessoas gastam mal sua energia predizendo males para si mesmos e para seus seres queridos, ou temendo a morte ou a ruína financeira. Entretanto, não deveriam pretender cruzar a ponte, antes de chegar até ela; teriam que saber, também, que o mundo se acha governado por uma justiça absoluta; que ninguém pode prejudicá-los, a não ser como instrumentos da Lei, e que nada poderá suceder-lhes que não tenham merecido por seu carma passado. Deveriam aprender, portanto, a treinar suas mentes para confiar na boa Lei e desenvolver o costume de estar contentes.

Igualmente, um homem prudente recusa sentir-se ofendido pelas afirmações ou ações de outro, nem permite que se altere sua serenidade por causa delas, já que sabe que uma observação irritante, mesmo intencionalmente malévola, de maneira nenhuma poderá prejudicá-lo, exceto na medida em que, tolamente, permita que seus sentimentos sejam feridos, perdendo assim o controle sobre seus veículos.

*“Claro que não.
Hei de colocar minha vida em perigo
Porque ofensores rudes ou insolentes
Falem-me ao respeito?”*

*“Claro que não. Jamais o homem bom,
De juízo sereno, o reto e justo,
Há de fazer-me ofensas.
Todos os outros, os que assim não sejam,
Por muito que o creiam,
Não podem ofender-me.”*

P 218: *É o aceleração de nossa própria evolução a única vantagem que se obtém ao controlarmos nossa mente e emoções e ao economizarmos energia?*

R: Além de fomentar sua própria evolução, um ser se tornaria assim útil a seus semelhantes, evitando prejudicá-los e aprendendo como fazer-lhes bem. Por exemplo: se ele se permite encolerizar-se, não só estabelece um mau hábito e prejudica a si mesmo, como, também, irradiando vibrações de cólera atua seriamente sobre aqueles que possam estar tentando controlar sua irascibilidade, embora não tivesse pensado neles.

Cada vez que envia uma onda de cólera provoca o despertar de uma vibração similar em outrem, quando neste não houver previamente tal tendência, ou a intensifica, se já existir, e dessa maneira dificulta o trabalho de seu irmão em prol do respectivo desenvolvimento; enquanto que, simplesmente controlando suas emoções e irradiando vibrações suavizadoras, pode ajudar muitíssimo àquele irmão em sua senda. Desse modo nos comparamos de nossa responsabilidade até pelo menor pensamento, impuro ou mau, que possamos espargir como contágio moral sobre nossos semelhantes. Existem milhões de pessoas cujos germens latentes do mal poderiam atrofiar-se e morrer por falta de nutrição; mas se cedemos a um mau pensamento, suas vibrações radiantes podem despertar os germens latentes do mal em alguma pessoa, e fazer que entrem em atividade, impulsionando essa alma para uma inclinação de más ações que, por sua vez, poderiam afetar seriamente no futuro a milhares de outros seres. Felizmente isso é certo também em se tratando dos bons pensamentos; por meio deles pode um homem converter-se num verdadeiro sol irradiando amor, serenidade e paz em torno de si; e este magnífico poder está ao alcance de todos, ricos ou pobres.

P 219: *O que deve fazer um homem que não pode controlar seus pensamentos ou paixões, e que por mais que tenha tentado fazê-lo, tem falhado constantemente?*

R: Se uma má qualidade ou costume apresenta certa quantidade de força, é porque não tentamos reprimir tal força, mas permitimos que se acumulasse e chegasse a um grau em que nos é muito difícil reprimi-la. Isso significa apenas que nos é facilitado avançar ao longo de certas linhas, e nos é dificultado, embora não seja impossível, avançar ao longo de outras. Ainda que tenhamos dedicado várias vidas à acumulação de tal energia para o mal, o tempo empregado nisso foi limitado e a quantidade de seu ímpeto, depois de tudo, só pode ser finita. Se nos damos conta agora do erro e queremos controlar tal costume, devemos gerar, na direção oposta, quantidade de força exatamente igual à que acumulamos para produzir aquele obstáculo. Evidentemente, teremos de trabalhar pacientemente, já que não é possível contrabalançar de repente o labor de muitas vidas; mas, sendo almas, podemos continuar gerando força indefinidamente, e mesmo que amiúde possamos cair, cada esforço para nos levantarmos reduzirá a quantidade de má força (vontade) acumulada, até que finalmente se esgote.

P 220: *Como podemos utilizar, para ajudar a outros, nosso conhecimento do poder do pensamento?*

R: Podemos criar intencionalmente formas mentais e dirigi-las até o outro com o propósito de ajudá-lo. Esta é uma das linhas de atividade adotadas por aqueles que desejam servir à humanidade. Devemos recordar, em primeiro lugar, que há que se pensar na pessoa tal como gostaríamos que ela fosse, pois a imagem que dela fazemos atuará poderosamente sobre a pessoa e tenderá a harmonizá-la com aquela. Igualmente, ao pensar em nossos amigos, devemos fixar o pensamento em suas boas qualidades; se tentamos ajudar um amigo a livrar-se de uma debilidade não devemos imaginá-lo como se tivesse a má qualidade que desejamos retirar dele, mas pensar intencionalmente nele como se possuísse a virtude oposta, já que ao pensar em qualquer qualidade fortalecemos suas ondulações e, por conseguinte, a intensificamos.

Dessa consideração segue-se que o costume de difamar ou de escandalizar, pelo qual muitos, sem questionar, se deixam levar, é uma maldade horrível, porque fixa o pensamento, não sobre uma boa qualidade que a pessoa possa ter, mas sobre um suposto mal. Acerca da maledicência, um Mestre diz o seguinte:

“Se pensas no mal que fazes a outros, estarás fazendo ao mesmo tempo três coisas perniciosas:

I. Estarás preenchendo os confins de teu meio-ambiente com maus pensamentos em vez de bons, e portanto estarás aumentando o peso do mundo.

II. Se naquela pessoa existir o mal em que pensas, estarás fortalecendo-o e alimentando-o; e portanto estarás piorando a teu irmão em vez de melhorá-lo. Mas geralmente o mal não se encontra ali e somente o imaginastes; então teu pensamento serve de tentação ao teu irmão para agir mal, porque se ele não é ainda perfeito, poderás induzi-lo a ser o que pensas dele.

III. Enches tua própria mente de maus pensamentos e assim obstruis teu próprio crescimento e te convertes, para os olhos capazes de ver, num objeto repulsivo e digno de pena, em vez de belo e amável.”

(Aos Pés do Mestre)

P 221: *Como podemos ajudar alguém que se encontre, por exemplo, sob o império do mau hábito da bebida ou da cólera?*

R: Devemos enviar pensamentos de ajuda àqueles a quem amamos ou necessitamos ajudar. Em pensamento, devemos manter diante deles um alto ideal de si mesmos e desejar ardentemente que possam capacitar-se para alcançá-lo. Ao conhecer qualquer defeito de caráter de uma pessoa, não devemos parar esse pensamento nele, mas formular um forte pensamento da virtude contrária e enviar-lhe ondas desse pensamento. Se quisermos auxiliar a um homem afeito ao álcool, devemos, em primeiro lugar, estar certos do momento em que a mente do paciente esteja inteiramente livre; por exemplo, a hora em que ele dorme, pois nossa ajuda será muito melhor se a enviarmos durante o sono. Então, sentando-nos com toda tranquilidade, devemos forjar vividamente a imagem daquele homem sentado à nossa frente, e, fixando

nossa atenção em tal imagem, dirigirmo-nos a ele lentamente, enviando-lhe pensamentos precisos daquilo que desejamos imprimir em sua mente, e apresentá-los como imagens mentais muito claras, como se fossem argumentos que colocássemos diante dele. Nesse caso particular, devemos representar diante dele um quadro vívido das enfermidades e miséria resultantes do vício de beber, assim como a subsequente prostração nervosa e a inevitável ruína final. Não devemos tentar controlar o homem, mas convencer sua inteligência e elevar e purificar suas emoções. Se essa pessoa estiver dormindo, será atraída até nós e talvez anime a imagem de si ante nossa mente, mas o êxito depende da concentração e firmeza de nosso pensamento e da condição mental daquela pessoa em tal ocasião, pois se estiver ocupada com pensamentos de si mesma, nossa forma-pensamento aguardará sua vez e, então, cumprirá sua obra de misericórdia até que aquele processo de pensamentos tenha se esgotado.

Ao tentarmos enviar ajuda a um homem colérico, devemos igualmente imprimir em seu ânimo imagens mentais das desvantagens de sua perda de controle sobre si, e, desejando que ele permaneça tranquilo e sereno, enviar-lhe influências poderosas e suavizantes.

P 222: O que nos diz da ajuda por intermédio de preces pelo bem-estar de vivos e de mortos?

R: Um forte desejo pelo bem-estar de um homem, que lhe seja enviado como um agente protetor, permanecerá nas cercanias daquele ser como uma forma-pensamento, por um tempo proporcional à força do pensamento, e, atuando como uma barreira, o defenderá dos perigos e o protegerá contra o mal.

Às vezes nada podemos fazer em favor de alguém que sofra, porque seu cérebro físico pode estar fechado a nossas sugestões, devido a preconceitos ou fanatismo religioso; porém seus corpos astral e mental sempre estão abertos para nossa ajuda.

A ajuda prestada a outro por intermédio de uma oração é, em sua maior parte, desse mesmo tipo, porém a maior eficiência da oração, comparativamente ao envio de bons desejos, se deve à maior concentração e intensidade postas na prece; além disso, em certas ocasiões as preces atraem a atenção de inteligências super-humanas, que podem dar ajuda direta.

Os fenômenos de cura mental e de cura por meio da fé demonstram o poder do pensamento mesmo no mundo físico; mas desde o momento em que ele pode atuar mais facilmente nos mundos astral e mental, podemos exercitar aquele poder no momento em que encontramos alguém que sofra de tristeza ou depressão, quer estejamos na rua, num carro ou em outro veículo qualquer. Nosso envio de pensamentos de tranquilidade e de calma pode ajudar, e embora seja difícil para nós crer que estejamos influenciando as pessoas mediante nossos pensamentos, qualquer um que tenha praticado tais esforços descobrirá imediatamente fortes evidências de seu êxito.

A ausência de corpos físicos naqueles a quem queremos ajudar não é um obstáculo para a força do pensamento, pelo contrário, facilita mais nosso

trabalho, porque não existe então a pesada matéria física para ser colocada em vibração, como é necessário fazer no caso de um ser vivo antes que o pensamento possa chegar à sua consciência desperta; portanto, podemos ajudar, consolar, alegrar e até aconselhar aos mortos mediante nossos fortes pensamentos ou através de nossas orações, conforme já se explicou no Capítulo VI.

Por outro lado, tem-se o poder do pensamento combinado ou da oração coletiva em prol de um objetivo comum; e as Ordens contemplativas da Igreja Católica Romana, assim como os monges das religiões hinduísta ou budista, difundem através do mundo pensamentos elevados e nobres, prestando um imenso serviço à humanidade em geral.

P 223: Podemos ajudar com o pensamento, mesmo que nos encontremos fora do corpo físico durante o sono?

R: Podemos realizar um trabalho muito eficaz enquanto nossos corpos estão descansando pacificamente durante o sono. Livres da carga dos corpos físicos, somos em realidade mais poderosos para produzir efeitos com nosso pensamento. Durante o sono, um homem comum geralmente está absorto nos assuntos que lhe interessaram quando se achava desperto, e muitas vezes quando dormimos antes de decidir uma coisa “o travesseiro nos dá conselhos” e ajuda para uma decisão importante. Ao nos entregarmos ao sono devemos manter com toda tranquilidade em nossa mente o problema que precisa de solução; não devemos discuti-lo nem argumentar sobre ele, mas simplesmente enunciá-lo e deixá-lo. O Pensador o tomará a seu cargo quando já se encontrar fora do corpo e o imprimirá no cérebro; por isso aconselha-se ter papel e lápis perto do leito para anotar a impressão imediatamente ao despertar.

Da mesma maneira podemos, durante nosso sono, ajudar a qualquer amigo, esteja vivo ou morto. Com nossa mente, devemos imaginar o amigo antes de dormir e determinarmos-nos a encontrá-lo e ajudá-lo. A imagem mental o atrairá até nós e nos comunicaremos com ele no mundo astral. Durante as horas do dia podemos ajudar a qualquer conhecido que saibamos ser presa da tristeza ou de algum sofrimento, sentando-nos calmamente e formando uma forte imagem mental daquele que sofre, verter nela correntes de compaixão, de afeto e de força; porém, durante a noite podemos nós mesmos ir no corpo astral até o lado daquele que sofre e, em vez de oferecer-lhe simplesmente um consolo geral, ajudar-lhe com muito maior eficácia ao ver exatamente o que seu caso requer. Entretanto, devemos permanecer perfeitamente calmos antes de nos entregarmos ao sono, e não permitir que alguma emoção surja em nós ao pensarmos no amigo, já que isso pode causar um redemoinho em nosso corpo astral, o qual pode ou atemorizar aquele que sofre ou impossibilitar a passagem de nossas vibrações mentais. Dessa forma podemos realizar um trabalho muito bom como protetor astral, por mais que não recordemos nada disso em nossa consciência de vigília.

Outro bem que podemos fazer por meio do poder do pensamento, seja de dentro ou de fora de nossos corpos físicos, é ajudar as boas causas e os movimentos públicos benéficos à humanidade.

Podemos auxiliar, inspirar e aconselhar a todo tipo de pessoas, que, com toda probabilidade, jamais nos escutariam fisicamente. Podemos sugerir ideias liberais aos presidentes e aos estadistas, aos poetas e pregadores, aos escritores de livros, redatores de revistas e jornais, e até mesmo podemos sugerir argumentos aos novelistas e esquemas benéficos aos filantropos.

P 224: Podemos afetar a matéria física pelo poder do pensamento? Podem nossos pensamentos ter efeito sobre a saúde de nosso corpo físico?

R: Nos últimos anos, muito se escreveu acerca da influência do pensamento sobre o corpo físico, já que as enfermidades são às vezes produzidas e curadas pelo pensamento. Sabe-se que, em tempos de epidemia, aqueles que mais se estressam com o pensamento da epidemia são as vítimas mais fáceis da cruel enfermidade.

Ademais, pelo poder do pensamento é que Prana, ou a energia vital, é controlada e vertida pelo hipnotizador, desde seu corpo até o das pessoas nervosas e débeis, que recuperam assim sua saúde física. Do mesmo modo, o pensamento é utilizado, por vários métodos, para curar as enfermidades físicas de uma maneira sistemática. Um desses métodos é o de manter a mente cheia de pensamentos de saúde, pensando que possuímos um corpo forte e saudável; enquanto que, para a cura mental ou a cura por meio da fé, a pessoa sente-se ajudada em seu pensamento de saúde por sua fé inquebrantável em alguma coisa ou pessoa. Outro método é o de nos recolher dentro do Santuário de nosso mais íntimo ser, e, pondo-nos em comunicação com o Divino, extrair dali toda a força e a saúde de que necessitamos. Porém, existem coisas de maior importância que a mera saúde corporal, e embora não convenha permitir à nossa mente deter-se na dor ou na enfermidade, tampouco é conveniente fixá-la em demasia no pensamento de saúde, pois isso implica um gasto de energia que poderia ser sabiamente utilizada para propósitos mais elevados.

Outro efeito do pensamento sobre a matéria física é que as constantes radiações de nossas formas de pensamento impregnam os objetos inanimados ao redor de nós, a ponto de mesmo as paredes e os quadros de nossa casa refletirem tais pensamentos e sentimentos. As cadeiras, o escritório e todos os objetos circundantes acham-se inconscientemente magnetizados por nosso forte e repetido pensamento e possuem o poder de sugerir o mesmo tipo de pensamento a outros que se encontrem sob sua influência. E assim, uma vez se descobriu que determinada cela de uma prisão estava tão carregada do pensamento do suicídio que todos os prisioneiros que foram postos nela se suicidaram, um após o outro. A eficácia de certa classe de talismã ou amuleto depende do mesmo princípio, pois o objeto que constitui o talismã foi impregnado, por um pensamento concentrado, de certo tipo específico de vibração.

Portanto, um mau pensamento é tão rápido para causar dano quanto um bom o é para fazer o bem; o pensamento, que se encontra ao alcance tanto do rico como do pobre, do velho como do jovem, pode ferir assim como curar, pode ocasionar bem-estar ou mal-estar. Tal é a Lei do Pensamento e tais são seus poderes e efeitos; felizes os que possam usá-lo corretamente.

CAPÍTULO VIII

A EVOLUÇÃO DA VIDA

P 225: *O que o senhor entende por “Evolução da Vida”?*

R: A palavra “evolução”, do verbo latino *evolvere* (desenvolver), é usado para denotar o desenvolvimento de formas cada vez mais elevadas procedentes de formas inferiores. Segundo Herbert Spencer, “Evolução é o passo do homogêneo para o heterogêneo, do simples para o complexo”. Conforme Darwin observou, toda a natureza acha-se em estado de evolução, as formas inferiores dão lugar às superiores, as simples às mais complexas, assim como o capulho cede lugar à flor e a flor ao fruto.

Mas a doutrina da evolução não teve de esperar até Darwin para que se lhe desse expressão, embora ele seja merecedor do crédito de havê-la proposto cientificamente. Ciência e Religião estão recapituladas no dito daquele místico persa: “Deus dorme no mineral, sonha no vegetal, desperta a consciência no animal, a autoconsciência no homem, e despertará a consciência divina no homem já perfeito”. Os que estiverem profundamente versados nos ensinamentos esotéricos de qualquer religião podem encontrar antecipações de muitas verdades que a ciência moderna não descobriu ainda; e se a ciência tiver causa comum com a religião, o progresso da humanidade se acelerará grandemente.

O aspecto mais denso da manifestação da Vida Una é o que se denomina matéria. Contudo, há dois polos na manifestação: o lado-forma, ou seja, o polo da matéria, e o lado-vida, ou seja, o polo do espírito. Existem dois aspectos opostos da Eterna Vida Una, e o processo da evolução consiste em que aquela vida se exteriorize em seu aspecto dual, ocasionando a diversidade, e, quando tiver chegado ao limite da diversidade, se recolha para reintegrar as diversas unidades separadas numa única unidade poderosa e enriquecida. A Vida extroversa vai à busca da diversidade e, pode-se dizer, tende para o polo da matéria; a Vida introversa busca a Unidade e, pode-se dizer, tende para o polo do espírito.

A lei da evolução, conforme a enuncia a Escola Darwiniana, demonstra com precisão científica o aperfeiçoamento gradual das formas, e tem por fundamento a presença universal do protoplasma, a base física da Vida. Nas formas inferiores da vida animal esse protoplasma permanece indiferenciado, e existe simplesmente como uma massa homogênea, gelatinosa; porém, nas formas superiores aparece já educado para constituir células de diferentes formas, tamanhos e funções; e o reino animal é classificado em ordens, gêneros, etc., segundo a complexidade relativa das estruturas respectivas. Essa classificação indica que quanto mais evoluída é a Vida, mais elaborada a forma mediante a qual funciona.

A prova da evolução em si encontra-se nos detalhes da Embriologia, que demonstra que todas as formas animais passaram, durante as etapas de seu desenvolvimento, por toda a gama das espécies inferiores. No momento da

fertilização, o óvulo consiste de uma célula simples, a qual se multiplica rapidamente por divisão, e durante as etapas subsequentes de desenvolvimento aparecem as diferenças que, mais tarde, ocasionam a produção de todas as inumeráveis variedades de formas. Todavia, um estudo do embrião de diferentes animais demonstrou que todos eles passam exatamente pelas mesmas etapas. Ou seja, uma comparação dos embriões do peixe, da ave, do bezerro e do homem, revela o fato de que são idênticas as etapas primitivas através das quais todos passaram, cessando seu desenvolvimento ulterior, uma após a outra; as formas inferiores e menos evoluídas desaparecendo da raça, por assim dizer, quando alcançam o padrão assinalado para seu desenvolvimento, até que tão somente o embrião humano subsiste para completar o caminho. Esse entendimento, chamado de teoria da recapitulação, explica que durante o curso de seu desenvolvimento cada animal fornece um compêndio de sua raça, demonstrando passo a passo todas as etapas através das quais as formas têm evoluído durante o transcurso de incontáveis idades.

A ciência estuda tão somente a forma que evolui sob a lei da evolução, mas a Teosofia estuda também o desenvolvimento da Vida sob a lei da reencarnação, leis concomitantes e necessárias uma para a outra, e ambas necessárias para a compreensão completa da Vida.

Portanto, embora a evolução, de acordo com a ciência, seja meramente a edificação consecutiva de organismos mais elevados e complexos, esses organismos em realidade implicam a necessidade de expressar com perfeição cada vez maior a Vida Divina, que está buscando manifestação no Universo. O ponto importante, que devemos recordar aqui, é que existe evolução não somente da forma, mas também da vida. De fato, a evolução é, primordialmente, da vida e não da forma, por mais que as formas também evoluam e melhorem; porém o fazem principalmente a fim de serem veículos convenientes para uma vida mais avançada. No esquema da evolução, a Vida Divina se envolve cada vez mais profundamente na matéria com o propósito de receber, por meio dela, certas vibrações que não podem afetar diretamente a Vida. Essas vibrações ou impactos do exterior suscitam as correspondentes vibrações dentro da Vida, de tal maneira que a Vida aprende a responder a elas e, mais tarde, a gerá-las dentro de si mesma, desenvolvendo por esse meio os poderes espirituais nela latentes.

Por conseguinte, toda evolução consiste, essencialmente, de uma vida que evolui, que passa de uma forma a outra à medida que evolui, e que armazena em si as experiências adquiridas por meio de tais formas, até que o gérmen original de Vida chegue a ser a imagem perfeita de Deus.

P 226: Mas qual é a força motriz para a evolução?

R: É a Vida que se envolve na matéria antes que esta desenvolva organismos complexos de todo tipo, e seu curso completo pode sintetizar-se em duas etapas: tomar gradualmente matéria cada vez mais densa, isto é, a involução; e descartar gradualmente os veículos que usou antes, ou seja, a

evolução. Todavia, para compreender isso é necessário o conceito das Três Grandes Emanações.

P 227: *O que se entende por Três Grandes Emanações?*

R: Os impulsos que constroem os sete mundos interpenetrantes com seus elementos, desde o oceano de espaço interestelar, conforme se indicou no Capítulo II, procederam do Terceiro Logos, de *Brahma*, e são chamados de Primeira Grande Emanação, ou seja, a Primeira Onda de Vida.

Atuando mediante Seu Terceiro Aspecto, Ele envia impulsos sucessivos de força até a estupenda esfera que demarca o limite de seu Campo de Atividade. O primeiro impulso estabelece por toda a esfera um grande número de pequenos vórtices, cada um dos quais atrai para si 49 bolhas de energia e as ordena sob certa forma. Os agrupamentos dessas bolhas, assim formadas, são os átomos do segundo dos mundos interpenetrantes. Não se aproveita dessa maneira o número total de bolhas, pois são deixadas em número suficiente para que atuem como átomos no primeiro e mais elevado desses mundos. No seu devido tempo vem outro impulso, que capta quase todos esses átomos de 49 bolhas, deixando somente os suficientes para proporcionar átomos para o segundo mundo; ele os atrai de volta para si e depois, repelindo-os de novo, estabelece vórtices entre eles, cada um dos quais contém em si 49 bolhas de força elevadas ao quadrado, ou seja, 2.401. Essas formam os átomos do terceiro mundo. O próximo impulso em igual direção capta quase todos esses 2.041 átomos, os faz retroceder para sua forma original e de novo os lança para fora como átomos do quarto mundo, contendo cada átomo desta vez 49 bolhas elevadas à terceira potência, isto é, 49 multiplicados por 2.401. Esse processo se repete para um átomo do quinto plano, ou mental, que tem 49 bolhas elevadas à quarta potência, ou seja, 2.401 bolhas multiplicadas por 2.401; para um átomo do sexto plano, ou astral, com 49 bolhas elevadas à quinta potência, isto é, $49 \times 2.401 \times 2.401$; e para um átomo do sétimo plano, ou físico, com 49 bolhas elevadas à sexta potência, isto é, $2.401 \times 2.401 \times 2.401$ bolhas, com um número definido de bolhas adicionais devido à formação peculiar do átomo físico.

E assim procede essa vasta Onda de Vida emanada do Logos, pulsando através de todo o sistema solar e rompendo-se em inumeráveis fragmentos (como uma suave corrente de água, precipitando-se por uma cascata que se rompe em milhares de gotas separadas), a fim de converter-se nos átomos-vida que chamamos matéria. Não há um só átomo, uma só partícula de matéria, que não tenha em si a Vida de Deus como sua própria Vida. Não existe nada que esteja morto. Portanto, o que a ciência denomina matéria é em realidade espírito-matéria, Espírito que se manifesta; e dessa matéria viva estão construídos os mundos. A matéria é o veículo necessário de manifestação para o Espírito; um não pode existir sem o outro e a Vida Divina chega a ser Espírito somente quando anima a matéria.

Depois de terem sido criados os átomos de cada um dos sete planos, o Terceiro Logos cria os subplanos de cada plano. Os átomos de cada plano são atraídos para compor grupos de dois, três, quatro átomos, etc., e assim formar

os subplanos. O subplano primeiro ou superior é composto dos mesmos átomos simples, enquanto que o segundo, terceiro e outros subplanos inferiores são constituídos por combinações desses átomos. Por isso, já se disse no Capítulo II que o subplano superior do plano físico está composto de átomos físicos simples de duas variedades, os positivos e os negativos, e mediante as combinações desses átomos constroem-se os demais subplanos daquele plano. No curso da construção dos subplanos do mundo físico é que se produzem os elementos químicos, que constituem os materiais básicos para a construção de todas as formas físicas. É dessa maneira que surgem para a existência as subdivisões inferiores de cada plano, e o Espírito Divino vai-se inserindo cada vez mais na matéria durante sua descida.

Depois, na matéria assim vivificada, desce a Segunda Emanação de Vida procedendo do Segundo Aspecto da Deidade, *Vishnu*, a qual, combinando os elementos, ou agregados de átomos, em um organismo, e animando-os, confere características ou qualidades à matéria, capacitando-a para responder em diferentes modos a diversos estímulos do exterior, de tal maneira que uma classe de átomo e seus agregados respondem às mudanças de pensamento, outra responde às mudanças de emoção e desejo, e assim sucessivamente.

Essa Segunda Onda de Vida, que se chama “essência monádica”, especialmente quando está revestida da matéria atômica dos diversos planos, desce através dos planos superiores e chega ao plano mental. Neste, faz a matéria do plano – já capaz de responder, pela natureza de seus átomos, às vibrações dos pensamentos sempre mutantes – entrar em combinações apropriadas para expressar pensamentos abstratos (na matéria mais sutil) e concretos (na matéria mais densa). Dessas duas classes de matéria mental, a superior e a inferior, são constituídos posteriormente os corpos causal e mental. Em sua qualidade de primeira e segunda essência elemental, a Onda constrói nesse plano os reinos elementais primeiro e segundo, respectivamente em seus níveis superior e inferior. Continuando até o plano astral, a Onda de Vida forma em cada subplano as combinações apropriadas para expressar sensações (de cuja matéria astral, ou matéria-prima do desejo, se fabrica posteriormente o corpo de desejos), constrói naquele plano o terceiro reino elemental, que se chama a terceira essência elemental ou a essência elemental do mundo astral. Em suas duas etapas ulteriores, na qualidade de segunda e terceira essência elemental, acha-se muito intimamente relacionada com o homem, já que entra de maneira acentuada na composição de seus distintos veículos, e influencia seu pensamento e suas ações, conforme se descreveu ao se tratar dos elementais mental e astral no Capítulo III. Descendo mais para o mundo físico, forma em cada subplano as combinações próprias para constituir corpos físicos (os futuros elementos químicos, segundo são denominados, nos três subplanos) e constrói naquele plano o reino mineral, que às vezes se chama a Mônada Mineral; mas no ponto central daquela etapa cessa a pressão impulsora para baixo e é substituída por uma tendência para cima; cessa então a exalação ou involução, começando a inalação ou evolução. Sendo o trabalho da Segunda Onda de Vida formar combinações que expressam qualidades, ela é conhecida como o “Doador de Qualidades”.

Os variantes poderes de cada átomo e suas agregações são repartidos por essa Onda de Vida em seu influxo descendente até que alcança o ponto inferior de seu enorme círculo, quer dizer, a etapa média do reino mineral, começando então a Onda de Vida a ascender, criando formas de matéria que agora mostra as qualidades que lhe foram atribuídas durante o influxo descendente. Essa matéria, possuindo já qualidades, poderes de resposta, capacidade de reajustes internos sob o impacto dos estímulos, é atraída e agregada em formas mineral, vegetal e animal, e, por último, formas do homem animal. É a energia do Segundo Logos que, animando a matéria dos sete planos, a capacita para construir formas. Cada forma persiste somente enquanto a Vida do Segundo Logos mantém a matéria sob a sua influência. E aqui, pela primeira vez, aparece o fenômeno de nascimento, crescimento, decadência e morte; nasce uma forma porque a Vida do Segundo Logos tem que levar a cabo o trabalho da evolução através daquela forma; cresce enquanto a obra se está efetuando; mostra sinais de decadência quando o Segundo Logos lentamente retira sua vida daquela forma; morre quando finalmente o Segundo Logos já retirou toda a vida a fim de enviá-la de novo para criar uma forma melhor e mais nova, que seja capaz de dar à Vida as novas experiências necessárias para seu crescimento ulterior. E assim a Segunda Onda de Vida dá qualidades à matéria e depois constrói formas daquela matéria, a saber, os sete reinos da natureza: os três reinos elementais, mais o mineral, o vegetal, o animal e o humano. Este último reino recebe sua forma somente ao principiar-se, e o ocupante real toma posse daquela casa unicamente quando a Terceira Grande Emissão tiver atuado sobre ela.

Existem cinco esferas desde o mundo físico até o Nirvânico, as quais constituem o campo de evolução. Além delas, no mais elevado, o plano *Mahapanirvânico* (ou Divino), reside na perfeição de Sua própria natureza o Senhor do Sistema, *ISHWARA*, não manifestado. No segundo plano brilham Seus Aspectos, poderes manifestados, os Logos de onde procedem as Ondas de Vida, Poderes que constroem a matéria e criam as formas, e o Poder Regenerador do qual há de proceder a Terceira Onda de Vida.

Residem ali também as sementes da Divindade, as Mônadas, emissões que vão ser os espíritos humanos, enviadas para animar e utilizar os corpos preparados para eles mediante longas idades de evolução, o lento ascender desde o mineral até a planta, da planta ao animal, do animal ao animal-homem. Advém então o tempo em que os espíritos humanos-divinos (as Mônadas), que haviam estado à espera para sua apresentação, revolteiam sobre as formas humanas que estão sendo preparadas para elas, embora incapazes ainda de guiá-las ou controlá-las. Essas constituem a Terceira Grande Emissão, os fragmentos da Divindade animando as formas preparadas para sua chegada e convertendo-as em tabernáculos dignos de Deus.

E assim, a Primeira Onda de Vida procedeu do Terceiro Logos, segundo a terminologia teosófica, do *Brahma* hinduísta, do Espírito Santo ou Terceira Pessoa da Trindade cristã. Formou os átomos animados por Ele, combinou-os entre si e construiu as numerosas agregações dos diferentes tipos de átomos

em elementos, isto é, construiu os sete grandes planos, com seus subplanos, do sistema solar. A Segunda Onda de Vida desceu do Segundo Logos, *Vishnu*, o Filho, a Segunda Pessoa da Trindade cristã, deu características ou qualidades à matéria e criou formas. A Terceira Onda de Vida procedeu do Primeiro Logos, *Shiva* ou *Mahadeva*, o Liberador, o Pai, a Primeira Pessoa da Trindade cristã, e produziu os espíritos humanos para animar as formas. Essas três Grandes Ondas ou correntes de evolução são distinguíveis em nossa Terra em conexão com a humanidade: a construção do material, a edificação da Casa e o crescimento do ocupante da Casa, ou seja, a evolução do espírito-matéria, a evolução da forma e a evolução da autoconsciência.

E assim a Vida vertida se envolveu na matéria, e esses gérmenes de vida, essas milhares de sementes, procedem todos de um *Ishwara**. Dessas sementes se extrairão qualidades, e essas qualidades serão poderes, mas poderes manifestados mediante a matéria; e a evolução consiste na extração desses poderes. Por conseguinte, a evolução poderia ser sintetizada nesta frase: “As potencialidades latentes, em processo de se tornarem poderes ativos”.

A Deidade não exibida é a que constituiu o oculto poder motor e faz com que a evolução seja, ao mesmo tempo, possível e inevitável; é a força impulsora para o alto que ultrapassa qualquer obstáculo e que garante o triunfo final do homem.

P 228: A vida procedente de Ishvara não contém em si toda coisa já desenvolvida, todo poder já manifestado, toda possibilidade efetivada como ato? Por que deverá originar-se o imperfeito do Perfeito e regressar depois àquela perfeição da qual procede? Para que essa longa evolução e qual é a finalidade ou propósito dessa evolução da vida?

R: Essa pergunta se baseia numa má compreensão fundamental. “O Uno desejou ser muitos.” A multiplicação necessariamente implica divisão e, portanto, limitação, e a limitação necessariamente implica imperfeição. Aquela limitação mostra-se, também, no uso da palavra “chispa” para o universo e “chispas” para as vidas individuais. Mostra a limitação que se segue à manifestação, e dá a ideia de que a chispa (centelha), alimentada de maneira apropriada, se desenvolverá até a semelhança do Fogo do qual procede, e também que a chispa é da mesma natureza da Chama, o Supremo *Brahman*. Aquela chispa o contém todo em latência, mas nada, basicamente, em manifestação; tem tudo em germen, mas nada, basicamente, como um organismo desenvolvido.

Na matéria trazida à manifestação por *Brahma*, *Vishnu* não coloca a Si Mesmo com a força de seus poderes não desenvolvidos; coloca a semente de Sua Vida, capaz de evoluir, contendo dentro d’Ela, potencialmente, todas as

* N. do T. para o espanhol: *Ishwara*, em sânscrito, é “O Senhor”, uma Vida consciente cuja expressão é o Universo com seus milhões de astros. O princípio divino em sua condição ativa; o espírito divino no homem. O LOGOS solar; o DEUS pessoal; *Ahura-Mazda*; Alá.

coisas, mas sem nada manifestado. Os gérmenes da Vida de *Ishvara* desenvolvem passo a passo, etapa por etapa, todos os poderes que residem no Pai gerador; daquela semente deverá evoluir uma vida que se elevará cada vez mais, até que se forme um centro de consciência capaz de desenvolver-se até a consciência de *Ishvara*, embora permanecendo ainda como um centro, com o poder de surgir como um novo Logos do qual podem evoluir novos universos.

A edificação de tais centros é o propósito da evolução da vida; tal construção se faz etapa por etapa à medida que a vida passa de uma forma a outra, até que o Filho chega a ser o que sempre foi potencialmente, Uno com o Pai.

O que procede do Divino é tão somente uma massa de essência monádica sem individualização, e não Mônadas Humanas, muito menos oniscientes e inteiramente boas. A diferença entre sua condição ao surgir, e ao retornar, é exatamente como a que há entre uma massa de substância nebulosa e o sistema solar que dela evoluiu. A nebulosa é bela, porém vaga e inútil, enquanto que o sol formado dela por lenta evolução verte sua luz sobre muitos mundos.

Falando numa linguagem mais familiar, quando iniciamos nossa longa peregrinação nos encontrávamos, por assim dizer, em sonhos; mas tendo passado por numerosas etapas, em todo tipo de formas, no final de nossa viagem como humanos teremos alcançado a meta assinalada para nós durante esta idade ou dispensação, chegando a ser Adeptos ou Seres de bondade, poder e sabedoria; entretanto nossa evolução continuará para além desse nível, até que cada um de nós chegue a ser um Deus.

P 229: Como a Vida Divina fez evoluir, na vida germinal, o poder de responder na primeira etapa ascendente de evolução nos reinos mineral, vegetal e animal?

R: O trabalho completo da Vida pode ser sintetizado como o recebimento de vibrações da matéria externa e a resposta de vibrações de dentro de si mesma.

No reino mineral (nos metais, nas pedras e no que se conhece como matéria inorgânica), a Vida, a Mônada da forma, *Atma-Budhi*, a emanada Vida do Logos, tem a capacidade de responder, mas de uma maneira muito limitada, devido em parte à sua natureza germinal, e em parte à rigidez do veículo que a rodeia. “Deus dorme no mineral”, e assim a vida de *Vishnu*, ao fecundar-se, modifica e suaviza a rigidez de seu material e põe em atividade a essência interna mediante golpes e vibrações, mediante impactos tremendos como os terremotos e vulcões (isto é, rachar e moer materiais numa escala gigantesca), até que se alcança uma etapa de plasticidade, com uma oposição muito diminuída de parte da forma externa e com uma resposta mais ativa de parte da vida interna; sendo aí que surgem para a existência os princípios do reino vegetal.

Depois que a Vida no mineral desenvolveu o poder de responder aos impactos do exterior, a etapa seguinte na evolução, alcançada no reino vegetal,

é a resposta assumir a forma de sensação, o poder de responder ao impacto externo por um sentimento dentro da vida. Aparece a sensação como prazer, quando a vida responde a impactos harmoniosos de fora, e como dor, quando os impactos são conflitantes.

Chegamos depois à etapa que se manifesta quando a vida evolui através do reino animal. O prazer e a dor são sentidos agora agudamente, mas, como complemento, surge um germen de cognição, que se chama percepção e que conecta os objetos e as sensações. A vida, que começa a alvorecer, desenvolve o poder de formar um elo entre o objeto que a impressiona e a sensação que responde àquele objeto. Quando a vida identifica um objeto como provocador de prazer ou de dor, ou seja, quando percebe o objeto, desenvolve-se a faculdade de percepção, ou seja, de criar laços entre os mundos externo e interno, e começa a germinar um poder mental naquele organismo, tal como o encontramos nos animais superiores. Porém, em todo o processo, é a vida que evolui que leva consigo a experiência que obteve por meio de uma forma já usada, desde um reino inferior da natureza até outro superior – do reino mineral ao reino vegetal e deste ao reino animal.

Com o poder de mover-se de um lugar a outro, aumentam para os animais as oportunidades de acumular experiências, já que assim podem entrar em contato, por si mesmos, com objetos externos, e não, como o mineral e o vegetal, ter que esperar a aproximação de tais objetos para responder a eles. Com a luta pela existência (a tremenda competição pela alimentação, que existe na natureza), o amor dos semelhantes que aparece no instinto maternal e paternal de animais, o instinto gregário e o instinto de guiar (no touro, por exemplo), bem como pelo caçar e ser caçado e vicissitudes em geral, por tudo isso, o animal desenvolve astúcia, previsão, poderes de defesa própria, bravura e outras altas qualidades, que finalmente tornarão possível o advento do homem. No entanto, mesmo quando o animal-homem aparece na etapa da vida, ainda falta algo para alcançar a condição humana.

P 230: Então o homem não descende do animal? Não evoluiu a partir do animal, conforme afirma a teoria Darwiniana?

R: Isso não é verdade. É tão somente um fragmento de verdade, visto pela metade e por isso mesmo desfigurado. A matéria dos veículos inferiores do homem foi preparada em idades prévias, através da evolução desde as etapas inferiores dos reinos elemental – mineral, vegetal e animal –, a fim de poder ser utilizada para a forma humana.

Em ciclos prévios evoluíram certas formas que podem ser descritas como semimono e semi-humana, jamais ocupadas pelo Eu-Triplo e que, por conseguinte, pertenciam ao reino animal e não ao humano. No ciclo atual evoluiu a forma humana, passando rapidamente através das etapas inferiores em seu caminho para o humano, conforme faz um feto na vida pré-natal, e por isso estampou em si as etapas pelas quais passou. E assim, o homem não é meramente um desenvolvimento do animal, como acreditaram aqueles que adotaram um ponto de vista grosseiro sobre a teoria da evolução. A matéria se

fez plástica no mineral, mas o homem que atua em sua forma é resultado de uma elaboração superior, e o gérmen de sua vida jamais poderia ser desenvolvido por meio de um animal. Desenvolve-se tão somente no humano, que contém vida multiplicada dentro de si, para que o gérmen possa desenvolver-se ao longo de uma linha direta de crescimento humano. É a Terceira Grande Emanação, a Terceira Onda de Vida, a que faz descer esses espíritos humanos, que estavam esperando para morar nas formas preparadas para recebê-los, e para animar e utilizar esses corpos.

P 231: *Cada planta e cada animal possui uma alma separada, como o homem?*

R: Não. Cada homem é uma alma, mas não o é cada animal ou cada planta. Quando a Segunda Emanação procedeu da Deidade, pode ter sido homogênea, mas ao ter pela primeira vez conhecimento prático no plano Búdico, já não se vê como uma imensa alma mundial, porém como muitas almas. Já não é uma Mônada, mas muitas; nessa condição intermediária, a alma mundial encontra-se já subdividida, ainda que não até seu extremo limite de individualização, como se observa no homem; na humanidade ela é vista dividida em milhões de pequenas almas de seres individualizados. Portanto, o homem como alma manifesta-se mediante um corpo, em certo tempo, no mundo físico; enquanto uma alma animal manifesta-se por meio de certo número de corpos animais. Disso excetuam-se os animais mais adiantados, já em estado de domesticação, tendo cada um chegado a ser uma entidade reencarnante separada, sem possuir, contudo um corpo causal, que é a marca do que geralmente se denomina “individualização”.

P 232: *O que acontece então com o animal, ou a planta, depois da morte?*

R: Quando um homem morre ou abandona seu corpo físico, ele, sendo isoladamente uma alma, permanece como alma separada das outras almas; porém, quando morre um animal, por exemplo, um tigre, como ainda não é uma alma permanentemente separada, aquilo que formou sua alma, depois de um período de vida consciente no mundo astral, incorpora-se à massa chamada alma-grupo, da qual procedeu e que forneceu almas para muitos outros tigres. O verdadeiro animal não é o corpo, mas uma vida invisível que atua por intermédio da forma animal, assim como atua a alma do homem por meio do corpo humano. Essa vida invisível que energiza a forma animal chama-se alma-grupo. Essa alma-grupo é constituída por certa quantidade definida de matéria mental carregada com a energia do Logos; essa matéria mental contém uma vida definida no grau de evolução animal. Uma alma-grupo animal foi em ciclos prévios uma alma-grupo vegetal e, em ciclos anteriores ainda, uma alma-grupo mineral, de modo que qualquer alma-grupo animal já está altamente especializada como resultado de suas experiências na matéria vegetal e mineral.

Cada alma-grupo tem subordinado a si certo número de corpos animais, digamos, cem corpos de tigres para uma alma-grupo particular.

Conseqüentemente, cada um desses corpos de tigre possui um centésimo de alma-grupo ligado a si, e, assim como o homem, está completamente separado durante a vida física; todavia aquele tigre não é uma individualidade permanente, e, após a morte e da breve vida astral que a segue, sua alma submerge novamente em sua própria alma-grupo.

Podemos compreender mais facilmente isso por uma analogia. Imaginemos um grande recipiente contendo cem copos submersos em sua água; a alma representa toda a alma-grupo, e os cem copos os cem tigres. Ao submergir cada copo no recipiente, aquele receberá quantidade de água conforme sua capacidade, e a água adotará a forma do copo, permanecendo temporariamente separada da água dos outros copos, assim como da água restante. Agora, caso se derrame alguma substância corante em cada copo separado, essa representaria as qualidades desenvolvidas por cada uma das almas-tigres durante sua vida. A morte do animal seria representada pelo ato de derramar a água do copo no recipiente. Entretanto, assim como o corante distribuído por toda a água do recipiente seria muito mais tênue do que se estivesse confinado a um só copo, as qualidades de um tigre são repartidas depois de sua morte por todos os tigres da alma-grupo, em pequenas quantidades. Igualmente, jamais será extraído do recipiente pela segunda vez um copo idêntico de água, já que cada copo tomado dali no futuro conterà marcas do corante de todos os diferentes copos de água que nele se derramaram. Do mesmo modo, nenhum tigre pode renascer com a porção idêntica da alma-grupo, já que as qualidades desenvolvidas por um tigre separado chegam a ser propriedade comum de todos os tigres que no futuro nascerão naquela alma-grupo, num grau menor do que no tigre original. É assim que aparecem os instintos herdados, as experiências continuamente repetidas, acumuladas na alma-grupo, “experiências hereditárias acumuladas” nas novas formas; e isso explica por que um pato incubado (que tem o ovo chocado) por uma galinha lança-se na água sem ter aprendido antes a nadar; por que um pinto quando sai da casca do ovo buscará refúgio ao perceber a sombra do gavião; e por que um pássaro artificialmente incubado sabe a maneira de construir seu ninho de acordo com as tradições de sua espécie, sem jamais ter visto um.

Portanto, a reencarnação é em realidade um processo que abrange toda vida, em todos os organismos, embora geralmente considerado que afeta somente as almas humanas. A vida da rosa que morre retorna à sua subdivisão da alma-grupo das rosáceas, para encarnar depois em outra rosa; o cachorrinho que morre de raiva retorna à sua alma-grupo dos caninos, para reencarnar depois como cachorro de outra ninhada. Quanto ao homem, a única diferença é que, sendo uma consciência individual, após sua morte não retorna a nenhuma alma-grupo, mas reencarna com todas as faculdades de suas vidas prévias como possessão exclusiva sua, sem compartilhá-las com outros indivíduos.

P 233: Quantos corpos físicos estão sujeitos a cada alma-grupo?

R: Incontáveis milhões dos menores insetos têm seus corpos vinculados a uma alma-grupo; quatrilhões de mosquitos ou de moscas; milhões de ratos; centenas de milhares de coelhos ou pardais; enquanto que uma alma-grupo vegetal hospeda um número enorme de corpos de plantas; em alguns casos, talvez se tratando de ervas, toda uma espécie.

As diferenças de clima e outras variações nas circunstâncias externas provocam nas formas individuais diferenças de resposta na vida latente, de acordo com a parte do país onde aquela vida está se manifestando; cada forma traz para sua alma-grupo um tipo particular de experiência e de tendência. À medida que o tempo passa e as experiências se acumulam, as almas-grupo desenvolvem gradualmente divisões bem marcadas até que no fim se separam, partindo-se cada uma em duas, como uma célula que se separa por fissura, subdividindo-se depois e separando-se mais, de modo que, no reino animal, um número relativamente pequeno de formas físicas representa uma alma-grupo. De fato, assim como os gêneros se subdividem em espécies e famílias, assim também cada alma-grupo se divide lentamente em almas-grupos cada vez mais reduzidas, contendo mais e mais características e tendências especializadas. Dessa maneira, sempre se enriquecendo de experiência, as almas-grupo se reduzem, mas são mais numerosas, até que chegando ao ponto mais elevado aparece o homem com sua alma individual particular, a qual já não regressa a um grupo, mas permanecerá sempre separada.

P 234: A vida que evolui principia na ínfima manifestação em cada reino e termina com a mais elevada?

R: A força vital procede através de um curso definido de evolução, principiando, geralmente, pelas mais baixas manifestações num reino e terminando pela mais elevada. No reino vegetal, por exemplo, a força vital pode começar sua carreira ocupando ervas e musgos e terminar animando magníficas árvores da selva. No animal, pode começar com mosquitos ou pequeninos animais, e terminar com os mamíferos. Contudo, se a alma-grupo ou a vida que anima um grupo de formas ou corpos habitou nas árvores frondosas da selva, ao passar ao reino animal omitirá todas as etapas inferiores, não habitará em insetos ou répteis, mas começará no nível dos mamíferos inferiores, enquanto que os insetos e os répteis serão vivificados por almas-grupo que tenham saído do reino vegetal num nível inferior

Todo o processo é uma firme evolução das formas inferiores e mais simples até as mais complexas, mas, conforme já foi dito, a evolução é primordialmente da vida – diferenciada em sete tipos fundamentais ou sete Raios – e não da forma, por mais que as formas também evoluam e melhorem, especialmente a fim de serem veículos apropriados para uma vida mais avançada; e quando aquela vida tiver alcançado o nível mais elevado no reino animal, passa ao reino humano por individualização.

P 235: Quais são esses sete Raios ou tipos fundamentais nos quais a Vida Una se diferencia?

R: Toda vida procede de Deus, mas procede d'Ele através de diferentes canais. Os "Sete Espíritos ante o Trono do Senhor", Seus Sete Grandes Ministros, são muito mais que simples servidores ou mensageiros; são antes as verdadeiras mãos de Deus, mediante as quais Ele trabalha, são condutos de Seu poder, parte d'Ele Próprio. A Vida Divina é vertida através desses Sete Ministros, e é colorida pelo canal através do qual passa. Ao longo de toda sua dilatada evolução, leva consigo a marca de um ou outro desses potentes espíritos e é sempre vida desse tipo e não de algum outro, quer se encontre na etapa mineral, vegetal, animal ou humana de seu desenvolvimento.

E assim a Vida Una, muito antes de começar seu labor na matéria mineral, diferencia-se em sete grandes correntes ou tipos fundamentais de vida, chamados Raios, cada um dos quais possui suas próprias características especiais e imutáveis.

Daí se segue que esses sete tipos encontram-se entre os homens e que cada pessoa pertence a um ou outro deles. Sempre foram reconhecidas na raça humana diferenças fundamentais: há um século os homens eram descritos como pertencentes ao tipo linfático ou sanguíneo, vital ou fleumático; e os astrólogos os classificam sob os nomes dos planetas, como jupiterianos ou marcianos, venusianos ou saturnianos, etc. Porém existe um método melhor para estabelecer as diferenças básicas de disposição, devidas ao canal pelo qual aconteceu de os homens surgirem; e as características principais ou qualidades especiais de cada um dos sete Raios podem ser respectivamente definidas como: 1.º) Força, Vontade ou Poder; 2.º) Sabedoria; 3.º) Tato ou Adaptabilidade; 4.º) Beleza ou Harmonia; 5.º) Ciência (conhecimento detalhado); 6.º) Devoção; 7.º) Serviço Ordenado (Magia Cerimonial, que invoca a ajuda angélica).

Na Hierarquia Oculta (ver o Capítulo X) os sete Raios são distinguidos claramente. O Primeiro Raio, ou seja, o do Governo, é regido pelo Senhor do Mundo; à cabeça do Segundo Raio encontra-se o Senhor Buda; e abaixo deles vêm respectivamente o *Manu* e o *Bodhisattva* da raça raiz que estiver predominando no mundo numa determinada época. O *Maha-Chohan*, da mesma classe desses dois, supervisiona os outros cinco Raios, cada um dos quais, no entanto, tem também sua própria Cabeça, ao nível da Iniciação *Choan*.

Os Sete Raios têm sua expressão e correspondências nos sete tons da escala musical e nas sete cores do espectro solar. Cada um desses raios influencia o mundo, a seu turno. O Sexto Raio, ou seja, o devocional foi o que dominou durante a Idade Média; e ao desvanecer-se seu poder houve um período de falta de crença, de irreligião e de profunda ignorância do lado oculto da vida. O Sétimo Raio implica o estudo e o uso das forças ocultas da natureza, assim como a cooperação inteligente com os Poderes que as regem. Essa é a influência que está alvorecendo atualmente no mundo e, conseqüentemente, o Sétimo Raio está justamente agora entrando em operação.

Os Raios Quarto e Quinto são predominantemente positivos ou masculinos, e os Terceiro e Sexto predominantemente negativos ou femininos;

enquanto o Segundo Raio é dual, mas igualmente balanceado, o Primeiro Raio é dual, mas com o aspecto feminino intensificado.

Cada uma dessas sete correntes ou Raios subdivide-se, por sua vez, em sete modificações chamadas sub-raios. Essas quarenta e nove variantes da corrente da Vida Una seguem seus quarenta e nove distintos canais, através de todos os grandes reinos; e não há mistura de um tipo de vida com outro tipo.

P 236: *Como ocorre a individualização do reino animal e qual é seu método?*

R: O método de individualização consiste em elevar a alma de um determinado animal a um nível de tal maneira superior àquele já alcançado por sua alma-grupo que jamais possa regressar a esta.

A individualização do reino animal geralmente ocorre pela associação com a humanidade desse período. Não pode efetuar-se em cada animal, mas somente naqueles que tiverem desenvolvido seu cérebro até certo nível, devido, principalmente, a seu contato íntimo com o homem.

Todos os animais selvagens podem ser classificados em sete linhas (os sete tipos fundamentais de vida, os sete Raios já mencionados), que conduzem até os animais domésticos: a raposa, o chacal e o lobo culminam no cão; o leão, o tigre, o leopardo, o jaguar, a jaguatirica, terminam por ser o gato doméstico; e assim sucessivamente. A individualização somente é possível procedendo de animais domésticos, e no topo de cada um desses sete tipos encontra-se alguma classe de animal doméstico, como o cachorro, o gato, o elefante, o cavalo, e o macaco. Uma alma-grupo, digamos, de duzentas raposas pode dividir-se numa etapa posterior, separando-se, segundo se explicou, em dez almas-grupos de 20 cães cada uma.

Um cão que receba tratamento afetuoso desenvolve seus poderes intelectuais ao tentar compreender e agradecer a seu dono, e cria afeto por aquele amigo humano; enquanto que os pensamentos e emoções do dono, atuando constantemente sobre os do cão, tendem a elevá-lo a um nível superior, intelectual e emocionalmente, até que o desenvolvimento chegue a um ponto suficiente para capacitar o cão a permanecer como uma entidade separada, sem que sua alma seja vertida de novo dentro da alma-grupo, e, ao acontecer isso, converter-se em veículo para a Terceira Grande Emanação. Pela conjunção dessa Emanação com o fragmento da alma-grupo é que o indivíduo se forma; portanto, a individualização tem lugar ao efetuar-se a conjunção dessa Terceira Grande Emanação com a Segunda Grande Emanação.

Essa Terceira Grande Emanação do Primeiro Logos (*Mahadeva*), não afeta simultaneamente a milhares, mas afeta tão somente a cada um individualmente.

A especialização de um animal procedente de uma alma-grupo, digamos de um cão procedendo da alma-grupo canina, se deve não só às vibrações superiores que lhe são enviadas pelo dono do cão e seus amigos, como também ao fato de que uma Mônada, "um fragmento da Divindade", está tentando formar um Ego ou alma, a fim de começar suas experiências

humanas. Essa Mônada atraiu para si, há muito tempo, um átomo de cada um dos planos como um centro neles, como um precursor ativo com vistas a seu futuro trabalho. Esses átomos permanentes, dos quais se falou no Capítulo IV, foram enviados sucessivamente às almas-grupo elemental, mineral, vegetal e animal, para obterem ali qualquer experiência possível. Quando os átomos permanentes estabelecem contato com uma parte altamente especializada da alma-grupo animal, como a alma do cão, então a Mônada verte, desde seu plano superior, certas influências em resposta ao trabalho externo feito para a alma do cão por seus amigos humanos. Descendo até o plano Búdico, e não mais, efetua uma união, como se fosse a formação de algo semelhante a uma tromba marinha, com a alma do animal doméstico, que faz um esforço supremo desde a parte inferior. A energia da Mônada é vertida dentro da matéria mental, que serviu ao cão como uma pequena alma; essa matéria mental reajusta-se a si mesma em forma de um corpo causal, para constituir o veículo desse “Filho no Seio do Pai”, que desceu a fim de ser uma alma humana. E assim, a matéria anímica do cão, a água no recipiente mencionada antes, constitui-se num veículo de algo muito mais elevado (a Terceira Grande Emanação), e em vez de atuar como uma alma, toma uma alma. Não há uma analogia exata para isso no plano físico, excetuando-se a de bombear ar dentro d’água, à alta pressão, para fazer água gasosa. Se aceito esse simbolismo, a alma que previamente constituiu a alma animal é agora o corpo causal de um homem, e o ar comprimido dentro dela é o Ego, a alma do homem que é apenas uma manifestação parcial da Mônada. O descenso do Ego era simbolizado na antiga Mitologia grega pela ideia da cratera ou cálice, e pela lenda medieval do Santo Graal (o Graal ou cálice é o resultado aperfeiçoado de toda aquela vida inferior), no qual é derramado o Vinho da Vida Divina a fim de que a alma do homem possa nascer. Portanto, o que previamente fora a alma-animal chega a ser, tratando-se do homem, o que se chama o corpo causal, que existe na parte superior do plano mental como o veículo permanente ocupado pelo Ego ou alma humana.

O Ego jovem, a alma humana recém-formada, absorve dentro de si todas as experiências que a matéria de seu corpo causal teve, de maneira que nada se perca, e durante as idades de sua existência as traz consigo. E assim se forma no mundo mental superior um Ego, uma individualidade permanente, que perdura através de todas as encarnações até que o homem, transcendendo até aquela individualidade, alcança no regresso a Divina Unidade, da qual procedeu.

Desde o momento em que a alma de um cão se separa de sua alma-grupo*, o cão cessou em realidade de sê-lo, embora continue usando a forma de cão. Desde o ponto de separação existem várias etapas de transformação, até que, finalmente, como resultado da intensificação da emanação que a Mônada faz a partir dos planos superiores, forma-se o corpo causal. Essas etapas podem ser apressadas por uma compreensão adequada que os

* N. do T.: Mais esclarecimentos na resposta à P 231.

homens tenham do processo de individualização, de modo que nossos amigos animais possam passar rapidamente até a recepção daquela Emissão Divina que faça, de cada um deles, a alma de um ser humano.

P 237: Qual é a diferença entre os animais mais elevados e os homens mais atrasados?

R: Na hora da individualização tudo o que tiver sido superior no animal transforma-se simplesmente em veículo para um fragmento da Divindade, a Mônada. Ao constituir-se um Ego, o fragmento da alma-grupo, que já desempenhava a parte da força anímica, transforma-se por sua vez em animada, pois se converte numa nova forma ou veículo: o corpo causal (simbolizado num cálice sagrado, o Santo Graal), um esplêndido ovoide de luz viva, animado pelo Ego, fragmento da Mônada, a Divina Centelha da Terceira Emissão do alto. A Centelha pairava suspensa sobre a alma-grupo no Mundo Monádico, durante toda a evolução prévia, porém não era capaz de efetuar uma conjunção com ela, até que o fragmento da alma no animal tivesse se desenvolvido o suficiente para permiti-lo. Esse separar-se do resto da alma-grupo e constituir um Ego à parte com seu corpo causal, marca a distinção entre os mais elevados animais e os homens mais inferiores. Há uma distância enorme na evolução entre o mais inteligente mono antropoide e a mais jovem alma individualizada. E ainda uma grande diferença entre um animal altamente domesticado, em que temos as manifestações mais altas da vida animal, e o homem mais primitivo, pois neste último encontra-se a vida de uma Mônada Divina, que é uma corrente de energia e consciência da Vida Divina, inteiramente diferente da que se encontra nos reinos inferiores ao homem.

P 238: Qual é, pois, o método de evolução humana?

R: A humanidade evolui através de sucessivas raças e sub-raças, caracterizadas por qualidades particulares que são requeridas para o crescimento completo do homem. Assim, os homens nascem em várias raças raízes, por turnos, a fim de que possam desenvolver-se dentro deles certas qualidades definidas. Uma raça possui alguma característica especial com a qual dotar o homem; a característica e o objetivo de outra são inteiramente distintos; e assim o homem deve passar através daquelas diferentes etapas com a finalidade de desenvolver qualidades específicas, aprendendo certas lições em cada etapa, assim como uma criança que vai à escola passa de uma classe a outra aprendendo algo novo em cada uma.

*“O homem não é ainda obra completa:
É obra que os séculos, ao passar,
Prosseguem e prosseguem ainda.
E antes que brilhe o sol daquela idade,
Que será o fim de todas as idades;
É possível duvidar
Que tenha de se reformar e retocar
Cada ação que passe*

Rumo à eternidade?

*No que se refere a ele, está entre sombras;
Mas enquanto as raças, sem cessar
Sucedem-se, florescem e se fundem,
Olhos proféticos poderão distinguir
Glorioso amanhecer que lentamente
Sobre todas as coisas triunfará!"*

Nosso mundo é inconcebivelmente velho, como já o reconhece até a própria ciência; e a humanidade tem existido sobre ele durante milhões de anos. Se os corpos humanos têm-se aperfeiçoado é porque as almas, que evoluem gradualmente até níveis mais e mais elevados, necessitam um tipo melhor de veículos para expressar-se. Cada homem procede de Deus, e quando tiver passado através de milhares de etapas diferentes, por toda classe de forma, e chegar a ser perfeitamente sábio e perfeitamente amoroso, terá completado sua evolução humana e se reunirá com Aquele que é a Fonte de toda Vida dentro de Seu Universo.

*"Como nove meses são necessários
Para formar uma criatura que nasce,
Assim se passarão muitos milhões de idades
Para a feitura do homem."*

No simples coração de cada religião, tecida com sua própria urdidura e trama, encontra-se a ideia da evolução. Pois o que é religião senão o conhecimento de Deus, do Ser? E chega-se a tal conhecimento mediante a evolução. "A Religião que um homem professe, a raça a que pertença, não são coisas importantes; o único que realmente importa é este conhecimento, o conhecimento do plano de Deus para os homens. Porque Deus tem um plano e este plano é a Evolução." (Aos Pés do Mestre)

P 239: O que quer dizer uma raça raiz e uma sub-raça?

R: As raças raízes são gigantescas divisões da humanidade, como a lemuriana, a atlante e a ariana; enquanto que as sub-raças são divisões daquelas, integradas, porém, por muitas gerações de humanos. Por sua vez, as sub-raças se dividem em nações, e no que chamamos raças ramais. Na história de um planeta há ciclos recorrentes ou sucessões de eventos (sombras, em nossos baixos mundos, de acontecimentos em planos elevados), os quais se seguem em ordem definida, manifestando princípios mais propriamente que detalhes, e que se repetem no curso da história em escalas maiores ou menores. Cada ciclo recorrente implica a formação e evolução de um novo tipo humano, personificando, como suas características dominantes, uma das sete etapas de consciência de nossa humanidade: 1.^a, 2.^a e 3.^a, a Vitalidade, que se personifica na matéria etérica e densa, as etapas tríplice-embriônicas e de nascimento; 4.^a, o passional (Kâmico), elevando-se até o

emocional; 5.^a, o mental (Manásico); 6.^a, o puramente racional (Búdico); 7.^a, o espiritual (Átmico). A personificação de cada uma dessas etapas chama-se “raça raiz”, e existem 7 delas na vida de um globo. Nossos corpos físicos mostram duas subdivisões, a densa e a etérea; as duas primeiras raças evoluíram essas duas subdivisões, sem serem ainda definitivamente físicas, enquanto que a terceira construiu, até sua etapa média, a forma humana com o astral inferior e o mental em gérmen. Tudo o que lemos nos livros acerca de Etnologia refere-se ao desenvolvimento das raças raízes atlante e ariana, a 4.^a e a 5.^a; mas houve outra que precedeu a atlante e que recebeu o nome de lemuriana. Essa terceira raça raiz teve a ver com o desenvolvimento do corpo físico. A raça atlante, que se seguiu, teve a ver com o desenvolvimento do corpo astral ou emocional. A grande raça ariana, à qual pertence a maioria da população da Europa, da Índia e da América, tem a ver principalmente com o corpo mental, que chamamos de mente.

Assim, pois, uma raça raiz é um grande tipo de acordo, pelo qual se acham evoluindo os povos mais ilustres do mundo. Dentro de cada raça raiz existem sete subdivisões ou sub-raças, cada uma das quais representa, de maneira incompleta ou imperfeita, as características que a raça raiz correspondente deve exibir em sua perfeição. Sendo o objetivo último da evolução humana a produção do homem perfeito, em todos os sentidos, tal evolução procede desta maneira: uma raça personifica os germens de várias qualidades especiais, enquanto que uma sub-raça desenvolve especialmente um deles, dominando as outras qualidades, necessárias no homem mas apartadas para tal propósito. E assim são necessárias todas as raças raízes e sub-raças, e cada uma delas tem seu lugar na humanidade, ao final perfeita, que haverá de evoluir em nosso globo.

Cada uma dessas grandes raças predomina no mundo por milhões de anos, porém elas surgem à existência de tal maneira que uma começa antes que a outra tenha terminado, e embora a raça ariana vigore hoje em quase todo o mundo, ainda há grande número de seres que claramente pertencem à raça atlante, e alguns poucos (os mais atrasados) que retêm fortes traços lemurianos. A quinta raça raiz, ou seja, a ariana, como um todo, embora tenha existido no mundo desde há 60 mil anos, não se encontra, todavia, em seu apogeu e tem ainda muito tempo pela frente, provavelmente em torno de um milhão de anos.

O começo de uma raça raiz vindoura tem lugar na sub-raça de seu próprio número na raça reinante. E assim, a quinta raça raiz surgiu da quinta sub-raça da quarta raça raiz, e a sexta raça raiz surgirá da sexta sub-raça da quinta raça raiz. Nós nos encontramos agora na incipiente etapa de um ciclo recorrente, que se repete pela sexta vez. A terceira raça raiz, a lemuriana, e a quarta, a atlante, nos precederam há muito; e o pequeno ciclo da sexta sub-raça, da quinta raça raiz, ou seja, a ariana, encontra-se já nos primeiros passos de seu crescimento na Austrália, Nova Zelândia e nos Estados Unidos da América.

Todos nós, os atuais seres humanos da cadeia de globos, devemos chegar ao Adeptado até o final da sétima ronda de nossa cadeia, e sair

completamente deste esquema de evolução por algum dos sete caminhos que se estendem diante do Adepto, conforme é explicado no Capítulo X. O que hoje é nosso reino animal, terá de alcançar a individualização ao final desta cadeia e, por conseguinte, estar preparado para prover a humanidade da próxima cadeia, ou seja, a quinta de nosso esquema terrestre.

Sabemos, no entanto, que duas quintas partes de nossa humanidade serão descartadas no período crítico, na metade da quinta ronda, o Dia do Juízo, do qual se falou antes.

P 240: O que quer dizer “uma ronda”, uma “cadeia de globos” e “esquema de evolução”?

R: No momento atual, nosso sistema solar contém dez esquemas de evolução, compostos, cada um, de sete cadeias, e cada cadeia, de sete globos; e essas cadeias estão todas evoluindo lado a lado, ainda que em diferentes etapas.

Sobre cada uma dessas dez séries de cadeias, está operando um esquema de evolução e no curso de cada esquema suas cadeias de globos passaram através de sete encarnações. Os globos de cada cadeia apresentam um pequeno ciclo de evolução que desce até a matéria mais densa e logo ascende dela; e de maneira exatamente análoga, as encarnações sucessivas de uma cadeia descem também à matéria mais densa e ascendem logo dela. Nossa própria cadeia encontra-se agora em seu nível mais baixo de materialidade, de tal modo que, de seus sete planetas ou globos, três se acham no plano físico, dois no astral e dois no mental inferior. A onda de Vida Divina passa sucessivamente de um globo a outro da cadeia, principiando por um dos superiores, descendo gradualmente até o inferior e ascendendo de novo até seu próprio nível de origem.

Podemos, pois, para fins de referência, designar os sete globos com as 7 primeiras letras do alfabeto e enumerar suas encarnações na mesma ordem; e assim, como esta é a quarta encarnação de nossa cadeia, o primeiro globo nesta encarnação será o 4-A, o segundo o 4-B, o terceiro, o 4-C e o quarto (que é nossa Terra), o 4-D, e assim sucessivamente.

O número de globos que uma cadeia possui, num dado momento, sobre o mesmo plano, depende da etapa de sua evolução, e esses globos não se acham todos compostos de matéria física. O 4-A contém matéria não inferior à do mundo mental; tem sua contraparte em todos os mundos superiores a esse, mas nada abaixo dele. O 4-B existe no mundo astral; mas o 4-C é um globo físico, de fato é o planeta que conhecemos como Marte. O globo D é nossa própria Terra, na qual se acha atuando por ora a onda de vida da cadeia. O globo E é o planeta que chamamos de Mercúrio, também no mundo físico. O globo F está no mundo astral, correspondendo, no arco ascendente, ao globo 4-B no descendente, enquanto que o globo 4-G corresponde ao globo 4-A, pois tem sua mais baixa MANIFESTAÇÃO na parte inferior do mundo mental. Temos, pois, uma cadeia de globos partindo do mundo mental inferior, submergindo-se através do astral até o físico e emergindo depois até o mental inferior através do mundo astral.

Tal é o estado de coisas na quarta encarnação; mas assim como a sucessão dos globos numa cadeia constitui um descenso até a matéria e uma nova ascensão a partir dela, assim também ocorre com as encarnações sucessivas de uma cadeia; e, por conseguinte, a terceira encarnação começa não no nível inferior do mundo mental, mas no superior. Os globos 3-A e 3-G são ambos de matéria mental superior; os globos 3-B e 3-F do mental inferior e os globos 3-C e 3-E do astral, enquanto que tão somente o globo 3-D é visível no mundo físico. O cadáver desse globo físico 3-D, da terceira encarnação de nossa cadeia (passada há muito tempo), é ainda visível para nós sob a forma daquele planeta morto que se chama Lua, razão pela qual aquela terceira encarnação se conhece usualmente com o nome de cadeia lunar.

A quinta encarnação de nossa cadeia, que ainda está muito distante, corresponderá à terceira, embora, naturalmente, o planeta 5-D que aparecerá no mundo físico ainda não tenha existência. As outras encarnações da cadeia seguem a mesma regra geral de materialidade decrescente.

Das dez séries de cadeias de nosso sistema solar, cada uma das quais existe com um esquema de evolução própria, sete estão representadas no plano físico por um ou mais globos, mas as outras três existem somente nos planos superiores. Essas sete são: 1) A do planeta Vulcão, não reconhecido ainda, muito perto do sol, que se acha em sua terceira encarnação e, por conseguinte tem apenas aquele globo visível (a existência de Vulcão foi aceita por alguns astrônomos há cem anos; como agora não é possível encontrá-lo, os cientistas da atualidade sustentam que aquelas observações estavam incorretas; de fato, alguns ocultistas creem que Vulcão já passou à sua sexta encarnação); 2) A de Vênus, que se acha em sua quinta encarnação, e, portanto, possui apenas um planeta visível; 3) A da Terra, Marte e Mercúrio, que possui três planetas visíveis, porque se acha em sua quarta encarnação (uma grande massa da raça humana já passou por uma série de encarnações no planeta Marte, e quanto terminarem nossa atual ocupação da Terra, todos passarão por algum tempo à vida menos material do planeta Mercúrio); 4) A de Júpiter; 5) A de Saturno; 6) A de Urano (todas, de 4 a 6, em sua terceira encarnação); e 7) A de Netuno, e os outros dois planetas além de sua órbita, (Plutão e outro ainda não denominado), que se encontra em sua quarta encarnação e, portanto, tem três planetas físicos como os de nossa cadeia terrestre.

Em cada encarnação de uma cadeia (comumente denominada período catenário), a onda de Vida Divina gira sete vezes ao redor da cadeia de sete planetas, e cada movimento desses se chama “uma ronda”. O tempo que aquela onda de vida se detém em cada planeta é conhecido como um período mundial, e no curso de um período mundial há sete raças raízes, divididas em sub-raças, e estas, por sua vez, divididas em raças ramais, como já se explicou antes. Para facilitar a referência a isso, estabelecemos uma organização tabular das informações, como segue:

7 Raças ramais formam	1 Sub-raça
7 Sub-raças formam	1 Raça raiz
7 Raças raízes formam	1 Período Mundial
7 Períodos Mundiais formam	1 Ronda
7 Rondas formam	1 Período Catenário, ou encarnação de uma Cadeia, ou <i>Manvántara</i>
7 Períodos Catenários formam	1 Esquema de evolução, ou Esquema Planetário, ou <i>Mahámanvántara</i>
10 Esquemas evolutivos formam	Nosso Sistema Solar

A quarta raça raiz do quarto globo da quarta ronda do quarto período catenário seria o ponto central de um esquema completo de evolução, e nós estamos atualmente apenas um pouco além desse ponto médio. A raça ariana, à qual pertence a maioria de nós, é a quinta raça raiz do quarto globo, de tal sorte que o ponto médio do esquema de evolução ocorreu nos tempos da última grande raça raiz, a atlante. Portanto, a raça humana como um todo se acha a um pouco mais da metade do caminho de sua evolução; e as contadas almas que já se aproximam do Adeptado (ver Capítulo X), que é o fim e o coroamento desta evolução, acham-se muito mais adiantadas que seus semelhantes.

P 241: *Quais são as primeiras etapas do desenvolvimento da consciência no homem, desde seus primórdios?*

R: Na etapa de homem primitivo, a consciência do “Eu” e do “não-Eu” estabelece-se lentamente dentro de si. O “não-Eu” o toca e ele o sente; o “não-Eu” lhe dá prazer ou dor e ele o sabe ou o experimenta. Assim principia a inteligência, e começa a desenvolver-se uma raiz de autoconsciência; forma-se um centro ao qual tudo acode e do qual tudo procede. Depois disso, ocorre o reconhecimento de um objeto que antes proporcionou prazer, e se espera a repetição do prazer. Essa expectativa é o alvorecer da memória e o principiar da imaginação, pois a memória provoca o surgimento do desejo de possuir aquele objeto e faz ir à busca dele.

Um animal vai atrás do alimento somente estimulado pela sensação de fome, mas quando satisfaz seu desejo aquietta-se de novo; o empurrão veio de fora. O homem primitivo esteve muito tempo naquela etapa animal, mas como hoje conserva a memória do prazer, deseja tal prazer e vai à busca dele, sendo sua consciência, portanto, estimulada para as atividades por uma moção iniciada de dentro, não de fora. Assim a satisfação do desejo é a lei de seu progresso e de sua evolução nas etapas primitivas. Para ele não há moralidade, nem distinção entre o certo e o errado. A experiência é a Lei da Vida; não pode discernir entre o certo e o errado a menos que tenha a experiência do bom e do mau. Patanjali qualifica com propriedade a mente, nessa etapa, de “mente mariposa” revolteando de flor em flor, sem nenhum propósito estável. Mas depois o homem descobre que vive num mundo de Lei, obtendo prazer quando obedece a Lei, e dor quando a viola; e assim, mediante experiências de prazer e dor, desenvolve seu discernimento.

Ademais, existem Instrutores que vêm ajudar sua evolução e fazer-lhe conhecer a existência da Lei – o que é o certo, o que é o errado –, ou em outras palavras o que é sábio, por ir a favor da corrente evolutiva, e o que é néscio, por ir contra ela. Quando despreza o ensinamento, advém a sanção e ele sofre segundo lhe disse o Instrutor. E assim a lembrança de um mandamento, comprovado pela experiência, produz uma profunda impressão na consciência dele, e pela declaração dos princípios fundamentais de moralidade estimula-se imensamente sua inteligência. Quando não obedece a Lei declarada, ele é deixado sob o duro ensinamento da experiência e do sofrimento, e a lição que não quis aprender de lábios amorosos lhe é ensinada pelo chicote do sofrimento, até que paulatinamente se desenraíza de seu caráter o desejo pelas coisas más.

Depois desse treinamento preliminar, a grande Lei de evolução, ordenada para o posterior crescimento humano, é a Lei dos quatro graus sucessivos, que um homem segue até o fim de sua jornada para esta idade ou dispensação, e que vai torná-lo mais que um homem.

P 242: *Qual é essa Lei de quatro passos sucessivos para uma ordenada evolução no desenvolvimento posterior da humanidade?*

R: Tal Lei começa a operar em cada nação depois que esta alcançou certa etapa de evolução, porém na Índia antiga foi proclamada como uma Lei definida de vida evolutiva, como o princípio subjacente pelo qual cada ser humano pode compreender e seguir seu *Dharma*, ou caráter íntimo, que alcançou naquela etapa e que constitui a Lei de seu crescimento para a próxima etapa.

O primeiro *Dharma* ou Dever é o da servidão (serviço), e seja qual for o país em que tenha nascido uma alma, sua natureza interna, depois das primeiras etapas, requer a disciplina da servidão para adquirir as qualidades necessárias para a próxima etapa. Há uma tendência em tais almas (chamadas na Índia *shudras*), a submeter-se a impulsos externos sem juízo desenvolvido. Essa é a etapa de confusão, de ilusão, a “mente confusa” de que fala Patanjali. A essa classe pertencem os “servidores” de todos os países, o *shudra hindu*; e a Lei de seu crescimento é obediência, devoção e fidelidade. Com muito pouco juízo de sua parte, seu *Dharma* consiste em obedecer cegamente àquele a quem serve, como um soldado baixo obedece à ordem de seu superior, e não se espera dele que demonstre virtudes mais elevadas.

Tendo aprendido a lição de obediência e de fidelidade em muitas vidas, aproxima-se da etapa seguinte, a do *Vaishya* ou antigo tipo de mercador, cujo *Dharma* ou Dever é ter um negócio e adquirir riquezas, para desenvolver assim as características de um comércio honrado, da perspicácia, da astúcia, do calcular e pagar as coisas em seu justo preço, da frugalidade, etc. A liberalidade será, para o *Vaishya*, a Lei de progresso ulterior, mas não a liberalidade do descuido ou do sobrepreço. Ele acumula riquezas com energia e sagacidade, e as gasta com cuidadoso discernimento e liberalidade, em propósitos nobres e em planos para o bem-estar público.

A terceira etapa é a do *Kshatriya*, ou seja, a do Governante e do Guerreiro, cuja natureza íntima é combativa e agressiva, disposta a proteger cada um para o gozo de seus direitos. Sua força constitui uma barreira entre o opressor e o oprimido e o correto para ele é conduzir a guerra e as lutas defensivas de todo tipo. Desenvolve valor, temeridade, resistência, generosidade esplêndida, devoção a um ideal, lealdade a uma causa, desprezo da vida em defesa dos fracos e no cumprimento do dever. Durante essa etapa, quando os veículos externos estão submergidos na matança, mutilação e morte, a vida interna está aprendendo que existe algo maior e mais nobre que o corpo físico, que a existência física. Aprende o homem a sacrificar-se por um ideal, reconhecendo que o serviço a um ideal desenvolve a vida real, e que o corpo, como uma vestimenta, deve ser posto de lado ao chamado do dever.

Advém então a última etapa, a do Brâmane, cujo *Dharma* ou Dever é ensinar. A alma deve já ter assimilado todas as experiências inferiores antes que possa ensinar; e se não tivesse obtido a sabedoria mediante a obediência, o esforço e o combate, através das três etapas anteriores, como poderia ensinar a seus irmãos mais ignorantes? O herói ou o mártir de vidas prévias chega a ser hoje o Santo, o Vidente, desapegado das coisas mundanas. A lei de seu crescimento é o conhecimento, a piedade, o perdão, a gentileza; a amizade para com toda criatura; o autossacrifício é a lei fundamental de sua vida, pois embora a luta pela existência seja a lei de evolução para o animal, a lei do próprio sacrifício inteligente é a lei de evolução para o homem. Suas emoções terão de ser puras e elevadas, seu intelecto bem treinado, com a mente firme e controlada. Sua natureza moral será nobre e forte, e, ao mesmo tempo em que contará com a pureza e a fortaleza mental para si mesmo, terá uma terna simpatia pelos demais, e mesmo que se ache ele próprio além da possibilidade de sofrer, estará capacitado para sentir plenamente a dor de outro pela lembrança de seu próprio passado. Será capaz de controlar todos os seus corpos, de funcionar nos planos mais elevados e de dar a si mesmo, na mais prazerosa entrega, para ser um canal da Vida do Logos. Com tal perfeição, o final de seu crescimento será a liberação. Encontra-se no umbral do progresso super-humano ao lado dos Seres Elevados, os Adeptos, alcança o propósito assinalado para a humanidade e chega a ser o Homem Perfeito. A Escala de Vidas terá se elevado, assim, até o cume da perfeição humana, embora muitos degraus fiquem ainda por escalar, numa nova e mais esplêndida evolução que se apresente diante dele.

P 243: O senhor traçou um amplo esboço da evolução humana; poderia agora explicar por que o homem, divino em sua origem, não pôde ter permanecido puro e não contaminado pelo mal durante todo o processo da evolução? Já que Deus é bom, por que há imperfeição ou mal no que Ele produziu? Em suma, qual é a origem do mal e qual é sua utilidade?

R: A Existência Una (*Brahman*) é Absoluta e Indivisa; o Um sem segundo é Absoluta Unidade, Absoluta Identidade, sem multiplicidade ou diversidade, sem condições ou limitações. Porém, a menos que exista limitação, não pode haver manifestação nem multiplicidade. No momento

preciso em que o Universo surge para a existência, se produzem as condições, se produz a limitação. De fato, a limitação é uma condição da manifestação, já que no momento exato em que atingida a etapa de manifestação, é definida uma circunferência desde o ponto central, o círculo de um Universo, sem o que o pensamento se perderia na absoluta unidade ou identidade. Dentro desse círculo pode-se exercitar o pensamento, e a própria palavra “manifestação” implica desde logo essa limitação. Uma vez compreendido isso, o passo seguinte é muito simples: havendo diversidade, havendo limitação, surge imediatamente o imperfeito. O perfeito é ilimitado, o limitado é imperfeito. Por isso o resultado da limitação deve ser a imperfeição. Há perfeição na totalidade, no todo, mas não nas partes. No momento em que existe multiplicidade, variedade de corpos, cada corpo considerado separadamente é imperfeito, porque é menos que o todo, e somente ao todo se pode atribuir a perfeição. E assim, como a manifestação implica limitação, e como da limitação resulta a imperfeição, a imperfeição é coeterna com o Universo. Em suma, a imperfeição é uma consequência necessária da limitação, de tal sorte que, onde quer que um universo passe a existir, ao mesmo tempo passa a existir a imperfeição. O fato da manifestação é, por conseguinte, a origem da imperfeição, do que se chama mal.

Embora a essência da imperfeição radique na mera existência do universo, aquilo que nós chamamos mal é sua imperfeição em relação ao resto, mais propriamente que a imperfeição necessária dos corpos separados. Mas nos próprios termos “bom e mau” está fundamentalmente implicada a relatividade, os “pares de opostos” necessários para o pensamento; a palavra “bom” não se pode propriamente atribuir a coisa alguma a menos que se reconheça a ideia de “mau”, ou seja, o “não bom”; “bom e mau” são termos correlativos e somente pode-se distinguir um por ser o oposto do outro (como a luz e a escuridão), o que implica simultaneidade de conceitos na mente. De fato, o mal não existe por si, não reside nas coisas, mas, como o bem, reside na relação entre uma coisa e outra; é relativo e não absoluto. O que qualificamos como mau em uma parte pode não sê-lo em outra, pois a evolução implica essa índole cambiante, e o que é mau numa parte pode ser bom em outra.

Quando um homem começa a compreender o que significa a evolução, considera como “bom” tudo o que está trabalhando em harmonia com a Grande Lei; e chama “mau” a tudo o que trabalha contra ela, todas as tendências que persistem desde a etapa de evolução na qual se requeria maior diversidade. Portanto, o “bom” pode ser definido como aquilo que ajuda um homem em sua evolução, e o “mau” como aquilo que obstrui sua evolução. Logo, as qualidades que hoje consideramos como más (por exemplo, a avareza, o desejo de conquistas materiais, etc.) foram boas durante o descenso da vida que vinha evoluir na matéria, ou seja, durante a involução, já que somente mediante aquelas qualidades pôde-se obter a diversidade; enquanto que agora são consideradas más porque retardam o processo de integração, ao se oporem à ascensão da corrente de vida até o polo do Espírito. Igualmente, como os homens já progrediram para uma etapa na qual infligir dor aos outros é

contrário à sua evolução para o Amor Divino, chamamos a isso um “crime”. Do mesmo modo o Egoísmo, que numa época fora necessário para o desenvolvimento do individualismo, agora é mau porque o homem Egoísta está atuando contra a Lei do Amor e está retrocedendo a uma etapa prévia de evolução, que já devia ter transcendido. De fato, o Egoísmo é como o conjunto de andaimes, que foi útil quando o edifício estava em construção, mas que agora é não só inútil, como um estorvo, com o edifício já concluído. E assim, “bom” e “mau” são termos puramente relativos, pois nos damos conta de que o bom numa etapa primitiva é mau numa posterior, e que o inverso deste, o bom numa etapa posterior, não seria desejável numa etapa primitiva, quando o homem não poderia apreciá-lo, e, portanto, não seria por aquilo impulsionado.

Essa força retardatária do mal serve para muitos propósitos. A vida que existe em nós não pode manifestar suas capacidades superiores, a menos que estejamos colocados sob condições nas quais tenhamos de lutar contra a oposição. O mal é, por assim dizer, o peso opositor que o músculo tem que vencer, e assim como desenvolvemos nosso corpo em luta contra a oposição de pesos externos, assim desenvolvemos o caráter moral na luta contra o mal que é o oposto de cada virtude. Cada virtude tem seu mal em oposição; verdade e falsidade, valor e covardia, compaixão e ódio, humildade e orgulho, são pares de opostos. Podemos desenvolver a veracidade somente lutando contra o falso, dando-nos conta de que no mundo que nos rodeia há falsidade por toda parte; e somente por nossos esforços contra ela poderemos purificar nosso caráter de tudo que seja falso e fazer verdadeira a vida que estamos desenvolvendo. O mesmo com todas as demais virtudes, ou seja, com o bem em sua totalidade. O valor se desenvolve não na ausência, mas na presença de um objeto que tememos; se não houvesse objetos que fizessem surgir em nós a sensação de temor, jamais poderia desenvolver-se o valor. E assim, o homem nunca poderia desenvolver a força de manter-se fiel ao bem, a menos que a tivesse ganhado em seus conflitos contra o mal.

Outra vantagem fundamental do mal é propiciar a evolução do poder para discernir entre o bom e o mau, isto é, da volição ou escolha/eleição. Não poderia haver conhecimento do bom sem a experiência do mau, assim como não poderíamos ter conhecimento da luz, a menos que tivéssemos experimentado o que é a escuridão. Por toda parte na natureza existem esses pares de opostos, e nenhum dos dois termos opostos de um par poderia existir sem o outro. Podemos distinguir a Verdade somente apreciando-a como algo distinto do que não é verdadeiro, e podemos nos dar conta de seu valor apenas experimentando os destrutivos efeitos da falsidade, tanto no homem quanto na Sociedade. Assim, tão somente pelo reconhecimento do mal podemos conhecer o bem, e para reconhecer o mal se precisa da experiência do mau.

Também é útil o mal como um acicate de dor que nos impele para o bem. Uma vez que o mal é discordância com as forças pró-evolução da Vida Divina em manifestação, nos traz como resultado a dor; daí que, inevitavelmente, a consequência do mal seja um sofrimento, não como uma pena arbitrária, mas como uma necessidade inerente. Por sua vez, o sofrimento dá origem a um sentimento de repulsão com relação à causa do

sofrimento, e nos conduz do mal para o bem. Sendo assim, devemos considerar com compreensão e absoluta clareza todas as formas do mal que nos rodeiam. Se virmos uma alma humana que se debate na corrupção e no mal, não devemos sentir cólera, intolerância, nem ódio, mas recordar que, precisamente devido a esse mal contra o qual luta aquela alma, gradualmente ganhará ela fortaleza suficiente para conquistá-lo e no fim triunfar. Fazendo dessa uma atitude habitual em nós, nos daremos conta de que o Divino se acha em todas as coisas, tanto no bom como no mau; e que, como diz o Bhagavad Gita, o Senhor é a trapaça do jogador desonesto, assim como a veracidade do sincero.

P 244: O senhor diz que o mal inevitavelmente acarreta a dor. Qual é, pois, o significado da dor e quais são suas vantagens?

R: O Ser Espiritual, ou seja, a Mônada (um gomo da consciência universal) é consciente em seu próprio plano desde a origem primordial, mas à medida que se reveste de um e outro corpo de matéria (o mental, o astral e o físico) chega a cegar-se com o véu da matéria. Agora, esse ser cego é o que vem ao Universo Manifestado em busca de aprendizagem e experiências. É conduzido a toda classe de objetos externos, alguns dos quais lhe dão a sensação de prazer e o atraem; outros, a sensação de dor e o repelem. E isso acontece uma e outra vez, até que descobre que a imprudente satisfação de seus desejos, por exemplo, da gula ou da bebida excessiva, vem sempre acompanhada do sofrimento; e quando repete muitas vezes tal experiência, esse espírito, que como mente tem a capacidade de pensar, conecta a excessiva satisfação de um desejo com o sofrimento que se segue a tal gratificação. Dessa maneira, gradualmente chega a compreender, mediante repetidas impressões em sua mente infantil, que existem leis do Universo relacionadas com seu corpo físico, e que, se tentar violá-las, o resultado será o sofrimento. E assim, repetindo a lição com uns e outros dos objetos de desejo, paulatinamente ganhando o espírito uma grande soma de experiências, aprende através da Dor a regular seus desejos, a já não permitir que os cavalos de seus sentidos galopem com livre arbítrio e sem rumo, mas a dirigi-los e freá-los, permitindo-lhes ir tão somente ao longo dos caminhos que são realmente convenientes.

E assim, por esse processo gradativo de educação, cresce o conhecimento da Lei no mundo externo, vê-se que a essência da dor é hostil à Lei, que o esforço de violar uma Lei jamais obtém êxito, que a Lei demonstra sua existência pelo sofrimento que se origina quando o espírito tenta lançar-se contra aquela barreira. Portanto, a primeira vantagem da dor é ganhar, por meio dela, conhecimento das Leis e a conseqüente orientação e educação da natureza inferior pela inteligência que raciocina.

Uma segunda vantagem da dor é a extirpação gradual do desejo. Conforme vimos, o desejo é o que impele a alma para o externo, e a educação da alma consiste em passar pelo externo, acumular conhecimentos e, depois, como resultado da experiência, perder todo gosto pelo externo e levar para o interior o conhecimento assim obtido. Mas se os objetos de desejo

continuassem sendo atraentes, não haveria fim para essa revolução da roda de nascimentos e mortes, não haveria acumulação de conhecimentos nem evolução real das possibilidades superiores. Por conseguinte, é necessário que a alma que está se manifestando não só adquira conhecimentos, mas que os leve consigo e os torne parte de seu próprio ser futuro; e a fim de que isso possa ser efetuado, o desejo deverá ir mudando gradualmente sua natureza, até que por último se desvaneça. No princípio, à medida que a alma satisfazia cada desejo, intensificava seu gozo; logo, o satisfazia uma e outra vez; mas um pouco depois descobre que o prazer é transitório, já que ele não pode estar sempre com o objeto de seu desejo, e a separação dele proporciona-lhe dor. Além disso, os objetos de desejo em si mesmos são transitórios e chega ou advém um tempo em que eles lhe são retirados, sem dúvida alguma para sempre, então a dor é maior que antes. Também, mesmo no caso de aqueles objetos estarem a seu alcance até o fim de sua vida, se dá conta de que não pode levá-los consigo na hora de sua morte, o que novamente provoca dor. E assim aprende a desligar-se de tais objetos de desejo, pois descobriu que são transitórios, e a colocar seu anelo naqueles que acredita serem permanentes. Porém descobre, por sua vez, que esses são apenas relativamente permanentes e que em breve se afastarão dele, o que lhe traz novo sofrimento. E assim, um após outro dos objetos do mundo externo inferior, de cada fase (física ou sutil) do mundo externo, chegam a perder sua atração para a alma que ganhou conhecimento. Tudo passa a ser indesejável, a não ser o Eterno, que é a essência da própria alma. Dessa maneira, gradualmente aprende a alma, mediante a dor no universo físico, a liberar-se do desejo.

Não há outra maneira de vencer o desejo. A mera abstenção violenta de satisfazer o desejo é uma etapa muito elementar do progresso da alma. Há que ser cortada a própria raiz do desejo, e isso somente pode ser feito quando os próprios objetos que uma vez exerceram atração perderem seu poder de atrair, de modo que jamais possam arrastar a alma atrás de si. Então, tendo esgotado a alma tudo o que podia aprender daquele objeto, descoberto que no fim ele lhe causou dor, já não o acha desejável, o coloca de lado (como uma abelha que sugou mel das flores) e leva consigo o conhecimento que adquiriu. E a menos que possa liberar-se do desejo pelas coisas do mundo físico, nunca poderá sentir o anelo íntimo, primeiro pelas coisas da mente e, depois, pelas da vida superior, que constituem o verdadeiro objeto da evolução da alma.

A lição seguinte que se aprende, por intermédio da dor, é o caráter transitório de tudo aquilo que não seja da essência do espírito. Não há outro meio pelo qual a alma possa aprender essa lição e ser conduzida do irreal para o Real, das trevas para a Luz, da morte à Imortalidade. Mediante a enfermidade e a desgraça, a pobreza e o sofrimento, aprende que tudo o que a rodeia (não somente no físico, mas também na região do desejo e na região da própria mente) é transitório, e que, no mutável, jamais poderá encontrar descanso, ela que é imutável. Nas etapas primitivas a alma descobre que toda forma de sofrimento surge originariamente do desejo por algum objeto impermanente, e que tal sofrimento cessa no momento em que o desejo se transfere para um objeto superior. E assim, volta-se ela do sensorial para o

intelectual, do transitório ao relativamente permanente, e aprende a cultivar a mente e a inteligência, assim como o lado artístico de seu temperamento, em lugar de procurar exclusivamente a satisfação daqueles sentidos que são comuns às formas inferiores da vida animal. E só isso já é uma grande vitória, porque as coisas dos sentidos são limitadas e lutam os homens uns contra os outros para obter sua parte dessa quantidade limitada; todavia, as coisas de caráter elevado são praticamente ilimitadas, e nenhum homem se considera mais pobre devido a seu irmão ser mais ricamente dotado de arte ou de intelecto. Nas regiões do intelecto e das altas aspirações e emoções, todos podem compartilhar o que têm, e descobrir, depois de compartilhar, que por haverem dado estão mais ricos e não mais pobres. E assim a humanidade progride, desde a competência até a cooperação, aprendendo a lição da fraternidade.

Mas mesmo aqui descobrimos que a satisfação não radica nisso, pois embora nos encontremos um passo mais acima, a transferência do desejo, desde o corpo até a mente, dos sentidos para os órgãos internos, das sensações para as ideias e imagens, permanece limitada pela natureza do desejo. E jamais encontraremos a felicidade buscando a gratificação do desejo, pois cada desejo satisfeito dá nascimento a um novo desejo; e a felicidade não consiste em ter mais coisas além das que a pessoa já possui, nem em aumentar as satisfações do desejo, mas sim em transmutar o desejo pelo transitório em aspiração pelo Eterno, e na mudança completa de nosso caráter, de um que busca receber gozo para um que procura dá-lo. E assim, pouco depois, por essa ausência de satisfação, que é dor, surge na alma a compreensão de que não é esse o caminho, e se sente cansada da mudança. Todos os objetos externos ao corpo e à mente perdem sua força atrativa. Foi até os sentidos e fracassou; se reconcentrou depois na mente; mas como a mente é algo externo, do ponto de vista do espírito, fracassou também. Sempre abatido pela dor e pela carência de satisfação, que é a dor mais fastidiosa de todas, no fim aprende sua lição e volta-se daquilo que é externo para aquilo que é interno, põe seus pés na senda que conduz do desejo para a realização do Ser e encontra o princípio da Paz, o primeiro contato com o real, a satisfação essencial.

Outra vantagem da dor é de caráter mais interno, pois a dor pode ser usada como instrumento eficaz para destruir a personalidade. A alma ainda não se afastou do alcance da dor, pois continua buscando e não encontrou inteiramente seu centro. Embora ela saiba que não é o corpo, nem os sentidos, nem a mente, ainda é suscetível à dor que procede do interior, de contatos que se traduzem como dor. E ao ter contato com os demais, com os pensamentos, sentimentos e opiniões de outros, constantemente fica dolorida pelos falsos juízos e conceitos equivocados, por pensamentos hostis e sentimentos ingratos, e tendo alcançado sabedoria nessa etapa, o homem pergunta a si mesmo: “Por que ainda sinto dor?” Ele se dá conta de que nada pode afetá-lo, exceto ele próprio, e de que, se sente dor, é um sinal de imperfeição e de que ele não se desligou por completo da natureza inferior, que não é ele próprio. E assim começa a utilizar a dor, em vez de meramente senti-la; já não se acha à

mercê da dor, mas toma o sofrimento em suas próprias mãos como um instrumento e o utiliza para seus próprios propósitos. Quando encontra a dor procedendo de uma ação ingrata ou de um falso juízo sobre seus motivos ou sua conduta, a alma toma a dor em suas mãos como um escultor poderia tomar um cinzel, e com este instrumento golpeia sua própria personalidade e a despoja de debilidades pessoais, pois sabe que se não fosse por essa personalidade que é Egoísta, não sentiria dor por nada, e permaneceria sereno e inalterável em meio aos conflitos do mundo.

A dor ainda possui outra finalidade. A alma que tenta ser forte, não para si mesma, mas para ajudar o mundo (a alma que sabe que ela somente pode aprender a viver para os outros se for forte em si mesma), escolhe agora a dor deliberadamente, pois apenas assim pode aprender resistência e paciência. Os que nunca sofrem, sempre permanecem fracos, pois somente na tensão e na agonia do combate a alma aprende a resistir; e à medida que a firmeza vai temperando gradualmente a alma, o que antes fora ansiedade e luta, é hoje a serena calma da perfeita fortaleza.

E ainda por outro motivo a alma buscará a dor, a saber, para poder aprender simpatia ou condolência. Pois mesmo a alma mais forte seria de pouca utilidade, se não tivesse aprendido simpatia, ou seja, a condoer-se do sofrimento alheio. Há mais, a alma forte pode chegar a ser até perigosa se adquirir fortaleza sem a compaixão, se aprender a acumular força sem aprender a guiar retamente tal força. E assim, quanto mais forte for, mais ansiosamente buscará essa lição da dor, a fim de que, sentindo dor, possa aprender a senti-la por outros, e, por suas próprias penas, chegue a saber como as penas do mundo se aliviarão.

Por conseguinte, toda classe de penas que uma alma tem em sua imperfeição, são, por assim dizer, as pedras com as quais finalmente se constitui o templo do espírito perfeito. Não haverá dor no fim, embora deva haver dor durante a construção. Mas à medida que o espírito avança e cresce em maior liberdade, a paz toma o lugar da luta e o gozo o lugar da dor. Por outro lado, a dor acha-se meramente nas envolturas de que o espírito encontra-se revestido, e não em sua natureza essencial. O espírito é Bem-aventurança e não Tristeza; é Gozo e não Sofrimento; a dor é passageira, a bem-aventurança é eterna, porque a Felicidade é a essência íntima de *Brahman*, o Ser de Tudo. “Da Felicidade nascem todas as coisas”, como diz o *Upanishad*, e “Na felicidade vivem e à eterna Felicidade retornarão”.

CAPÍTULO IX

FRATERNIDADE

P 245: *Por que a Fraternidade da Humanidade constitui o único objetivo obrigatório da Sociedade Teosófica, o único “artigo de crença” que liga todos os seus membros?*

R: O reconhecimento intelectual desse princípio de fraternidade e os esforços por vivê-la praticamente são muito estimulantes para a natureza mais elevada do homem. Viver a fraternidade, mesmo em pequena dose, limpa o coração e purifica a visão; vivê-la perfeitamente equivale a arrancar pela raiz todo sentimento de “separação”. Tal reconhecimento é o primeiro passo para a realização da “não separação”, tão necessária para o progresso de um discípulo, fazendo-o sensível às tristezas de todos e treinando-o para auto identificar-se com toda a humanidade, a fim de que possa finalmente chegar a ser um firme colaborador de Deus, dedicando inteiramente sua vida a laborar em Seus propósitos.

P 246: *Mas como poderá se estabelecer a fraternidade da humanidade? Se olharmos ao nosso redor, somente encontramos os homens, segundo a gráfica expressão de Lorenzo Oliphant, “se matando uns aos outros em nome da Fraternidade e brigando como diabos invocando o amor de Deus”.*

R: A fraternidade do homem não é algo que necessite ser estabelecido. A fraternidade é. Constitui um fato na natureza; já existe, e unicamente requer-se que a realizemos. Ninguém pode fazer uma declaração mais simples ou mais perfeita sobre ela do que a feita por Cristo quando disse: “Um é Vosso Pai, ou seja, Deus, e todos vós sois Irmãos”.

As pessoas enganam e matam os outros porque esquecem a verdade da fraternidade, mas a ignorância dos homens não muda as leis da natureza, nem faz variar sua marcha irresistível. Suas leis aniquilam os que se opõem a ela. Nenhuma nação nem civilização alguma que ultrajarem a fraternidade pode perdurar; e temos que afinar nossas vidas em harmonia com essa Lei.

P 247: *Qual é a base da fraternidade do homem e por que não a vivemos, mesmo reconhecendo-a intelectualmente?*

R: A vida humana é uma porção daquela Vida Paternal da qual todos somos prole. Já que participamos de uma só Vida, todos formam uma fraternidade; por isso, conforme se explicou no Capítulo I, a solidariedade do homem é uma das verdades básicas da Teosofia.

O intelecto é um princípio separativo, espontaneamente combativo e afirmativo do Eu; sua verdadeira índole o leva a afirmar-se como separado dos demais; e não pode realizar-se a fraternidade nos planos inferiores devido a seu senso de “separação” e o decorrente conflito de interesses.

P 248: *Onde é possível realizar-se a fraternidade em sua plenitude?*

R: Não nos planos inferiores, nem mesmo nos intelectuais, mas nos planos espirituais, o da Intuição e o da Volição, onde essa fraternidade pode realizar-se plenamente, pois somente ali existem seus fundamentos.

Sendo o Ser no homem um raio do Ser Universal, a unidade reside naquele Ser, e uma vez que se tenha alcançado o plano Búdico ou da Intuição experimenta-se aquela Unidade com perfeita simpatia. Quando um homem torna-se consciente naquele plano, em certa etapa de sua peregrinação – que se chama a primeira Iniciação, conforme se explicará no Capítulo X –, para ele chega a ser uma realidade a união de todos os seres viventes; e mais, a unidade de todas as coisas, pois tudo tem dentro de si a mesma Vida Divina. Conheça então aquilo em que você tão somente havia acreditado; e olhe todas as coisas como a si mesmo e sinta que tudo o que você tem é tão seu quanto dos demais, e até mais dos outros do que seu, pois, sendo menor a fortaleza deles, eles têm maior necessidade; e assim, Aqueles a quem chamamos os Mestres, mas que preferem o nome de Irmãos mais Velhos, destacaram-se sempre por Sua preponderante compaixão e ternura, usando Seus poderes para proteger Seus Irmãos mais novos, Sua sabedoria para guiá-los e Sua força para sustentá-los. Eis aqui o ideal, a perfeita Fraternidade na qual “Irmão” significa um servidor da Humanidade.

P 249: Por acaso a Fraternidade não implica igualdade? Se não, como pode haver fraternidade com as desigualdades que por toda parte existem entre os homens?

R: Conhecemos o lema da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade e Fraternidade –, pelo qual se dá por admitido que Liberdade e Fraternidade implicam Igualdade. Agora, o que é Igualdade? Se por ela se quer dizer que todos os homens são iguais em sua origem e que cada um, nascido da fonte Divina, ao final virá a alcançar a Divindade manifestada, após ter desenvolvido suas potencialidades e as transformado em poderes, a Igualdade é verdadeira. Porém, no curso da evolução, na dilatada e cambiante luta entre espírito e matéria, surgem as desigualdades; assim, pois, se em espírito todos os homens são iguais, na carne todos são radicalmente desiguais. Onde está a igualdade entre um gênio e um ignorante, entre um santo e um homem primitivo? Exceto no caso de gêmeos ou trigêmeos, a fraternidade implica diferença na idade dos corpos físicos, e, por conseguinte, diferenças em força, agudeza, capacidade, dever, e essas diferenças, exceto a da idade, encontram-se mesmo nos gêmeos e trigêmeos. A fraternidade implica uma comunidade de interesses, todos os membros de uma família se aproveitando deles se a família é rica, embora os interesses individuais dos irmãos sejam absolutamente distintos. Numa família numerosa, alguns dos irmãos são homens adultos que já trabalham no mundo, enquanto que outros estão estudando na escola e, por fim, outros estão apenas na lactação. Agora, que interesses comuns pode ter um menino de 14 anos com seu irmãozinho de 3; e que interesse haverá para o irmão mais velho de 24 anos, que abre caminho para si no mundo, nos prêmios escolares que o segundo irmãozinho ganhou? O dever é diferente segundo a idade, e cada um que se esforce por cumprir

seu dever, de acordo com seu estágio na vida, fomenta a evolução da família humana como um todo.

P 250: Então não existe igualdade na configuração da sociedade?

R: Ao edificar a sociedade, o máximo que se pode pedir (por ser o máximo possível) é que haja igualdade de ricos e pobres ante a Lei, de tal sorte que nenhum homem possa, artificialmente, ser colocado em condição desvantajosa por uma lei ou costume criado pelos homens. Ao mesmo tempo e até onde seja possível, a cada homem se deveriam dar oportunidades iguais, as oportunidades de desenvolver cada faculdade que traga consigo ao mundo, embora se deva ter presente que a desigualdade radical, que nenhuma sociedade ou lei humana pode suprimir, radica no poder de aproveitar uma oportunidade quando se apresenta.

P 251: Qual é o seu conceito de fraternidade no sistema social?

R: Devemos edificar um sistema social no qual possa ser requerido de cada membro um serviço de acordo com sua capacidade; um sistema que preste ajuda social de acordo com as necessidades de cada homem, para que tenha assim a oportunidade de desenvolver toda faculdade que traga consigo ao vir ao mundo. E assim a lei brutal da luta pela existência seria transmutada na lei vital – a lei social do autossacrifício para acelerar a evolução da humanidade. Já se citou antes a frase de um Mestre hindu, que diz: “A lei da sobrevivência do mais apto é a lei de evolução para o animal; mas a lei do próprio sacrifício é a lei de evolução para o homem”.

À luz de ideal tão elevado, podemos ver que a desigualdade de idades significa desigualdade de capacidade e de poder, e, portanto, desigualdade de deveres; e que o forte existe não para a tirania, mas para o serviço, não para ter o fraco sob os seus pés, mas para protegê-lo com a mais terna compaixão. Ante o espírito da fraternidade, a fraqueza significa um pedido de ajuda e não uma oportunidade para a opressão. Cada idade tem seu próprio dever; o dos mais jovens é aprender e servir, o dos mais velhos dirigir e proteger, todos igualmente carinhosos e serviçais dentro da grande família da humanidade.

P 252: Mas por que existe desigualdade entre pessoas e entre nações?

R: A desigualdade entre diferentes pessoas é devida principalmente à idade da alma e, por conseguinte, à etapa alcançada pela alma em sua evolução. Algumas começaram sua viagem muito mais cedo que outras, e, tendo assim um período maior de tempo que seus irmãos mais jovens, desenvolveram mais poderes.

As nações se compõem de almas, em sua maior parte, em certa etapa de desenvolvimento, que nasceram juntas para adquirir determinadas experiências de acordo com seu carma e com o grau de evolução que alcançaram.

Não menosprezemos uma flor porque ainda não seja fruto; não menosprezemos uma criança porque ainda não seja um homem; não nos menosprezemos porque ainda não sejamos deuses. Da mesma maneira não

devemos menosprezar as almas infantis que ainda não estejam tão desenvolvidas. Na escala da evolução da vida humana ocupamos os degraus medianos, estando os Irmãos mais Velhos no ápice e as almas jovens na base; e a própria palavra “fraternidade” denota identidade de sangue e desigualdade no desenvolvimento. Existem homens que se isolam dos corações de seus semelhantes por diferença de casta, credo, classe social, tribo, país ou cor, mas o sábio, elevando-se sobre todas essas diferenças externas, vê cada um como parte de sua família, como filhos de um só Pai, com identidade da vida essencial.

*“As almas mesquinhas perguntam:
‘Pertence este homem à nossa
Própria classe, parentesco ou clã?’
Mas os homens de grande coração
Abraçam como irmãos
A todos os seres humanos.”*

P 253: É a unidade espiritual a única base da lei de Fraternidade da Humanidade, ou encontramos algumas indicações desta lei também nos planos inferiores?

R: Primeiramente, no plano físico as partículas de nossos corpos densos passam, de uma pessoa a outra, modificadas pelo corpo no qual residem por algum tempo. Vimos no Capítulo III que nossos corpos densos estão constituídos de pequeníssimas vidas ou células em estado de constante movimento, as quais estão continuamente passando de nós para o ar circundante e dali a outros corpos, sendo substituídas por células procedentes dos corpos de outros, e isso constitui uma fraternidade em nossos corpos físicos.

Igualmente, vimos no Capítulo VII, sobre o Poder do Pensamento, que muitos de nossos desejos, emoções e pensamentos nos chegam das vibrações invisíveis que irradiam de outros corpos astrais e mentais, e que, modificados para o bem ou para o mal pela sua passagem por nossos veículos, seguem seu curso para afetar a outros.

E assim, estamos continuamente influenciando outras pessoas nos três planos inferiores, pelo que somos, pelo que dizemos e pelo que fazemos, assim como pelo que desejamos e pensamos; e do mesmo modo somos influenciados por elas. De maneira inextricável estamos todos ligados, e ninguém pode avançar ou retroceder sem ajudar ou estorvar o progresso dos demais, demonstrando isso a verdadeira unidade da humanidade, em meio a toda sua visível diversidade.

P 254: Esse princípio de fraternidade encontrava-se já elaborado no mundo antigo ou no moderno?

R: O antigo ideal de Realeza derivou-se do perfeito exemplo da Grande Fraternidade Branca de espíritos liberados, os Mestres, e do reconhecimento da existência desses Seres Superiores, durante a infância das raças raízes do

mundo, resultaram os fatos históricos das Dinastias Divinas e Reis Divinos no Egito, na Índia e na China. Em tais lugares, a vida de um rei, que sabia que “as lágrimas dos fracos socavam os tronos dos Reis”, não era uma vida de prazeres e de gozo, mas de serviço e sacrifício. Entretanto, a Fraternidade foi negada por muitos dos grandes impérios do passado remoto, assentados sobre a base do Egoísmo e da miséria da massa do povo. Todos esses antigos impérios – Babilônia, Assíria, Egito, Grécia e Roma – desapareceram. Subsiste apenas uma nação contemporânea deles, a Índia, porque em sua literatura ensinou-se a Lei da Fraternidade. Mas a Índia deixou de viver tal Lei na prática, o que marcou o princípio de sua decadência em tempos recentes.

P 255: *Mas a Índia antiga, com seu sistema de castas, não pregou e praticou a desigualdade mais propriamente que a fraternidade?*

R: Já se explicou que fraternidade não implica igualdade. A antiga teoria das castas se baseava na Lei da Fraternidade, que admitia desigualdade na idade da alma e a conseqüente desigualdade de desenvolvimento. Sobre essa verdade descansam aquelas diferenças entre as diversas castas e classes sociais, pois irmãos de idades distintas, dentro da família humana, têm distintos deveres, ocupações e responsabilidades.

O *Shudra* ou servente, sendo alma jovem e ainda não desenvolvida, era o Irmão mais novo da família nacional, e não há humilhação nenhuma em ser o irmão mais novo numa família. A riqueza da nação tinha de ser adquirida pelo *Vaishya*, o comerciante, o ecônomo da nação, mas somente com o objetivo de ser empregada para manter as outras Ordens no Estado e para causas dignas e nobres. A caridade acha-se ainda profundamente gravada na alma do *Vaishya*, embora tudo que se precisa agora é que tal caridade mude de direção, isto é, para edificar escolas e universidades e treinar a juventude na religião e na moralidade, em vez de edificar templos suntuosos dos quais já existem demasiados na Índia, e dos quais, por conta de educação inadequada, os jovens fogem depois que crescem. Em seguida vem o *Kshatriya*, o guerreiro, com seu direito ao esplendor e ao gozo, mas também com seu dever de sacrificar tudo – vida, família, amor – para proteger o povo. Por último vem o Brâmane, o instrutor, de conduta pura e vida ascética, que não deve ser rico, exceto em sabedoria. Mas atualmente tudo é confusão nas castas e o Brâmane raras vezes é um instrutor. A Lei da Fraternidade é negada à sexta parte da população, aos intocáveis, ao varredor e ao lixeiro, os quais foram deixados em completo abandono e degradação. A Lei da Fraternidade foi o suporte da antiga sociedade hindu, quando estava em todo seu esplendor, mas a negação prática dessa lei à sua população de intocáveis atraiu-lhe decadência e castigo. (N. do T. para o espanhol: o texto foi escrito em 1924.)

Devemos nos compenetrar do dever e da responsabilidade que pesam sobre nós, para melhorarmos por todos os meios tudo que se ache ao nosso alcance, quer pela proximidade de nós, quer por se tratar dos irmãos mais novos nascidos nas classes desfavorecidas. Devemos usar nosso conhecimento das leis superiores a favor deles, para capacitá-los a encurtar sua permanência na etapa inferior de evolução. Ensinando aos filhos os

elementos do reto viver, extrairemos e cultivaremos os poderes da alma; enquanto que se corrigirmos e reprimirmos suas faltas à medida que se manifestem, se melhorarmos seu meio ambiente e sua alimentação, os ajudaremos a edificar melhores corpos que sirvam de habitação a almas já mais desenvolvidas. Essa é a ajuda que todos podemos e devemos dar às almas que nos sucederão no cenário do mundo; mingüado será nosso direito de pedir ajuda aos Grandes Seres, se nos recusarmos a ajudar estes pequenos seres da raça humana. Não nos atreveremos a implorar aos Senhores da Compaixão que se inclinem até nós e nos ajudem a nos levantarmos, a menos que, por nossa vez, nos inclinemos até nossos inferiores e tentemos elevá-los.

Em Londres, a décima parte da população morria nas oficinas, na prisão ou no hospital; mas a Inglaterra tentou cumprir seu dever para com sua população "intocável", educando-a, edificando casas e proporcionando salários decentes e poucas horas de trabalho. Sendo a justiça uma Lei Divina, a Índia, ao tratar como intocáveis seus filhos menores, escravizou-se a si mesma.

P 256: De que forma o reconhecimento desse princípio de fraternidade, como um fato definido, afeta nossa atitude para com aqueles que nos rodeiam?

R: Com o reconhecimento da fraternidade, nossa atitude para com os demais muda radicalmente; adquirimos o hábito de constante ajuda e profunda simpatia, pois vemos que são de fato idênticos os verdadeiros interesses de todos e que não é correto fazermos algo que se choque com seus interesses mais elevados.

Também nos sentimos naturalmente plenos da mais ampla e possível tolerância e caridade, já que nossa filosofia demonstra que pouco importa o que um homem crê, contanto que seja bom e verídico; e porque nosso conhecimento maior nos capacita a perdoar muitas coisas e a compreender melhor o caráter humano, visto nos darmos conta dos condicionantes cármicos sob os quais apareceu o pecado para o pecador no momento de cometê-lo.

E assim, não temos apenas simpatia, senão amor positivo por toda a humanidade, e adotamos uma vigilante atitude de ajuda, já que sabemos que cada contato com os demais significa para nós a oportunidade de ajudá-los ou aconselhá-los com o conhecimento adicional que adquirimos durante nosso estudo.

P 257: Como podemos apressar a realização dessa fraternidade na vida física?

R: Embora essa realização seja conseguida plenamente apenas no plano Búdico, conforme se explicou antes, podemos apressá-la no plano físico pelo altruísmo. Mas não devemos esquecer que distintos irmãos necessitam de diferentes tipos de ajuda por causa da desigualdade de seu desenvolvimento, e que é mais importante ajudar nosso irmão a crescer moralmente do que aliviá-lo de alguma dor física.

Os esquemas de reforma social são úteis em si e, também, porque educam a opinião pública ao apresentar claramente, diante das mentes dos

homens, o sofrimento em que vivem seus irmãos menos afortunados; mas um bem maior pode ser feito com nossos esforços para ajudar as pessoas individualmente. Devemos tratar de estudar cada indivíduo que precisa de ajuda, encontrar seu ideal e mostrar-lhe como realizá-lo, colocando diante dele um ideal um pouco mais elevado. Assim podemos ajudá-lo a acelerar seu crescimento, mostrando-lhe como pode ajudar a si mesmo, emprestando-lhe nossa carinhosa simpatia e alento.

P 258: Qual é nosso dever como irmãos para os que são superiores a nós, para os que se encontram no nosso nível, e para os que são nossos inferiores na grande família da humanidade?

R: Não podemos conhecer a magnitude dos pesados labores que têm a seu cargo nossos Irmãos mais Velhos, pois ainda somos demasiado fracos e demasiado ignorantes para compreender; entretanto, podemos diminuir aquele peso e aliviar um pouco seu labor oferecendo-lhe pronta obediência, fiel serviço e inalterável devoção, até chegarmos a ser suficientemente fortes e sábios para compartilhar conscientemente Sua gloriosa obra.

Para nossos iguais, devemos manter uma atitude amistosa, cheia de confiança e boa fé, rompendo as barreiras do orgulho, receio e suspeita para com os estrangeiros, estimulando assim as pessoas de diferentes nacionalidades mediante nossa simpatia, ajuda e camaradagem para liberar-se de preconceitos e apreciar o bom em outras nações.

Com relação a nossos irmãos menores, por exemplo, os que ocupam corpos menos desenvolvidos que os nossos, devemos mostrar-lhes justiça e bondade quando tratarmos com eles; e no que diz respeito às classes inferiores de nosso próprio país, procurar fazer com que não sofram fome e que ganhem salários suficientes para que honradamente levem uma vida decente; todos devem ser guiados, auxiliados e protegidos de acordo com o direito que tem a sê-lo, por causa da infantilidade de sua alma.

P 259: Há alguma razão especial para enfatizar a fraternidade dentro da Sociedade Teosófica?

R: É muito importante que todos os membros pratiquem uma camaradagem mais estreita, o sentido da unidade real, mediante o esquecimento de seus sentimentos e interesses pessoais, já que o coração da Sociedade está construindo para si um corpo no plano Búdico, como um canal para que os grandes Mestres da Sabedoria trabalhem através dele. Tal canal é ainda imperfeito, porque cada membro pensa demasiado em si mesmo, como indivíduo, e muito pouco no bem da comunidade.

Os dois Mestres relacionados com a fundação da Sociedade Teosófica, o Mestre Morya e o Mestre Kuthumi, darão brevemente início ao trabalho de fundar a nova raça raiz, e estão buscando ajudantes idôneos para Seu trabalho; e somente aqueles membros devotos e fervorosos, que reconheçam e pratiquem um estreito companheirismo, podem esperar contar com o privilégio de serem escolhidos para servi-los.

Também se exige que diferentes nações se unam em sentimentos fraternais, especialmente agora, seguindo os ensinamentos do Instrutor do Mundo recentemente chegado: o *Bodhisattva* do budista, o Cristo do cristão, o Shri Krishna do hindu, o Senhor Maitreya, o grande Instrutor espiritual, que atualmente está fundando o reinado da compreensão em nossa Terra.

P 260: *Somente nos encontramos unidos à família humana por laços de fraternidade?*

R: Conforme se explicou no Capítulo VIII ao se tratar da evolução, há outros seis reinos na natureza, e nos achamos intimamente ligados a todos eles. A vida que sustenta nossos corpos físicos passou através de todos esses reinos e edificou neles formas cada vez mais evoluídas e complexas, cujo desenvolvimento culminou nos corpos humanos. Não só isso, mas nós dependemos, mesmo para nossa própria subsistência, do trabalho desses reinos inferiores, especialmente dos reinos vegetal e animal.

Igualmente, compartilhamos a Vida Divina não somente com cada ser humano, mas com cada animal, planta e pedra, e mesmo com cada partícula ou átomo em todos os reinos, em suma, com tudo o que existe. A Vida Divina é o espírito em tudo que existe, desde o átomo até o arcano, segundo se explicou ao se tratar da “imanência de Deus” no Capítulo I; e assim a unidade interna, a Vida Una, habitando em todos por igual, demonstra que há não somente uma fraternidade na humanidade, mas uma fraternidade oniabarcante, uma fraternidade universal na natureza.

O professor Overstreet mostra que o conceito de Deus vai mudando gradualmente, de um juiz extracósmico para uma Presença imanente (“... milhares de vidas e, entretanto uma vasta vida grupal em incessante atividade... um Deus, em suma, que é o Mundo na unidade espiritual da vida de sua massa”). E nos diz: “As ciências genéticas estão nos convencendo que não existe solução de continuidade entre os animais inferiores e o homem, e que, conforme afirma Forel, ‘todas as propriedades da mente humana podem ser derivadas de propriedades da mente animal’, e, conseqüentemente, ‘a doutrina da evolução é inteiramente válida tanto no campo da psicologia como em todos os outros campos da vida orgânica’. Restam dois grandes passos por considerar: sob o animal encontra-se a planta; sob a planta acha-se o denominado inorgânico;... já nos liberamos da noção de uma diferença de classe entre o humano e o animal inferior; vamos fazendo isso num grau crescente, com relação ao animal e à planta;... o inorgânico pode encontrar-se no, ou próximo ao limite inferior de variação... Se chegar a comprovar-se que isso é certo, então o inorgânico é fundamentalmente igual em essência às mais adiantadas formas de vida”.

P 261: *Então como podemos ajudar a nossos irmãos menores nos reinos inferiores?*

R: Nossas vidas estão intimamente ligadas com o mundo animal e vegetal, e, portanto, primeiro temos um dever fraternal para com o vasto reino animal que nos rodeia. Nossa atitude para com nossos irmãos mais novos não

deve ser de dureza, injustiça e descuido, ou de crueldade para nossa diversão e ganância pessoal, mas de proteção e tutela, com gratidão por seus serviços para conosco. Foram colocados em contato conosco a fim de podermos fazer algo em prol da mentalidade que neles se acha no casulo; assim como para elevá-los a um nível mais alto de emoção, para acelerar desta maneira sua individualização. Devemos também recusar tornarmo-nos cúmplices de matança ao comer carne, ou então usando artigos que se obtêm apenas pela matança de animais, como a pele de foca, do arminho, ou as plumas das aves.

Os espíritos da natureza, ou fadas e gnomos, elaboram as maravilhosas formas do mundo mineral e vegetal, sob a direção dos Grandes Construtores do Universo, e nosso dever para com esses reinos consiste em pensar de maneira amistosa nos espíritos e em evitar que por descuido malogremos seu trabalho. Além disso, as plantas e as flores possuem os rudimentos de um corpo astral, com o poder de sentir prazer e dor, conforme se explicou no Capítulo VIII, e devemos nos abster cuidadosamente de prejudicar coisas vivas.

Temos ainda certo dever para com formas de vida inferiores ao mineral, isto é, a essência elemental que nos rodeia por toda parte, e que constitui os três reinos elementais. Essa essência progride por meio do efeito que produzimos sobre ela mediante nossos pensamentos, paixões, emoções e sentimentos; e somente cumprimos plenamente nosso dever para com esses reinos se levamos à prática nossos ideais mais elevados e cuidamos que nossos pensamentos e emoções sejam do tipo mais alto possível.

P 262: Por último, qual é nosso dever individual com relação à fraternidade em geral?

R: Devemos nos dar conta de que a condição precisa da vida espiritual é compreender que o mesmo Ser mora por igual em todos nós. Quanto a nossos irmãos mais novos, nos reinos inferiores, já se explicou em que consiste tal dever.

Devemos recordar que o Ser, na família humana, reside tanto no mais degradado quanto no mais puro. Por conseguinte, nenhum obstáculo deve ser colocado no caminho de quem esteja tentando chegar à plenitude de seu crescimento; ao contrário, facilidades devem ser proporcionadas a todos, para que desenvolvam cada uma das faculdades que trouxeram a este mundo. Todos somos membros de uma família, mas com diferentes deveres, e não devemos menosprezar nem descuidar de nossos colaboradores porque seu trabalho é muito humilde. Devemos pensar com mais carinho neles, exatamente porque são os que fazem o trabalho mais desagradável. Toda a humanidade, essencialmente una em sua vida, forma um corpo, e colocar veneno em qualquer parte, por mínima que seja, pode paralisar todo o corpo. Não podemos ter nenhum ganho real à custa de outro, e qualquer benefício ou adiantamento na senda da espiritualidade é algo que obtemos não para nós, mas para todos. Devemos manter sempre uma atitude de ajuda e de profunda simpatia com relação aos que nos rodeiam, assim como da maior tolerância e caridade possíveis; não só isso, mas amor positivo por tudo que nos rodeia.

A lei do espírito é: vive enquanto dá, e aumenta pelo uso; o contrário da matéria, que se extingue pelo uso. A verdade jamais diminui quando a compartilhamos; o Conhecimento, se não é repartido, chega a constituir um câncer no cérebro; mas se o transmitimos a nossos irmãos mais ignorantes, a tocha do conhecimento pode acender outras mil tochas sem apresentar nenhuma diminuição na chama original. Somos puros unicamente para podermos ir até o impuro, já que a verdadeira pureza jamais pode ser manchada ou enlameada, embora possa purificar a outros e elevá-los a um padrão superior de vida. E assim, a Lei da Fraternidade da Humanidade nos impõe os seguintes deveres: elevar o pecador e humilhado até nossa própria pureza; instruir o ignorante; resgatar o miserável; alimentar o faminto; aliviar o enfermo. Sendo nós parte da Fraternidade Una, vivemos nos outros e para os outros, influenciando a todos e sendo influenciados por eles. Não podemos retroceder um só passo sem enfraquecer a humanidade toda, nem nos elevarmos um só degrau sem elevar o todo para a pureza. Por conseguinte, devemos nos esforçar para trabalhar para o bem de toda a família humana com perfeita paz e harmonia.

